

O MUNDO SELVAGEM



AS AVENTURAS SECRETAS
DE JACK LONDON



CHRISTOPHER GOLDEN
& TIM LEBBON
ILUSTRAÇÕES DE GREG RUTH

Benvirá



O MUNDO SELVAGEM

**AS AVENTURAS SECRETAS
DE
JACK LONDON**

CHRISTOPHER GOLDEN & TIM LEBBON

ILUSTRAÇÕES DE **GREG RUTH**

TRADUÇÃO DE **RODRIGO PEIXOTO**

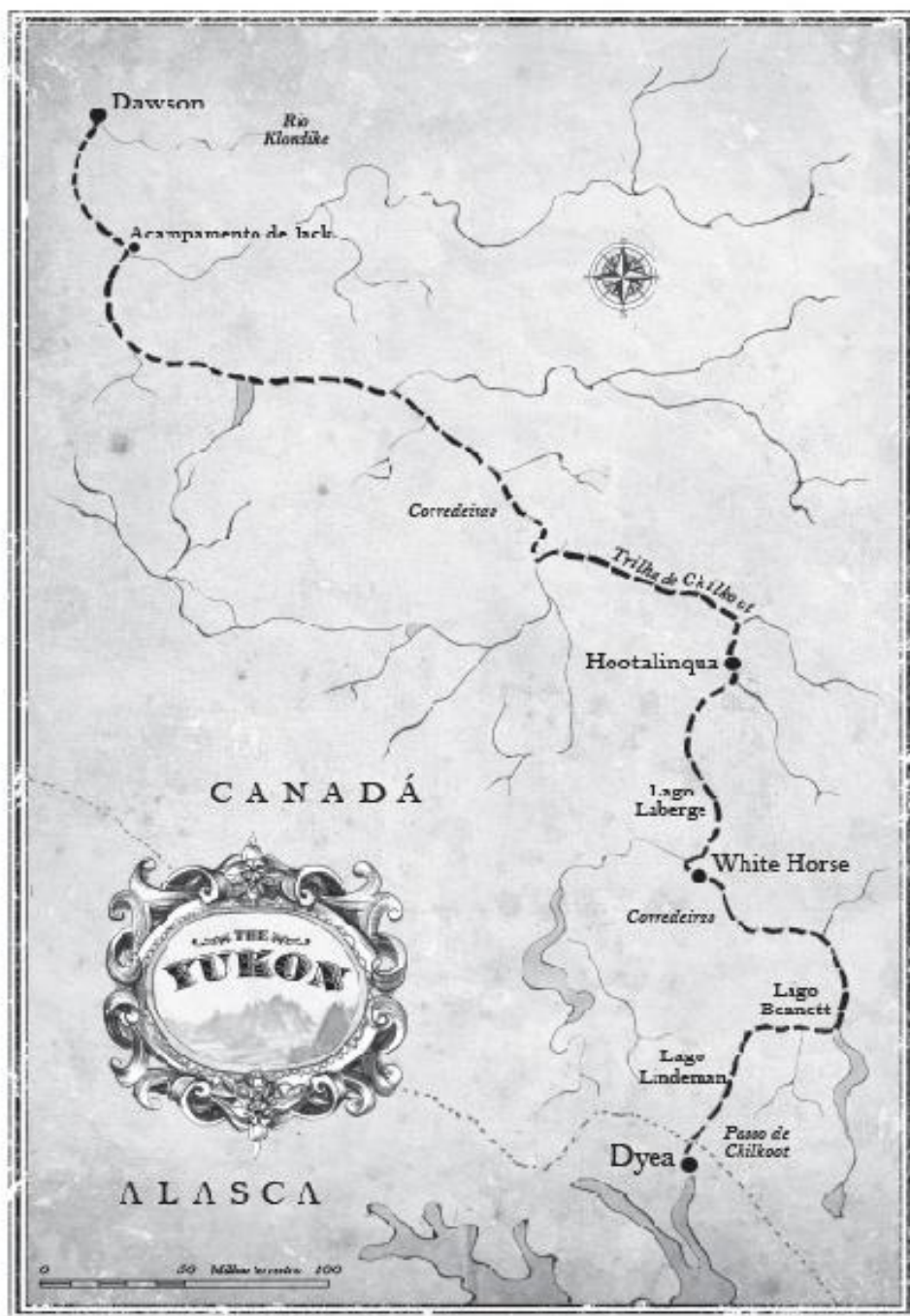
Benvirá



*Para nossos filhos Nicholas, Daniel, Ellie, Lily e Daniel.
A vida é uma aventura selvagem. Ouça seu chamado. Não tenha medo.*

“A verdadeira função do homem é viver, não existir.”

JACK LONDON





INTRODUÇÃO

Nunca fui um grande escritor, mas sempre consegui contar histórias. Agradeço a Jack London por isso. Ele me fez entender que as histórias são feitas de coração e alma, e não de palavras e ortografia. E coração e alma era algo que ele tinha de sobra.

Jack salvou minha vida muitas vezes. Uma delas literalmente, ao afugentar dois homens perigosos que queriam me sequestrar e escravizar. Aconteceram outros episódios ao longo dos anos e na maioria das vezes ele nem sequer estava presente. O que sempre me salvou foi *pensar* em *Jack*. Pensar na sua coragem, na sua visão de mundo, na sua filosofia de que a vida é para ser vivida e não para ser desperdiçada. E na sua convicção de que existem tantas coisas desconhecidas que nunca poderão ser exploradas totalmente numa única vida. Algumas dessas coisas são incríveis, outras, terríveis. Jack presenciou ambas.

Graças a ele, eu me tornei um explorador – de corpo e alma. E gosto de pensar que, de certa forma, eu também pude ajudar em suas aventuras.

Todos sabem no que Jack se transformou: um dos maiores escritores de todos os tempos, capaz de contar uma história como ninguém, dando a ela um poder quase... digamos, sobrenatural. Embora muita gente acredite que ele escreveu sobre o que viveu, eu sempre soube a verdade, pois ele mesmo me contou: Jack nunca, jamais poderia contar suas aventuras reais. Eram experiências bastante pessoais para serem colocadas no papel, e muitas delas, terríveis demais. Jack viu coisas que não deveriam ser presenciadas por ninguém.

Mas ele nunca disse que *eu* não poderia contar essas histórias.

Jack morreu jovem, mas nos seus quarenta anos viveu a vida de muitos homens. Morreu sabendo que há mais coisas neste mundo do que podemos ou deveríamos entender.

Eis uma das razões por que escrevo estas linhas. Sou um homem velho. Que mal há em se conhecer a verdade? Alguém irá acreditar no que eu digo? Nestes tempos modernos e tecnológicos, quando o fantástico não parece mais tão fantástico, e quando o selvagem não é mais tão selvagem, acredito que essas histórias, embora assustadoras, devam ser contadas.

Elas são um alerta, e acho que não podemos nos esquecer disso.

Aqui estão as verdadeiras histórias de Jack London.

Suas aventuras secretas.

Hal Sawyer
São Francisco
Junho de 1962

CAPÍTULO UM

NO MUNDO SELVAGEM

Jack London estava de pé no convés do *Umatilla*, olhando para o cais de São Francisco e imaginando quando voltaria a ver aquela cidade. Havia nascido com um coração errante e adorava aventuras, sem jamais demonstrar medo de enfrentar os perigos que costumam surgir em viagens a lugares desconhecidos. Partindo do porto de São Francisco, o *Umatilla* navegaria até Yukon, deixando para trás a civilização e seguindo rumo ao mundo selvagem do norte glacial, onde boatos indicavam a existência de grandes quantidades de ouro prontas para serem descobertas, onde qualquer homem poderia se transformar num Midas.

No entanto, ouro era apenas um dos motivos que atraíam Jack para Yukon. Ele iria de qualquer maneira, apenas pelo prazer do desafio. E, em seu coração aventureiro, havia a ideia de que as terras selvagens do norte esperavam por ele.

Debruçado na balaustrada do *Umatilla*, Jack respirou fundo, sentindo os cheiros, observando a paisagem e ouvindo o som do caos e da agitação ao seu redor. Nunca tinha visto um grupo tão variado de pessoas. Todas as raças, todas as nacionalidades e todos os credos estavam ali representados. Ainda que o cheiro do mar fosse forte, dezenas de outros odores pegavam carona na brisa. No convés, alguém vendia castanhas torradas. Ao lado de Jack, um homem rescendia a bebida ordinária. Outros cheiravam a especiarias, cigarro ou comida, e vários fediam porque precisavam de um banho. Ele havia sido andarilho, pescador ilegal de ostras e passara um tempo na prisão. Também tivera amigos que ficaram décadas sem tomar um banho decente, mas sentia calafrios só de pensar no fedor dos alojamentos do *Umatilla* quando chegassem ao Alasca.

Ouvira boatos de que o navio levava o dobro dos passageiros que tinha licença para carregar, e tudo indicava que era verdade. Após terem guardado seus equipamentos no porão, Jack e Shepard, seu velho cunhado doente, abriram caminho entre a multidão de homens em busca de ouro – de marinheiros e

trabalhadores braçais a filhos de famílias ricas em busca de suas próprias fortunas.

Naquele momento, na balaustrada do navio, eles estavam prontos para se despedir de São Francisco.

– É bobagem dizer adeus – falou Shepard. – A cidade estará aqui quando voltarmos. Igualzinha. – Olhou de relance para Jack. Os olhos normalmente brilhantes pareciam vazios e sem vida. – Acha que nós seremos os mesmos?

Jack pensou nas dificuldades que teriam pela frente. Acabara de viver dezessete agitados anos e, para ele, o futuro era uma vastidão de oportunidades que o chamava, semelhante à força do vento atravessando o deserto ou ao eco entre as árvores durante uma tempestade de neve. Ao pensar nisso, o coração de Jack bateu ainda mais forte.

– Seremos diferentes, James – respondeu finalmente. – Mas de um modo positivo. A aventura faz o homem crescer.

Jack preferiu não dizer a outra possibilidade que passava pela sua cabeça – “A aventura pode matar o homem” –, mas percebeu uma certeza estampada nos olhos de Shepard: ele conhecia a realidade brutal das coisas.

James Shepard era um homem forte abatido pela doença. Os olhos conservavam o vigor da juventude, mas o corpo revelava a crueldade do tempo, marcado e esgotado por várias agressões, porém defendendo-se do ataque final. O coração batia cada vez mais fraco, mas a mente continuava afiada. Jack sempre gostou de Shepard, um homem de cabelos e olhos cinzentos. Embora fosse bem mais velho que sua irmã Eliza, parecia fazê-la feliz. E a felicidade dela era tudo para Jack.

Ainda que ele reconhecesse os perigos da participação de Shepard na viagem – fato que também era do conhecimento de Eliza –, o velho era o responsável pelas finanças. Jack odiava manchar suas aventuras com a nódoa do dinheiro, mas essa era a pura verdade. Além do mais, ao embarcar naquela jornada, Shepard parecia mais vivo do que nunca. E isso poderia ser visto pelos dois como um bom presságio.

Quando o navio finalmente se afastou do porto, Jack, que acenava como um louco para os que se despediam desejando boa sorte, sentiu-se ainda mais animado. Abriam-se à sua frente mais de dois mil e quinhentos quilômetros de mar, rios selvagens, montanhas cobertas de neve, trilhas traiçoeiras, além dos lugares mais inóspitos entre os conhecidos pelo homem.

Ele embarcava na maior aventura de sua vida.

E, algumas vezes, para atingir a grandeza, é preciso arriscar sentir dor.

Após deixar São Francisco, a viagem durou oito dias e, mesmo com a multidão a bordo do *Umatilla*, o tempo passou rápido. Jack não tirou os olhos de Shepard durante o percurso e ficou feliz ao ver que ele não perdeu a determinação.

Quando se aproximaram de Dyea, navegando em direção às espetaculares paisagens do Alasca, em vez de demonstrar piora por causa da viagem, Shepard apresentava uma vitalidade inédita. O coração já não bombeava sangue com tanto vigor, mas sua essência permanecia forte.

Os dois se acotovelavam para conseguir um espaço na balaustrada enquanto se aproximavam do litoral. Uma das razões que fizeram Jack ficar tão entusiasmado com o *Umatilla* era que o navio poderia deixá-los em Dyea, pois seu calado era raso em comparação com outras embarcações. Grande parte dos barcos tinha de atracar em Skagway, próximo à entrada do passo White, por onde teriam de seguir uma rota que poderia ser ainda mais traiçoeira e lenta que a pretendida por Jack.

– Cadê o cais? – perguntou Shepard levando a mão à boca e tossindo, antes de cuspir o catarro no chão.



Ele embarcava na maior aventura de sua vida.

A maioria dos jovens tende a ignorar as preocupações dos mais velhos. Impulsivo e temperamental, Jack nunca fora uma exceção. No entanto, quando o assunto era aquela viagem – e o ouro –, Shepard parecia mais agitado que Jack. Por isso, ao ouvir aquela pergunta, Jack franziu a testa e deu uma olhada na costa.

Os tripulantes começavam a lançar âncora, mas não havia qualquer sinal do cais. Jack podia ver a praia e a fumaça subindo das chaminés ao longe, mas não enxergou nenhum local para o desembarque. Pequenos barcos se aproximavam do *Umatilla*, pilotados por moradores em busca de algum dinheiro.

– Por favor, onde fica o cais? – Jack perguntou a um tripulante com aspecto cansado, um homem pálido e com cerca de trinta anos de idade que tentou evitar sua aproximação.

O homem puxou o braço que Jack agarrara.

– Dyea não tem cais, garoto. Vocês vão desembarcar na praia.

Shepard limpou a garganta, parecendo um urso raivoso ao segurar com força o pulso do tripulante.

– Espere aí. Isso é loucura! Levaremos horas para colocar nossos pertences nesses barcos pequenos e levá-los até a praia. A maré vai subir!

Um brilho perigoso surgiu nos olhos do homem, que fitava a mão de Shepard fechada sobre seu pulso.

– James... – Jack falou, dando uma olhada em volta para certificar-se de que ninguém mais podia entrar na briga. Em seguida levou a mão à faca pequena e afiada presa na parte de trás da cintura.

Sem se afastar, Shepard soltou a mão do homem.

– Se está preocupado com a maré, é melhor se apressar – o tripulante disse, sorrindo.

Ao ouvir as palavras do homem, Jack atravessou correndo a multidão, percebendo que alguns passageiros pareciam já ter se dado conta daquele fato, enquanto outros apenas começavam a entender a situação. Um coro de reclamações se espalhou pelo convés, mas não havia nada a ser feito. Tinham viajado uma longa distância e gastado muito dinheiro para simplesmente dar meia-volta.

Se os preparativos da viagem pareceram uma loucura para Jack, ele não fazia

ideia da confusão que o aguardava quando os mais de quatrocentos passageiros do *Umatilla* começaram a pegar seus pertences para levá-los até a praia, e dali para um local mais seguro. Os aspirantes a garimpeiros, apelidados de “desbravadores” pela imprensa, xingavam-se uns aos outros e brigavam por espaço nos pequenos barcos que transportavam cargas e pessoas à terra firme.

Muitos homens e mulheres estavam cansados da viagem, alguns provavelmente arrependidos de estarem ali. Mas Jack, por sua vez, se sentiu capaz de cantar de alegria ao se sentar ao lado de Shepard numa das embarcações, os dois agarrados a caixas repletas de seus pertences mais valiosos para a jornada que teriam pela frente. Embora estivessem apenas no fim de agosto, já fazia frio, mas Jack se aquecia com a sensação da aventura.

Nos últimos dias em São Francisco, Jack usou o dinheiro de Shepard para comprar equipamentos e comida. Era imprescindível usar roupas adequadas: luvas grossas, chapéus, calças e casacos forrados de pele, roupas íntimas de lã, além de botas aderentes e impermeáveis. Comprou ferramentas que lhes permitiriam cortar árvores e construir barcos e cabanas, além de comida para um ano – desidratada, em compotas e em conserva – acondicionada em recipientes lacrados. O material para acampamento também era indispensável, e Jack tinha dinheiro para comprar tudo em pares, incluindo tendas, cobertores, pás, mantas térmicas e braseiros que os manteriam aquecidos ao acampar, cozinhariam sua comida e seriam fontes de luz.

Ele levou também seus livros mais importantes. Nunca viajava sem pelo menos uma obra de Herman Melville, e a escolhida daquela vez tinha sido *Moby Dick*.

Respirava fundo, sentindo o ar do Alasca, o cheiro das terras selvagens. Após oito longos dias no barco, estava pronto para atravessar o passo de Chilkoot. Todos os preparativos em Dyea o deixariam ainda mais ansioso pelo início da aventura. Se pudesse partir naquele mesmo dia, abrindo mão de todos os suprimentos, não pensaria duas vezes. No entanto, embora tivesse chegado às terras do norte disposto a encarar desafios e a não se intimidar perante obstáculos que surgissem no caminho, sabia que apenas um idiota correria riscos desnecessários.

O melhor era agir com cautela e inteligência. Afinal, teriam uma longa jornada pela frente.

Um sorriso se desenhou nos seus lábios enquanto o barco a remo se aproximava da praia. Jack deu dois passos... bem acostumado ao balanço das

ondas... e estava prestes a pisar em terra firme pela primeira vez em mais de uma semana. Girou o corpo e viu Shepard descendo do barco. Por pouco não ofereceu a mão para ajudá-lo, mas seu cunhado jamais aceitaria. Seria um sinal de fraqueza.

Uma vez na praia, no entanto, Shepard jogou a cabeça para trás e respirou fundo. Jack esperava ouvir mais uma sessão de tosse do cunhado, mas ela não veio. O que era bom sinal. Shepard caminhava em direção à fumaça que subia das chaminés da cidade, dizendo:

– Hora de trabalhar, meu garoto!

Garoto. Jack não gostava de ser chamado assim, mas, hoje, não reclamaria. Talvez fosse apenas um termo carinhoso, mas também poderia ser a maneira de Shepard lembrar a si mesmo e ao meio-irmão de sua jovem esposa quem mandava ali. Isso não importava. Jack não sucumbira ao norte glacial e, com certeza, apesar de ter um temperamento muitas vezes instável, não permitiria que a palavra o aborrecesse.

Puseram mãos à obra.

Com Jack no papel de capataz e Shepard no de chefe e tesoureiro, eles rapidamente reuniram um grupo de homens dispostos a trabalhar. Quando os equipamentos começaram a chegar à praia em caixas e pacotes, os índios Tlingit levaram tudo até um local distante da água, organizando-os num ponto escolhido por Jack. Como não confiava em ninguém, permaneceu ao lado dos equipamentos, enquanto Shepard inspecionava o transporte.

A maré subiu rápido e três grandes caixotes ficaram molhados por causa das ondas que quebravam na arrebentação. Jack pediu aos homens que trabalhassem com mais rapidez, avisando que, caso contrário, não lhes pagaria um único centavo. Por fim, a última caixa foi transportada, mas o próprio Jack teve que ajudar para que os homens a erguessem bem alto a fim de evitar que os objetos guardados ali dentro ficassem molhados.

Durante a execução do trabalho, o preço mudou. Os índios pediram vinte dólares por hora – uma quantia já exorbitante – quando a maré estava baixa, mas assim que as ondas subiram, o valor foi reajustado para cinquenta.

– É um roubo! Só faltou apontarem uma arma na nossa direção! – Jack reclamou, indignado, enquanto os homens corriam em busca do dinheiro de outros passageiros.

Shepard parecia não ter escutado o cunhado. Seu rosto exibia um sorriso que Jack nunca tinha visto antes, nem em seus momentos mais felizes ao lado de

Eliza.

– Mandei um menino à cidade a fim de conseguir um quarto para passarmos a noite – Shepard disse. – Partiremos ao raiar do dia. – Ele então percebeu que Jack o observava. – O que foi?

– Você está com uma aparência ótima! – Jack falou, surpreso. – Pronto para a aventura?

Shepard parecia pensar na resposta. Jack esperou por uma réplica divertida, um momento para se revigorar antes de recrutar mais carregadores indígenas para levar os equipamentos até a cidade, mas seu cunhado estava apreensivo.

– Tenho sessenta e um anos, garoto, e Deus me deu um coração fraco – Shepard disse, olhando os caixotes empilhados na praia. – Sonho com ouro todas as noites e acho que isso é o que me mantém vivo.

– Está certo! – Jack balançou a cabeça, concordando. – Então vamos atrás do ouro!

Após conseguirem alguns índios para carregar os suprimentos e equipamentos até o hotel – pagando um preço alto pelo serviço –, Jack e Shepard colocaram suas bolsas nos ombros e caminharam em direção à cidade. *Cidade* era uma palavra bastante generosa para descrever aquele lugar. A única rua e os poucos edifícios e casas eram mais parecidos com um assentamento do que com algo permanente. Jack ficou confuso. Era como se não estivessem no Alasca, mas em Deadwood, em plena febre do ouro na Dakota do Sul.

O céu era de um azul cristalino quando o *Umatilla* lançou âncora, mas sobre Dyea parecia haver uma neblina constante, e a fumaça das chaminés só aumentava aquela sensação. Conseguiram enxergar o contorno das montanhas geladas ao longe, mas quando olhavam para a rua principal, não viam nada acima dos telhados.

À direita, passaram por uma fileira de construções quase idênticas que pareciam celeiros, todas elas com uma pequena janela logo abaixo do telhado pontiagudo e uma porta de entrada. Eram lojas. Jack deu uma olhada nos letreiros: Merceria Yukon, Correios, Ferragens Coughlin-Landry, Taberna Dutcher Bill.

O lado esquerdo da rua parecia mais informal, com a fachada de cores vivas de uma estrutura solitária, cuja placa anunciava apenas Dance Hall. Mais adiante ficava o Hayley's Hotel, uma construção grande em forma de caixote – feita de madeira, como todos os outros – com o nome pintado na parede lateral.

– Parece que isso vai desabar a qualquer momento – Shepard murmurou.
– Já dormi em lugares piores – Jack comentou, pensando em trilhos de trem e em celas de prisões. – Vai ser ótimo descansar numa cama macia. Aliás, só Deus sabe quando vamos encontrar outra. E não seria nada mal se tomássemos um banho!

Grunhindo, Shepard deixou escapar um sorriso. Eles fediam após oito dias no mar.

– O mais difícil vai ser conseguir chegar ao hotel.

Era uma observação pertinente. A rua era um lamaçal repleto de marcas de botas, ferraduras e de rodas de carroças. Em alguns pontos a sujeira tinha secado e estava dura, e em outros havia poças cheias de barro.

Driblando as poças e os buracos, com a lama subindo pelas botas, a respiração de Shepard, que carregava uma bolsa de quase trinta quilos, começou a ficar pesada. Jack deu uma olhada e viu que o rosto do cunhado estava pálido. Ele não conseguiria carregar sua bagagem por muito tempo.

– Você está bem? – Jack perguntou.

– Eu aguento – Shepard sussurrou.

Embora tivessem se comportado como bons companheiros durante a viagem, uma tensão crescente os envolvia naquele instante. No mundo todo, não havia ninguém que Jack amasse mais do que Eliza, sua meia-irmã que praticamente o criara. Contrariando a vontade dela, e mesmo ciente da saúde precária do cunhado, Jack planejou a aventura com ele, pois sabia que Shepard estava apto e aceitaria financiar a viagem.

Talvez Jack tivesse agido de forma egoísta, mas não havia mais nada a ser feito. Além do mais, Shepard queria seguir em frente e era um parceiro fiel.

Jack tentava amenizar a culpa, lembrando-se do outro objetivo daquela aventura: ajudar a mãe. No dia do embarque, Eliza tinha revelado que a mãe deles estava prestes a perder a casa onde morava. Durante muito tempo ela dependera dos ganhos de Jack, e sua ausência recente que durou um mês – quando esteve na cadeia acusado de vadiagem, embora sua família não soubesse disso – fez com que sua mãe se endividasse, voltando a trabalhar como médium, uma mentira em que ela acreditava e que era motivo de vergonha para Jack. Ele se convencera de que aquilo não passava de uma farsa. Contudo, embora aquela mulher não tivesse muito amor no coração – todo o carinho que Jack recebera quando criança tinha sido de Eliza –, ela era a mãe dele. Caso encontrasse ouro, ela poderia manter a casa e abandonar o charlatanismo das sessões espíritas. No

entanto, vendo a situação de Shepard ali, aquilo parecia uma preocupação distante.

Mas seu cunhado sabia se virar sozinho. Era um homem e não uma criança doente precisando de colo, e Jack acreditava que todo homem devia ser responsável pelo próprio destino. Porém, ele não queria ser obrigado a dar notícias ruins a Eliza caso alguma tragédia se abatesse sobre o marido dela.

Olhando adiante e com o queixo erguido, Jack atravessou a lamacenta rua principal de Dyea, seguindo em direção ao Hayley's Hotel. Foi só quando colocou os pés na entrada de madeira e limpou a sujeira das botas que ele se virou para ver onde Shepard estava.

O cunhado tinha parado alguns metros atrás.

– James? – Jack chamou.

A expressão de Shepard era vazia e seus olhos esbugalhados estavam voltados para o leste, o corpo levemente arqueado para a frente, tentando equilibrar o peso que carregava. Já estivera pálido em outras ocasiões, mas naquele momento parecia muito doente. Piscou os olhos e tossiu um pouco, mas a tosse aumentou de intensidade, obrigando-o a quase dobrar o corpo ao meio. O velho soldado deixou a bolsa escorregar pelas costas até cair no chão lamacento.

Jack deixou sua bagagem na porta do hotel e correu para junto dele.

– O que foi, James? – perguntou, agarrando o cotovelo do cunhado. – Está tudo bem. Respire com calma.

Shepard tremia. Sua pele pegava fogo e seus lábios e queixo estavam vermelhos. Jack nunca o vira com uma aparência tão frágil.

– James? – repetiu num tom mais suave.

Seu cunhado fez que sim e respirou fundo várias vezes. Depois olhou para o leste, ofegante, e tossiu mais um pouco, os olhos cheios de água. Ainda com o corpo arqueado e as mãos nos joelhos, gesticulou com a cabeça.

– O que é aquilo, garoto? Será que é o tal do passo?

Jack virou o rosto, percebendo que a neblina havia se dissipado, oferecendo uma visão mais nítida das colinas. Era agosto, verão, mas eles estavam no Alasca e a paisagem era uma parede de montanhas geladas que se erguiam da terra. Uma espécie de território proibido envolto numa paisagem de sonho, num inverno permanente. E sim, aquela fenda no gelo, que vista dali não passava de uma sombra, era o passo de Chilkoot. A trilha que os levaria à cidade de Dawson começava no sopé daqueles penhascos congelados.

Mesmo a distância, Jack conseguia ver a fila de homens e cavalos que subiam

a trilha de Chilkoot em direção ao passo proibido – homens que sonhavam com ouro e índios Tlingit que faziam suas próprias fortunas ajudando os desbravadores a atravessar as montanhas.

Shepard voltou a tossir, e Jack percebeu uma pequena mancha de sangue em seus lábios.

Era um mal sinal. Ele sentiu um misto de raiva e decepção, mas afastou aqueles sentimentos de sua mente. Os dois tinham feito um pacto, e Jack London sempre mantinha sua palavra. Ele colocou uma das mãos no ombro de Shepard.

– Vou ajudá-lo a cada passo do caminho. Vou levá-lo até lá em cima. Que Deus me dê forças. Caso contrário dividiremos uma sepultura no meio da neve. Mas não pretendo morrer. Iremos cravar nossas estacas em Klondike e voltaremos com ouro nas mãos.

Respirando um pouco melhor, Shepard se livrou educadamente da mão de Jack.

– Fui um idiota – ele falou, as palavras queimando na língua, demonstrando-se furioso consigo mesmo. – Mas não vou permitir que você se torne um idiota também.

– James – Jack rebateu –, você veio até aqui...

– Sim, e agora *preciso* ir embora.

Shepard olhava para o passo de Chilkoot com os olhos arregalados. Naquele momento, Jack notou que a expressão no rosto do cunhado tinha passado do medo à resignação, depois à tristeza e à arrependimento.

Lentamente, Shepard endireitou o corpo. Respirando fundo, colocou a bolsa nos ombros e deu as costas às montanhas geladas, dizendo:

– Preciso voltar à praia antes que o *Umatilla* tome o caminho de volta para casa. Levarei lembranças suas à Eliza e à sua mãe.

Jack não disse nada. Com certeza, Shepard não aceitaria argumentos.

– Investi muito nesta viagem. – O velho soldado continuou. – Muito mais do que dinheiro, entende? Investi todos os meus sonhos. E deixo tudo aqui com você. Espero que leve isso a Dawson e que depois siga em frente. Não me desaponte, garoto!

– Pode deixar.

– Eu sei que posso – Shepard disse.

E assim foi embora, atravessando a rua lamacenta em direção à praia, deixando Jack com todos os equipamentos, suprimentos e uma determinação que valia pelos dois.

Jack o observava, esperando que chegasse em casa com saúde, para que Eliza não precisasse sofrer. Não se importava em seguir a viagem sozinho, pois grande parte das aventuras que viveu foi sem a ajuda de ninguém, mesmo quando cercado de pessoas que seguiam seus próprios caminhos.

Shepard chegou ao limite da cidade e, sem olhar para trás, desapareceu na estrada que levava à praia. Quando o cunhado sumiu de vista, um grande sorriso se desenhou no rosto de Jack, que sentia uma alegria imensa. Livre das preocupações e dos cuidados com Shepard – e também da culpa que sentia ao viajar com aquele homem de idade –, sentiu-se mais confiante do que nunca em relação aos seus planos.

Jack olhou para a neblina no passo de Chilkoot, que parecia atraí-lo. Teve vontade de correr até lá e escalar as montanhas durante a noite. Durante toda a viagem, os dois ouviram histórias sobre homens que perderam a vida nas trilhas e sobre centenas de outros que fracassaram e acabaram voltando. Shepard havia desanimado só de ver o que teria pela frente.

Jack não. O norte glacial não o derrotaria. Naquele momento, só a morte poderia detê-lo.

CAPÍTULO DOIS

A MARCHA DOS MORTOS

Em Dyea, dizem que um homem sem rumo poderia acampar na trilha Chilkoot por meses sem passar necessidade. Roupas quentes, carnes secas e salgadas, feijões enlatados, armas de caça, tendas... O armazém e a loja de ferragens iriam à falência se os aventureiros que desembarcavam aos milhares na praia soubessem que era possível conseguir os suprimentos de que precisavam nas margens da própria trilha. Sobretudo, no lado ocidental, a mais de mil metros de altura, onde os ventos cortantes castigavam os viajantes mesmo no verão, havia equipamentos abandonados por toda a parte.

Se alguém quisesse comer carne fresca, o terreno perigoso da trilha de Chilkoot era o lugar ideal para encontrá-la. Os cavalos desmaiavam de exaustão, quebravam as pernas em fendas ou fraturavam a coluna ao caírem de costas no ponto em que a trilha se tornava íngreme demais. Alguns eram sacrificados a fim de interromper a agonia, mas outros eram abandonados por homens de coração frio, que arrancavam as selas dos animais e seguiam em frente, recusando-se a desperdiçar munição.

Sem a companhia de Shepard, Jack resolveu viajar com menos peso. Abrindo os caixotes, procurou comida e separou o que era essencial, vendendo a maior parte do que tinham comprado ao proprietário do Hayley's Hotel. As roupas de seu cunhado ficaram com um homem grande e barbudo chamado Merritt Sloper, que ele conhecera a bordo do *Umatilla*. Sloper, por sua vez, deu-lhe uma boa frigideira e vários sacos de café, e Jack não lhe negaria um gole da bebida caso seus caminhos se cruzassem mais adiante.

Com tudo resolvido, Jack pegou um cobertor extra que estava entre os pertences de Shepard e o guardou com suas roupas. Ao cair no sono naquela noite, ele já havia separado, vendido ou dado setenta por cento das coisas que comprara. Mais confiante que nunca, sentindo-se exausto e satisfeito, Jack esperava dormir até o amanhecer.

Quando acordou desorientado no meio da noite, sentou-se na cama e respirou fundo na escuridão. “Estou no Hayley’s Hotel, em Dyea”, ele pensou, antes de ouvir um rangido.

Ficou paralisado. Nunca teve medo do escuro, mas aprendeu a respeitá-lo. Ouviu novamente o rangido. Era uma das tábuas do chão reclamando do peso que não devia estar ali. Quem caminhava tinha o cuidado de não fazer barulho.

– Quem está aí? – Jack perguntou baixinho.

Uma porta se abriu num ponto onde até então Jack não vira porta alguma. Ele ficou tão assustado que demorou a perceber que alguém pousara a mão no batente da porta, e levou alguns segundos até perceber um braço e finalmente um rosto em meio à escuridão.

– Mãe? – perguntou ele.

Jack foi invadido por odores de sua infância: cheiro de comida velha e de incenso.

– Haverá destruição – sua mãe disse, com uma voz que não era dela. O tom era seco, frio e distante. – Destruição no norte, um grito de morte no imenso silêncio branco, e os espíritos serão as testemunhas.

Ela entrou no quarto e Jack prendeu a respiração. “Essa não é minha mãe”, ele pensou. Ainda que achasse a ideia ridícula, aquela mulher *era* sua mãe: tinha os mesmos cabelos, o mesmo rosto e usava a mesma camisola. No entanto, havia algo de inquietante em sua aparência, como se um estranho escondido sob sua pele tentasse se revelar. Ela estava terrivelmente enrijecida, com a pele quase translúcida, como se fosse feita de neve fresca.

Jack tinha visto algo parecido antes. Sua mãe havia dito que se tratava do guia espiritual dela falando em seu nome. Ele nunca acreditara naquelas coisas e odiava seu falso espiritualismo. Ela enganava as pessoas com aquelas histórias, tirava proveito do sofrimento alheio e...



*Havia algo de inquietante em sua aparência, como se um estranho escondido
sob sua pele tentasse se revelar.*

“Ela está me enganando? Estou no Alasca ou na Califórnia?” Jack achou que estava sonhando, mas aquele sonho era real demais.

– Saia do meu quarto – murmurou ele.

– Algo vai acontecer – sua mãe disse, sorrindo. A expressão em seu rosto era doentia e a voz não tinha nada a ver com a dela. – Você morrerá na neve, no frio... Sozinho.

Em seguida ela se virou e foi embora.

Jack precisou de alguns minutos para se levantar da cama, mas, quando se aproximou da porta, ela havia desaparecido. Encostou a mão na parede. Nada. “Sei que não estou dormindo.”, pensou. Após voltar para a cama, não conseguiu mais pegar no sono. Estava com os olhos bem abertos quando o amanhecer lançou sua luz sobre Dyea.

Confuso com o pesadelo, mas determinado a deixar a luz do dia apagá-lo, Jack foi o primeiro a partir em direção ao passo de Chilkoot.

Jack saiu de Dyea com dois cavalos para carregar o equipamento; sua mochila estava quase dez quilos mais leve do que no dia anterior. Protegeu os ombros para que as alças não o machucassem e caminhava num ritmo intenso à medida que o sol se erguia sobre os picos brancos e o passo Chilkoot cintilava no horizonte.

Mas isso havia acontecido quatro dias antes.

Agora, seus olhos lacrimejavam com o fedor de carne de cavalo que apodrecia próximo à trilha; ele mantinha a maior distância possível dos outros, que brigavam por posições à medida que avançavam. Jack mantinha um bom ritmo, ultrapassando grande parte dos homens brancos e até mesmo alguns carregadores indígenas, acostumados ao terreno e ao clima.

Estava concentrado no topo das montanhas, no seu objetivo, sem revelá-lo a ninguém. Várias vezes surgiram brigas e ele teve que desviar seus dois cavalos dos malditos valentões e também dos outros que paravam para incitar os arruaceiros, gratos pela distração de um possível derramamento de sangue.

Jack não fugia de uma briga, mas a cada passo sentia um vento leve e gelado no ar e temia que o inverno chegasse antes do que todos ali esperavam.

Os equipamentos dos que desistiram entulhavam as margens da trilha. Jack passou por homens que tinham desistido da viagem e voltavam a Dyea, cabisbaixos e envergonhados, e jurou que nunca seria um deles. Deve ser difícil

conviver com um fracasso desses, seus fardos não se tornariam mais leves, embora a aflição física ficasse para trás.

Enquanto seguia em frente, a trilha cada vez mais acidentada, lembranças do pesadelo surgiam na mente de Jack. Costumava sonhar com a mãe, algumas vezes imaginando o relacionamento perfeito que eles nunca tiveram, mas geralmente sonhava com a falta de amor e a crueldade dela. Aquela mulher parecia ter um coração de pedra. Quando Jack era menino e se comportava mal, ela, com frequência, incitava o padrasto a bater nele, e só demonstrava afeição nas ocasiões em que o filho aparecia em casa com algum dinheiro. E houve um tempo em que exigia que Jack se deitasse na mesa da cozinha enquanto ela rogava aos espíritos dos mortos que o punissem por algum erro infantil. Naquela época, ele já não acreditava naquelas coisas, mas sua mãe fazia de tudo para que o ritual fosse assustador.

– Os espíritos estão mais perto do que você imagina – ela dizia. – Caso se comporte mal, vou *convidá-los a entrar*.

Após as sessões espíritas, Jack passava dias sentindo raiva e tristeza pelo tratamento que a mãe lhe dispensava. Sozinho no escuro, morria de medo ao pensar que ela poderia estar falando sério. Com o tempo, convenceu-se de que nada daquilo era verdade. Porém, ainda assim ela continuava sendo sua mãe e Jack a amava.

Pensar em tudo isso o deixava confuso e zangado.

Deixou escapar um palavrão e fez com que os cavalos se afastassem para uma das margens da trilha. Havia chegado ao topo do passo imerso nos próprios pensamentos e acabara deixando aquele momento de triunfo passar despercebido.

Malditos pensamentos melancólicos – eles não servem para nada!

Jack decidiu preparar um café e deixar que a bebida quente marcasse o momento em que o resto da sua jornada começava.

– Eis o homem que eu queria encontrar – uma voz disse.

Protegido do vento, instalado atrás de uma barreira que fizera com sua bolsa de viagem e algumas caixas que seus cavalos transportavam, Jack ergueu os olhos de sua pequena fogueira e viu o rosto corado e sorridente de Merritt Sloper. A barba cinzenta estava coberta de gelo e um gorro pesado estava enterrado até as orelhas, dando-lhe o aspecto de um Papai Noel louco.

– Quer um pouco de café? – Jack perguntou, sem conseguir evitar um sorriso.

Ele se sentia bem sozinho, mas naquele momento uma companhia seria bem-vinda, mesmo tratando-se de um homem que mal conhecia.

– Achei que não fosse me oferecer.

– Espero que você tenha um copo – Jack falou. – Eu só tenho um.

Sloper emitiu um grunhido ao se sentar ao lado dele, largando sua bolsa no chão. Bateu uma palma contra a outra antes de tirar as luvas e aproximar as mãos da fogueira. Em seguida olhou para o bule preto que Jack havia colocado perto do fogo.

Sloper retirou um copo de estanho da bolsa. Enquanto Jack lhe servia um pouco do café forte, outro homem se aproximou, segurando as rédeas de um cavalo.

– Droga, Merritt, você poderia ter esperado por mim! – ele gritou.

Magro e de óculos, o sujeito parecia um professor descabelado.

– O cheiro do café me atraiu, meu querido Jim – Sloper falou, fingindo arrependimento e abaixando a cabeça. – Não me amaldiçoe por ter me dobrado ao meu único prazer.

Depois pediu desculpas, tomou o café e deu um ruidoso suspiro de felicidade, acomodando-se sobre a neve endurecida e fechando os olhos.

– Você me deixou para trás com o cavalo – Jim reclamou, levantando rapidamente o tom de voz. – Aqueles dois homens do Texas estão de olho nos nossos suprimentos desde que um dos cavalos deles morreu, e você...

– Olhe isso, Jim! – falou Sloper, arregalando os olhos. – Chegamos ao topo! Embora você duvidasse, meu amigo, nós conseguimos! Estou cansado para sair pulando de alegria, mas um pouco de café é uma boa forma de comemorar.

Virando os olhos, Jim desistiu de argumentar. Parou seu exausto cavalo ao lado dos dois de Jack, cravou com a sola da bota um gancho na neve e amarrou seu animal. Em seguida se aproximou da fogueira, estendeu a mão para Jack e disse:

– Meu nome é Jim Goodman. Acho que estamos no mesmo barco.

– Sou Jack London – ele sorriu e apertou a mão do homem. – Eu me lembro de você.

Jack foi invadido por uma sensação boa. Aqueles dois homens poderiam ser estranhos, mas eram fortes o suficiente para atravessar o passo de Chilkoot e encarar um desafio sem desanimar. Nos poucos dias desde a partida de Dyea, Jack tinha visto muita gente desistir e várias vezes havia sentido o cheiro da morte. Mas naquele momento a companhia daqueles dois sujeitos era mesmo muito bem-vinda.

- Acabou o café? – o rabugento Goodman perguntou.
- Sobrou pouco – respondeu Jack, sacudindo o bule. – Merritt bebeu o último gole.
- Sei como é – Goodman falou, dando de ombros como se estivesse acostumado àquela situação.
- Mas a fonte não secou – Jack disse pegando sua bolsa, tomado por um sentimento inédito de companheirismo. – Posso fazer um pouco mais.
- Sério? – os dois homens perguntaram em uníssono, erguendo suas sobrancelhas num gesto de surpresa.
- Por que não? – Jack retrucou. – Chegamos ao topo, meus amigos. Estamos no mesmo barco agora!

Após quase uma semana subindo a trilha de Chilkoot, os ossos de Jack doíam e os músculos pareciam queimar sob a pele, mas ele se sentia mais vivo do que nunca. Mesmo barbado e sem tomar banho, Jack se sentia limpo, purificado pelo ar gélido da montanha e pelo esforço incrível que vinha realizando. Longe da mãe e de seu espiritismo charlatão – e, mais importante, longe de todos os trabalhos que tivera e de tudo o que tentara ser na vida –, Jack era capaz de se livrar das expectativas do mundo e encontrar o homem que havia dentro de si.

“Quem é Jack London?”, ele se perguntava, seguro de que aquela viagem traria a resposta.

A trilha que se abria à sua frente no topo da montanha parecia uma bênção. O caminho se nivelava e depois havia uma descida suave em direção aos desfiladeiros.

- Falta muito para o lago Lindeman? – Sloper perguntou.
- Jack ergueu a sobrancelha para Jim Goodman, já que ouvira várias respostas diferentes.
- Quinze quilômetros – Goodman respondeu, determinado.
- Chegaremos lá – Jack comentou, fazendo um gesto que incluía os três. – Ninguém volta após atravessar o passo.

Era verdade. Todos os homens ali seguiam a mesma direção. Era possível ver alguns equipamentos abandonados ao longo da trilha e, mais adiante, Jack podia ver dois cavalos mortos, pobres animais que haviam aguentado o pior da viagem, mas que foram incapazes de seguir em frente. Porém, em sua maioria, os desbravadores persistiam.

- Mas precisamos ser rápidos – ele disse.

O lacônico Goodman pareceu despertar ao ouvir aquelas palavras:

– Rápidos? Estou feliz pelo simples fato de estar vivo!

À frente deles havia dois homens, que, a julgar pelo sotaque, deviam ser alemães, e ambos diminuíram o ritmo como se quisessem ouvir o que os três estavam falando. Puxando as rédeas dos cavalos com força, Jack desacelerou a marcha com Sloper e Goodman em seu encalço.

– Talvez haja ouro para todos – Jack comentou. – Talvez Klondike seja o El Dorado. Mas enxergo cada homem nesta trilha como um rival. E vocês deveriam fazer o mesmo.

Merritt Sloper acariciava a farta barba cinzenta. Sua expressão normalmente jovial se transformou numa espécie de tristeza infantil.

– Até nós, Jack? Também somos rivais?

– Claro que sim, meus amigos – respondeu ele, sorrindo. – Mas existe uma rivalidade saudável entre nós três. E há outro motivo para nos apressarmos: o inverno se aproxima.

Goodman zombou dessa observação e ajeitou os óculos no nariz.

– Inverno! Caso ainda não tenha percebido, aqui em cima sempre é inverno, Jack.

– Você sabe o que estou querendo dizer. Em pouco tempo tudo ficará congelado. Precisamos chegar a Dawson antes que o rio congele.

– Mas estamos no começo de setembro – Sloper ponderou.

– Conversei com um índio Tlingit durante a subida. Segundo ele, o inverno este ano deve chegar mais cedo. Falou também que quando o avô dele era jovem os rios congelavam no meio de agosto.

– Impossível! – Goodman discordou, puxando as rédeas de seu cavalo e apertando o passo.

– Isso é verdade? – Sloper perguntou para Jack, com uma expressão preocupada no rosto.

Jack afrouxou as rédeas de seu animal e se aproximou de Goodman. Sloper estava ao seu lado e os cavalos, um pouco atrás.

– Quero sobreviver a esta aventura, Merritt. Sobreviver e voltar à Califórnia com um bom dinheiro. Quando estamos em terras inóspitas, devemos confiar na sabedoria de quem vive nelas. Aliás, você não está vendo? Estou batendo o queixo por causa desse vento!

Sloper fez um gesto afirmativo com a cabeça e, assim que a trilha se tornou um pouco mais larga, os três passaram a caminhar lado a lado. Conversavam sobre

os lugares de onde cada um deles tinha vindo e também sobre sonhos, livros e aventuras. Jack contava histórias dos tempos em que era pescador de ostras, de quando vagava pelas ferrovias na companhia de outros andarilhos, de suas brigas nos portos. Achou melhor não mencionar seus trinta dias na prisão.

Jack ficou surpreso quando descobriu que seus dois companheiros não eram muito mais velhos que ele. Sloper, que trabalhava como pedreiro, tinha vinte e cinco anos, dez menos do Jack imaginava. E Goodman – que era mesmo professor – acabara de fazer vinte e dois. Os dois eram de uma cidade próxima a Chicago, no estado de Illinois, e se conheciam graças à amizade entre suas famílias. Embora tivessem temperamentos tão diferentes, Sloper e Goodman diziam ser velhos amigos e logo aceitaram Jack no seu círculo.

Naquela noite, os três homens acamparam sob as copas de algumas árvores, empilhando seus pertences e formando uma barreira contra o vento. Após amarrarem os cavalos, Jack e seus novos amigos se sentaram ao redor da fogueira. Dividiram café e frutas secas, e cozinharam um ensopado de carne aguada que, no fim das contas, era melhor do que parecia. Depois de comer, Jack foi tomado por um sentimento de exaustão, caindo no sono enquanto observava as estrelas, imaginando os dias em que viveria atrás de ouro.

A certa altura, seus devaneios terminaram e ele foi carregado para dentro de seu subconsciente. A tranquilidade relativa com que pensava sobre o futuro também terminou. Homens morriam por qualquer coisa e animais selvagens saíam das florestas, farejando a presença de visitantes indesejados e deixando rastros de sangue na neve. No entanto, aquele sonho corriqueiro não assustava Jack.

Havia algo mais.

Sonhou que subia sozinho o rio desde a baía de Rabbit com apenas uma barraca velha. Viajava de dia e lia à noite, mas o tempo todo algo parecia vigiá-lo, algo que podia entrever graças à luz trêmula da fogueira. E isso o acompanhou pelo caminho. Às vezes o observava dos picos das montanhas altas e no dia seguinte o espreitava à noite por entre as árvores. Ele não sabia o que era, mas o pressentimento era terrível.

Ele só conseguiu vê-lo à noite. Seus olhos pareciam estrelas cadentes e, das sombras, observavam Jack esperando uma oportunidade para atacar.

No final da manhã do dia oito de setembro os três homens finalmente chegaram às margens do lago Lindeman. O cavalo de Goodman caíra exausto na noite

anterior e Sloper precisou sacrificá-lo. Assim que o disparo da arma reverberou pela trilha e pelas encostas das montanhas, o sorriso de Merritt Sloper se foi.

E não voltou na manhã seguinte quando avistaram o lago. E a cena deve ter sido linda. O lago Lindeman ficava num vale rodeado de montanhas com os picos tingidos de branco e repletas de pinheiros salpicados de neve fina. Ao redor do lago crescia uma grama densa e, em outros tempos, os animais provavelmente se aproximavam das margens para beber água e se alimentar da vegetação rasteira que cobria o local.

Mas uma enorme clareira tinha sido aberta na floresta de pinheiros que circundava o lago. Os homens que seguiam em busca do ouro trabalhavam como escravos, cortando árvores e serrando madeira. Os que ficavam por ali ganhavam dinheiro ao construir barcos e balsas para vendê-los a preços exorbitantes.

– Se pagarmos esse preço, ficaremos sem dinheiro antes de chegar a Dawson – Goodman sentenciou, limpando os óculos ansiosamente com o lenço que trazia no bolso da frente.

Os três pararam ao lado dos cavalos de Jack, que carregavam também o peso dos equipamentos de Sloper e Goodman, e ficaram observando a atividade frenética às margens do lago. Havia tábuas de madeiras espalhadas por todos os lados e boa parte do terreno estava coberta por um manto de serragem, como se fosse neve, impregnando o ar com o cheiro de pinheiro.

O barulho de madeira sendo cortada se juntava aos gritos e aos risos dos homens. Árvores e mais árvores tombavam sem parar. Viram um barco novo sendo colocado no lago e, na mesma hora, surgiram vazamentos nele.

– Não vamos pagar por isso – Jack disse.

Sloper coçou a barba e olhou nervoso para Goodman.

– Você não pretende contornar o lago, não é, Jack? Seria melhor voltarmos a Dyea.

– Tenho um objetivo e pretendo alcançá-lo, Merritt – Jack falou, encarando-o com o queixo erguido. – Nunca desisti de nada na vida e não vai ser agora que vou fazê-lo.

Abriu uma bolsa comprida que pendia da cela da égua cinzenta comprada em Dyea. De seu interior retirou um estojo de couro e, de dentro dele, um machado.

– Aliás, acho que vocês não têm prestado atenção às histórias que venho contando. Passei a vida dentro de barcos. Passei tanto tempo em portos e em alto-mar que me chamavam de “Menino marinheiro”. – Pousou o machado num dos ombros e voltou a segurar as rédeas dos cavalos. Em seguida continuou: –

Por que não vão conversar com os homens que têm barcos, os que já estão colocando suas embarcações na água? Arrumem um ou dois machados e uma serra. Vai ser mais barato que um barco. Depois venham me procurar. Vou cortar alguns pinheiros.

Goodman endireitou os óculos, parecendo não enxergar Jack muito bem.

– Está sugerindo que devemos construir nosso próprio barco?

– Você é esperto, Jimmy – Jack respondeu, dando uma piscada.

Sloper havia tirado o casaco e o pendurara no braço. O sol estava quente, pelo menos em comparação com dias anteriores. Demoraria muito até que eles se sentissem aquecidos novamente.

– Se está dizendo que entende de barcos, eu acredito, Jack – o pedreiro afirmou. – E não tenho medo de um trabalhinho desses. Sei que está preocupado com o inverno que vem por aí, mas será que esse atraso não nos custaria caro?

– Não vou mentir para você, Merritt. O trabalho será um pouco complicado – Jack disse. – Mas os construtores de barcos têm uma longa fila de clientes até conseguirem nos atender. Se trabalharmos duro, sem cometer erros, será mais rápido construir o nosso do que esperar nossa vez.

Dito isso, Jack os deixou com suas tarefas e caminhou em direção às árvores levando os cavalos consigo e assobiando alegremente com o machado apoiado no ombro. Tinha bem claro na sua mente o barco que construiriam. E sabia o nome que lhe daria. Um nome feminino:

Yukon Belle.

Primeiro cruzariam o lago, depois o rio Thirty Mile e, se quisessem chegar a Dawson antes do frio intenso, teriam que atravessar as corredeiras White Horse. No entanto, Jack achou melhor não revelar esse detalhe aos companheiros de viagem. Havia histórias de que a maioria dos homens que tentavam fazer a travessia desistia ou morria afogada. Mas não era necessário assustá-los antes da hora.

Afinal de contas, como Jack lhes dissera, ele passara grande parte da vida em barcos e não se assustaria com águas revoltas.

Seria mesmo tão complicado?

CAPÍTULO TRÊS

YUKON BELLE

O *Yukon Belle* demorou quatro dias para ser construído, mas era um bom barco. Jack tinha certeza disso e estava orgulhoso, porém sabia que um grande teste os esperava no lago Lindeman. Sabia também que em pouco tempo teria de contar a Merritt e a Jim o quão traiçoeiras seriam as próximas etapas da viagem.

Os três homens atravessaram o lago de bom humor, alternando-se no remo. Dois remavam ao mesmo tempo, sentados lado a lado na tábua de madeira, enquanto o terceiro integrante da pequena tripulação tentava evitar que uma grande quantidade de água entrasse no barco. Seus pés ficaram molhados rapidamente, mas eles conseguiam manter a água em níveis aceitáveis. Jack instalara várias escoras ao longo do barco, e o equipamento fora amarrado a elas, acima da linha da água que constantemente os molhava. Embora fosse o primeiro barco que construía na vida, Jack era um marinheiro experiente e tinha confiança de que aquele seria o melhor entre os que atravessariam o lago Lindeman naqueles dias.

Deixaram os cavalos para trás, trocando-os por ferramentas e uma boa reserva de comida. Jack ficou com pena de abandoná-los, pois eram animais fortes e algo lhe dizia que sentiriam falta dessa força.

A superfície do lago brilhava por conta de uma fina camada de gelo.

– Estamos nos saindo bem – Merritt disse.

O gelo se partia ao entrar em contato com o barco.

– Por enquanto – Jack rebateu, puxando seu remo e feliz com o ritmo e a força de seus músculos. – Mas não se esqueça de que muito mais gente já passou por aqui.

– Estamos indo bem – Jim falou, lançando baldes de água para fora do barco, as roupas empapadas e a testa suada.

Era a primeira vez que Jack via o professor tão contente.

– Por enquanto, como eu já disse – Jack repetiu. – Mas teremos águas bravias pela frente, meus amigos.

– Corredeiras – Merritt corrigiu. – Já ouvimos falar delas. Vamos ter que seguir por terra então...

– Não – Jack retrucou. – Demoraria muito e seria perigoso. Há penhascos e não conhecemos o terreno. Vocês conhecem esse caminho? Por acaso leram sobre ele?

Os dois se entreolharam e Merritt deu de ombros. Então Jack suspirou e disse:

– As corredeiras White Horse são perigosas. Muitas pessoas tentaram atravessá-las. Algumas delas desapareceram e outras morreram. E não foram poucas as que desistiram.

– Não vamos voltar – Merritt falou, impressionando Jack com sua determinação.

– Você construiu um ótimo barco para a gente, não é? – Jim perguntou. – E conhece as águas, não conhece?

Jack deu uma olhada no *Yukon Belle*. Havia água nos seus pés e Jim tinha parado de encher o balde enquanto conversavam, aumentando rapidamente o nível de água dentro do barco. A proa era pontuda e a popa, quadrada, mas o calado era mais profundo do que ele gostaria que fosse. As tábuas de madeira pregadas e amarradas que formavam o casco começaram a deformar assim que entraram em contato com a água.

– Sim, o barco é ótimo – respondeu, ficando em silêncio por alguns segundos, pensando nos perigos que teriam pela frente.

As águas revoltas formavam uma espuma violenta, serpenteando na base do desfiladeiro. Era algo monstruoso. A terra tremia, o ar era pesado e a água que espirrava tocava a pele de Jack como se fossem os dedos de um fantasma. Ele estava agitado e também sentia medo, uma mistura de sensações que já experimentara antes e que provavelmente voltaria a experimentar de novo. Sua alma exultava diante da aventura que teriam pela frente. Ele tinha certeza de que uma loucura daquelas poderia ser a razão de sua morte.

Havia mais pessoas na beira da água, algumas em grupo, várias outras sozinhas. Elas observavam o magnífico e temeroso rio, e Jack se perguntou há quanto tempo elas estavam paradas ali. Eram homens e mulheres imobilizados diante do que viam. Imaginou aquelas pessoas congeladas, transformando-se lentamente em pedra enquanto as águas seguiam seu curso indiferentes à

passagem do tempo. Talvez o rio mudasse seu curso um dia, atingindo aquelas estátuas humanas – se o vapor de água não tiver acabado com elas antes. E lá estavam elas, de pé, num testemunho tanto de medo quanto de determinação: elas não podiam seguir viagem e se recusavam a voltar.

Jack construía o *Yukon Belle* diante daquelas pessoas e se sentia bem com isso. Notava os olhos de todas elas sobre si. Talvez o considerassem um louco, mas, no fundo, o respeitavam.

– Merritt, tome o remo – ele falou. – Você me disse que atravessou corredeiras no Amazonas.

– É verdade, mas...

– Então você será nosso sentinela – Jack disse, vendo o pavor nos olhos do companheiro mais velho, ciente de que parar naquele momento seria parar para sempre. – Jim, fique com os remos. É hora de remar, mantenha-nos em movimento, não podemos ser vencidos pela água. Ficarei responsável pelo leme, mas antes vamos colocar nossas coisas no nível mais baixo possível.

– Mas vai encharcar tudo – Jim observou.

– É melhor do que manter o peso no alto e deixar que caia em cima de nós.

Os três trabalhavam juntos, e Jack sentia que o medo de seus companheiros aos poucos se transformava em empolgação. Aquela mudança tinha a ver com o fato de eles *fazerem* alguma coisa, em vez de apenas *olharem*, como as pessoas paradas às margens do rio. No entanto, na opinião de Jack, também tinha a ver com camaradagem. Estavam fazendo aquilo juntos e se sentiam parte de uma equipe.

Quando se lançaram à água, as pessoas começaram a gritar conselhos.

– Fique com metade do remo para fora! – alguém berrou, e as mesmas palavras foram repetidas em outro ponto da margem.

Jack ficou pensando em quantas pessoas destemidas aquela gente já vira na vida. E, delas, quantas teriam conseguido vencer as corredeiras do rio Thirty Mile e depois as do Yukon?

No entanto, o melhor a fazer naquele momento era afastar tais ideias da cabeça. O rio os pegara de jeito, os três estavam nas mãos de sua furiosa correnteza e sobreviver era tudo o que importava.

Num primeiro momento a água corria com força e não era interrompida pelas rochas salientes. O *Yukon Belle* seguia seu rumo, com Merritt na frente, dando as orientações com calma, e Jack com a mão no leme, tentando manter o barco em equilíbrio. As paredes dos desfiladeiros se erguiam ao seu redor, as margens

tinham desaparecido e as águas se afunilavam em abismos cada vez mais estreitos.

O rio rugia furioso. Os penhascos passavam em alta velocidade, e Jack ergueu os olhos para ver as sombras das pessoas que os observavam das alturas, embora talvez estivessem apenas contemplando a paisagem. A verdade é que Jack se sentia sozinho com seus companheiros e o rio.

Venceram as primeiras e violentas corredeiras. O barco se inclinava ao sabor das ondas e tremia ao passar raspando em algum pedregulho. Jack sentia os joelhos tremerem e tentava não pensar no que aconteceria caso a embarcação partisse ao meio por causa de uma pedra.

– Esquerda! – Merritt gritou, e Jack tentou levá-los nessa direção. Uma pedra surgiu à direita do barco e o rio jogava suas águas contra o obstáculo com toda a força.

Os olhos de Jim se arregalaram de medo. Seus óculos estavam encharcados. Olhou para Jack, depois para o ponto de onde tinham partido, talvez rezando para nunca mais voltar a pôr os pés naquele barco. Jack sorriu para ele, mas Jim não parecia perceber a expressão do colega.

Jack notou que seu coração batia forte no peito. Concentrado, ele se esquecia de respirar enquanto tentava manter o barco no rumo. O ritmo era mais rápido naquele momento, mas eles pareciam estar numa rota com poucos obstáculos – ou pelo menos era o que ele esperava. Na verdade, Jack sabia que o fundo do barco poderia ser atingido a qualquer momento.

Ele nunca sentira tanto medo na vida e, no entanto, se sentia mais vivo do que nunca. Seu sorriso era amplo o bastante para machucar seu rosto, e ele chegou a gritar de alegria. Durante alguns segundos teve a sensação de sair do próprio corpo e observar a si mesmo de outro plano.

Embora a natureza o afrontasse com sua fúria, a sensação de Jack era que podia comandá-la. Ele não era um brinquedo como Odisseu e, sim, o senhor do rio.

Então ouviu Merritt gritar e ergueu os olhos no exato momento em que o grandalhão agitava os braços e os restos do remo giravam no ar, desaparecendo atrás do barco.

A pedra que surpreendera Merritt e jogara o remo contra o casco do barco parecia rosar enquanto o rio os conduzia correnteza abaixo. Jack segurou na cana do leme, mas eles seguiam pelas corredeiras, com o barco se dirigindo lentamente em direção à parede esquerda do desfiladeiro enquanto as águas pareciam ficar mais calmas.

– Meu Deus! – Jim exclamou, engolindo em seco.

– Puxa, foi por pouco! – Merritt desabafou, sorrindo ao dar uma palmada nas costas de Jack.

– Não é hora de relaxar – Jack falou. – Temos muito mais pela frente.

“E coisas bem piores”, ele pensou, mas dizer isso em voz alta não ajudaria ninguém. Jack ainda não conseguira derrotar o mundo selvagem, mas lutaria até o fim antes de ser derrotado.

Enquanto desciam o rio em direção às próximas corredeiras, eles conseguiam apreciar a paisagem. Era um lugar incrível. As imensas paredes do desfiladeiro apresentavam vários pontos manchados de branco, lugares onde a neve se acumulara. Não havia sinal de vegetação nas partes mais altas, mas em alguns trechos era possível enxergar algumas árvores tombadas em direção ao rio, como se quisessem se atirar no vale. Pássaros voavam no céu cinzento, escutando o barulho do rio. A correnteza era tranquila naquele ponto, mas ainda assim o encontro das águas com as paredes produzia um murmúrio constante que nunca iria se calar.

Jack se sentia em paz, mas ao mesmo tempo sabia que estava em perigo, voltando a perguntar a si mesmo: “Quem é Jack London?”. Por fim, chegou à conclusão de que continuava longe de uma resposta, mas a sensação era de que o rio o aproximava da verdade.

– Este lugar é mal-assombrado – Merritt disse, na proa do barco.

Ele observava o desfiladeiro, depois Jack e, em seguida, olhava adiante, para onde estavam indo. Se fosse um cachorro, Merritt estaria com os pelos eriçados.

– É muito barulhento para ser mal-assombrado – Jim rebateu, limpando os óculos com seu lenço. – E muito frio.

– Volte a colocar as luvas, Jim – Jack pediu. – Precisaremos da força de suas mãos quando chegarmos às próximas corredeiras.

– Eu não tenho remo – Merritt reclamou, chutando a tampa de uma das caixas de comida, o que fez uma das tábuas sair voando. Ele terminou amassando alguns pregos para evitar acidentes, mas não parava de olhar ao redor, como se fosse uma presa assustada com a presença do predador.

Jack também deu uma olhada em volta e, ao ouvir o som das corredeiras cada vez mais perto, foi atingido por uma certeza: “Estou sendo observado”.

Jack não pensou: “Estamos sendo observados”. Aquilo só tinha a ver com ele, que sentia um foco de atenção sobre si mesmo. Quanto mais olhava ao redor, sentindo cada vez mais medo, menos entendia de onde vinha aquela sensação.

Os desfiladeiros pareciam muito altos, e suas paredes, muito distantes. Chegou a olhar para as águas escuras, esperando ver o rosto de homens afogados subindo à tona enquanto navegava o rio rumo à morte.

– Jack, Jim! – Merritt chamou. – Vai começar outra vez!

O rio voltou a ficar agitado, sugando a pequena embarcação e seus ocupantes nas águas revoltas.

Talvez tenha sido a sensação de estar sendo observado – talvez a incômoda impressão de estar observando a si mesmo a distância –, mas a verdade é que cada momento daquela experiência ficou gravado na mente de Jack como uma fotografia: o redemoinho, a Crina do Cavalo e o lobo.

Especialmente o lobo.

Entraram no segundo conjunto de corredeiras, agindo o melhor possível como uma equipe, embora Jack soubesse que ninguém ali estava preparado para enfrentar aquela viagem. Merritt se sentou na proa, guiando-os com seu remo improvisado. Jim remava, completamente encharcado, tentando equilibrar o barco. E Jack estava ajoelhado na popa, debruçado na cana do leme, esforçando-se para manter a embarcação em linha reta. Mas o barco seguia um ritmo próprio em meio às corredeiras, driblando e passando de raspão pelas pedras. Jack notou que o casco estava bastante danificado, mas o fato de manter-se inteiro o deixava orgulhoso.

Ele foi tomado por uma estranha sensação de calma; a calma de um homem que espera seu julgamento.

O barco passou por entre duas pedras grandes, cavalgando as águas que subiam a alturas até então inéditas, para cair com toda a força num redemoinho. “Um redemoinho!”, Jack teve tempo de pensar antes de serem pegos. A embarcação ficou presa na correnteza, sendo sacudida de um lado para o outro, e a água começou a invadir o barco. Jim começou a encher o balde, mas o esforço era inútil.

Se a situação não fosse tão desesperadora, Jack teria caído na gargalhada. Porém, ele se agarrou ao casco do barco, tentando encontrar uma forma de escapar do redemoinho. Ele gritava, mas a água fazia tanto barulho que Jack não conseguia ouvir a própria voz. Estava encharcado e tremendo de frio, mas algo no fundo de seu coração mantinha seu corpo aquecido.

Olhou para a direita, para a esquerda, e então para o topo do desfiladeiro. Sentia que um par de olhos acompanhava seus movimentos. O observador se

escondia em algum lugar.

O barco cambaleou. Durante segundos que pareceram minutos, ele inclinou para um lado, levando Jack a imaginá-los sendo sugados pela correnteza. As caixas e as bolsas teriam o mesmo destino e os empurraria para o fundo do rio, fazendo com que seus corpos batessem contra as pedras. Enquanto lutava com a cana do leme, tentando livrá-los do redemoinho, olhou para Merritt e percebeu que aquele homem enorme tinha algo parecido com ele: aceitava o destino, mas tinha prazer em saber que estava brigando contra ele.

De repente o *Yukon Belle* girou e apontou a proa na direção da correnteza, afastando-se do redemoinho e seguindo em frente. Jack gritou de alegria, ouvindo dessa vez a voz de seus companheiros.

Eles voltaram às suas posições sabendo que o perigo ainda não havia passado. Jack estava exausto, encharcado e quase congelando. Se não fosse pelo esforço de manter o barco na direção, suas roupas estariam congeladas e ele poderia até sofrer queimaduras pelo frio. Mas, em vez de congelar, ele fumegava. Era estranho e ao mesmo tempo animador perceber um vapor saindo do seu corpo. Parecia algo *sobrenatural*.

Então olhou para a direita e para a esquerda, à procura de quem o observava. Pensou muito no que estaria por trás daquela sensação estranha. Por que sua mente alimentava a ideia de que olhos invisíveis o observavam? Então se lembrou de Merritt dizendo que aquele lugar era mal-assombrado e que aquelas águas turbulentas murmuravam coisas que ele jamais entenderia.

Seguiram pelo cânion e se embrenharam numa região inóspita, enfrentando o trecho mais selvagem do rio, chamado de Crina de Cavalo. Naquele ponto, as águas se moviam como cavalos dando coices, levantando o barco, que saltava de onda em onda como se fosse um pedaço de madeira. Jack imaginou o peso que estava sendo arremessado, e este estava além de seus cálculos. Jim arregalou os olhos para Jack com uma expressão próxima da loucura, e a Jack só restava adivinhar o que Jim via. “Devo parecer um louco”, Jack pensou. “Encharcado pelo rio e maltratado pelo barco. Será que o brilho do ouro ainda está nos meus olhos? Ou o meu olhar é de um homem que está sendo vigiado?”

Merritt gritou alguma coisa, mas sua voz foi vencida pelo barulho das águas. Com os olhos arregalados e a boca aberta, ele olhou para Jack, que encarava um ponto à frente de seu amigo, onde alguns metros adiante o curso do rio se afunilava entre duas grandes pedras, tornando-se mais estreito e aumentando a força das águas.

“Apenas navegue sobre a onda!”, pensou Jack, agarrado à cana do leme.

O barco atravessou a Crina do Cavalo ignorando a torrente raivosa que passava por baixo de seu casco. Do lado de cima, aproximando-se de um trecho mais calmo do rio, Jack perdeu o controle. Se no começo tudo estava bem, com ele no comando, como bom construtor de barco e exímio navegador que era, agora a situação era diferente. O barco descia o rio ao sabor da correnteza, vencendo as ondas aos solavancos, batendo com força contra obstáculos. A madeira do barco rangia sem parar, e Jim foi derrubado quando uma tábua tão grande quanto seu braço se soltou do casco, atingindo seu rosto. Por poucos centímetros a madeira não acertou seus olhos.

– Jack! – Merritt gritou, mas seu companheiro não olhou. Estava muito aborrecido consigo mesmo e muito concentrado em tentar controlar o barco.

O rio estava no comando da situação e não demoraria muito até que os três homens e todos os seus pertences fossem parar na água ou numa das margens rochosas. Seria o fim dos aventureiros e, quando um borrifo de água atingiu os olhos de Jack, obrigando-o a piscar várias vezes, ele viu sua mãe. Ela estava sentada à mesa, sorrindo, após terem comido sua última refeição juntos.

“Os espíritos o acompanharão.” Foi a última coisa que a mulher dissera antes de ele ir embora. Aquilo não passava de mais uma tolice espiritual disfarçada de afeto. Mas Jack se lembrava de tudo, e aquelas palavras pareciam ser repetidas num murmúrio pelo rio.

Olhou para o alto. Lá em cima, no topo do desfiladeiro, avistou um lobo. Era o maior lobo que tinha visto na vida e o pelo cinzento estava coberto de manchas marrons e o focinho era menor que o normal. As orelhas se encontravam de pé e apontadas para a frente, e toda a sua atenção parecia focada em Jack.

Apenas em Jack.

– Você...? – murmurou ele, inclinando-se na direção do lobo, o braço direito esticado. Quando seu corpo empurrou a cana do leme, o barco deu um solavanco e voltou à correnteza do rio, seguindo o fluxo em vez de lutar contra ele.

Jack olhou para Merritt e Jim, percebendo que os dois sorriam para ele. Merritt disse alguma coisa sobre as habilidades de Jack como marinheiro, que voltou a olhar para o alto. O animal havia desaparecido e Jack começava a duvidar de si mesmo. O desfiladeiro tinha ficado mais estreito e suas paredes eram muito íngremes. Nos pontos onde havia margens, elas não passavam de faixas estreitas formadas pela força das águas do rio. Pelo que Jack podia ver, dificilmente um animal daquele tamanho conseguiria descer até ali.

Eles então continuaram em frente, atravessando novas corredeiras e seguindo na direção do rio Thirty Mile. Jack já não sentia mais medo daquelas águas. Algo o guiava agora e era impossível ignorar que, ao ver o lobo, ele girara a cana do leme na direção certa.

“Não fui eu”, pensou, embora tentasse sorrir ao ouvir os elogios de Merritt e Jim. “Juro que não fiz nada.”

Quanto mais se afastavam das corredeiras que quase os mataram, mais perdido Jack parecia.



Era o maior lobo que tinha visto na vida.

CAPÍTULO QUATRO

A MORTE DELE

Ao montarem acampamento naquela noite, Jack estava calado e retraído. A imagem do lobo não saía de sua cabeça. Passara muito tempo sentindo-se vigiado, e agora que a sensação havia passado, podia perceber a influência do lobo nas redondezas. Estavam num lugar selvagem e, embora ele soubesse que sua presença poderia afetar o mundo ao seu redor, pensar que o oposto era possível o deixava desconfortável. Numa luta entre o homem e a natureza, ele estava certo, o homem – um sujeito determinado e decidido, assim como ele – sairia vitorioso. Mas essa certeza se dissipara.

Merritt e Jim estavam confiantes e alegres. Sentados ao redor da fogueira, secando suas roupas molhadas, os dois companheiros de Jack contavam piadas e falavam da jornada que estava por vir. Jack concordava quando precisava concordar, arriscando um sorriso algumas vezes, mas sem tirar os olhos do fogo, tentando afastar de sua mente a ideia de que as coisas estavam mudando.

Talvez fosse culpa do frio, já que o inverno parecia cada vez mais próximo. Merritt e Jim ainda duvidavam das palavras do companheiro de viagem – que eles teriam algumas semanas de tempo bom pela frente –, mas Jack percebia que a situação estava mudando.

Encontrariam gelo no rio Thirty Mile quando chegassem ao fim do grande Yukon. E, embora provavelmente não passasse de uma camada fina, a simples possibilidade deixava Jack inquieto. O caminho que precisariam percorrer era longo, e ele sabia muito bem que a aventura poderia ser interrompida caso o rio congelasse.

– Por que está tão carrancudo, Jack? – Merritt perguntou. – Nos saímos bem hoje. Agarramos o touro pelos chifres, certo?

– É, nós domamos o cavalo selvagem! – Jim completou, e os dois começaram a rir.

Aqueciam as mãos nas canecas de metal cheias de café, e o cheiro da bebida

tomava conta do ar. Aliás, cada uma de suas palavras preenchia com entusiasmo aquela atmosfera parada.

– Vocês sabem o motivo... – Jack respondeu, levantando-se e começando a caminhar ao redor da fogueira. – Estou preocupado com o gelo e com o frio que já chegou. Basta olhar para nossas barbas congeladas. Meus pés estão gelados e quase não sinto minhas mãos. Se não chegarmos a Dawson antes da primeira nevasca, poderemos ficar parados no caminho por meses. E não acho que sobreviveríamos sem um abrigo...

– Jack... – Jim começou a falar, mas seu companheiro tinha mais coisas a dizer. Falar fazia com que ele se sentisse melhor. Queria dar voz aos seus medos, ou talvez fosse uma tentativa de se concentrar em outra coisa que não o lobo.

– Onde iríamos dormir caso ficássemos pelo caminho? Não poderíamos acampar... isso seria morte certa. Talvez encontrássemos uma velha cabana... mas o que iríamos comer? Economizando o que temos, nossos suprimentos poderiam chegar até o fim do inverno... mas e depois?

– Você não costuma falar assim, Jack – Merritt disse em voz baixa.

Jack pensou, furioso: “Vocês me conhecem há pouco tempo!”. No entanto, embora fosse o mais jovem ali, com dezessete anos, seus companheiros o enxergavam como líder, e as palavras de Merritt eram sinceras. Jack sabia que enfrentar em conjunto as dificuldades era a melhor maneira de eles continuarem unidos.

Jack suspirou e balançou a cabeça:

– Normalmente não sou assim. Acho que estou cansado.

– Então vamos dormir – Jim falou.

– Isso mesmo. Acordaremos cedo amanhã, pois o rio nos espera! – continuou Merritt. – Nós vamos conseguir, Jack, você vai ver!

Jack sorria ao se virar de costas, mas a expressão desapareceu rapidamente de seu rosto. Deixou a fogueira para trás e entrou na floresta, pisando na fina camada de neve que em breve estaria mais grossa. Precisava se acalmar, mas havia outros motivos para ir até ali. Examinou entre as árvores, respirou o ar puro e fechou os olhos, tentando apreender a coisa que o seguia.

Mas se ela o seguia *de fato*, permanecia distante.

Passaram o dia seguinte no rio, mas, quando voltaram a terra para comer e secar suas roupas ao redor de uma fogueira, Merritt e Jim já não estavam tão confiantes. O rio estava cerca de um quilômetro mais largo em certos pontos.

Quanto mais lutavam contra a correnteza, mais gelo surgia ao seu redor. Pedacos se chocavam uns contra os outros, e o rio ganhava uma nova sonoridade, parecendo o ronco de um gigante adormecido.

Acamparam às margens do rio naquela tarde, mas Jack jurou que, daquele ponto em diante, não voltariam a sair da água até chegarem a Dawson. Pelos seus cálculos, faltavam uns cento e cinquenta quilômetros e as chances de chegarem lá antes que o rio se congelasse completamente...

Talvez tivessem sorte, mas Jim e Merritt também estavam calados, olhando para o fogo e esfregando as mãos nas canecas de café. O gelo tomava conta de suas barbas e cílios, e o frio era tanto que a fogueira parecia não esquentar.

No rio, na manhã seguinte, Jack mal teve de governar o barco.

– Naquela direção! – Merritt gritou, apontando adiante e à esquerda.

Mas Jack enxergava nitidamente o canal e as pontas afiadas das pedras de gelo os guiavam no rumo certo. Ao atingir um bloco de gelo, o barco foi empurrado na direção do fluxo da água. Tudo o que havia ao redor eram pedaços de gelo se partindo e se chocando uns contra os outros. Porém, em determinados pontos, Jack continuava ouvindo o barulho reconfortante da água corrente. No entanto, o som do rio tinha mudado completamente, e ele temia que o momento estivesse se aproximando.

– Chegaremos lá! – Jim falou, remando quando conseguia encontrar espaço entre os pedaços de gelo. Quando não podiam fazer nada, os três homens confiavam no curso da água para seguir em frente.

– Eu sei disso – Jack rebateu. – Só não sei quando!

O gelo tomava conta das margens do rio, ganhando formas estranhas, e as gotas de água que as atingiam também se congelavam. De vez em quando, Jack enxergava algumas árvores, mas a paisagem se resumia praticamente a gelo e água, e no meio do dia começou a cair neve, reduzindo ainda mais seu campo visual.

Jack não voltou a ver o lobo, mas ele já não acreditava que estivesse sozinho naquele lugar vasto e selvagem. Não entendia o que aquela sensação significava e ainda não havia comentado nada com os seus companheiros. Jim, que era professor, certamente diria que aquilo era bobagem, e Jack temia que Merritt o achasse louco.

E talvez Merritt estivesse certo. Desde a partida de Dyea algo lhe dizia que estava sendo esperado... que *esperavam por ele*.

Naquela tarde em que o sol mal surgiu no horizonte, o rio seguia seu curso

mais lento do que nunca. Merritt ficou de pé na proa, afastando pedaços de gelo e procurando pontos em que a água era mais abundante – algo cada vez mais raro. Continuavam em frente, mas o ritmo era lento. Neve caía dentro do barco e Jim a jogava para fora. Pedaços de gelo batiam em toda a extensão do casco e Jack várias vezes ouviu o barulho de madeira se estirando.

O balde não era mais necessário, uma vez que a água que entrara no *Yukon Belle* estava congelada.

– Estamos ficando presos – Merritt disse sem olhar para Jack.

Jim também não ergueu os olhos. Jack não podia culpá-los. Ele respeitava o entusiasmo de ambos e acreditava que sentiria o mesmo caso não tivesse visto o lobo.

Um mau agouro pairava sobre sua cabeça como a espada de Dâmocles.

– Não desistam – Jack ordenou. – Talvez seja apenas um trecho do rio.

Dessa vez Jim ergueu os olhos e Merritt olhou para trás.

Meia hora depois, com um barulho ensurdecedor que fez Jack ranger os dentes, o rio começou a se mover com mais força. O gelo se partia, a água borbulhava e o pequeno barco finalmente encontrava um canal mais ágil por onde seguir.

– Vamos para Dawson, meus amigos! – Jack gritou, agitando o chapéu no ar e voltando a colocá-lo na cabeça ao perceber que suas orelhas ficaram amortecidas.

Embora soubesse que aquilo não passava de uma trégua – não chegariam a Dawson antes do inverno –, Jack sentiu uma onda de confiança percorrer seu corpo. Qual era o problema se tivessem de passar o inverno ali? Aquilo fazia parte da aventura.

À sua esquerda, além das camadas de gelo e neve, notou um ponto escuro na imensidão branca. Ao olhar mais uma vez, o ponto desaparecera.

Escondido.

Um dos afluentes do Yukon se chamava Stewart. Ficava próximo a Ilha Upper e a cerca de cento e dez quilômetros de Dawson. No ponto em que o Stewart se unia ao Yukon, blocos de gelo se amontoavam, formando uma camada tão sólida quanto terra firme.

O tempo deles tinha chegado ao fim. Conseguiram se desviar do gelo antes que o barco se chocasse e depois começaram a difícil batalha para carregá-lo às margens repletas de neve. Não havia refúgio ali e, se o destino os obrigava a construir um, teriam que agir rapidamente, usando a madeira do barco para

começar os trabalhos. O ar estava mais frio do que nunca, e Jack sabia que naquelas condições os dedos de um homem congelariam em poucos minutos. Quando ficasse ainda mais frio, um cuspe congelaria no ar, eles acabariam perdendo os dedos e então morreriam.

O barco estava pesado por causa dos suprimentos e do gelo que os cercara. Mesmo com o esforço de três homens, demorou algum tempo até que conseguissem chegar à margem do rio. Por sorte chegaram a terra firme antes que o gelo os prendesse definitivamente. Ao cair da noite já estavam fora da água. Eles se sentaram perto do barco, acenderam uma fogueira e Jack murmurou uma oração de agradecimento assim que as primeiras chamas se ergueram.

Como em outras ocasiões, ele pensou nos primeiros habitantes da Terra, que precisavam do fogo para se aquecer e se manter seguros, evitando o frio, a escuridão e os predadores da noite. Ele vivera na estrada, dormira em valas e vagões de trens, e muitas vezes passara fome, mas fora isso Jack era parecido com grande parte das pessoas que ele conhecera na vida – acostumado à luz e ao calor, à comida e à água, e tudo estava ali à sua disposição. A vida dos primeiros habitantes do planeta, que viviam em cavernas e dependiam da caça, era algo difícil de imaginar. Havia uma barreira de linguagem e entendimento, além do obstáculo criado pelos avanços da civilização.

Mesmo ali, ajoelhado perto da fogueira, grato pela luz e pelo calor, Jack não conseguia estabelecer uma conexão com seus ancestrais. Ele e os dois companheiros contavam com aquelas chamas para sobreviver, e ao lado deles estava o barco com todo o suprimento de comida e armas, peles e equipamentos de mineração, serras e martelos. Tinham levado a civilização àquele mundo selvagem, mas ainda assim Jack se sentia um estranho ali.

Eles secaram as meias e as botas, aqueceram os pés e as mãos, mas a cada minuto que passava Jack se convencia de que logo teriam que sair dali.

– Poderíamos nos dividir – Jim sugeriu. – Cada um seguiria para um lado e nos encontraríamos aqui em uma hora.

– Isso é loucura – Jack retrucou. – E se você cair e quebrar a perna, Jim? E se o Merritt não aguentar o peso do gelo na barba?

Todos riram, ainda que a preocupação fosse nítida em seus rostos.

– Sinto o mundo selvagem à nossa volta – Merritt disse, olhando para além das chamas da fogueira.

“Será que ele ainda está assustado?”, pensou Jack, mas Merritt não disse mais

nada.

– Vai dar tudo certo – Jack falou. – Nós vivíamos num mundo selvagem, mas nos afastamos de nossas origens primitivas, conquistamos o mundo. Sabemos pensar, meus senhores! E o pensamento é o que nos difere dos outros animais. Também devemos ter paixão e criatividade para domar o mundo selvagem e sobreviver. Mas isso só acontece quando respeitamos os perigos. Vamos deixar o barco aqui, levar apenas o essencial e seguir para Dawson. Pelos meus cálculos, estamos a cem quilômetros de lá e morreríamos antes de completar vinte. Porém, quanto mais perto chegarmos da cidade, maiores serão as chances de encontrarmos algum tipo de abrigo.

– Caçadores – Jim falou. – Caçadores de ouro.

– Existe alguma tribo de índio por aqui? – Merritt perguntou, sorrindo.

– Duvido que alguém conseguiria viver aqui – Jack respondeu. – Além disso, não acredito que eles gostem dos caçadores de ouro. Caberá a nós encontrarmos uma saída. É um desafio, só isso. Estão prontos, meus jovens?

Jack percebeu que Jim ficou chateado ao ouvir a expressão *meus jovens*, mas ele e Merritt bateram palmas e se aproximaram da fogueira, ansiosos por seguirem em frente.

Jack estava atento à escuridão. Se não fosse pelo fogo que iluminava seu rosto e fazia seus olhos brilharem, ele teria sido engolido pelas sombras. A esperança era mantida acesa pelas chamas da fogueira. Naquele mundo selvagem, frio e brutal, os próximos meses poderiam reservar qualquer coisa.



Sinto o mundo selvagem à nossa volta – Merritt disse.

“Você morrerá na neve”, disse a visão de sua mãe, “no frio... Sozinho”.

– Não – jurou ele, erguendo o corpo. – Não, não e não!

Jim e Merritt olharam para Jack, mas ninguém disse nada. Não pareciam assustados com os murmúrios do amigo. Era como se os três avaliassem seus destinos naquela noite.

Finalmente encontraram uma cabana abandonada por mercadores de pele. Ela havia sido construída no sopé de uma montanha íngreme, protegida dos piores ventos. Tinha dois cômodos grandes e, no centro de um deles, havia um velho braseiro. Jack deixara o seu em Dyea e se sentiu grato de encontrar outro ali. Uma hora depois de se acomodarem, o fogo estava aceso. Havia lenha num cômodo atrás da cabana. A madeira estalava nas chamas. A casa logo ficou aquecida e os três tiraram as luvas e os chapéus.

Eles descarregaram todo o material que estava no barco nos dias seguintes. Era necessário fazer uma caminhada de cinco quilômetros pela base da montanha e descer o rio, e após cada viagem tinham que descansar por várias horas. A jornada naqueles rios traiçoeiros os deixara mais cansados do que imaginavam e precisaram de muitos dias até recuperar as energias. A cabana era grande o suficiente para os três. Usavam um dos quartos para guardar os pertences e dormir, e o outro para passar grande parte dos dias, conversando, cozinhando e sonhando com o ouro que encontrariam na primavera.

Embora fosse o mais jovem dos três, Jack percebia que Jim e Merritt o respeitavam. Isso não alimentava seu orgulho, mas sim o seu intelecto. Na verdade, ele enxergava a si mesmo como líder do grupo, e a temporada na cabana confirmava tal fato. Lia passagens longas de seus livros para os outros dois. Jack havia levado obras como *A origem das espécies*, de Darwin, *Paraíso perdido*, de Milton, entre outras, e todas pareciam pertinentes à situação em que eles se encontravam. Jim e Merritt, por sua vez, agradeciam as leituras de Jack e passavam horas discutindo os detalhes mais interessantes de cada uma delas.

– Um homem que ignora Deus... – Jim murmurou após ouvir um trecho do livro de Darwin.

– Você não é fã do senhor Darwin? – Merritt perguntou.

– Fã? – Jim rebateu, sentando-se e demonstrando uma empolgação que Jack não via fazia horas. – Esse homem rejeita séculos de ensinamentos. Ele se afasta de Deus, que o colocou neste mundo e lhe deu um barco, as condições para ser

explorador, o conhecimento para...

– E Deus também não deu a ele inteligência? – Jack continuou. – Uma mente inquieta?

– Claro que deu – Jim respondeu. – Só que Darwin empregou isso da forma incorreta.

Jack curvou-se para a frente, prestes a dizer alguma coisa, mas achou melhor ficar quieto. Em sua opinião, Deus era tão real quanto todas as outras coisas que havia no mundo, conhecidas ou não, e ele não era ignorante a ponto de negar sua existência. Porém, um trabalho tão engenhoso do ponto de vista científico e tão esteticamente belo quanto o de Darwin – com suas teorias extravagantes e desafiadoras – não poderia ser desdenhado. Se Deus tinha dado tal mente a Darwin, era para que a usasse.

– Cadê *seu* livro, então? – Merritt perguntou, em tom de surpresa e raiva.

– Está tudo aqui – Jim respondeu, tocando a têmpora. – E acho que também aqui – continuou, dando tapinhas no peito.

– Se Darwin estava certo, e só os mais evoluídos sobrevivem, eu mesmo cuidarei de seu funeral – Merritt replicou.

Jack se levantou, erguendo as mãos, implorando aos dois que se acalmassem. Rapidamente mudou de assunto e leu mais uma passagem de *Paraíso perdido*, exagerando o tom de voz, tentando quebrar a atmosfera tensa com um pouco de humor. No entanto, o primeiro dos vários momentos de tensão que surgiriam naquele inverno fincou raízes no interior daquela cabana.

O clima piorou. A temperatura caiu e o frio congelava o hálito dos três, fazendo a saliva estalar quando eles cuspiam. Ao acordarem pela manhã, muitas vezes suas barbas estavam congeladas e os cílios, colados, obrigando-os a aquecer os olhos antes de abri-los. A neve caiu durante dias e quando parou, semanas mais tarde, o acúmulo chegava a quase um metro de altura, fazendo com que seus pés afundassem ao caminhar.

Na primeira manhã sem neve, Jack parecia mais determinado do que nunca: queria caçar algo para comer. Ele e Merritt foram ainda mais longe do que costumavam ir, ficando mais tempo fora da cabana, e voltaram depois do meio-dia com um coelho magro. Enquanto Jack limpava o animal, Jim lhe perguntou por que estava tão contente:

– Completo mais um ano neste mundo incrível... – Jack respondeu baixinho. Ele mal podia sentir os dedos, e a faca não parava de escapulir de sua mão.

– É seu aniversário? – Merritt perguntou.

Jack fez que sim, sorrindo.

– Quantos anos? – Jim quis saber.

– Dezoito. Mas sinto como se tivesse oitenta – Jack respondeu, erguendo os olhos do coelho e notando que os companheiros o encaravam. “Qual é o problema?”, ele pensou, voltando a olhar o animal. Jack sabia que ele era o único ali que, mesmo desesperado e convencido de que aquele seria o último inverno de suas vidas, ainda conseguia se maravilhar com o que enxergava à sua volta. Onde os outros dois só enxergavam dificuldades e morte, Jack via beleza.

– Feliz aniversário, Jack – murmurou ele a si mesmo.

Em seguida saiu para caminhar sozinho, ignorando um conselho que ele mesmo dera mais cedo, e seus companheiros não queriam deixar que saísse, mas Jack estava decidido. Carregava sempre um rifle, pronto para atirar no que surgisse à sua frente, ainda que não conseguisse ser rápido o suficiente. Encontrou coelhos e esquilos que fugiram antes que Jack apontasse a arma em sua direção. Ele não tinha saído porque queria caçar, mas porque algo dentro dele o levava a fazer isso. Estava cada vez mais apaixonado por aquele mundo selvagem. O frio fazia seus ossos doerem e deixava seus músculos lentos e pesados, mas Jack sentia um novo tipo de calor ganhando vida dentro de si.

A paisagem era incrível. Ele a enxergava como um grande silêncio branco. Sozinho, parado no meio da neve do lado de fora da cabana, tudo o que ouvia era a própria respiração e as batidas de seu coração. Não havia barulho de vento, o ar parecia imóvel e congelado. A terra dormia sob o grosso manto de neve. Às vezes nevava mais, outras vezes o ar era puríssimo, cristalino. E mesmo que o sol não se levantasse muito no horizonte, o campo de visão de Jack era amplo. Fechando os olhos, exposto na neve, ele sempre sabia onde estava seu observador.

Porque ele continuava por perto. Jack se acostumara à sua presença, embora nunca tenha se sentido confortável com ela. Não voltara a ver o lobo desde o incidente no rio. Porém, naquele ambiente selvagem, sentia uma espécie de eco da terra, algo que o observava como se ele fosse um intruso, não como um igual. Jack se sentia insignificante, inútil. E, para alguém com uma mente tão forte como a dele, a sensação era curiosamente agradável.

Algumas vezes imaginava ser a morte à espreita querendo levá-lo consigo. O final estava ainda mais próximo, disso ele e os seus companheiros tinham certeza. As chances de sobrevivência eram mais remotas a cada dia. E Jack se lembrou do que a visão de sua mãe dissera: “Destruição no norte, um grito de

morte no imenso silêncio branco, e os espíritos serão as testemunhas”. Jack procurava o espírito que o observava, mas morria de medo diante da possibilidade de encará-lo.

No entanto, estava mais satisfeito do que nunca. “Eu pertenço a este lugar”, ele pensava, vendo os dias e os meses passarem. “Já não sou um estranho aqui.” De certa forma era como se após dezoito anos de vida tivesse finalmente encontrado o local onde seu espírito sempre residira, observando-o através daquele lobo ou do que quer que ele representasse. Talvez isso explicasse seu constante desejo de viajar e a eterna sensação de não pertencimento. Sentia-se completo pela primeira vez na vida. Mesmo não sendo nada comparado à grandeza daquele local, gostava dessa sensação.

Ele poderia ser apenas um floco de neve naquela vastidão, mas enfim começava a se conhecer.

CAPÍTULO CINCO

DESPERTAR

No dia em que Jack London morreu pela primeira vez, nevou de uma hora para outra.

Ele saía para mais uma caminhada. Havia se passado quase doze semanas desde que encontraram o abrigo e os três homens já tinham uma rotina. Jim e Merritt caçavam pela manhã enquanto Jack arrumava a cabana. Ele cozinhava o que os companheiros conseguiam encontrar ou, caso não encontrassem nada, preparava comida usando os poucos suprimentos que ainda restavam. Depois ficavam alguns minutos conversando, às vezes tomando café, até que Jack saía para caminhar. Os dois homens raramente perguntavam para onde ele ia ou o que fazia, e Jack também não comentava nada.

Porém, além da rotina, havia a certeza de que os três acabariam mortos. Os suprimentos não durariam muito mais tempo e, se demorassem a encontrar o que comer, logo começariam a perder as forças. Quanto mais fracos ficassem, mais complicado seria caçar. O frio seria mais difícil de suportar. A escuridão os amedrontaria. Jack percebia que os amigos temiam tudo isso e, de uma maneira ou de outra, o assunto sempre surgia em suas conversas.

Jack se esforçava para não pensar em nada disso, até porque o medo aumentava mais a sensação de estar sendo observado. Ele procurava pegadas na neve e apurava os ouvidos em busca de uivos distantes. “Um grito de morte no grande silêncio branco.”

Subiu a montanha. Observava o terreno de cima, a cabana fora de seu ângulo de visão, e passou algum tempo sob uma árvore tombada, olhando para o grande vale do rio e pensando num mundo sem a presença das pessoas. Não era uma cena difícil de ser construída, mas a sensação de solidão o deixou mais inquieto do que podia esperar.

Pensou em Eliza e rezou para que James tivesse chegado bem em casa. Pensou em sua mãe e ficou imaginando se a casa continuava sendo dela.

E então veio a nevasca.

Como se fosse um predador se aproximando da presa, a tempestade chegou sem avisar, tomando conta do vale. Jack percebeu um primeiro floco e olhou para cima, achando que fosse um pequeno animal correndo num galho coberto de neve. No entanto, sentiu mais um floco sobre a bochecha, outro sobre o nariz e, de repente, a neve começou a cair com força.

A princípio Jack não se preocupou. Para voltar à cabana, precisaria apenas descer pelo caminho que subira, portanto não haveria como se perder. Além disso, naquele dia tomara um bom café, seu corpo estava aquecido, digerindo a carne de coelho que comera. Ele carregava um rifle.

Jack notou uma sombra na neve, movendo-se entre as árvores até sumir de vista.

Começou a descer a montanha correndo. A neve caía com mais intensidade, o silêncio era total, não havia vento. Virou-se para trás, mas mal conseguia enxergar sua trilha. Descendo, mas sempre olhando para trás a fim de garantir que nada rolava em sua direção, ele acabou não percebendo um buraco à frente. De repente o chão desapareceu sob seus pés e por alguns segundos ele ficou suspenso no vazio. Não parecia estar caindo, era como se a neve o segurasse no ar. Então aterrissou com a neve amortecendo o impacto. Apesar disso, bateu a cabeça numa pedra.

Ao levantar os olhos, Jack notou uma silhueta cinzenta se curvando e olhando para ele.

Quando recobrou a consciência, ele estava morrendo de frio.

“Você morrerá na neve, no frio... Sozinho.”

“Não!”, tentou dizer, mas seus lábios grudaram um no outro.

Fez força para se mexer, mas os braços não obedeciam aos seus comandos. Olhou para o próprio corpo, enterrado no solo macio. Piscou os olhos para se livrar da neve acumulada nos cílios, que estavam pesados.

“Não!”, tentou dizer novamente. Sua boca abriu e o gelo entrou na garganta.

Sua mãe estava com ele. Ela caminhava no imenso silêncio branco, distante, mas perfeitamente visível, embora a neve continuasse caindo com força. Ela parecia triste, mas seus olhos reprovavam alguma coisa. Quando abriu a boca, Jack percebeu que ela o culparia por tudo.

E o lobo reapareceu. A Morte estava de pé entre Jack e a imagem de sua mãe. O animal rosnou e ela virou o corpo. O lobo desapareceu mais uma vez,

deixando-o sozinho.

Com frio.

Morrendo.

Jack percebeu que seu coração batia com menos força. Era como se o sangue congelasse nas veias, da mesma forma como as águas do poderoso Yukon tinham se transformado numa grande pedra de gelo.

Ele tinha lido que o último sentido a desaparecer numa pessoa à beira da morte é a audição e, quando abriu os olhos, não viu mais nada. Ao respirar, tudo o que sentia era o vazio.

Ao longe, quando parecia não ouvir mais nada, distinguiu o triste uivo de um lobo.

Jack acordou de repente, surgindo numa espécie diferente de silêncio branco, respirando com dificuldade, como se despertasse de um terrível sonho. O peito doía, como se estivesse sob a pressão do punho de um gigante; o peso desapareceu abruptamente. Enquanto tentava recuperar o ar, seus sentidos voltavam à ativa. O cheiro mais forte que sentia era o de sangue, e sua garganta estava cheia dele.

Deixou a cabeça cair para a direita, limpou a garganta e cuspiu.

Sangue. O cheiro e o gosto que sentia não deixavam dúvida. E sob tudo isso estava o cheiro do medo e da morte. Ele não sentia os pés nem as mãos – estava paralisado, prisioneiro de sua carne congelada. Porém, lentamente, notava um calor tomando conta de seu peito. Em alguns pontos atravessava sua roupa.

“Destruído, arrasado, não terei direito sequer a morrer congelado...”

O calor evaporava de seu rosto e de sua garganta e ele tentava virar o pescoço, os pensamentos perdidos e confusos, os olhos arregalados. O sangue que empapava sua língua, que tomava conta de suas narinas, que esquentava seu rosto, pescoço e peito, não era dele. O coração de Jack poderia ter parado – no fundo, era no que ele acreditava, embora não soubesse dizer por quanto tempo nem de que maneira o frio o mantivera vivo –, mas o peso sobre seu peito não era resultado apenas da dor.

Os coelhos estavam destroçados, as entranhas arrancadas para fora do corpo e espalhadas sobre os braços e as pernas de Jack, que estava coberto de sangue e carne. Havia ainda duas corujas, três doninhas e um puma à sua esquerda. Ele foi tomado pelo medo e por um sentimento de nojo. Sentiu a visão ficar escura.

O cheiro era forte e o gosto em sua boca lhe dava vontade de vomitar, mas não

conseguiu, já que não tinha forças para isso. Na constante e imensa tristeza daquele inverno de Yukon, ele ficou observando os animais mortos. Aqueles que foram dilacerados estavam agora congelados sobre ele, o sangue seco cercado de gelo. Tinham sido os primeiros a morrer, mas logo foram substituídos por outros mais frescos. Substituídos *de propósito*. Suas vidas foram roubadas para salvar a vida de Jack, seu sangue o esquentara e – embora a ideia fosse terrível – também o alimentara.

Mais uma vez a escuridão tomou conta de tudo, mas ele não teve coragem de fechar os olhos. Caso não se mexesse, morreria ali mesmo. Jack tinha certeza disso. Ali havia carne, que significava sua sobrevivência. Ganhara uma chance. Tinha uma faca de caça na cintura e uma pederneira. “Levante-se, Jack! Você precisa fazer uma fogueira, caso contrário estará morto.”

Sua mão direita se mexia um pouco. Os dedos continuavam dormentes, mas Jack sentiu um calor na pele congelada. Concentrando-se, tentou erguer a mão. Embora os dedos não respondessem, conseguiu movê-la. No entanto, precisaria mais do que isso para sobreviver e então tentou mover os dedos.

Sentiu uma forte dor percorrendo as mãos em direção ao cotovelo, como se um ferro em brasa tivesse invadido suas veias. Jack gritou, mas o único som que saiu de sua garganta foi um assobio nervoso, uma espécie de som da morte, e isso o assustou. Que morte era aquela para um homem que vivera graças aos próprios punhos e esperteza, que expulsara do coração qualquer traço de medo que um dia sentira? Não, aquele fim não servia para ele. Jack queria conquistar o mundo selvagem e não permitiria que esse mesmo mundo o destruísse.

Ouviu alguma coisa, parecia o galho de uma árvore próxima se mexendo, e ficou paralisado.

– Oi? – ele conseguiu dizer, embora sua voz não passasse de um murmúrio. – Tem alguém aí?

Não houve resposta, mas ele finalmente *sentiu* aquela presença familiar, a força do olhar do lobo. Respirando fundo, deixou que o rosto caísse novamente para o lado. Lá estava ele entre as árvores à sua direita, a cabeça erguida e uma pequena criatura peluda presa à boca. O corpo do lobo estava sujo de sangue. Os olhos brilhavam naquela tarde nublada de inverno.

“Ele não é a morte, mas a vida!”

Jack não conseguia respirar. O animal enorme, que antes parecia observá-lo de um plano espiritual, do coração selvagem do Yukon, agora corria em sua direção, deixando pegadas na neve. Sua mãe havia comentado sobre um espírito

que o acompanharia no momento de sua morte, mas Jack deveria ter escutado o próprio coração. Aquele animal não o observava, e sim o *protegia*. Ele costumava escutar sua mãe falar sobre guias espirituais, e aquele lobo devia ser o seu.

No entanto, o animal cinzento não era apenas uma fantasia de sua imaginação. O lobo se aproximou, largando a pequena criatura morta sobre a neve. Em seguida o destroçou, espirrando sangue sobre o branco do inverno. Terminado o trabalho, mordeu o animal e se aproximou ainda mais. O lobo não tinha medo de Jack, e nem precisava ter, já que Jack estava tão fraco que mal podia se mover ou pensar. O sangue escorria do corpo da criatura morta. Jack tentou desviar o olhar, o estômago gritando de fome e enjoado ao mesmo tempo.

O lobo soltou um uivo baixo, um aviso. Jack ficou paralisado e deixou que o sangue banhasse seus lábios, nariz e garganta, mantendo a boca sempre fechada. Quaisquer que fossem as intenções do lobo, Jack já havia conseguido uma boa dose de energia com o sangue daqueles animais mortos.

Uivou mais uma vez, deixando o corpo do animal morto sob o rosto de Jack num movimento quase petulante. O lobo o farejou como se quisesse sentir seu hálito. Depois pressionou suas bochechas com o focinho, rosnou e então se afastou. Já entre as árvores, parou, virou a cabeça e uivou. O som atingiu o coração de Jack, enchendo-o de dor, decepção e de um desejo até então desconhecido.

O animal olhou mais uma vez para ele, como se quisesse que Jack o acompanhasse, corresse com ele pelos bosques nevados, mas Jack não podia correr. Ele mal conseguia ficar de pé.

O lobo saltou entre as árvores, uivando uma última vez e sumindo na mata fria. Jack ficou atento por uns minutos, mas, quando os uivos se tornaram inaudíveis, sentiu que voltara a mergulhar na escuridão, sem saber se aquele vazio era seu inconsciente ou a própria morte. Ele mal tinha forças para pensar nessas coisas.

Ouviam-se murmúrios na escuridão. Vozes. E como um desses murmúrios era mais parecido com a voz de Merritt Sloper do que com a de São Pedro, Jack imaginou que devia estar vivo. Tentou inutilmente abrir os olhos. Seus lábios estavam entreabertos. Sentia a neve presa em sua barba. Movendo ligeiramente a língua, encontrou o caminho pelo qual seu organismo conseguira furar a máscara de gelo e respirar.

– Ele está respirando. Eu disse que ele estava respirando – uma das vozes

afirmou.

“Jim”, pensou Jack. “Goodman. Jim, um homem bom.” Ele sorria por dentro, mas os músculos de seu rosto não respondiam.

– Sem dúvida ele vai ter ulcerações – Merritt disse. – Caso sobreviva...

– Ele vai sobreviver – Jim retrucou. – Olhe para ele. Alguém quis que ele continuasse vivo. Talvez um homem que viva nas montanhas ou um índio.

– Olhe à sua volta. Está vendo alguma pegada?

– Só pegadas de lobo. Espere... Acha que um lobo pode ter feito isso? Caçado todos esses animais e deixado aqui? Com todo o respeito, Merritt, mas esse comportamento está longe de ser o normal entre os lobos. Não é da natureza deles...

O som de suas vozes despertou Jack. Um dos homens caiu de joelhos ao seu lado e, pouco depois, ao ouvir sua voz, percebeu que era Merritt.

– Nada é muito normal nesta história – o homem grandalhão falou. – Mas agora me ajude, Jim. Precisamos levá-lo de volta à cabana e colocá-lo perto da fogueira. Caso contrário, nem mesmo os anjos poderão salvá-lo.

Jack sentiu a cabeça tombar, mas logo percebeu que Merritt a segurava com uma das mãos, aquecendo suas bochechas com as palmas. O calor fez seu rosto doer, demonstrando que seus sentidos aos poucos voltavam ao normal.

Jack ouvia Merritt assoprando as palmas das mãos antes de repetir o gesto.

– Jim, vamos! – Merritt gritou.

Mas Jim hesitava.

– Isso parece... um massacre. Não sei quem o protegeu, mas não acho que tenham sido anjos.

– Droga, Jim! – Merritt gritou novamente.



O animal cinzento não era apenas uma fantasia de sua imaginação.

Jack piscou os olhos e percebeu que o gelo nos seus cílios estavam derretendo graças ao calor das mãos de Merritt. Tentou dizer alguma coisa. “Vocês parecem duas velhas tagarelas”, foi o que Jack quis falar, mas sua voz não saía. Tudo o que conseguiu fazer foi murmurar algo ininteligível. Mas pelo menos podia ver os companheiros, ainda que sua visão continuasse embaçada.

– Tudo bem – Jim falou –, mas vamos pegar alguns galhos. Precisaremos improvisar uma maca...

– Não seja estúpido – Merritt retrucou. – Ele já passou tempo demais aqui.

O homem enorme limpou o gelo de sua barba ruiva e calçou novamente as luvas. Depois se curvou e começou a tirar a neve de cima de Jack, passando os braços por sob as roupas cobertas de sangue.

– Merritt, ele abriu os olhos! – Jim falou.

Curvando-se sobre Jack, Merritt sorriu, parecendo um jovem Papai Noel.

– Ótimo, é isso aí! Agente firme, jovem senhor London. Em pouco tempo você estará aquecido.

– Ou pelo menos o mais aquecido que se pode ficar num lugar destes – Jim retrucou. Embora suas palavras fossem de resignação, o tom não era nada derrotista. – Não se preocupe, Jack. Você não está sozinho.

“Não”, Jack pensou no momento em que Merritt levantou seu corpo do chão, afastando-o da neve e dos animais mortos, que eram oferendas do lobo à sua vida. “Nem um pouco sozinho.”

Merritt apoiou Jack contra um dos ombros e começou a caminhar. A cada passo que dava, os ossos de Jack pareciam prestes a se quebrar. Sua mente ficou mais lenta e seus pensamentos vacilaram como a chama de uma vela crepitante, até o momento em que se apagaram. As vozes de seus amigos o acompanhavam à escuridão e Jack ouviu um uivo solitário a distância. Mas, talvez fosse apenas o vento.

Depois desse episódio, Jack diria que Merritt e Jim salvaram sua vida ou – quando estava com a alma lírica – que o fogo injetara vida em seu corpo, fazendo-o se sentir como Prometeu ao ser banhado no calor pela primeira vez. Porém, no fundo do coração, sabia que seus amigos teriam chegado tarde demais caso não tivesse recebido o calor e o sangue oferecidos pelo lobo. Jim e Merritt também estavam cientes disso, mas não gostavam de tocar no assunto, mesmo passado um bom tempo desde o acontecimento.

Os dois gostavam do companheiro mais jovem. Não apenas o aqueceram no fogo e o envolveram em roupas secas e mantas, como também massagearam suas extremidades para que o sangue voltasse a circular. Como se fosse fruto de um milagre, a ulceração de Jack lhe custou apenas a ponta de um dedo do pé esquerdo, que Merritt cortou com uma pequena faca.

Algumas perguntas foram feitas, e Jack as respondeu vagamente, entre elas, como caíra e ficara inconsciente. Outras, porém, nunca foram feitas. Merritt e Jim se entreolhavam quando o assunto surgia, como se temessem ir longe demais na conversa.

Após vários dias de recuperação, alimentando-se praticamente com pedaços de carne seca e feijão enlatado, além de uma pequena lebre caçada por Jim perto da cabana, Jack finalmente perguntou:

– Como me encontraram?

Sua voz continuava fraca e seus dentes batiam. Ele sabia que os três sofriam um princípio de escorbuto e ainda tinham metade do inverno pela frente.

Jim sorriu e olhou para Merritt sem saber o que dizer. Seus óculos brilhavam com as chamas da fogueira. Ele os usava apenas no interior da cabana, já que do lado de fora o frio podia colar a haste de metal à sua pele e trincar a lente. Jim não queria correr o risco de perder os únicos óculos que tinha. O outro par havia quebrado durante a viagem no *Umatilla*.

Estavam sentados em cadeiras toscas no quarto da frente, tão perto do braseiro que seus rostos se encontravam vermelhos. Merritt estalou os lábios, gesto conhecido por Jack e que indicava que o pedreiro estava louco por uma dose de uísque, ainda que não houvesse uma única gota da bebida ali. De vez em quando eles derretiam gelo e preparavam chá ou café, consumindo com prudência os pequenos prazeres que lhes restavam. Mas não havia uísque.

– Eu quase o matei, Jack – Jim falou, o olhar perdido em suas memórias. – Se meu rifle não estivesse congelado, ele poderia estar morto.

– Não, você não o mataria – Merritt discordou, balançando a cabeça. – Não aquele.

Jim deu de ombros e se endireitou na cadeira, o rosto cada vez mais carrancudo. A superstição do amigo parecia ofendê-lo. Deu uma olhada em volta como se procurasse alguma coisa. Jack sabia que ele procurava sua Bíblia, mas o livro devia estar no outro cômodo, ao lado da cama, onde sempre o deixava para que estivesse à mão, pronto para socorrê-lo.

– Não seja bobo. Um lobo é apenas um lobo – Jim falou, tentando manter o

tom amigável.

– Aquele não... – Merritt rebateu com uma voz sombria, um brilho de desafio nos olhos. Jim não disse nada, então olhou para Jack. – O lobo estava sentado lá fora, escondido entre as árvores, olhando para a cabana. Exatamente como minha mãe fazia quando eu me atrasava para o jantar. Ele queria nossa atenção.

– Até aí eu concordo – Jim falou, balançando a cabeça num gesto positivo.

– Finalmente decidimos ver o que ele queria – Merritt continuou. – Peguei o rifle e fomos até onde o lobo estava. Porém, quando chegamos, ele havia desaparecido...

– Ele tinha sumido na floresta – Jim completou.

Merritt desviou o olhar, como se houvesse mais coisas a serem ditas.

– Vocês o seguiram? – Jack perguntou.

Seus dedos continuavam duros e doloridos, e seus pés pareciam dois pedaços de carne congelada. O frio o castigara. Por mais que permanecesse ao lado do fogo, a sensação era de que seu corpo jamais ficaria aquecido.

– Sim, fomos atrás dele – Jim respondeu.

– Não – Merritt corrigiu, deixando escapar um murmúrio de tristeza ao olhar para Jack. – Quando falei que o lobo havia desaparecido, quis dizer que não encontramos nenhuma pegada, nenhum sinal dele. Era como se...

Merritt então se calou.

Jim não olhava para os companheiros, limitando-se a limpar os óculos com a manga da camisa.

– E como vocês me encontraram? – Jack perguntou, aproximando-se do braseiro e encarando os olhos dourados e verdes de Merritt.

– Por causa de uma sombra na floresta. Só por isso – o homem grandalhão respondeu. – Jim vai dizer que era a sombra do lobo, mas eu não vi nada além do par de olhos e da sombra. Ela seguia à nossa frente, parando quando ficávamos para trás. Em pouco tempo chegamos até você. Quando vimos o sangue, os coelhos destroçados, imaginamos que tivesse sido atacado por um urso, Jack.

– Tinha acabado de nevar – Jim falou, levantando-se e batendo a poeira da calça. – A trilha estava coberta de neve, mas o lobo nos levou até você. – Ele então deu as costas e saiu do quarto.

Jack e Merritt se entreolharam, mas não disseram nada. Não estavam com vontade de falar.

As semanas passaram e o resgate de Jack parecia significar um ponto de virada

na vida dos três homens. Os suprimentos estavam quase no fim, mas as caçadas eram cada vez mais produtivas. Às vezes, quando ficavam dias sem comer carne fresca, um deles acabava encontrando um coelho ou esquilo ferido perto da cabana, animais que deixavam rastro de sangue na neve como se tivessem escapado de quem os ferira.

Quando Jack começou a se sentir melhor e o frio não parecia mais torcer seus ossos, voltou a caminhar todos os dias. Agora, no entanto, ele não ficava vagando na tentativa de encontrar seu observador. Para deixá-lo confuso, numa mistura de alívio e tristeza, a sensação de estar sendo observado diminuía bastante, tornando-se uma vaga lembrança em sua mente. Se o lobo – criatura que ele imaginava ser seu guia espiritual – continuava ao seu lado, ele não aparecia nem se deixava entrever. De tempos, em tempos Jack ouvia uivos distantes, mas não os reconhecia. Eram lobos tentando sobreviver na imensidão branca, assim como Jack, Merritt e Jim.

Às vezes ele subia ao local onde seus amigos o encontraram – o ponto coberto de neve onde caíra e achara que estivesse morto. Porém, não havia qualquer rastro daquele incidente. Uma nova camada de neve havia limpado as manchas de sangue. Embora tenha procurado o coelho ou qualquer um dos outros bichos mortos, não encontrou nada, nem sequer um osso. Merritt e Jim eram supersticiosos demais para comer a carne daqueles animais, portanto Jack não acreditava que pudessem tê-los tirado dali. Contudo, o lugar parecia intocado e, de certa forma, limpo. Se os amigos não o tivessem encontrado ou visto os animais mortos, Jack acharia que aquela história não passava de fruto de sua imaginação, um delírio causado pelo frio extremo.

Depois de alguns meses desde o incidente, a rotina de Jack deixara de ser dedicada apenas a exercícios. Ele trabalhou o corpo para que recuperasse os movimentos, embora o três enfraquecessem à medida que os suprimentos acabavam. Naquele dia, que pelos seus cálculos seria primeiro de abril, sentia os dentes moles, resultado do escorbuto. Não tinham espelhos na cabana, o que Jack agradecia, pois não queria ver o reflexo de seu rosto se os seus traços estivessem tão extenuados e suas gengivas tão escuras quanto às de seus parceiros.

A primavera não devia estar distante, embora o silêncio branco continuasse e a neve e o gelo o impedissem de imaginar a terra florescendo, o sol brilhando e os rios correndo novamente. As últimas semanas levaram visitantes à cabana, homens atraídos pela fumaça e que queriam continuar suas viagens naquele

momento em que o acúmulo de neve era menor e seus suprimentos pesavam menos. Comerciantes, caçadores de ouro e até índios visitaram os três, desesperados para comer alimentos que não viam fazer tempo. O melhor que Jack e seus amigos podiam oferecer era um copo de chá fraco e boa conversa, o que, surpreendentemente, sempre agradava. Os veteranos do Yukon, da febre do ouro e da vida selvagem, chegavam com muitas histórias para contar e, quando Jack lhes falava sobre suas aventuras como pescador ilegal de ostras e andarilho, os visitantes retribuía à altura. Jack dava àquelas histórias o mesmo valor que um avaro dispensaria a uma moeda de um centavo: ele as guardava em sua mente para examiná-las mais tarde.

Histórias estavam no sangue de Jack London. Os relatos de aventuras o saciavam quando os outros alimentos eram, na melhor das hipóteses, escassos. Agora, ele era protagonista de uma ótima história e seu grande desejo era sobreviver para esperar a próxima.

Naquela manhã, tais eram os pensamentos que passavam pela sua mente ao tomar o caminho de volta à cabana. O dia era cada vez mais longo, e Jack se sentia revigorado sempre que o sol aparecia no céu. Ao se aproximar de uma curva no caminho e avistar a cabana, ouviu Merritt gritar:

– Jack! Jack, cadê você?

A animação em seu tom de voz era nítida e contagiosa. Algo muito bom havia acontecido, e Jack só conseguia pensar em uma coisa. Por isso apertou o passo, tropeçando na trilha.

– Merritt? – gritou ele, já mais próximo da cabana. Deu uma olhada em volta, mas não viu ninguém. – Merritt, você está aí?

A porta da cabana se abriu e Jim Goodman saiu enrolado numa das peles que tinham curtido durante o inverno.

– Por que essa gritaria? – Jim perguntou, enquanto Jack se aproximava dele.

– Escutei Merritt chamando, mas...

– Estou aqui! – Merritt disse, e os dois se viraram para ver o colega sair de trás da cabana. O inverno tinha sido difícil para todos, mas Merritt continuava forte mesmo tendo perdido muito peso e abriu um sorriso no rosto, dizendo: – Vamos tomar um último gole de café, aquele que estávamos guardando para festejar.

O rio? – Jack perguntou, agarrando os ombros de Merritt.

Fazia várias semanas que eles visitavam o rio, cheios de esperança.

– O gelo está derretendo – Merritt respondeu, balançando a cabeça num gesto positivo. – Você precisa escutar! Parece que o mundo está se partindo ao meio.

Também vi uns trechos de água corrente.

Jack gritou com força, abraçou o amigo e em seguida correu em direção à cabana, dizendo:

– Arrumem suas coisas, meus amigos! Estamos partindo para Dawson!

Mas Jim ficou parado na porta. Num primeiro momento Jack pensou que algo terrível havia acontecido com ele – um ataque de loucura ou uma doença. Mas depois ouviu a respiração suave do companheiro, seguida de uma reza murmurada em voz baixa.

– Está tudo bem, Jim – Jack falou, pousando uma das mãos em seu ombro. – Vamos conseguir, assim como fomos capazes de chegar até aqui.

Só então Jim encarou os amigos. Só então ele sorriu e começou a gargalhar, e pouco depois os três gargalhavam e gritavam de alegria.

Merritt deu um tapinha nas costas de Jack, dizendo:

– Vá em frente, garoto. Prepare o café. Nós merecemos!

Jack fez a bebida e nem se importou com fato de Merritt tê-lo chamado de “garoto”. Nunca tinham tomado um café tão saboroso.

Os três dias seguintes foram dos mais longos da vida de Jack. Com a neve começando a derreter e o sol dando as caras, ele foi tomado por uma sensação de renascimento – renascimento de vida e de propósito. O mundo parecia despertar para Jack enquanto o inverno ia embora, levando consigo a aura de misticismo que cobria a terra de branco. As superstições conflitantes de Merritt e Jim se dispersaram como nevoeiro.

As árvores pingavam a neve derretida, que brilhava como diamante sob o sol da manhã. Os dias estavam mais longos e Jack passava longas horas junto ao rio.

Ele mantinha uma distância da margem, pois o degelo deixava as águas revoltas. Como se as engrenagens do mundo voltassem à vida, o Yukon corria com força sob os restos de gelo da superfície. No terceiro dia de vigilância, o rio parecia praticamente recuperado e a correnteza era visível.

– É bonito de ver – Jim Goodman murmurou.

Jack não escutou a aproximação do amigo. Estava tão concentrado na paisagem que seria incapaz de desviar os olhos do rio. O gelo se partia e seus pedaços se chocavam uns contra os outros ao descer a correnteza. O rio rugia e a terra despertava.

– É bonito, sim.

Os dois estavam de pé fazia quase uma hora quando Merritt se aproximou e os

três ficaram observando o espetáculo, absortos. O rio era tão poderoso que enormes blocos de gelo, tingidos de branco e azul, brilhantes, eram arrastados em direção às margens nevadas para então escorregarem novamente de volta às águas e se misturarem a elas.

Jack percebeu algo escuro entre o gelo. Erguendo uma das mãos para proteger os olhos da luz do sol, viu que era o pedaço de uma pequena embarcação. Um grupo de caçadores de ouro devia ter ficado preso por conta do inverno, assim como eles, mas provavelmente não tiveram tempo de tirar o barco da água antes de ela congelar.

Franziu os olhos, tentando ver o que era uma segunda mancha escura que se aproximava da primeira. Grandes blocos de gelo se chocavam, rompendo-se e abrindo espaço para que outras coisas viessem à tona. Por um instante, Jack imaginou estar vendo os restos de uma árvore. Mas logo percebeu dedos pálidos, um braço branco como o mármore, e chegou à conclusão de que os tripulantes daquele barco não deviam ter conseguido escapar do rio. O inverno os preservara, mas a primavera havia chegado e o rio os levaria embora.

Jack olhou para Merritt e Jim. Os dois sorriam e tentavam conversar por cima do barulho do gelo que se partia. Não viram o corpo e Jack não teve coragem de lhes mostrar. A primavera havia chegado, mas não para todos.

– Vamos, meus amigos! – Jack falou. – Vamos arrumar nossas coisas. Em poucos dias o *Yukon Belle* estará de volta a essas águas. Dawson, aí vamos nós!

A quilômetros dali, rio acima, eles viam a fumaça que saía das chaminés de Dawson. Jim retirava água do barco ao mesmo tempo que Merritt evitava que os suprimentos ficassem encharcados, principalmente as peles que usaram para se aquecer no inverno. Caso molhassem, elas começariam a feder e se tornariam pesadas para carregar. O melhor seria vesti-las, mas a primavera havia chegado e seus casacos pesados e gorros eram suficientes.

Com uma das mãos na cana do leme, Jack mantinha a embarcação longe dos obstáculos. Graças à correnteza e às águas cada vez mais caudalosas do Yukon, eles não precisavam remar. O rio os carregava como se estivessem na crista de uma onda, e Jack podia guiar o *Yukon Belle* sentado na popa, a cabeça erguida e respirando o ar frio, que para ele tinha cheiro de vitória. Ainda não havia domado o mundo selvagem, não era um conquistador, mas sobrevivera e se transformara num mestre.

Quando contornaram uma curva do rio e avistaram a cidade de Dawson, Jack

riu alto. Merritt deu um tapa nas costas de Jim que quase derrubou o professor magricela do barco.

Não havia muita coisa em Dawson. Após visitar Dyea, Jack esperava mais daquele lugar tão sonhado, que na realidade não passava de algumas tendas montadas às margens do rio, vários blocos de construções decadentes de um ou dois andares, ruas lamacentas e sarjetas repletas de lixo. Dawson parecia mais suja e menos imponente que Dyea, embora fosse uma cidade maior. Jack olhou para o cais parcialmente destruído e seus amigos mergulharam os remos na água, ajudando a guiar o barco. Nesse momento, ele começou a entender.

Dawson não era bem uma cidade. Ela talvez abrigasse tabernas, salões de jogos, bordéis, uma redação de jornal, consultórios de dentistas e outros sinais de civilização. Havia edifícios e calçadas de madeira, além de bancos recheados de dinheiro, mas eram subprodutos da realidade de Dawson. A fumaça se erguia na brisa gelada, o sol banhava a cidade, cães puxavam trenós cheios de mercadorias e uma multidão de pessoas perambulava pela rua, todos a caminho do ouro, rezando por ouro, implorando por ouro, vendendo seus corpos e almas por ouro.

Dawson não era uma cidade. Era uma mina, dura, cinzenta e viva graças à inveja, à cobiça e... à esperança. Sim, também à esperança. “Este é um lugar selvagem”, pensou Jack. Sonhos podiam ser construídos ou destruídos ali, dependendo apenas do destino e da coragem de cada um. “Mas os homens corajosos constroem o próprio destino.”

Com esse pensamento ecoando em sua mente, Jack levantou a cana do leme da água, pegou uma corda e amarrou-a no cais. Merritt e Jim remavam contra a correnteza enquanto ele prendia o *Yukon Belle*.

– Rápido, garotos – Merritt falou, atirando as peles no cais. – Peguem suas coisas e abandonem o barco. O *Belle* está afundando.

Sim, era verdade. Jim tinha parado de jogar água para fora a fim de remar, e a água já tomava conta do barco. Sem ninguém para esvaziá-la, em poucos minutos a embarcação estaria no fundo do rio. Jack não se importava. O *Yukon Belle* tinha feito seu trabalho.

– Ele nos trouxe até aqui – Jack disse a Merritt, descarregando uma caixa pesada. – Isso é o que importa. De agora em diante será por nossa conta.

CAPÍTULO SEIS

A CIDADE DA ESPERANÇA E DA COBIÇA

Vista a distância, a cidade de Dawson tinha um aspecto sombrio. Ao chegar mais perto – caminhando pelas ruas e sentindo o cheiro que impregnava o ar –, Jack percebeu que a situação era ainda pior. Aquele era um lugar selvagem disfarçado de civilização.

Assim como as construções grosseiras que se alinhavam nas ruas, escondidas atrás de fachadas extravagantes e coloridas, a realidade de Dawson era dura e triste. “Este lugar nunca deveria ter existido”, pensou Jack, notando que seu entusiasmo diminuía ao caminhar pela cidade.

Deixando Jim na margem do rio cuidando dos pertences do grupo, Jack e Merritt continuaram em frente, pois queriam encontrar acomodação barata e um lugar onde guardar suas coisas. Jack foi surpreendido pelos cheiros: esgoto, comida podre e fezes de animais. Misturado a isso, ele sentia os aromas de comida sendo preparada e bebidas sendo servidas, o que fazia sua boca salivar.

Passaram por uma placa caindo aos pedaços em que se lia Front Street, e diante deles estavam os primeiros resultados da corrida do ouro de Yukon. Construções grosseiras em ambos os lados da rua com calçadas de madeira tinham fachadas que tentavam dissimular sua real natureza. Tabernas, lojas de roupa, um consultório de dentista, bazares, mercearias, hotéis, uma lavanderia – uma cidade completamente nova construída naquele local selvagem, tendo o rio como sua principal fonte de sustento. Embora Jack esperasse encontrar movimento e agitação, muitas pessoas pareciam envoltas numa estranha e preocupante letargia, que tomava conta da cidade como se fosse uma praga. Alguns dos homens e mulheres que caminhavam pela rua tinham expressão confusa, os rostos abatidos, os olhares vazios.



Dawson não era uma cidade. Era uma mina, dura, cinzenta e viva graças à inveja, à cobiça.

– O que há de errado com essa gente? – Merritt murmurou, e Jack notou que o companheiro ficara preocupado ao ver aquele cenário.

– Não sei – Jack respondeu. – Vamos perguntar a eles.

– Mas...

Merritt tentou agarrá-lo, mas Jack caminhava rápido.

– Meu amigo – Jack disse, segurando o braço de um pedestre que era mais alto que ele. A cabeça calva deixava à mostra uma pele amarelada, e o farto bigode, cujas pontas chegavam à altura do pescoço, escondia sua boca. – Qual é o problema de Dawson?

Era uma pergunta estranha, mas Jack não sabia perguntar de outra forma.

– Dawson? – o homem repetiu, com um sotaque que não deixava dúvidas de que ele tinha vindo de Nova York. – Dawson é uma cidade fantasma.

– Não me parece uma cidade fantasma! – Jack retrucou, tentando demonstrar empolgação.

O homem olhou para Jack, depois para Merritt e de volta para Jack, antes de perguntar:

– Vocês acabaram de chegar? Estiveram perdidos por aí, no inverno, certo?

– Certo – Merritt respondeu.

– E vieram buscar o que é de vocês, seu ouro, certo?

Jack fez que sim. Havia uma ponta de deboche na voz daquele homem, e Jack não gostava nada disso.

O sujeito suspirou, como se manter aquela atitude debochada exigisse esforço exagerado. Seus olhos, sem vida e pálidos, também pareciam suspirar.

– Estou aqui há quase seis meses – o homem continuou. – Achei melhor não seguir em frente. Segundo ouvi dos que continuaram, parece tarefa inútil. Ouro? Tem algum, sim. Mas acho que não vale o esforço. Por isso Dawson acaba sendo o ponto final dos fracos. Os fortes, por sua vez, voltam para suas casas.

– Não chegamos aqui para dar meia-volta – Jack disse, sentindo raiva. – Não passamos por tudo...

– Acham que sofreram muito? – o homem perguntou, baixando o tom de voz e se aproximando dos dois. – Vocês não sabem o que vão encontrar por aqui ou mais à frente. Ouvi *histórias*...

– Escute uma coisa – Jack falou, dando um passo à frente. Ele sentia sua raiva crescer, assim como a tensão em seus punhos. Algumas cabeças tinham virado

em sua direção. No entanto, ninguém parecia assustado nem interessado, e Jack ficou imaginando a quantidade de brigas que aquelas pessoas presenciavam todos os dias nas ruas de Dawson.

– Jack, esqueça isso – Merritt disse, agarrando seu braço.

– É – Jack falou, olhando para Merritt e fazendo que sim, como quem diz que está tudo bem, mas a expressão de Merritt demonstrava outra coisa. Ele provavelmente enxergava em Jack algo que nunca tinha visto antes.

O homem foi embora, atravessando a rua coberta de lama. Não olhou para trás, e sim para os pés, como se fizesse esforço para não ver mais nada.

– Primeiro precisamos encontrar um lugar para nos hospedar – Merritt disse. – Depois vamos guardar nossas coisas e descansar. Vamos tentar comprar frutas e vegetais, pois precisamos ter cuidado com o escorbuto. O que acha?

– Acho ótimo – Jack respondeu. No entanto, a imagem daquele homem apático não saía de sua cabeça, e ele jurou a si mesmo que não ficaria em Dawson além do tempo necessário.

Os dois seguiram em frente, observando homens e mulheres conduzindo cães e cavalos no meio da lama. Passaram na porta de uma taberna e ouviram uma animação vinda de seu interior, deixando Jack mais animado do que deveria. “Parece que ainda há pessoas de bom humor por aqui”, ele pensou, examinando os rostos que passavam pela rua, semelhantes a fantasmas. Leu o nome do estabelecimento pintado na fachada: Taberna Dawson. Achou o nome pouco original. Assim como a Front Street, a rua que passava em frente do rio, e o Mercado e Loja de Roupas Dawson, aparentemente as pessoas deixavam a criatividade para trás ao chegar à cidade. Os nomes que escolhiam eram meramente funcionais. De qualquer maneira, Jack decidiu que mais tarde visitaria a Taberna Dawson. Seria bom tomar um drinque e, no rosto de Merritt – em seus olhos arregalados e na língua que umedecia os lábios –, estava estampada a mesma ideia.

Viram uma loja que parecia interessante, com a seguinte placa na fachada: compro ouro em pó. Pagamento em dinheiro. Merritt sorriu e Jack retribuiu o gesto.

– Em pouco tempo vamos fazer negócios por aqui – Merritt disse, e Jack concordou, olhando para a janela empoeirada da loja. Um homem baixo estava sentado atrás de uma mesa numa sala pequena, os óculos pendurados no nariz. À sua frente havia duas balanças e alguns pesos. Com a loja vazia, o sujeito parecia prestes a dormir. A impressão era de que poucos negócios eram feitos por ali.

– Jack! – Merritt gritou, mais à frente. Apontava para o outro lado da rua, para o Hotel Yukon. Jack sorriu. O nome não era muito inspirador, mas a ideia de uma cama, de um banho quente e de um prato de comida o deixou animado.

– Vamos! – Jack falou. – Alugaremos uns quartos e depois iremos ajudar Jim a trazer tudo para cá.

– Mas como? – Merritt perguntou.

– Olhe ao seu redor! Não está vendo os cães puxando os trenós?

– Mas vamos ter que comprar esses cães! – Merritt disse em voz baixa.

– Vamos! Sei que não estamos bem, mas ainda temos *muita* força de vontade! Não somos parecidos com aquele maldito filho da mãe.

Jack apontou para a direção de onde tinham vindo, mas sabia que seu amigo estava certo e pensara a mesma coisa poucos minutos antes. Não tinham como carregar os equipamentos até o hotel, além de contarem com pouquíssimo dinheiro. Precisariam trabalhar para alguém ou encontrar uma maneira de conseguir cachorros e trenós para seguir viagem.

“Esse é um problema para amanhã”, pensou Jack. “Agora...”

– Me larga!

O grito veio do beco entre o Hotel Yukon e o prédio vizinho, cuja fachada orgulhosamente anunciava: única barbearia e lavanderia em dawson.

– Devolva o cachorro e poderá ir embora.

– O cachorro é *meu*. *Eu* o encontrei, *eu*...

– Encontrou, né?

Jack correu e percebeu que Merritt vinha em seu encalço.

– Não temos nada a ver com isso, Jack – Merritt avisou.

Embora soubesse que o amigo estava certo, algo naquela cidade deixava Jack irritado. Devia ser a estranha indiferença de alguns de seus habitantes, as palavras cínicas nas fachadas de várias construções, a sujeira nas ruas, a pouca preocupação com a ordem. Porém, acima de tudo, havia uma forte sensação de derrota no ar. Ele estava acostumado a lugares e situações inóspitos – o cais de São Francisco, os meses passados na estrada, as quatro terríveis semanas na cadeia –, mas as atmosferas desses locais eram as pessoas que criavam. Ali, era a própria cidade que parecia perigosa. Por um rápido instante, ele pensou em como eram aquelas terras antes da chegada dos primeiros desbravadores.

E ele se perguntou o que a natureza devia achar daquela invasão.

– Ei! – Jack gritou. – Deixe esse menino em paz!

Na verdade, o garoto devia ser apenas um ou dois anos mais novo que Jack,

mas parecia uma criança.

– Suma daqui! Você não tem nada a ver com isso! – um dos homens falou.

Dois sujeitos cercavam o garoto. O que berrou era alto, forte e tinha uma barba escura e espessa que cobria metade do rosto. Os olhos eram duros, a pele pálida e ele vestia um casaco cinza comprido entreaberto, revelando duas pistolas presas na cintura. O outro homem era mais baixo e magro, e o sorriso que abriu fez Jack sentir um calafrio. Aquele sujeito não parecia um ser humano. Com os cabelos curtos, o bigode bem aparado e o chapéu de aba larga, ele parecia tão inexpressivo quanto o lugar onde vivia, e Jack percebeu uma brutalidade assustadora em seu rosto.

“Pena que deixamos nossas armas com Jim”, pensou Jack, antes de dizer:

– E por que está batendo nesse menino?

– Mas nós nem começamos a bater nele. Só estamos nos aquecendo – o homem mais baixo respondeu, num tom de voz tão cortante quanto uma faca que atravessa um bloco de gelo.

– Eles querem pegar meu cachorro! – o menino gritou. – Meu Dutch. Eu o encontrei e o alimentei. Ele é *meu* amigo!

Jack concordou com um gesto de cabeça, mas não disse nada.

– Jack – Merritt murmurou. – Eles estão armados.

O sujeito mais baixo sorriu. Ele ouvira o que Merritt disse e fez questão de abrir o casaco para revelar o revólver na cintura.

Jack sorriu, pegando todos de surpresa – inclusive ele mesmo –, e o homem mais alto levou a mão às duas pistolas.

Jack notou que a respiração de Merritt estava pesada.

– Deixem esse menino em paz – Jack falou, num tom de voz tranquilo. – Qual é o problema? Para que ficar com o cachorro dele se existem uns trezentos iguais em Dawson? Vieram atrás do ouro e esqueceram o bom senso em casa?

O sujeito mais baixo continuava sorrindo, mas seus olhos pareciam dizer outra coisa. “Esse homem já viu muita coisa na vida”, pensou Jack, “e não foi na trilha de Yukon”. Quantos homens ele tinha visto morrer? Quantos havia matado?

– Archie... – o homem disse.

– Caso queira se dar bem – disse o sujeito mais alto e barbado que se chamava Archie, vindo rápido na direção de Jack –, dê o fora daqui...

Jack então chutou o homem no meio da pernas. Foi um golpe ágil e preciso. Archie inclinou o corpo para a frente, gritando, e Jack aproveitou para acertar sua canela direita. O homem gritou e cambaleou para trás, mas Jack sabia que

tinha começado algo que agora precisava terminar. Ele já participara de muitas brigas em portos e sabia que, uma vez iniciadas, elas não terminavam até que um dos valentões ficasse no chão, o que ainda não havia acontecido ali. Olhando para o sujeito mais baixo e achando que por enquanto ele não sacaria sua arma, Jack atingiu Archie com os punhos.

Era como socar um pedaço de carne. Sob as várias camadas de roupa havia um homem enorme, e Jack ficou imaginando como alguém naquele lugar podia ostentar tamanha corpulência. Ele devia ser um bom caçador ou um bom ladrão. Mas Jack não lhe deu oportunidade para se recuperar do primeiro ataque. No momento em que Archie se preparava para revidar, Jack o atingiu no peito, jogando-o contra a parede lateral do hotel. A madeira estalou e Archie ainda conseguiu acertar o queixo de Jack.

A dor era intensa, mas Jack continuou de pé. Ele chutava e movia o corpo, atingindo o adversário com os punhos. Ao notar que as mãos de Archie buscavam sua garganta, Jack baixou o rosto e o mordeu, sentindo o gosto azedo de sangue na boca.

O cachorro não parava de latir. Jack deu o chute final, fazendo com que Archie caísse no chão e ouvindo o familiar barulho de metal contra couro.

– Jack, abaixe! – Merritt gritou, e Jack se jogou no chão.

Alguém riu e ele ergueu os olhos. O sujeito mais baixo segurava sua arma numa das mãos enquanto mantinha a outra na cintura, gargalhando.

Archie gemia.

Jack lentamente se levantou, passando as mãos na calça para limpar o sangue.

– Vai atirar em mim? – ele perguntou ao homem.

– Ah, não! – o sujeito respondeu. – Em você, não. Você está faminto, mas é forte, Jack. É esse seu nome, não é? Não atiro em quem pode ser útil para mim – falou, dando uma olhada no menino magricela e gargalhando novamente. – Mas essa porcaria de cachorro, no entanto...

E ergueu a arma, pressionando-a contra o pescoço do garoto.

Jack sabia que não tinha chance. Estava a quase dois metros do homem, distância suficiente para que o sujeito apertasse o gatilho antes de Jack conseguir impedi-lo. Mas admitir as dificuldades nunca fora uma barreira para ele. E Jack sabia que não tinha escolha.

Ao pular na direção do homem mais baixo – que estava prestes a matar o menino – ouviu um barulho e a arma disparou.

O garoto se jogou no chão e a bala acabou acertando a parede do hotel. O

cachorro latiu e cravou os dentes no braço do homem, que sentira o coice da arma e caíra no chão, soltando o revólver.

E lá estava Jack, em meio a circunstâncias que acabaram deixando os dois homens e o cachorro no chão. Dutch recuou, os dentes cheios de sangue, mas o animal nitidamente sabia quem era o inimigo ali. Não tirava os olhos do homem mais baixo, observando Jack golpeá-lo várias vezes no nariz e no queixo. Quando o sujeito ergueu a mão esquerda para reagir, Jack torceu seu braço direito. O homem rangia os dentes, como se inconscientemente imitasse o cachorro, tentando não gritar – o que Jack percebeu, ficando impressionado –, mas a dor era muito forte e ele começou a chorar.

Jack sentiu algo nas suas costas e viu que Archie o agarrara. Mas ele não ficaria em vantagem por muito tempo.

– Levante daí, agora! – Merritt gritou, e Jack girou o corpo a tempo de ver Archie mais uma vez sendo arremessado contra o muro do hotel.

O menino tinha pegado a arma do homem mais magro.

– Aguenta aí, garoto – Merritt ordenou.

– Meu nome é Hal – ele retrucou. – E odeio que me chamem de garoto.

Jack ficou de pé. “Ele está assustado”, pensou, impressionado com a tranquilidade de Hal. A arma era pesada, mas suas mãos não tremiam. Jack se lembrou de que também odiava ser chamado de garoto.

– Vai atirar neles? – Jack perguntou.

Merritt deu uma olhada em sua direção e em seguida observou Archie imóvel, encostado na parede do hotel. Mas Jack estava confiante e acreditava saber do que Hal era capaz, que devia se enxergar como um adulto valente, até mesmo forte, mas não como um assassino.

Entregou a arma a Jack, que por sua vez a passou a Merritt.

– Não têm ideia de com quem se meteram – o homem mais magro disse.

Em seguida ficou de pé, segurando o braço machucado contra o peito. Dutch avançou para cima dele, rosnando, obrigando-o a se recostar contra o muro ao lado de Archie.

– Com um animal ignorante – Jack falou, apontando para Archie e, em seguida, para o homem mais magro. – E com o seu parasita.

Hal sorriu e Merritt suspirou. Jack sabia o que seu amigo pensava. Estavam em Dawson havia menos de uma hora e já tinham feito dois inimigos. Mas não ficariam muito tempo ali. E acabavam de ganhar mais uma razão para abreviar o máximo possível a estada.

– Engraçadinho – o homem mais magro retrucou.

– Vamos, William – Archie falou.

Jack fez que sim. Aquele sujeito grandalhão sabia admitir uma derrota.

– A gente se vê por aí – William disse.

– Eu sei disso – Jack rebateu. – Vá dar um jeito nesse braço. Dando uma olhada nos dentes desse cachorro, aposto que ele come tudo o que vê pela frente!

William olhou para Dutch, que rosnou mais uma vez. Depois encarou Hal, Merritt e Jack, eliminando do rosto a expressão de dor e transformando-a num leve sorriso.

Jack ficou assustado, mas fez o possível para não demonstrar isso.

– Dawson é uma cidade pequena – William disse –, mas tem um cemitério enorme.

Em seguida se virou e seguiu pelo beco. Archie foi atrás dele e parecia nervoso ao passar por Dutch, que os observava.

– Certo... – Merritt falou, segurando a arma como se não soubesse o que fazer com ela. Finalmente guardou-a no bolso do casaco. – Certo... – repetiu.

– Não podíamos deixar que isso acontecesse – Jack disse num tom calmo, olhando para Hal e perguntando: – Você está bem?

Hal balançou a cabeça num gesto positivo, mas Jack percebeu que era mentira. Além de estar assustado com tudo o que acontecera, o menino estava desnutrido e fraco, e suas roupas não pareciam adequadas ao frio que fazia. Seja lá como tinha chegado a Dawson, algo muito ruim acontecera no caminho.

– Venha com a gente – Jack disse.

– Não – Hal respondeu, ajoelhando-se ao lado de Dutch, que cheirou seu pescoço. A relação entre os dois era intensa, de amor talvez, e Jack sentiu uma ponta de... ciúme? Pena? Não sabia dizer, mas pensou na imensidão branca e no lobo que o guiara até ali.

– Tem certeza, Hal? – Merritt perguntou. – Esses homens são duros. Caso eles encontrem você novamente, podem fazer algo de ruim.

– Eu sei me cuidar – Hal respondeu, mas seu discurso não condizia com o tom de voz.

– Se você mudar de ideia, estaremos aqui – Jack falou, apontando para o muro do hotel.

– Ninguém parou para ver o que estava acontecendo – Merritt disse, olhando nervoso para a rua, a mão dentro do bolso onde guardara a arma.

– Não se preocupe com isso – Hal retrucou. – Há polícia montada em Dawson,

mas ela passa grande parte do tempo no norte, onde a vida é mais selvagem. A cidade costuma ficar abandonada à própria sorte.

– O que está fazendo aqui? – Jack perguntou, e o menino olhou para ele com orgulho, expressão que lhe era bastante familiar.

– Sobrevivendo – Hal respondeu. Em seguida, virou de costas e assobiou para o cachorro. Dutch seguiu o dono pelo beco, chegando à rua principal, quando Hal parou e olhou para trás. – Muito obrigado – gritou, olhando para Jack. – Boa sorte para vocês.

E foi embora.

– Pronto – Merritt disse.

– É... – Jack retrucou. – Pronto.

Havia um quarto grande disponível no Hotel Yukon e os três homens o alugaram. Atrás do prédio existia um galpão para guardar pertences e, durante o resto da tarde, Jack, Jim e Merritt se revezaram transportando os equipamentos até o hotel. Quando terminaram, o sol desaparecia no horizonte e os sons da cidade eram outros. As ruas continuavam assombradas pelos fantasmas do que antes foram pessoas otimistas, mas as tabernas ganhavam vida e a música tomava conta do ar, tentando esconder a má impressão deixada por toda aquela gente.

Contaram a Jim sobre a briga e, assim como Merritt, tudo o que ele queria era descansar aquela noite. Mas não era o caso de Jack.

– Se demonstrarmos medo, isso significa que eles ganharam – Jack disse. – Porém, se formos atrás deles novamente, deixaremos claro quem está no comando por aqui. Eles vão pensar duas vezes antes de se meter conosco.

Jim estava deitado em sua cama dobrável, completamente vestido e quase caindo no sono. Merritt também parecia a ponto de dormir.

– Vamos, Merritt! – Jack falou. – É só um drinque...

Jack já podia sentir o gosto de cerveja nos lábios, o cheiro do uísque sendo servido no copo.

Merritt suspirou, mas Jack sabia que a ideia de tomar um drinque venceria a hesitação de seu colega. Desejaram boa-noite a Jim e desceram à recepção. Quando colocaram os pés na rua, Merritt agarrou o braço de Jack.

– Jack, vou direto ao assunto. Não sei se gostei do que aconteceu hoje. Você sabe que já passei por situações difíceis, mas aquela história com o cachorro... Confesso que fiquei um pouco assustado.

– Mas você viu o que eles estavam fazendo com aquele menino...
– Você tem razão! Não sou covarde nem fujo de brigas, mas por um momento você me pareceu... selvagem.
– Estamos numa terra selvagem! – Jack retrucou.
Ele podia ter dito várias outras coisas – sobre cuidar de si mesmo, sobre matar ou ser morto –, mas preferiu sair para a noite de Dawson e seu parceiro foi atrás.

Encontraram uma mesa num canto da Taberna Dawson e se sentaram com suas bebidas, observando o ambiente ao seu redor. O lugar não era diferente dos bares que Jack frequentava próximo ao porto de São Francisco e Oakland, mas algo lhe conferia uma atmosfera mais pesada. Levou um tempo para perceber o que era – precisou tomar dois drinques calmamente –, mas por fim notou.

Desespero. Aquele lugar transpirava desespero, nítido e cravado em cada rosto sorridente e em cada boca risonha, e, pelo que Jack podia ver, o aspecto noturno de Dawson era parecido com o diurno. Porém, à noite, a desilusão das pessoas se manifestava de outras maneiras.

– Nunca serei assim – Jack sentenciou. – Não perderei minha esperança. Quero que você me prometa a mesma coisa.

– Eu prometo! – Merritt rebateu, sorrindo. – Entendo o que você diz, mas seria bom dar uma chance a essas pessoas. Muitas delas devem estar aqui há mais de um ano, longe de seus familiares, fazendo o melhor possível para encontrar...

– Aposto que metade dessas pessoas jamais saiu de Dawson desde que chegaram aqui! Caçadores de ouro?

Olhou em volta, tentando descobrir quem ali estava atrás do metal e quem vivia à custa dos verdadeiros caçadores. Talvez estivesse sendo injusto, já que todos sofriam com as instalações precárias que Dawson tinha a oferecer. Mas o espírito de Jack era livre e determinado. Ele nunca entenderia como alguém podia chegar ali e desistir de dar o último passo. Aquela taberna poderia ser comparada a qualquer uma dos Estados Unidos, mas, bem longe de suas portas, o mundo selvagem talvez guardasse uma recompensa à espera de ser encontrada.

Nem tudo tinha a ver com dinheiro. Era importante agarrar a vida e vivê-la ao máximo. Aquelas pessoas tinham deixado a aventura de lado. Ao experimentarem a dureza do mundo selvagem, levavam uma vida parecida com as que tinham antes.

– Você é muito durão para alguém tão jovem – Merritt falou, deixando Jack assustado, que percebeu que o colega falava sério e não se referia apenas à briga

daquela tarde, mas a algo mais profundo.

“Será?”, ele se perguntou. “Quem é Jack London?”

Pensou nisso enquanto bebia. O que não sabia era que, semanas mais tarde, aquela pergunta recorrente seria respondida de uma forma inesperada.

Na taberna, caçadores de ouro com olhares vazios contavam histórias a qualquer pessoa disposta a escutá-las em troca de uma bebida. Mercadores locais, homens sem coragem de enfrentar o mundo selvagem, mulheres abandonadas e recém-chegados adoravam ouvir aqueles casos... e se reuniam para escutar relatos de corridas de cachorro, brigas, assassinatos e homens que ficaram ricos. O lugar exalava ódio e cobiça. Todos estavam loucos por ouro.

Contavam também histórias e lendas do norte. Falava-se sobre maldições indígenas, deuses dos rios e fantasmas errantes do vasto Yukon. A questão era acreditar ou não nos casos que eram contados por aqueles bêbados. Histórias de assombrações eram narradas por homens que de fato pareciam assombrados, e muitas maldições eram contadas em detalhes por pessoas que davam a impressão de sofrê-las. Porém, havia relatos mais selvagens, de animais ferozes que viviam na neve, de espíritos da floresta e de criaturas que caminhavam sobre duas pernas. Homens com expressão de medo e olhos arregalados falavam sobre ursos que bebiam sangue humano e adquiriam a aparência das pessoas que matavam.

Havia quem mencionasse a lenda de Wendigo. Jack se interessava pelo assunto, pois lera muito sobre o Yukon durante a viagem no *Umatilla*, e a história que mais o intrigava era a de Wendigo, que ele considerava grotesca. A lenda teve início com um grupo de homens perdidos nas terras congeladas do norte, que terminaram seus dias vivendo como errantes, famintos. Uma perspectiva horrível, mas que devia ter acontecido muitas vezes por ali. Com todos os seus amigos mortos, o último sobrevivente começou a praticar o canibalismo, alimentando-se dos corpos dos companheiros. No entanto, essa atitude provocou uma maldição sobre ele, transformando-o em Wendigo, uma fera insaciável, faminta. Diziam que, nas gélidas terras do norte, quem comesse carne de outro ser humano, ou do próprio Wendigo, teria o mesmo destino.

Segundo a lenda, o primeiro Wendigo continuava adquirindo a forma humana para devorar carne e ossos de suas vítimas, fossem elas homens, mulheres ou crianças. E vivia faminto. Era uma criatura horrível, traiçoeira e difícil de ser encontrada, pois tomava a forma dos exploradores para atrair novas vítimas. Era um caçador.

A lenda havia fascinado Jack durante a viagem de barco e, naquela taberna esfumaçada, cercado de gente com e sem esperança, mas todos em busca de algo, a história o fascinava ainda mais. Olhou para os homens que contavam detalhes sobre a lenda – alguns detalhes iam ao encontro do que Jack lera, outros não – e ficou pensando no quão desesperado devia estar um homem a ponto de comer a carne de um amigo.

Algumas das pessoas ali, por exemplo, pareciam desesperadas, mas tinham comida, bebida e calor para aquecê-las. Porém, no mundo selvagem, quem podia dizer no que se transformariam?

Aquela história o incomodou mais do que os acontecimentos do dia. Após beber mais uns drinques, Jack e Merritt foram embora, atravessando a rua e passando diante de pessoas que caminhavam sem um propósito definido.

Jack estava cansado e triste, em parte porque William e Archie não apareceram na taberna. Ele sempre tinha sido brigão e o episódio naquela tarde havia despertado algo em seu interior. Jack não sabia se gostava do que sentia... não após a longa viagem, após toda a luta pela sobrevivência. Lembrou-se de quando desciam o rio em direção a Dawson, de quando o gelo finalmente se partiu e de como se sentia orgulhoso sentado na popa daquele barco, mestre de um mundo selvagem que fazia o possível para matá-lo.

Um pensamento estranho tomou conta de sua mente e nele havia um animal de pelo cinzento com patas. Jack franziu a testa e depois ouviu um grito.

– O que foi isso? – Merritt perguntou.

– Veio do hotel – Jack respondeu. – Vamos!

“É o garoto. Hal veio atrás da gente, mas eles o encontraram. Sabe-se lá o que estão fazendo com ele agora!” Jack nunca acreditou que William fosse capaz de atirar em Hal – ou talvez *não quisesse acreditar* –, mas havia outras maneiras de punir o garoto. Ele ouvira boatos sobre pessoas marcadas a ferro por ali, como gado, ganhando a inicial de quem os controlava.

Ao correr em direção ao hotel, Jack tirou a pistola da cintura e viu que Merritt fez o mesmo. Não queria se envolver em nenhuma confusão, mas, após o episódio mais cedo, os dois chegaram à conclusão de que seria melhor andar armado até deixarem Dawson.

Jack entrou no hotel e percebeu que não havia ninguém na recepção. O lugar estava escuro e fedia a mofo, como se estivesse impregnado de todos os odores dos hóspedes que passaram por ali. Ouviu passos de botas no andar de cima. Em seguida fez-se silêncio: nenhum grito e nenhum passo.

– Jim está armado, não está? – Merritt perguntou.
– Está – Jack respondeu. – Mas quando saímos ele estava quase dormindo.
– Vamos! – Merritt falou, passando ao lado de Jack e subindo as escadas de dois em dois degraus. Não ouviram tiros e, desde o grito, não escutaram mais nenhuma voz.

– Tem mais gente dormindo aqui – Jack murmurou.
– Não estou nem aí para eles – Merritt falou sem olhar para trás.
Chegou ao final da escada e virou à esquerda no corredor que levava ao seu quarto. Jack seguia em seu encalço, o coração a mil, os sentidos aguçados e os pelos do braço arrepiados. Merritt e Jack pararam diante da porta fechada do quarto. Todos os outros quartos também estavam fechados.

– Talvez tenha sido alguém... – Jack murmurou, erguendo as sobrancelhas.
– Eu não saberia dizer se foi homem ou mulher. E você?
Jack fez que não.

Merritt bateu com o cano da pistola na porta.

– Jim? – ele chamou.
Nenhuma resposta.

Colou o ouvido à porta, olhou para Jack e balançou a cabeça num gesto negativo.

– Acho que devíamos... – Jack começou a dizer, mas Merritt deu um passo atrás e chutou a porta. Jack então abriu espaço para o amigo.

A porta se abriu – não parecia ter sido trancada –, permitindo que vissem o que havia sobre a cama.

Merritt engoliu em seco e Jack entrou desesperado no quarto. “A culpa é minha, toda minha”, ele pensou. “A culpa é minha por ter me envolvido naquela confusão.” Mas logo ele percebeu que Jim não estava morto. Seu colega se mexia, virando a cabeça para a esquerda e para a direita. Havia sangue no travesseiro e uma de suas mãos estava erguida, num gesto de aviso, o dedo mindinho torcido para trás num ângulo improvável. Um arranhão sob o olho esquerdo ainda sangrava.

Jack deu uma olhada rápida no quarto, mas não viu ninguém escondido nas sombras. Então se aproximou da cama e disse:

– Jim...
Seu amigo abriu o olho que não estava ferido, murmurou alguma coisa e fez uma expressão de espanto.

Às suas costas, Jack ouviu o barulho de madeira acertando alguém, seguido

por um gemido. Quando se virou, viu Merritt caído diante da porta aberta. Archie surgiu atrás dele, sorrindo para Jack e acertando mais uma vez a nuca de Merritt com um porrete.

– Boa noite, Jack – William disse, aparecendo na porta ao lado de Archie.

– Seu filho da... – Jack gritou, apontando sua pistola, ainda que soubesse que não teria coragem de atirar. William não estava armado e, assim como Archie, trazia um porrete na mão. Porém novas sombras se aproximavam no corredor escuro.

Se fizesse ideia do que iria acontecer, Jack *talvez* tivesse atirado. Bastaria atirar em William e Archie, e depois tentar lutar com os homens que estavam no corredor. Mas ele não podia lidar com hipóteses. Portanto, deixou a arma sobre a cama e fechou os punhos, pronto para brigar.

Archie gargalhou e deixou o porrete coberto de sangue cair no chão. O sorriso de William se tornou ainda mais frio e assustador.

Outros dois homens entraram no quarto – homens com lampejos de brutalidade nos olhos e cicatrizes de uma vida violenta na pele.

– Querem briga? – Jack perguntou.

Eles aceitaram o convite.

CAPÍTULO SETE

NO CORAÇÃO DO MUNDO SELVAGEM

Ele estava perdido em outra terrível tempestade. A neve caía com mais força do que Jack imaginava ser possível. Ao bater na pele, os flocos pareciam blocos de gelo. Quando tentou respirar, a neve invadiu sua garganta e seus pulmões, congelando-o por dentro e paralisando seus movimentos. O cheiro de esterco e de cavalos impregnava o ar, mas ele não conseguia se mover e não ouvia qualquer ruído. “Eis o verdadeiro silêncio branco.” Então percebeu uma silhueta familiar no meio da tempestade. O lobo se aproximava, afundando na neve fofa. O animal corria e uivava – embora Jack não pudesse ouvi-lo –, mas a impressão era de que ele não saía do lugar.

Uma cortina branca atrapalhava a visão de Jack, que se sentia solitário.

De repente ele começou a ouvir um ruído constante e baixo, que o levou a duvidar se aquilo não era fruto de sua imaginação. Embora tentasse caminhar, observar em volta, olhar as próprias mãos, não era seu corpo que sentia a neve, mas sua consciência. “Estou sonhando”, ele pensou, ainda que não estivesse certo disso.

Avistou o lobo novamente. O animal tentava vencer a neve. Parecia mais perto, mas Jack ainda não conseguia ouvi-lo. Tentou gritar, mas o lobo não o escutava. Havia apenas neve e aquele constante *bum, bum bum...*

Um impacto e o barulho. E sob o barulho havia outros mais baixos, distantes, acrescentando novos ritmos que tomavam de assalto seu corpo e seus sentidos.

A neve começou a ficar marrom. Ela derretia, levando embora a paisagem branca, tornando o som e a sensação dos impactos ainda mais definidos.

Jack escutou o uivo de um lobo, que parecia tão real que ele achou que podia tocá-lo. Sentiu o cheiro de cavalo, abriu os olhos e viu três homens à sua frente, que caminhavam em direção a uma colina repleta de árvores. O cavalo sobre o qual Jack tinha sido amarrado seguia atrás deles. Não havia neve no chão, mas a tempestade continuava viva em seus ossos.

– O barulho parece próximo – um dos homens falou.

– É verdade, mas não dá para enxergar nada – outro sujeito comentou, olhando para Jack. Era Archie. – Olhe quem acordou – ele disse. – Stan, espere! Há mais uma pessoa que pode caminhar.

O cavalo parou, batendo as patas no chão, e cada batida reverberava na mente de Jack. Archie o desamarrou, tirando as cordas de suas mãos e seus braços, e murmurou em seu ouvido:

– Chegou sua hora, Jack! Quero ver se você é tão durão quanto pensa que é! Estou louco para ver o que vai acontecer daqui para a frente. Seu idiota!

Os braços de Jack latejavam. Ele gemeu quando o sangue voltou a circular pelos ombros e pelas mãos, mas não sabia dizer se a sua pele queimava ou se estava congelada.

Archie empurrou Jack de cima do cavalo.

Girou o corpo para que a sua cabeça não batesse no chão, rolando de costas e olhando para o céu azul, imaginando como algo tão bonito podia existir naquele inferno em que acabara de acordar.

– Levante! – Archie ordenou, chutando as pernas de Jack. – Seja útil! Levante logo!

Jack tentou obedecer, mas a forte dor que sentia na cabeça o obrigava a ficar de olhos fechados. Cada centímetro de seu corpo parecia ter sido cozido, cortado e então congelado, e ele sabia que tão cedo não conseguiria avaliar a gravidade dos ferimentos em seu corpo.

– Levante ou arranco suas tripas e jogo para os lobos – Archie disse num tom sério.



Querem briga? – Jack perguntou.

Jack olhou a paisagem ao redor. Estavam no topo das colinas, passando entre encostas cobertas de árvores e com um pequeno riacho serpenteando à esquerda. Deviam estar longe de Dawson. Viu homens carregando armas, notou alguns cavalos e cães, sujeitos carregando enormes caixas e homens caminhando com as pernas amarradas. Sentindo muita dor, Jack se deu conta do que tinha acontecido: ele havia sido raptado e agora era escravo daqueles homens. Percebeu também que Archie falava sério. Distante de Dawson, ele poderia facilmente arrancar as tripas de Jack e atirá-las aos lobos.

Jack ficou de pé, um dos gestos mais dolorosos de sua vida. Precisou morder os lábios para não desmaiar.

Archie deu uma risada e jogou uma bolsa aos pés de Jack, dizendo:

– Carregue isso por enquanto. Não queremos ver você mal. – Seu tom de voz ficou mais sóbrio. – Já perdemos muito de sua força e o trabalho ainda nem começou.

Continuaram caminhando. Archie ficou por perto, um rifle apoiado nos braços, mas Jack evitava olhar para ele. Não queria lhe proporcionar tamanha satisfação... e precisava se concentrar no caminho à sua frente.

Poucos minutos depois, quando pensava na gravidade de seus ferimentos, Jack percebeu um homem andando ao seu lado.

– Merritt! – murmurou ele.

Embora tivesse escutado, seu amigo não ergueu os olhos.

– Merritt! Você está bem?

Ele não parecia ferido, pois caminhava com a determinação e a confiança de sempre. Carregava uma bolsa pesada nas costas e várias pás presas ao peito.

– Merritt, cadê...

– Jim está morto – Merritt respondeu sem olhar para Jack, mantendo os olhos fixos no chão. – Acho que bateram com muita força nele. Quando desamarraram Jim do cavalo, ele caiu, mal conseguindo ficar de pé. Tentei ajudar, mas eles me afastaram. Jim andava em círculos, pois tinha perdido os óculos. Mas esse não era o problema. Era... era... a cabeça dele. Havia um buraco no lugar onde ele foi atingido. Queriam que ele caminhasse direito, deram algo para que carregasse, mas Jim caía toda hora. Falei para ele o que iria acontecer caso não caminhasse, mas acho que Jim nem ouviu. Então William... seu amigo William, aquele com olhar cruel, aquele desgraçado... pegou uma arma e atirou na cabeça de Jim.

“Esse homem só ia causar problema”, ele falou, e todos voltaram a andar. Não tiraram Jim da trilha, deixaram o corpo dele congelar. Tentei voltar, mas eles me impediram. Eu queria brigar, mas não consegui...

– Jim... – Jack murmurou, olhando para Archie à sua direita, percebendo que o homem barbado sorria. “Ele está deixando Merritt me contar isso”, pensou. “Quer que eu saiba da história.”

– Jim está morto – Merritt finalmente falou. – Se não fosse por você e pela sua valentia... Quem sabe, Jack? Quem sabe?

– Merritt? – Jack retrucou, querendo de alguma forma dizer ao amigo que não tinha sido culpa dele. – Merritt...?

Mas o homem enorme não tirava os olhos do chão e em seguida se afastou de Jack, andando ao lado dos cavalos.

Jack ainda tentava avistar o lobo, mas após o grito que o acordara não ouviu mais nada.

Nada além do mundo selvagem.

Em sete meses, Jack fez três amigos e perdeu dois – um graças à crueldade dos homens que os escravizaram e outro por conta do sentimento de culpa –, mas finalmente estava perto do ouro. O terceiro amigo talvez não passasse de uma loucura de sua mente. Naquele mundo selvagem, belo e inspirador, o lobo parecia mais próximo do que nunca.

Ele devia ter imaginado haver brutalidade naquele local onde o ouro embaçava a percepção humana com a possibilidade de fortunas incalculáveis. O curto tempo que passara na prisão o deixara perplexo com a crueldade de alguns homens. E no mundo selvagem, onde a lei não passa de uma rajada de vento, essa crueldade chegava a limites inimagináveis. Ele devia ter esperado assassinatos e roubos, ciúme e cobiça, corpos humanos jogados naquela maravilhosa paisagem, com buracos de balas ou facadas.

William era o líder, disso Jack tinha quase certeza. Aquele homem não guardava nenhum traço de civilidade e moralidade, e a crueldade era sua moeda de troca. Talvez sempre tivesse sido cruel – certamente a tendência sempre estivera presente –, mas Jack suspeitava que muita coisa mudara em William ao chegar ali. Com os cabelos penteados para trás, o homem baixo e de bigode parecia uma cópia fiel de um personagem de livro de caubói. Tinha o aspecto de quem estava se aproveitando da liberdade característica de Yukon, onde todas as coisas ruins eram permitidas.

Archie devia ser o braço direito de William. Jack havia brigado com ele e sentira o poder de seus músculos. Aliás, percebera Archie olhando várias vezes em sua direção. Após a briga em Dawson, Jack certamente não teria mais paz.

Havia mais sete homens, todos armados com rifles e revólveres, alguns carregando porretes com pregos nas pontas. Jack não enxergava nenhum traço de bondade neles – eram gananciosos, brutos, selvagens, criminosos que tinham fugido para o norte em busca de ouro. Um dos escravos havia sido espancado por tentar descansar e agora iria trabalhar com um olho furado e a perna provavelmente quebrada.

Eram doze escravos no total, incluindo Jack e Merritt. A maioria era de índios, mas havia quatro negros e alguns poucos brancos. Os traficantes de escravos não tinham preferência de cor ou raça. Talvez escolhessem os de aspecto forte, embora um dos índios parecesse ter oito anos. Talvez selecionassem homens que os ofenderam previamente, mas havia um francês que mal falava inglês e que aos olhos de Jack parecia um sujeito educado e inteligente.

Quaisquer que tivessem sido as razões para terem sido escolhidos, os escravos trabalhavam duro.

Na manhã seguinte à que Jack havia acordado no lombo do cavalo, após ter caminhado durante a noite fazendo apenas uma parada para beber um pouco de água e comer um pedaço de pão duro, os capangas de William os obrigaram a trabalhar num riacho raso e estreito. Mais cedo, logo após o amanhecer tingir as montanhas, o grupo passou por dois homens mortos, cujos ossos apareciam sob a carne apodrecida. Os corpos estavam desfigurados, portanto seria impossível identificá-los, exceto pela cor de suas botas. Havia ferramentas junto deles – eram caçadores de ouro – e Jack tinha visto sangue seco no chão. As mortes tinham ocorrido recentemente e, durante um bom tempo após passarem por ali, os escravos ficaram quietos.

“Quem fez isso?”, perguntou-se Jack. “Homens ou animais? Talvez outra coisa.” A brutalidade daquelas mortes não saía de sua mente, permanecendo como uma lembrança tão forte quanto as sombras que o observavam. Sombras muito intensas e cruéis para serem comparadas ao lobo.

Finalmente chegaram ao riacho que corria numa depressão do solo, surgindo numa garganta e serpenteando pelo vale. Havia poucas árvores no local – a área parecia ser regularmente afetada por inundações. As aglomerações de árvores começavam a uns cem passos de distância em qualquer direção. A depressão no solo era tão profunda quanto a altura de um homem, com dez metros de uma

margem à outra, e o riacho não preenchia mais que um terço de sua largura.

Era um local perfeito para os escravos descansarem. Se algum deles tentasse fugir, precisaria atravessar o riacho e correr em direção às árvores. O que daria aos capangas tempo suficiente para atirar.

Distribuíram os homens ao longo do rio – mantendo distância para evitar conversas –, entregaram uma pá a cada um e os obrigaram a procurar ouro. Quando um dos escravos perguntou quanto ganhariam do metal que encontrassem, recebeu como resposta uma bala na garganta.

“Eles vão nos matar antes de nos soltar”, pensou Jack.

Era desesperador pensar numa possibilidade daquelas, porém Jack não ficou surpreso. Em algum ponto daquele bosque, doze covas seriam cavadas. Mas isso ainda levaria um tempo. Antes, aqueles homens queriam reunir o máximo possível de riqueza. No entanto, quando despertassem a atenção de outros caçadores de ouro, ou quando a inveja surgisse entre os escravos, seriam forçados a cravar uma bala na nuca de cada um deles.

Mas Jack não estaria ali quando isso acontecesse e jurou que Merritt também não.

Ele tinha acabado de levantar mais uma pá cheia de pedras e areia do fundo do riacho e fazia o possível para esquecer o que acontecera e desfrutar do trabalho. Estava concentrado no que fazia, pois não queria ver o que o cercava, muito menos os homens cruéis que os controlavam. Pensando em sua mãe e em Eliza, movia a pá em círculos. Tinha viajado uma grande distância para fazer exatamente aquilo. Todo o seu esforço, todos aqueles meses preso numa cabana durante o pior inverno de sua vida, chegando muito perto da morte, para terminar procurando ouro entre as pedras de um riacho de Yukon. Tentava se animar, mas não conseguia. Por mais que mantivesse a cabeça baixa, Jack sabia que era um prisioneiro e que qualquer riqueza que encontrasse encheria os bolsos de assassinos e ladrões.

“Se ao menos soubessem com quem estão se metendo”, pensou em voz alta, duvidando das próprias palavras. Era como se começasse a entender melhor a si mesmo, como se sua silhueta ficasse mais exposta contra o sol brilhante. No entanto, um grande mistério continuava sem solução para Jack London, algo que o assustava e intrigava. Era impossível não pensar que fora levado até ali por um propósito, que seu futuro guarda coisas incríveis, mas que teria de superar o terrível presente em que vivia para ter acesso a elas.

– Jack – alguém murmurou.

Ele franziu a testa, olhando em volta sem levantar a cabeça. Logo acima, além do vale por onde corria o riacho, estava um dos capatazes, o rifle apoiado no braço, fumando. Ele tinha o olhar perdido. À direita de Jack, um homem negro que ele conhecia como Jonas ajoelhava-se na água.

– Jack – ele ouviu novamente e ergueu os olhos. – Nossas vozes seguem a correnteza. Eles não nos escutam. Percebeu?

Jack olhou mais uma vez para o capataz. O homem estava bem mais perto dele do que Jonas, mas parecia não escutar nada.

– Com a correnteza descendo, você me ouve. Mas eu não escuto você.

Jack tossiu, como quem dizia que estava entendendo, e Jonas sorriu.

– Aquele grandalhão, o Reese, quer dar um basta nisso hoje à noite, depois do jantar, quando pensarem que estamos cansados e prontos para dormir. Se todos concordarem, grande parte de nós conseguirá fugir.

Jack franziu a testa e tentou olhar para Jonas, mas não estava certo se ele o entenderia. Continuaram cavando. “Droga, se eu pudesse murmurar de volta. Isso é loucura! Eles vão nos matar.” Reese era um homem enorme, e Jack ficara surpreso ao ver que William e seus capatazes tinham conseguido capturá-lo. Porém, pelo pouco que vira da interação de Reese com os outros escravos, podia notar que era um valentão. William deve ter percebido isso nele e entendido que Reese não representaria nenhum perigo. Afinal, valentões costumam ser covardes, homens que só agem com o apoio de outros.

Jack olhou para o capataz e depois para Jonas, que franziu a testa e perguntou:

– Prefere ficar aqui?

Jack balançou a cabeça num gesto negativo.

– Então essa é a chance! Quanto mais tempo ficarmos aqui, mais fraco ficaremos.

Jack tossiu, querendo demonstrar desaprovação.

– Voltem ao trabalho! – gritou o capataz, que se aproximou e deu um chute na água fria do riacho, molhando Jack. Ele limpou o rosto e olhou para Jonas, balançando a cabeça novamente, mas o escravo estava concentrado no trabalho.

Jack podia ver Merritt um pouco mais acima. Ele estava perdido em seu próprio mundo, trabalhando lenta e metodicamente. Com Jim morto, Merritt parecia não estar mais interessado na viagem pelo Yukon.

“Eu também devia me sentir assim”, pensou Jack. No entanto, ainda que parecesse estranho, o futuro continuava animador, e Jack estava certo de que sua aventura havia apenas começado.

Jack não conseguia deixar de se maravilhar com a beleza daquele lugar. O riacho estava manchado pela crueldade humana, mas as colinas e as árvores que o cercavam eram o exemplo da pura e intocada natureza selvagem. Percebeu os cheiros da água cristalina e da vegetação, sentindo o calor agradável da luz do sol que aquecia sua pele.

Além do barulho da correnteza, ouvia o canto dos pássaros. Porém, os uivos dos lobos continuavam por perto. Jack tentou apurar os sentidos, querendo perceber se algo o observava por entre as árvores. O fato de ouvir uivos não significava que *aquela* lobo estava por perto. “Ele está sempre me observando”, ele pensou, desejando ter uma prova de que isso fosse verdade. Jack sentia a imensidão do mundo selvagem e o calor que isso produzia em seu coração aventureiro. O mundo selvagem emitia um chamado e ele jurou que responderia.

Jack odiava aqueles homens por sua crueldade e ignorância. Porém, acima de tudo, ele os odiava por roubarem a experiência que mais desejava: sua liberdade de explorar o mundo selvagem e ser parte dele.

O trabalho era duro e Jack bebia muita água do riacho, que continuava gelada. Quanto mais bebia, mais fome sentia. “Eles precisam nos dar algo para comer”, pensou ele. “Em pouco tempo estaremos muito fracos para trabalhar.”

Quando a fome estava a ponto de esgotar suas forças, um dos capatazes avisou que era hora do almoço. Ao colocar a pá de lado, Jack deu uma olhada nas colinas ao sul do riacho. As árvores cobriam toda a sua extensão. “Deve ter alguma coisa ali”, pensou Jack. Ao fechar os olhos, não sentiu nada, mas parte da colina parecia imune aos seus sentidos, enevoada. Um vazio no mundo selvagem. Uma área de mistério e de medo. Ele estremeceu.

– Sentem-se e não se movam! – Archie gritou. – Caso precisem mijar, façam onde estão!

Jack se sentou agradecido, feliz por retirar os pés congelados da água. Pela primeira vez pensou no que teria acontecido com seu equipamento. Devia estar pegando poeira nos fundos do Hotel Yukon. E lá estavam também suas botas, suas roupas extras, suas luvas e seus chapéus, ao passo que agora ele vestia trapos entregues pelos homens de William. Devia ser primavera, mas continuava fazendo frio.

Archie apareceu com um saco de comida. Deu a cada homem um pedaço de pão e carne-seca, que os escravos comeram com sofreguidão. Reese pegou a comida e agradeceu, balançando a cabeça. Embora Archie não tenha percebido,

Jack notou que o escravo era esperto. “Reese quer que todos imaginem que é um submisso”, pensou. Talvez ele fosse *realmente* um valentão, mas já estava planejando sua fuga. “Ainda que não muito bem”, pensou Jack, dando uma olhada ao redor e vendo os revólveres, as facas e os rostos cruéis dos capatazes. Os escravos precisariam de muito mais do que determinação e agilidade para fugir. Se de fato queriam fazer isso, teriam antes de matar William e seus homens.

– Por que acha que não vai dar certo? – Jonas perguntou, a uns doze passos de distância de Jack, que continuava ouvindo nitidamente sua voz.

Os capatazes não disseram nada, talvez permitindo um breve contato entre os escravos.

– Seria uma loucura – Jack respondeu. – Eles estão armados! Precisamos nos planejar bem, precisamos...

– Espere – Jonas rebateu, olhando para trás e conversando com outro escravo.

Jack observou fascinado, vendo a conversa passar de homem a homem sem que os capatazes percebessem qualquer coisa. Cabeças se levantavam ou se abaixavam lentamente a fim de ouvirem melhor, e Jack escutou tudo até as vozes se tornarem inaudíveis.

Os murmúrios chegaram até Merritt. Ele fez que sim, mas Archie estava em sua frente, entregando-lhe comida, que Merritt pegou sem erguer os olhos ou dizer nada, e Archie seguiu adiante. Jack notou que Merritt levou a comida à boca e, mastigando, disse algumas palavras.

A mensagem chegou a Reese, que limpava a boca depois de comer em movimentos lentos e calculados. Seus cabelos longos caíam ao lado do rosto e sua barba escura lhe cobria os lábios. Curvou-se para tomar um pouco de água do riacho. Ao beber, Jack percebeu que ele dizia algumas palavras.

– Uma comida de rei! – disse Archie, aproximando-se de Jack e metendo a mão no saco para pegar mais um pedaço de pão. Jack estava morrendo de fome e sentia o cheiro de mofo do pão velho.

Esticou a mão.

– Maldito – Archie falou, atirando o pão no riacho. Quando Jack se abaixou para pegá-lo, Archie o atingiu no ombro direito. Não foi um soco forte, mas Jack perdeu o equilíbrio e caiu na água.

Levantou-se balbuciando alguma coisa, sendo recebido por uma forte gargalhada de Archie.

– Não brinque com os animais – uma voz disse. Era William, que saía de uma

das tendas dos capatazes e seguia em direção ao riacho.

– Esse não morde mais! – Archie falou, ainda rindo.

Jack ficou de pé, tremendo.

– Não mesmo! – William comentou.

Jack notou mais uma vez a frieza nos olhos do líder. “Parecem dois buracos vazios”, ele pensou, sabendo que o corpo encharcado era único motivo para ele estar tremendo.

– Tome! – Archie disse, jogando um pedaço de carne-seca no chão e pisando em cima.

Jack trincou os dentes, sentindo o coração disparar. “Ainda não”, ele pensou, segurando a raiva. Podia acertar Archie facilmente, pegar a faca que o capataz carregava na cintura e cravá-la em sua garganta...

– Reese disse que você não passa de uma criança – Jonas murmurou. – Que não sabe de nada. E pediu que cale a boca e que preste atenção nele, caso queira continuar vivo.

Jack piscou rapidamente os olhos, pois sabia que Archie continuava por perto. Percebeu também que William não tirava os olhos frios e calculistas de cima dele. Ele então se sentou, limpando a sujeira de seu pedaço de carne-seca, e começou a comer.

Trabalharam durante toda a tarde. Houve uma nova pausa, quando os capatazes trouxeram biscoitos, e dessa vez Jack teve direito à sua parte. Para a maioria dos homens ele não passava de mais um trabalhador, mas Archie e William guardavam ressentimentos. Mas Jack preferia não pensar nisso.

Olhou várias vezes riacho acima, vendo Merritt trabalhar, achando que seu amigo tinha emagrecido após tudo o que acontecera. Ainda era forte e corpulento, mas havia algo frágil nele, como se tivesse murchado um pouco com a morte de Jim. “Ele viu um amigo ser morto”, pensou Jack. “Deve ser horrível.”

Reese estava logo depois de Merritt. O grandalhão notou que Jack o observava e abriu um sorriso como resposta. Os dois estavam muito distantes para que pudessem se comunicar, então Jack virou de costas e voltou ao trabalho. “É um idiota”, ele pensou. Mas Jack estava preocupado. Se Reese realmente fizesse o que planejara para aquela noite, Jack e Merritt levariam a pior e pagariam pela tolice dos outros homens.

Caso ocorresse uma rebelião, Jack seria o alvo principal dos capatazes. Ele parou de trabalhar, olhou para a água e viu o reflexo do lindo céu azul. Talvez

Reese soubesse de sua história com William e Archie, e era possível que contasse com isso para facilitar sua fuga.

Talvez Merritt tivesse contado alguma coisa.

Uma sombra passou à sua frente e ele voltou a erguer a pá, atirando água e sujeira no riacho.

Trabalharam até tarde, quando já não podiam ver nada. Os capatazes os levaram até o espaço entre as tendas. Havia cinco tendas no total, embora Jack soubesse que nenhuma delas seria usada pelos escravos. Eles dormiriam ao redor de uma fogueira com os pés amarrados uns aos outros e presos a estacas de madeira. Havia uma pilha de peles não curtidas próximas ao fogo, e Jack podia sentir o fedor delas. Na manhã seguinte seu corpo recenderia a morte, que não desapareceria com um mergulho no riacho.

Os cães dos capatazes latiam para os homens exaustos, obrigados a se sentar e esperar pela comida. O cheiro de café fresco subia do bule colocado acima da fogueira, mas Jack fechou os olhos, tentando não senti-lo. No entanto, sua boca salivava. Lembrou-se de quando tomou café com Merritt e Jim no passo de Chilkoot, e de como aqueles dois homens pareciam velhos conhecidos.

– Será hoje à noite – Jonas murmurou, aproximando-se de Jack.

– Idiota! – Jack rebateu. – Antes de qualquer coisa, temos que analisar os pontos fracos deles. Você viu as armas?

– E você viu o que comemos hoje?

Jack suspirou. Olhou para Jonas, os lábios trincados, e notou que um capataz os observava.

– Acho que vão nos mudar de lugar no rio – ele disse num tom mais alto.

– Vamos voltar para onde começamos – Jonas comentou. Quando o capataz virou o rosto, ele baixou o tom de voz: – Temos que ir *embora* daqui! Reese tem um plano, ele sabe o que está fazendo...

– Reese vai nos matar!

Jack notou que Jonas baixara o rosto numa expressão de desespero. Será que ele tinha família? Esposa? Filhos? Talvez sua mãe, assim como a de Jack, esperava que o filho voltasse para casa coberto de ouro? Mas ali estava Jonas, capturado e escravizado. Contudo havia um homem disposto a lutar pela sua liberdade. Jack finalmente percebia por que as ideias de Reese eram impactantes. No entanto, também sabia que, caso o grandalhão pusesse seu plano em prática, a maioria deles estaria morta por volta da meia-noite.

E Jack seria o primeiro.

A comida chegou, servida por dois homens que praticamente não falaram nada. Jack recebeu a mesma porção que os outros escravos. William e Archie deviam estar pensando em outras coisas.

Enquanto os homens comiam, Jack se aproximou do centro do grupo. Lá estavam sentados Merritt e Reese, que imediatamente prestaram atenção em Jack.

– Merritt – Jack falou, mastigando mais um pedaço de carne-seca.

Merritt olhou rapidamente para ele.

– Continua com suas ideias idiotas, garoto? – Reese perguntou.

– Não sou idiota – Jack respondeu. – Você vai nos matar, e eu serei o primeiro a morrer.

Olhou para Merritt ao dizer essas palavras, esperando em vão por algum comentário.

– Por que se considera tão especial? – Reese perguntou.

– Eu enfrentei Archie em Dawson – Jack falou. – Ele guarda ressentimentos e vai revidar. Caso façam alguma coisa hoje, serei o primeiro a receber uma bala.

Reese murmurou e deu de ombros. Jack esticou o pé e bateu na perna do grandalhão, que olhou para ele.

– E você será o segundo – Jack afirmou. – Com certeza William vai querer se vingar de seus escravos rebeldes. Depois voltará a Dawson em busca de novos. Talvez ataque acampamentos de caçadores de ouro aqui perto, capturando homens e mulheres. E você vai receber um tiro na cintura ou no intestino, para que fique calado. E só então, quando todos estiverem mortos, acabarão com você.

Jack mordeu mais um pedaço de carne. Merritt continuava de cabeça baixa.

– Vai ser um ataque-surpresa – Reese falou. – Eles estão tranquilos. Aham que estamos em choque pelo que aconteceu, confusos... É o melhor momento para agir. Quanto mais tempo ficarmos aqui, mais atentos eles estarão.

– E quem você pretende atacar antes? – Jack perguntou, amarrando o laço da bota. Ele e Reese não podiam manter contato visual por muito tempo, pois acabariam despertando a atenção dos capatazes.

– Quem estiver mais perto. Vou roubar as armas e seguir em frente.

– Mas você nunca atirou num homem, atirou? – Jack perguntou, embora a resposta estivesse estampada nos olhos de Reese. Por um momento ele pareceu assustado.

– Não.

Jack sabia que os outros escravos ouviam a conversa. Deu uma olhada ao redor para certificar-se de que nenhum capataz os escutava e disse:

– Primeiro, devemos atacar o mais forte, capaz de atirar num homem pelas costas. Já conhecemos um deles, porém deve haver mais. Deveríamos esperar e observá-los durante um tempo.

– Você não passa de um garoto! – Reese falou.

– E você não passa de um grandalhão inofensivo! – Jack rebateu.

– Ninguém fala assim comigo!

– Eu falo – Jack respondeu, percebendo o que fizera. Naquele momento não restava mais dúvida: a maioria dos escravos estava do lado de Reese, pois a ideia da fuga parecia afastar a noção de cautela da mente daqueles homens. Jack tinha de provar quem era o mais esperto e mais forte ali. Precisava lhes mostrar quem realmente era capaz de conduzi-los à liberdade.

Reese estava pronto para brigar.

Jack respirou fundo, deu uma olhada em volta – os homens pareciam ansiosos, ainda que alguns deles estivessem muito cansados – e finalmente olhou para Merritt.

Seu amigo estava com os olhos arregalados e parecia desconfiar do que Jack iria fazer.

– Jack, não...

Mas Jack foi mais rápido, desferindo um forte soco com o punho direito no rosto de Reese. Com o barulho e os gritos dos escravos, ele começou aquela que seria a briga mais importante de sua vida.

Reese não estava preparado para aquilo. Embora agisse como um durão, ele era exatamente o que Jack achava: um covarde se aproveitando da aura de liderança. Os socos de Jack o atingiram um após o outro e os dois acabaram perigosamente perto do fogo.

Vozes se levantaram, sobretudo quando Reese conseguiu encaixar um soco no ombro de Jack. Finalmente o grandalhão se afastou um pouco, retirando um pedaço de madeira flamejante da fogueira e fazendo-o dançar sobre sua cabeça.

Jack rolou no chão, percebendo que a madeira caíra perto de seus pés. Sentiu uma faísca atingir sua pele sob as meias molhadas e furadas. O calor era quase agradável. Girou os pés e o corpo, pronto para revidar, mas Reese novamente balançava o pedaço de madeira de um lado para o outro, como se fosse um pêndulo gigante.

O acampamento inteiro observava a confusão. Os escravos ficaram de pé e formaram um círculo, e o número de homens sedentos por sangue era maior do que os que desejavam o fim da briga.

Jack olhou para Merritt, o único ali que parecia desesperado.

“Ele *ainda* é meu amigo”, pensou Jack. E, no meio de uma briga que serviria em parte para salvar a vida de Merritt, chegar a essa conclusão foi ótimo.

Atrás dos escravos, os homens de William observavam tudo de pé. Jack conseguiu contar cinco ou seis deles, incluindo William e Archie. Os outros deviam estar de guarda e não foram atraídos pela briga, o que demonstrava seu bom nível de organização. “Está vendo?”, Jack quis gritar para Reese.

Mas Reese se aproximava, sacudindo a madeira em brasas.

Jack se abaixou e o atingiu na boca do estômago. Seu punho mergulhou na flacidez de sua barriga. O grandalhão cambaleou sem fôlego. Jack então partiu para cima dele, atingindo-o na cabeça. Mas Reese o surpreendeu com um soco, derrubando Jack no chão.

Ele ouviu os capatazes fazendo apostas sobre quem seria o vencedor da briga, e sua queda provavelmente contava a favor de Reese.

Ficando de pé, Jack se preparou para um novo ataque, mas seu adversário deu alguns passos para trás. Um fio de sangue descia de algum ponto escondido entre seus cabelos revoltos, passando pela bochecha e embrenhando-se na barba mal aparada. Reese parecia um homem selvagem saído dos livros de folclore, mas seus olhos demonstravam que ele devia ter recebido o mínimo de educação. Imediatamente Jack percebeu de onde ele vinha e quem o esperava em casa. O grandalhão se aproximava novamente – talvez entendendo o que estava em jogo ali – e Jack deu alguns passos para o lado.

A briga ficou mais violenta. Reese percebeu no olhar de alguns homens que precisaria lutar caso quisesse manter sua posição de liderança. Jack, por sua vez, notou o olhar perdido de Merritt. Precisava salvar o amigo. A primeira bala seria sua, claro, mas só de pensar na possibilidade de Merritt morrer por não conseguir protegê-lo... isso era terrível.

Os homens estavam mais agitados, assemelhando-se a cães e lobos, esperando para ver qual dos dois dominaria a situação e quem atiraria a toalha. Escravos e capatazes gritavam. Porém, havia algo mais. Uma consciência maior, uma batida ritmada no meio das montanhas e dos rios. O tempo parecia ter parado durante a briga e, de repente, Jack deixou de ser *apenas* um ponto naquela imensidão selvagem. Ele era as montanhas e os rios profundos que guardavam segredos

dourados aos homens mais bravos, desejosos de lutar, e quem o observava das montanhas lhe dava força, uma força que nascia do medo.

Pois aquilo que o observava não era um lobo.

Reese tinha força, mas Jack demonstrava ser dono de uma impressionante juventude e agilidade, além de um instinto brutal que seu adversário desconhecia. Ele já havia machucado outros homens antes, os espancava até lhes tirar sangue. Lutara em portos e becos, ainda que não se orgulhasse disso. Brigara para sobreviver à vida que escolhera, e faria o mesmo esta noite.

Jack tinha o mundo selvagem dentro dele, o lobo. E tudo veio à tona com uma força inédita. Pensou em todos os homens que o cercavam, uivando, e percebeu que só havia uma única maneira de terminar aquela luta: atacando Reese. Quando o grandalhão caiu, Jack o acertou novamente. Derrotado, Reese ergueu as mãos, suplicando que parasse, mas Jack pulou em cima dele, uivando e agarrando seu pescoço.

– Chega – Reese arfou.

Jack uivou novamente, ouvindo o silêncio repentino que caíra sobre o acampamento.

– Chega – Reese repetiu, murmurando. – Eu me rendo. Eu me rendo.

Jack o soltou, levantando-se e sentindo o gosto de suor e sangue do inimigo na língua. E antes que Archie e três outros se aproximassem com os punhos e os porretes no ar, Jack percebeu os olhares respeitosos dos outros escravos sobre ele

CAPÍTULO OITO

O BANQUETE

Jack não conseguia dormir. A surra que levava tinha sido dura e era um milagre que não tivesse quebrado nenhum osso. Estava fraco, mais magro do que nunca, sofrendo novamente com um princípio de escorbuto e sentindo os dentes moles. A energia gasta naquele dia devia ter se refletido num sono profundo. Afinal de contas, após trabalhar doze horas seguidas com pouca comida no estômago, lutar com Reese e receber uma surra de Archie e seus capangas...

A verdade é que nunca se sentira tão exausto, porém não conseguia dormir. Deitou-se de costas e ficou olhando as estrelas. O céu noturno roubava o calor da terra e Jack, ainda que coberto com várias camadas de pele – cedidas por alguns homens –, não conseguia se aquecer. Pensava na quantidade de estrelas que havia lá no alto e no número de pessoas que estariam deitadas no mesmo solo de Yukon aquela noite, olhando para a escuridão e sonhando com os dias dourados que as esperavam. Embora sua situação fosse bem diferente – com seus ferimentos e seus pés presos a estacas de madeiras –, ele se sentia livre. Havia coisas bem piores para a alma humana do que ter as pernas atadas ou levar uma surra.

Jack piscou os olhos, que estavam pesados, cansados, feridos. Ouviu o ronco dos companheiros e desejou que Merritt estivesse dormindo tranquilamente.

“Salvei a vida dele hoje”, pensou, convicto de que o amigo o compreendera. Aliás, esperava que *todos* o tivessem entendido, inclusive Reese. Afinal de contas, preferia não ter feito nada contra aquele grandalhão.

Tentou não pensar no acampamento, queria deixar escravos e capatazes fora de seus pensamentos e explorar a escuridão para descobrir quem observara a luta. Mais cedo, enquanto Archie o atingia com socos e um porrete, Jack se sentia sendo observado por algo distante, por aquela coisa terrível com seu olhar curioso.

Durante alguns instantes, quando estava quase inconsciente, sentiu-se na pele do observador. Era como se estivesse afastado de seu sofrimento: a um só tempo que era atacado e observava tudo de longe.

Jack sentia uma fome tremenda, algo que nunca experimentara antes. E não era apenas desejo de boa comida, de coisas que não comia desde os tempos na cabana, de frutas e vegetais que em Dawson eram coisas raras. Sua fome era mais espiritual e profunda.

Ouvindo aquele familiar uivo de lobos – quando não o escutava se sentia mais abandonado do que nunca –, Jack finalmente caiu no sono.

Algo tocava seu rosto em seu sonho. Era uma coisa fria e molhada, e Jack tentou afastá-la com uma das mãos. Outra coisa roçou seu pé e alguma coisa conseguiu se aproximar de seu corpo, embrenhando-se entre as peles que o cobriam. Ele se sentia preso e acuado, e entrou em pânico ao perceber que aquela coisa estava cada vez mais perto. Sentia o calor estranho que dela emanava, embora continuasse fria e molhada ao tocar seu peito.

Abriu os olhos. Havia sombras ao seu redor, sombras quase imperceptíveis à luz da fogueira que se apagava. E o silêncio era total. Engoliu em seco e se sentou. Ao sentir uma pontada de dor por conta da surra que levava, percebeu que não estava sonhando.

Dez cães farejadores o cercavam, observando-o. Os animais estavam com os focinhos colados ao corpo de Jack, mas se afastaram quando ele despertou. Os cães pertenciam a William e Archie, assim como ele, Merritt e os outros escravos. Eram animais roubados, exatamente como o que tentaram roubar de Hal num beco de Dawson.

Jack olhou para os animais. A luz da lua se refletia nos olhos escuros dos cães. Não faziam qualquer barulho. Não desviaram o olhar nem quando Jack cruzou os braços sobre o peito. “Que frio”, ele pensou, olhando para a fogueira. Ao seu redor via os companheiros dormindo diante das tendas dos capatazes. E além delas, em algum lugar na escuridão, devia haver pelo menos três homens de guarda.

Assim ele achava.

– Vocês vieram ver o que estava acontecendo – Jack murmurou, e um dos cães se aproximou.

Jack se afastou um pouco. Sabia que cães farejadores podiam ser traiçoeiros, mas relaxou ao não notar qualquer sinal de ameaça. Os animais o cercavam,

porém não o acuavam. Esticou uma das mãos e um dos cães esfregou a cabeça contra a palma aberta.

– Oi, menino – ele murmurou. – O que foi?

O cão ganiu baixinho, fazendo a mão de Jack tremer. Os outros animais se aproximaram. Um deles cheirou Jack.

“O que é isso?”

A lua surgiu por entre as nuvens. Era uma meia-lua e seu brilho prateado tomou conta da paisagem como uma cortina de neve. As tendas ficaram mais leves e as sombras, mais espessas. Jack olhou para trás, tentando ver as silhuetas dos guardas de William, mas não enxergou nada. Eles estavam sentados em algum lugar, observando o acampamento silencioso, certos de que notariam qualquer movimento.

Os cães se viraram. Jack ficou triste ao perceber que iam embora, quase pedindo que voltassem. Porém, não importava o que estavam fazendo, eles tinham terminado, e Jack ficou ansioso para ver o que viria em seguida. “Alguma coisa está acontecendo”, ele pensou, assegurando-se de que não estava sonhando. A vitalidade de seus sentidos lhe dava essa certeza. Seus ossos doíam, sem falar em seu pescoço, suas pernas e suas costelas. Mas naquele instante a dor lhe parecia estimulante, tão animadora quanto a sensação de voltar à vida após quase ter morrido congelado.

Olhou para o fim do acampamento, pois sabia que, o que quer que fosse acontecer, teria origem naquela direção. Foi quando viu o lobo.

O animal ficou parado sob uma fila de árvores a uns trinta metros do acampamento, numa área mais elevada acima do riacho. O lobo era banhado pela luz da lua e seus pelos cinzentos brilhavam.

– Então é você – Jack murmurou, e ao som de sua voz o lobo começou a andar, aproximando-se do acampamento. “Não, eles vão atirar em você!” Jack procurou os cães farejados, mas eles já estavam de volta aos seus esconderijos.

Ele conseguia ver apenas a cabeça e a ponta da cauda do lobo, que se aproximava, confiante e determinado.

– Eles vão ver você – Jack murmurou, olhando desesperado para os lados. Mas todo mundo parecia alheio ao que acontecia. Não havia nenhum movimento nas tendas, nada se movia ao redor do fogo.

O lobo desapareceu atrás das tendas e reapareceu diante da entrada de uma delas. Cheirou a tenda e depois olhou para Jack. Era lindo. Enquanto o animal se movia lentamente, com o pelo banhado pela luz da lua, sombras dançavam sobre

seu corpo como nuvens de fumaça. Seus olhos eram mais vivos e brilhantes do que a fogueira que se apagava e não se desgrudavam do rosto de Jack.

– Você veio – ele disse no momento em que o lobo parou a dez passos dele. Respirou fundo e conseguiu sentir o cheiro do animal, fechando os olhos para ouvir sua respiração.

O lobo se aproximou e pressionou o focinho contra a garganta de Jack, que arregalou os olhos, olhando diretamente na cara do animal. Este abriu a boca e voltou a fechá-la no colarinho da camisa de Jack. Em seguida o puxou.

“Ele quer me levar”, pensou Jack.

– Mas...

O lobo rosnou suavemente e olhou para os pés de Jack. Em poucos segundos começou a roer a corda que prendia suas pernas e a que o prendia à estaca de madeira. Virou a cabeça e olhou para além de Jack, em direção às árvores de onde viera. Mais uma vez rosnou baixinho.

– Merritt... – Jack murmurou para o animal. – Se eu for embora e meu amigo ficar, ele será morto.

O lobo agarrou a mão de Jack com a boca num movimento suave porém ágil. Jack sentiu a língua, o calor de seu corpo e a ponta de seus dentes pressionando sua pele. “Ele vai me arrastar?”, pensou em pânico, pois seria impossível lutar contra aquele animal. No entanto, o lobo o soltou, dando alguns passos na direção de onde viera.

Jack se agachou, sentindo que o sangue voltara a circular em suas pernas. Àquela altura, ele e o lobo deviam ter sido flagrados, mas estavam ganhando a oportunidade de fugir e buscar ajuda. Hal lhe dissera que a polícia montada patrulhava aquela área. Caso a encontrasse, poderia levá-la até ali e talvez...

O lobo olhou para trás, parado entre Jack e as árvores. Ele então voltou correndo em direção às tendas e... agarrou uma delas nos dentes e a puxou.

– Não! – Jack falou num tom mais alto do que desejava.

Ninguém se mexeu e o lobo soltou a tenda, olhando para ele. “Eu posso ir”, pensou. “Posso segui-lo com a mesma facilidade com a qual observei sua aproximação. Depois posso buscar ajuda”. Avaliando a possibilidade de fugir ou de lutar contra os capatazes de William – e levando em consideração tudo o que sabia sobre eles –, chegou à conclusão de que não havia alternativa.

Além disso, não era a primeira vez que o lobo salvava sua vida.

“Assim que eu sair daqui, esse o lobo vai desaparecer”, pensou. “Voltará para o lugar de onde veio.” E Jack continuou, movendo-se com agilidade e cautela,

passando entre duas tendas, ouvindo o ronco dos homens que dormiam do lado de dentro. O animal parou à sua frente, o pelo brilhando à luz da lua. Depois Jack o seguiu, entrando no bosque, esperando ouvir o disparo de um rifle e sentir o impacto de uma bala atravessar seu corpo. Mas nada disso aconteceu.

O lobo continuou em frente. Guiava Jack, atravessando o riacho, subindo a colina, sempre em direção ao mundo selvagem que os aguardava. No entanto, aquela sensação de liberdade durou pouco.

Sentiu que estava sendo seguido assim que entrou no bosque.

E não demorou muito para ter uma certeza. Quem o seguia não era humano.

Ele podia sentir o cheiro de carne podre. O fedor parecia segui-lo, portanto Jack virou o rosto para ver o que era. Ainda que não tenha enxergado nada, a coisa continuava atrás dele. Não fazia barulho, porém estava sempre ali. Jack começou a correr, o lobo mais à frente. Quando o animal estava a ponto de sumir, parava e esperava por ele. Em nenhum momento Jack achou que estava sendo seguido por um dos capatazes de William. Caso tivesse pensado nisso, voltaria e enfrentaria o homem. Mas a coisa escondia o rosto, reverberando ao redor dele como um eco. E Jack não parava de correr.

A subida era íngreme, mas ele usava os pés e as mãos, continuando em frente. O lobo estava logo à sua frente, Jack podia sentir o cheiro. Quando olhou para trás, percebendo um movimento com o canto do olho, o lobo deixou escapar um uivo baixo e triste, como se Jack estivesse morto.

Lá embaixo, no fundo do vale, era possível enxergar os últimos brilhos da fogueira.

A subida se tornou um pouco mais suave e Jack passou a se movimentar com mais rapidez. Se o lobo não estivesse com ele, provavelmente teria gritado, pois a coisa que o perseguia agora estava perto. Jack podia sentir seu cheiro e percebeu quando ela quase o alcançou, avançando entre as árvores e projetando sombras no caminho. Olhou para trás novamente e mais uma vez o que o seguia desapareceu. Parou e olhou para a direita e para a esquerda, depois para os galhos das árvores e para as estrelas, para a lama entre seus pés. Ainda assim a coisa continuava fora de seu campo de visão.

“Eu estava seguro no acampamento!”, pensou Jack. “Havia pessoas ao meu redor, havia a fogueira. Eu estava seguro!”

Seja lá o que fosse aquilo, brincava com ele. Podia ter se aproximado a qualquer momento e, se quisesse matá-lo, poderia tê-lo feito.

Ele gritou. Sua voz, um misto de raiva, decepção e medo, ecoou no vale. “Que pesadelos vou provocar nos homens que dormem lá embaixo?”, pensou, e em seguida seu próprio pesadelo surgiu à sua frente.

Num primeiro momento Jack achou que estivesse dormindo, sonhando. Era o sonho mais realista de toda a sua vida, do qual ele logo acordaria assustado, desceria ao vale e recomeçaria seu trabalho. A ideia o reconfortou de certa maneira, pois no acampamento o medo era algo conhecido, contra o qual podia lutar: a brutalidade humana. Ali, à sua frente e no meio da mata escura, encarando-o com olhos que ele conhecia bem, o perigo era um total desconhecido.

Jack olhou para seus braços e mãos. Estava exausto, fraco, abatido, a pele tão fina que parecia translúcida, sem alguns dentes na boca, os cabelos caindo em tufo, o pescoço cheio de papadas e os olhos – sim, os olhos de Jack London – estavam mais envelhecidos e sinistros do que nunca. Era o rosto de um homem que tinha visto a fogueira do inferno e voltado com a loucura impressa na alma.

“Wendigo”, pensou, aterrorizado, e o lobo mordeu seu tornozelo. Ele gritou e caiu no chão. Quando voltou a erguer os olhos, a coisa tinha ido embora. Viu uma sombra a distância, que logo se moveu, tomando sua enorme forma verdadeira e monstruosa. A terra tremia à sua passagem e as árvores se retorciam.

Jack sabia o que aquela coisa faria. Todos no acampamento, incluindo...

– Não! – ele gritou. – Merritt, *não!*

Jack correu colina abaixo. Não tinha ideia do que faria quando chegasse ao acampamento. Não agia de maneira racional, mas não podia deixar Merritt sozinho. Não com aquele... com aquele...

“Por que Wendigo não acabou comigo, não me comeu?”

O lobo uivou atrás de Jack, que sabia que o animal estava perto e o que iria fazer dessa vez. O lobo salvara sua vida, tirando-o do acampamento onde certamente morreria... mas o que Jack não sabia era o quanto estava perto da morte.

– Não! – gritou, a voz trêmula. – Merritt, não!

Na floresta iluminada apenas pela luz da lua, ele descia a colina em disparada. Podia tropeçar numa pedra e quebrar a perna ou bater a cabeça contra o tronco de uma árvore. Mas o lobo vinha logo atrás, seu guia espiritual, e Jack confiava em seu poder, ainda que tivesse dado as costas a ele.

O monstro se movia entre as árvores vários metros à sua frente. De repente ele

desapareceu e Jack sentiu um forte golpe atingir suas costas, fazendo-o rolar no chão com o lobo. Ele então se levantou e voltou a correr. Atravessava o último trecho de árvores antes da clareira que levava ao acampamento. Ao ouvir o primeiro dos gritos, ele berrou, desesperado:

– Não!

O lobo pulou em cima de Jack, usou seu peso para contê-lo e se sentou escarranchado sobre ele – que teve de testemunhar o massacre começar. As árvores atrapalhavam sua visão, e ele se sentiu grato por isso.

A lua havia se escondido novamente atrás das nuvens e a fogueira logo foi apagada por algo que invadia o acampamento. Cinzas e chamas dançavam na noite e algumas fagulhas voaram até o riacho.

A sombra passeava pelo acampamento, movendo-se com extrema agilidade.

Num primeiro momento ouviram-se poucos tiros, antecidos por uma forte rajada. Cada disparo produzia clarões entre as sombras, permitindo visões diferentes que, em conjunto, revelavam uma silhueta indefinida no meio do acampamento. Era uma coisa enorme, coberta de pelos brancos, com garras curvadas como adagas.

Além dos tiros e do silêncio entre cada disparo, era possível ouvir os gritos dos homens que morriam. Alguns eram curtos e outros mais demorados, mas todos eram intercalados pelo barulho de carne e osso sendo destruídos.

A sombra se movia por todos os lados... e parecia crescer. A cada pedaço de carne que comia, a coisa ficava ainda maior.

Houve mais uma rajada de tiros e Jack viu duas sombras correndo em sua direção.

– Aqui! – gritou ele, sem se preocupar se eram ou não capatazes. Um dos homens caiu e foi pisoteado por algo indefinível. O outro ainda conseguiu dar alguns passos antes de ser agarrado pelas costas e seu corpo levantado violentamente no ar, desaparecendo diante de uma enorme sombra. Jack percebeu sua cabeça dar uma volta completa sobre o corpo.

Ele procurava Merritt, mas o lugar estava escuro e os homens corriam de um lado para outro. Seria difícil encontrá-lo naquela confusão.

O caos continuava. Uma das tendas foi erguida e arremessada contra o resto da fogueira que ardia. Alguém começou a rezar uma prece que parecia não ter fim. Talvez por não tentar fugir, o monstro ignorou o homem que rezava, atacando os que corriam. Mas a prece parou de repente e logo em seguida foi possível ouvir algo sendo esmigalhado.

Mais uma silhueta se aproximava das árvores. Jack achou que fosse um homem, mas logo percebeu que eram dois. “Merritt!”, pensou, desesperado para ver o rosto do amigo. Porém, quando chegaram perto, ele viu que estava enganado. A julgar pela maneira como corria, um deles só podia ser Archie, e o outro, pela forma como se apoiava nos ombros de Archie, era William.

A cena era ridícula, mas Jack não conseguiu achar graça. William talvez tivesse machucado as pernas. Ou quem sabe, em pânico, Archie o tivesse arrastado até ali, numa incrível demonstração de entrega perante uma situação caótica.

O lobo continuava em cima de Jack e uivou quando os dois homens se aproximaram.

– Por aqui! – Jack gritou, acompanhado pelo uivo do lobo.

Archie tropeçou e caiu, derrubando William também. Jack percebeu a sombra do monstro se aproximando entre as árvores.

Archie esticou uma das mãos, pedindo ajuda. William ficou de pé, tirou a arma da cintura e atirou em direção ao monstro. Em seguida virou as costas e começou a correr até o local onde estavam Jack e o lobo. Parecia não haver nada de errado com suas pernas, mas ao se aproximar ele se deteve, oscilando o corpo até parar por completo.

“Ele me viu?”, pensou Jack. Não. Estava muito escuro. De repente os olhos de William se arregalaram e o monstro o agarrou com suas mãos gigantescas, partido seu corpo ao meio.

Jack tapou os olhos para não ver aquela cena. O lobo se postou à sua frente, como se quisesse bloquear sua visão. Mas ele conseguia ouvir. Os gritos cessaram, indicando que o ataque chegara ao fim, mas a noite ainda estava longe de terminar.

O banquete havia apenas começado.

CAPÍTULO NOVE

NAS MÃOS DA BELEZA

Quando ele não conseguia mais escutar – quando os sons de destruição e morte causados por Wendigo se tornaram insuportáveis –, Jack se levantou e saiu correndo. O lobo deixou que ele fugisse. O mundo parecia desaparecer aos seus pés e ao seu redor. Era como se tivesse entrado no reino dos sonhos e vivenciasse o pior dos pesadelos. Sua mente não conciliava os horrores que testemunhara com o peso de seu corpo.

Como aquilo podia ser real?

Ele corria pelo terreno acidentado, fugindo para salvar a vida e a sanidade. Faminto, machucado, as costelas quebradas, as pernas bambas, o peito ardendo, o corpo trêmulo e exausto, Jack London corria pela sobrevivência, e o lobo continuava em sua cola. Às vezes o animal seguia ao seu lado, outras passava à sua frente, mas sempre olhando para trás, animando-o a não desistir.

O som da respiração trôpega tomava conta de sua mente. A escuridão era total, já que a lua havia desaparecido, e a visão de Jack ficou novamente embaçada quando ele virou a cabeça para a esquerda, enxergando algumas árvores, embora não fossem as mesmas onde antes ele se escondera. Jack tinha passado por elas? Qual distância ele havia percorrido? Ao menos um quilômetro, ainda que escutasse Wendigo.

O rugido o alcançou como uma rajada de vento. Wendigo deixara o acampamento para trás. Jack imaginou aquela mandíbula enorme suja de sangue e abriu a boca num grito silencioso.

“Corre, garoto, corre!”, ele pensou. Num momento de desespero Jack se esqueceu de que era um homem e se enxergou como as pessoas costumavam enxergá-lo, levando em consideração apenas sua idade. Um garoto.

Jack afastou aquela ideia.

Ele havia desafiado o mundo selvagem e continuava vivo. No embate do homem contra a natureza, Jack saíra vitorioso perante as garras da morte. Ele

definitivamente não era um garoto.

E seguiu em frente. Agora a lua atravessava as nuvens, tornando o caminho de Jack ora mais claro, ora mais escuro. Correndo através de um bosque, ele sentia os galhos das árvores batendo em seu rosto. Ao subir uma colina cheia de pedregulhos, ele quase caiu no chão, machucando joelhos e mãos. E o pior era que seu sangue deixava um rastro que podia ser facilmente seguido por Wendigo.

Mas Jack não parou. Se diminuiu o ritmo, ele nem sequer notou. A noite gelada calava em seus ossos. Seu estômago vazio se revirava de dor. Suas costelas quebradas o incomodavam muito. Quando ouviu um novo rugido de Wendigo – embora talvez fosse apenas um vento forte –, percebeu que o monstro havia ficado para trás.

O lobo, que seguia à sua frente, continuava a olhar para trás. Mordiscou a mão de Jack quando este estava a ponto de cair, a visão embaçada. Ele cambaleou três vezes, a cabeça girando e o corpo tremendo, e nessas três vezes o lobo agarrou sua mão direita com os dentes, despertando-o, puxando-o, até que Jack voltasse a si e recomeçasse a correr.

Qual distância havia percorrido? Certamente vários quilômetros, mas era impossível determinar a direção.

Por alguns segundos, com os olhos praticamente fechados, Jack perdeu o rastro do lobo e procurou o brilho da lua. Ele colocava um pé na frente do outro – esquerdo, direito, esquerdo –, até o momento em que o chão desapareceu. Baixou o pé direito, mas não havia onde apoiá-lo. Quando viu já era tarde. Suas pernas fraquejaram à beira de um buraco e ele caiu.

Jack tentou se levantar, mas seu corpo não obedecia. Sentiu um vento frio e começou a tremer.

O uivo do lobo estava próximo, mas ele não era capaz de responder ao chamado do mundo selvagem. Não daquela vez. Escutou um rugido que podia ser a resposta de Wendigo. A escuridão tomava conta de tudo e Jack não podia fazer nada além de se render a ela.



A cada pedaço de carne que comia, a coisa ficava ainda maior.

Jack despertou sentindo dor. Ao contrário de várias outras vezes, em que demorou a perceber o que estava acontecendo, ele se deu conta da situação assim que abriu os olhos. A dor tinha sido responsável por manter sua mente acesa. Seus pensamentos eram tão vívidos, tão diferentes da desorientação que sentira ao fugir de Wendigo, que chegou a duvidar que ficara inconsciente.

Ele então viu a garota e suspeitou que havia alguma coisa errada.

Sentiu algo macio roçar sua bochecha e não era o pelo do lobo. Como se fosse uma criança, ele estava envolto em peles de animais e sentia um calor ao redor de seu corpo ferido e cansado. As árvores pareciam observá-lo em silêncio e Jack via um céu cada vez mais claro entre os galhos.

A garota o observava detrás de uma árvore, tímida como uma criança que se esconde entre as pernas da mãe. Seus cabelos negros caíam sobre os ombros e eram finos como seda. Sob os primeiros raios da manhã, seus olhos amendoados brilhavam como moedas prateadas em meio aos traços elegantes de seu rosto exótico. Calçava botas parecidas às usadas pelos índios da região e se vestia apenas com um vestido marfim de algodão. Fazia frio, mas ela não estava de casaco. Curiosamente, seu hálito não se condensava ao entrar em contato com o ar gelado.

Jack nunca tinha visto uma garota tão linda em toda a sua vida. Devia ter entre dezesseis e vinte anos – era difícil dizer –, e, ao vê-la, Jack chegou a duvidar se estava consciente.

Ele respirava devagar. Embora sentisse dor na altura das costelas, ela parecia menos incômoda agora. Sentiu um gosto estranho na boca. Passou a língua nos lábios e percebeu um corte. Cuspiu. Um cheio forte chegou às suas narinas ao mesmo tempo que notou um gosto de ervas na boca.

A garota inclinou a cabeça como se fosse um pássaro curioso, e Jack se deu conta de que havia sido ela quem colocara as ervas – talvez algum tipo de remédio – em sua boca. Ou havia sido outra pessoa? Provavelmente ela não estava sozinha por ali. O que uma linda garota fazia naquele lugar sem um casaco?

Jack tentou se levantar para olhar em volta, mas não tinha forças. Seus braços não conseguiam sustentá-lo e seu corpo reclamava ao menor esforço. Por um momento seus olhos se fecharam, mas ele se esforçou para mantê-los abertos. Não queria voltar a ser refém da inconsciência.

Girou um pouco a cabeça, observando as árvores e a paisagem ao redor,

procurando outros membros da tribo ou da família da garota, mas não viu ninguém.

– Quem é você? – ele murmurou. – Você... – Jack passou uma das mãos trêmulas nas peles que o cobriam. – Foi você quem fez isso? Você me trouxe até aqui?

A garota saiu de trás da árvore, embora continuasse com uma das mãos encostadas no tronco, como se isso a confortasse. Quando ela sorriu, Jack percebeu uma inocência em seu rosto e sentiu raiva por estar tão fraco, pois queria se aproximar dela.

Ele não conhecia o amor, não sabia identificá-lo. Já se sentira atraído por uma garota algumas vezes, mas nunca havia se apaixonado. Portanto, era impossível definir se o que sentia era amor. Assemelhava-se mais a uma admiração.

Piscou os olhos, querendo afastar o sorriso da menina de sua mente, mas no instante em que os fechou pensou no lobo, no espírito do animal que considerava seu guia. O lobo o salvara, mas no momento em que a noite cedeu espaço para a claridade do dia ele havia desaparecido.

A única presença ali era a da garota. Estranhou mais uma vez o fato de ela não usar casaco, apenas um vestido e botas. Jack a observou por alguns segundos, imaginando que sua mente talvez não estivesse muito boa. “Ele tinha perdido a razão? Será que a menina e o lobo eram um único ser?”

Ela deixou escapar uma leve risada, tapando a boca com uma das mãos, como se pudesse ler os pensamentos de Jack e visse a interrogação nos olhos dele.

Jack se sentia cada vez mais perdido. Seja lá o que ela tenha dado para ele, não conseguiu medicar a exaustão que o consumia. Seu corpo precisava descansar e se recuperar da surra que havia levado. Ele ouvira falar de cavalos que caíam mortos após andar muito tempo. Sabia que o mesmo podia acontecer com as pessoas. No entanto, ele não sentia a morte o cercando, mas seu corpo parecia à beira do colapso. Sem ajuda, sem comida e exposto ao ar livre, ele acabaria morrendo.

Ou não, se a garota e sua tribo o ajudassem.

Mas ali não parecia haver nenhuma tribo.

– Quem é você? – ele perguntou novamente.

O vento soprava e os galhos balançavam acima de suas cabeças. Jack ficou paralisado. A brisa carregava um cheiro familiar, um cheiro de sangue fresco e carne podre, o mesmo fedor que sentira na noite anterior quando encarara o temido demônio de Yukon.

A garota ficou atenta, os olhos arregalados e as pernas ligeiramente arqueadas. Parecia um predador prestes a dar o bote.

– Corre – ele disse, engolindo em seco.

O que ela colocara em sua boca tinha gosto de canela. Jack estava vencido pelo cansaço, portanto não conseguiria fugir. Alguém o arrastara até ali durante a noite, mas Wendigo seguira seu rastro e agora estava por perto.

Tão perto que Jack podia sentir seu cheiro.

Naquela manhã o mundo selvagem clamava por ele, por isso Jack tentou se levantar. Se conseguisse erguer as mãos, lutaria, mas acabaria morrendo, tornando-se alimento para Wendigo.

– Corre, droga! – Jack repetiu.

Ela correu em direção a Jack e caiu de joelhos diante dele, pressionando os dedos de sua mão direita sobre seus lábios, que tentaram argumentar. Jack ouvia Wendigo se aproximar. Estava muito perto. Os galhos das árvores balançavam ainda mais. Ouvia seus grunhidos, o rangido de seus dentes.

“Que garota idiota. O que ela acha que está fazendo?” Ele queria gritar, implorar para que ela fosse embora.

Fazendo enorme esforço, Jack conseguiu ficar de joelhos, sentindo uma dor terrível, como se todas as suas feridas estivessem sendo abertas novamente. Com os dentes trincados e a respiração entrecortada, começou a erguer o corpo.

Jack nunca passara por uma provação tão grande em toda a sua vida.

A garota o empurrou para trás, pousando mais uma vez o dedo em seus lábios. Ele queria gritar, dizer que os dois seriam mortos. Mas a garota o derrubou e Jack soltou um suspiro doloroso.

Ela começou a cobri-los com as peles, ficando em cima de Jack para protegê-lo. Estavam tão perto um do outro que Jack podia sentir seu hálito quente e seu corpo que recendia a canela.

– Não – ele murmurou.

Ela o encarou, obrigando-o a se calar. Parecia uma garota determinada.

– Fique quieto – ela disse, surpreendendo-o ao falar em inglês.

Jack então se calou.

Continuavam com os corpos grudados sob a camada de peles, seus corações batendo perto um do outro. Ainda que sentisse dor e medo, Jack experimentava uma sensação diferente ao ter aquela garota tão perto de si.

Wendigo grunhiu, num sinal de que estava perto, na clareira entre as árvores que os cercavam. A luz do dia devia iluminá-lo por inteiro, pondo fim ao

mistério que o acompanhava. Mas Jack temia que o monstro fosse antes uma figura espiritual do que uma maldição em carne e osso, e não queria vê-lo de jeito nenhum.

O fedor deixava Jack enjoado, que fechou a boca para não vomitar. Não demoraria muito até aquela criatura levantar as peles e os trucidar com suas garras retorcidas, cortando suas carnes e quebrando seus ossos. “Ficar escondido sob uma camada de peles? Esta garota só pode estar louca.”

Fechou os olhos e tentou se acalmar, respirando fundo. “Inspira, expira, inspira, expira.” Umedecendo os lábios secos com a ponta da língua, tremendo e com a garota em cima dele, Jack ouviu os ruídos de Wendigo. Percebeu uma risada baixa, como se fosse a brincadeira secreta de um louco. Aquele monstro já havia sido um ser humano e agora sua fome crescente era alimentada de corpos.

Wendigo estava atrás deles, vasculhando entre raízes e copas de árvores. Mas, de alguma maneira, embora estivessem cobertos por uma fina camada de peles e o dia ficasse cada vez mais claro, o monstro não conseguia encontrá-los.

Assustado e achando que sua sorte tivesse chegado ao fim, Jack abriu os olhos e viu aquela garota de beleza única. Ela jogou a cabeça ligeiramente para o lado e seus olhos brilharam. A garota mais uma vez levou o dedo sobre os lábios de Jack, mas dessa vez o dedo traçou a linha da barba que ele cultivara durante a viagem.

Parecia um truque de mágica o fato de os dois passarem despercebidos sob aquela camada de peles.

Jack sentia a presença de Wendigo, ainda que a simples existência da criatura fosse o suficiente para mantê-lo ali escondido. Mas logo ouviu o canto dos pássaros se misturando à barulheira produzida pelo monstro, que parecia emitir sons diferentes. Wendigo uivava, confuso, sem entender como perdera o rastro que seguia e talvez perturbado pela chegada da manhã, já que aquela criatura tinha hábitos noturnos.

Os galhos das árvores se quebravam e os pássaros levantavam voo, mas Jack ouvia os passos de Wendigo cada vez mais distantes. O monstro havia desistido.

Alguns segundos depois Jack escutava apenas o canto dos pássaros, o barulho do vento e a respiração suave da garota, sentindo as batidas de seus corações e a dor que voltava em ondas.

– Você está comigo – ela disse. – Está a salvo ao meu lado.

Ela beijou a ponta dos dedos e tocou a testa de Jack como se o abençoasse. Em seguida afastou as peles e a luz do sol o obrigou a fechar os olhos, uma sensação

que ele achou prazerosa.

Seu corpo clamava por descanso e, com aquela garota ao seu lado, acariciando gentilmente seus cabelos e murmurando palavras numa língua diferente das que ele ouvira entre os habitantes das tribos do norte, Jack sucumbiu ao chamado do inconsciente. Ele não parava de pensar em como aquela garota miúda conseguira levá-lo até ali, arrastando-o do lugar onde caíra na noite anterior.

Logo depois ele já não pensava mais em nada. As cortinas de sua mente se fecharam e as luzes se apagaram na sua cabeça. Ele era acompanhado apenas pelo doce canto dos pássaros e pelo suave toque das mãos da garota.

Ele acordou num conto de fadas.

Num primeiro momento sentiu apenas uma pele roçar sua bochecha, mas lentamente, enquanto voltava à consciência, percebeu que pela primeira vez em muitos dias estava *aquecido*. Mais aquecido do que no interior da Taberna Dawson. Na verdade, Jack se sentia mais aquecido do que em qualquer ocasião após sua partida de São Francisco no verão anterior e ficou deitado aproveitando o calor da pele.

Abriu os olhos e viu uma lareira de pedra, o fogo crepitando, e umedeceu os lábios secos e rachados com a língua. O rosto estava ressecado por causa do fogo e qualquer movimento ou expressão lhe causavam dor. Ainda assim sorriu e puxou as cobertas – que alguém colocara sobre ele enquanto dormia – até o pescoço.

Já sem sono, percebeu que sentia calor, portanto afastou as cobertas e agradeceu o frescor que vinha do chão.

Jack se sentou e olhou ao redor. Com o corpo dormiente e dolorido, sentia-se com cem anos de idade, mas se esqueceu daqueles problemas ao ver o que o rodeava. Em outra situação aquele lugar não passaria de uma simples cabana, mas, nas terras duras e remotas de Yukon, parecia um local incrível. Com apenas um cômodo, a cabana devia ter quatro metros quadrados e a madeira do piso e da viga brilhava de tão nova, que era como se tivesse sido cortada por alguém experiente.

A enorme lareira ocupava uma parede inteira, mas do lado oposto havia um grande fogão de ferro escuro com uma chaminé que atravessava o teto. Existiam portas na frente e atrás, e ao lado de cada uma delas – e isso chamou a atenção de Jack, já que estava longe da civilização – havia janelas altas com vidros trabalhados. A luz do sol atravessava as janelas, através da qual era possível ver

um bosque.

Enormes pedaços de peles tinham sido espalhados pelo chão como se fossem tapetes. Na parte da frente, duas cadeiras estavam postas perto da janela a fim de aproveitar a luz que vinha de fora, e ao lado da porta se avistava uma estante repleta de livros. Ver aqueles livros, alguns encadernados em couro e outros bordados com fios de ouro, fez o coração de Jack saltar no peito.

Os cantos dos fundos da cabana tinham sido deixados livres. Próximo a Jack e à lareira havia uma cama de madeira elegantemente entalhada e o colchão era coberto com uma manta floral estilo francês. Em frente à cama, num canto ao lado do fogão, percebia-se uma pequena mesa redonda guarnecida com uma toalha branca de renda, além de duas cadeiras acomodadas sob ela, no que parecia ser o lugar de refeições da cabana. Um armário guardava louças, tigelas e copos.

A mesa estava posta para uma única pessoa. O cheiro de comida era forte, embora ele não tivesse percebido até então. Porém seu estômago roncou ao ver a tigela branca, o garfo, a faca e a colher sobre a mesa. Mas Jack continuou durante um bom tempo sentado no chão, acariciando a barriga. Em seguida ele se levantou, pois tinha acabado de ver a coisa mais importante daquele lugar tão estranho.

Uma panela no fogão.

Ela havia sido posta ao lado da chama, para que se mantivesse aquecida. Sentindo-se como um personagem das histórias infantis, Jack começou a caminhar, cambaleante. A cada passo percebia coisas novas. Suas botas estavam junto ao fogão. Seus pés doíam. Suas meias eram finas e surradas, mas seu sapato logo estaria seco. O casaco de Jack estava pendurado num gancho ao lado da porta, como se aquela casa fosse sua.

No entanto, a comida o fazia se esquecer de tudo que havia por ali. Respirou fundo e, olhando para a panela, abriu a tampa. O cheiro que subiu da comida o deixou morto de fome. Alguém preparara um ensopado. Teria sido aquela menina? A cabana era dela? Como o levava até lá?

Jack ficou com a boca cheia de água ao sentir aquele cheiro maravilhoso. Havia uma colher de pau sobre o fogão. Ele a pegou e mexeu o ensopado, vendo cenouras, batatas e repolho, sem falar nos pedaços de carne, que provavelmente era de coelho.

Ficou se perguntando se deveria comer algo preparado por um desconhecido, mas o pensamento logo desapareceu. A fome era maior do que qualquer dúvida.

Afinal de contas, a comida e a mesa pareciam ter sido preparadas para ele. Por que a desconfiança? Ninguém se daria o trabalho de levá-lo até aquela cabana para envenená-lo, muito menos a garota que o salvara de Wendigo.

Franziu a testa. O que tinha acontecido? Os dois ficaram escondidos sob as peles, mas como Wendigo não os vira? Era impossível! O monstro devia ter notado a presença deles, sentido seu cheiro! No entanto, tudo indicava que não percebera nada.

Jack ficou pensando nisso. Devia haver algum truque por trás daquilo. Talvez um cheiro impregnado nas peles tenha se sobreposto ao de Jack e ao da garota. O que mais podia ser?

Pensava naquela possibilidade enquanto levava a tigela ao fogão, servindo o refogado, certificando-se de pegar também os vegetais e a carne. Ao dirigir-se à mesa, esquecendo por alguns instantes de seus ferimentos, Jack teve cuidado de não entornar da tigela uma única gota do ensopado. Sentou-se numa cadeira e levou uma primeira colher à boca, que foi invadida por ótimos sabores variados. Sua fome parecia cada vez maior diante daquele prato. Jack ficou chateado ao ver alguns pingos sujarem a toalha da mesa, mas não conseguia parar de comer. Ele jamais experimentara algo tão gostoso na vida e, ao mergulhar a colher novamente na tigela, sentiu os lábios feridos, lembrando-se das dores nas coxas e nas pernas, sintomas do escorbuto.

Piscou os olhos diante da tigela cheia. Cenouras. Batatas. Repolho. Ingredientes ideais contra aquela doença. A garota, ou seja lá quem tivesse preparado a comida, não apenas o alimentava como estava preocupada com sua saúde. Mesmo pensando em tudo isso, em nenhum momento Jack parou de comer.

Como era possível colher vegetais no princípio da primavera em pleno mundo selvagem? A neve tinha derretido havia poucas semanas.

Mergulhou novamente a colher na tigela, continuando a comer, mas sua mente estava tão inquieta quanto seu estômago. Enquanto engolia a comida, Jack observava o cômodo, já revigorado pelos alimentos. A garota não devia morar ali sozinha, mas ele não percebeu nenhum sinal de presença masculina no ambiente. A manta floral indicava que uma mulher dormia na cama. Talvez ela dividisse a casa com uma irmã ou com a mãe.

Mas como ela – ou elas – conseguia sobreviver?

Sobreviver. A palavra reverberava em sua mente quando a colher bateu na tigela vazia e ele se levantou. Enquanto se servia na panela, de novo examinou a

cabana, e dessa vez foi tomado pela mesma sensação de fantasia que experimentara ao acordar. Uma cabana, ou melhor, uma casa com lareira e comida preparada por um desconhecido... aquilo parecia um conto de fadas. Mas ele, Jack London, com todas as suas feridas e a fome que sentia, era bem real. O calor da lareira e do fogão eram reais. O gosto do ensopado... também era real.

“Não estou vivendo um conto de fadas”, ele pensou.

Mas ao seu redor havia coisas nas quais era difícil acreditar. Vegetais frescos no começo da primavera num lugar tão selvagem como aquele. Sem mencionar a cabana, que tinha sido muito bem construída. No entanto, ali diante do fogão e segurando a tigela, Jack achou estranha a ausência de algumas coisas. Não havia nenhuma ferramenta à vista. Em outras cabanas que visitara – algumas em regiões com clima mais ameno, inclusive a que dividira com Merritt e Jim durante o inverno –, tais apetrechos estavam sempre presentes, ou ao menos existiam sinais de que um dia fizeram parte da decoração.

Não havia botas de neve penduradas nas paredes nem ganchos onde pendurá-las. Jack não avistava nenhuma vara de pescar, rede ou rifle de caça. Na verdade, não havia nenhum sinal de arma naquele lugar. Com certeza devia existir algum depósito do lado de fora, onde lenha, pá, machado e uma serra ficavam armazenados. No entanto, o lugar mais indicado para guardar ferramentas era dentro de casa.



Você está comigo – ela disse. – Está a salvo ao meu lado.

Com a curiosidade mais intensa do que a fome, Jack deixou a colher na mesa e deu uma volta pela cabana, comendo com a tigela colada à boca. Não encontrou nada. Continuava impressionado com a perfeição dos acabamentos da casa. Engoliu mais comida e parou ao lado da lareira, onde o fogo já era mais baixo. Inspecionando a parede, viu que as toras de madeira eram do mesmo tamanho e estavam perfeitamente encaixadas. Em seguida correu um dos dedos pela fresta horizontal entre duas delas.

“Que material o construtor usou para fazer a vedação?” Continuando sua caminhada, Jack observou a perfeição das toras. Não havia reentrâncias, nenhum pedaço preenchido com cascalho ou farpas de madeira, e os espaços entre elas não tinham sido vedados com barro ou seiva.

Com a tigela nas mãos, Jack se curvou para a frente, analisando o espaço entre duas toras. Tocou-o e percebeu que o material era macio. Raspou o local com as costas da colher e descobriu uma madeira branca e brilhante.

Os espaços entre as toras não haviam sido vedados pois eles simplesmente *não* existiam! Os pedaços de madeira se encaixavam como um quebra-cabeça. Uma raspagem em sua superfície mostrava que ela era verde, brilhante e estava viva.

Com a tigela esquecida numa das mãos, Jack girou o corpo, olhando para as paredes e as portas, depois movendo ligeiramente a cabeça, observando as vigas do teto. Tudo estava vivo. Olhou para a parte da frente da cabana, deixando a tigela sobre a pequena estante e curvando o corpo para examinar as lombadas dos livros. Inglês, francês, russo e várias outras línguas se misturavam. Jack parou de repente e olhou para o chão.

“Será que a cabana tinha raízes?” Era provável que tivesse, já que as árvores usadas para construí-la ainda estavam vivas. “Mas elas cresceram dessa maneira?” Era impossível. Porém, Jack não podia refutar aquela constatação. As portas, as janelas e as mobílias pareciam normais, comuns. Mas com certeza a cabana era feita de madeira viva.

Jack foi até a janela da frente e ficou paralisado. A cabana estava localizada no meio de uma clareira, ao redor da qual havia um bosque denso e escuro. Flores silvestres brotavam do lado de fora em vibrantes tons de lilás, azul, rosa, laranja e vermelho, cores tão fortes que apagavam de sua lembrança os tons cinzentos de Dawson.

Balançou a cabeça de um lado para o outro. Aquilo não podia ser real. Pensou nas histórias que tinha lido sobre homens que se perdem em bosques repletos de

fadas e espíritos e que, ao acharem o caminho de volta, descubrem que os anos se passaram enquanto estavam ausentes.

Jack continuava a balançar a cabeça, não aceitando a realidade que se abria diante de seus olhos. Quanto tempo tinha dormido? Onde ele estava? Como havia chegado até ali?

Vestiu o casaco pendurado no gancho ao lado da porta e pegou as botas ao lado do fogão, calçando-as sem amarrá-las e se dirigindo aos fundos da cabana. Ao passar pela janela, ficou mais uma vez paralisado ao perceber uma bela horta de uns dois mil metros quadrados com uma grande variedade de legumes e verduras. Mais à frente avistou macieiras, pereiras e parreiras com enormes cachos de uvas.

– Droga! – murmurou.

De repente sentiu uma brisa acariciar sua nuca. Ao se virar, percebeu que não tinha ouvido a porta abrir.

A garota acabara de entrar na cabana e o sol agora emoldurava seu corpo, destacando perfeitamente seus contornos sob o vestido de algodão. Embora estivesse com medo e confuso, Jack ficou sem fôlego ao ver tamanha beleza.

Ela sorria com inocência e doçura, mas logo uma expressão de surpresa apareceu em seu rosto, já que Jack se preparava para ir embora.

– O que fiz de errado? – ela perguntou, balançando a cabeça. – Não gostou da comida?

CAPÍTULO DEZ

ECOS NO VELHO BOSQUE

Jack não conseguia tirar os olhos da garota nem se perdoar por tê-la deixado triste. Não percebia nenhum traço de malícia em sua voz ou expressão. Embora a casa e a beleza dela parecessem pertencer a outro mundo, seu olhar de desânimo e de frustração era inquestionavelmente humano.

Respirou fundo e examinou as instalações simples da cabana, não enxergando qualquer perigo. Talvez ela fosse resultado de alguma magia. Afinal, como explicar uma casa feita de madeira viva? De qualquer maneira, ela não aparentava nenhum perigo. Jack então se lembrou de João e Maria, da casinha de biscoito, do fogão da bruxa, mas logo afastou esses pensamentos. Ele parecia estar vivendo um conto de fadas, mas, sendo bruxa ou não, aquela garota de pé na soleira da cabana era real.

Ela baixou os olhos e seus lábios se curvaram numa expressão triste.

– Acho que não coloquei sal suficiente – ela disse, e Jack levou um tempo até perceber que a garota continuava falando sobre o ensopado. Ela vira a tigela pela metade sobre a estante.

Jack engoliu em seco e olhou pela janela, observando o jardim verdejante atrás da cabana e pensando para onde iria. Não sabia se o acampamento dos escravos era longe nem a direção a seguir. As costelas quebradas tornavam a respiração uma tarefa dolorosa e, embora os outros ferimentos não o incomodassem tanto, uma única refeição não seria suficiente para que Jack revigorasse as energias nem afastaria a ameaça do escorbuto. Não estava pronto para voltar à civilização. Não tinha armas, comidas nem qualquer tipo de suprimento... e Wendigo continuava em algum lugar do lado de fora.

– A comida estava uma delícia – Jack falou.

O rosto da menina se iluminou e o sorriso reapareceu em seus lábios, bem como o ar de timidez que aparentava quando Jack a conheceu. Mas logo sua expressão voltou a ficar séria.

– Você deve estar faminto, mas parece que não terminou de comer – ela comentou, apontando para a tigela abandonada pela metade.

Tentando superar a desconfiança e atento a cada detalhe da garota e da casa, mas sem se esquecer da maneira como ela o protegera, Jack deu dois passos em direção ao centro da cabana.

– Eu repeti.

– Que bom – a garota falou, balançando a cabeça e sorrindo. – Você gostou, então.

Ela pegou a tigela e a levou até a mesa, passando perto de Jack. Ele sentiu o cheiro de canela e imediatamente se lembrou de quando se encontraram, do corpo dela sobre o dele, de sua respiração e de seu perfume morno e adocicado.

– Não vai terminar de comer? – ela perguntou, deixando a tigela na mesa e olhando para Jack.

Era o que ele mais queria. Seu estômago roncava e sua boca ainda salivava ao lembrar o sabor daquele ensopado com carne de coelho. Um copo de água ou de uísque também seria muito bem-vindo.

Olhou para as peles, as mantas, a lareira acesa, as frutas e os vegetais... Ele queria ficar ali.

– Qual é seu nome? – Jack perguntou.

Ela se virou num movimento rápido que parecia um passo de balé, fazendo seu vestido esvoaçar.

– Lesya. Meu nome é Lesya.

– Você fala inglês muito bem, Lesya. Qual é sua língua-mãe?

Ela deu de ombros e seu rosto ficou levemente corado.

– Sempre falei várias delas. Línguas tribais também. Apreendi algumas expressões com viajantes. Sem mencionar outros idiomas.

Jack se lembrou dos livros na estante. Quem havia lhe ensinado tantas línguas? Na idade de Lesya – que devia ser a mesma de Jack, com dois anos a mais ou a menos –, sua fluência o teria surpreendido se não fosse pelo modo como os últimos dias tinham redefinido palavras como *surpreender* e *deslumbrar*.

A garota pousou uma das mãos nas costas de uma cadeira, como se precisasse daquele apoio para não cair, e observou o rosto de Jack por uns segundos antes de desviar o olhar e dizer:

– Ainda não me disse seu nome.

– Jack – ele respondeu. – Jack London.

– London! – ela disse com os olhos brilhando de entusiasmo – já ouvi falar de

Londres.

Encantado com a reação da garota, Jack prendeu a respiração. Estar na presença dela era o bastante para deixá-lo confuso. Se fosse preciso, ele construiria qualquer coisa, caçaria um animal selvagem ou brigaria com qualquer homem para conquistar seu afeto. Pensar naquilo o encheu de ânimo, ainda que não houvesse outro homem ali que pudesse colocá-lo à prova.

– É apenas meu sobrenome. Mas espero viajar para Londres um dia.

Um traço de arrependimento surgiu no rosto de Lesya.

– Eu também – ela falou, encarando-o em seguida e deixando de lado a timidez. – Mas você estava indo embora. Por quê?

– Eu... – Jack começou, sem saber como continuar. Então ficou olhando para ela, uma garota linda cercada de coisas improváveis e que no entanto agia como se sua casa fosse a mais normal do mundo. Ela era uma bruxa? Talvez. Mas Jack a olhou no fundo dos olhos e descartou aquela possibilidade.

– Uma dúvida: eu *posso* ir embora? – perguntou ele.

– Claro! – Lesya respondeu, sorrindo. – Ainda estamos em Yukon, embora o meu jardim seja... especial.

– Especial?

Ela deu de ombros e olhou para outro lado, como se não soubesse explicar.

– Você me salvou de Wendigo – ele continuou, quebrando o silêncio incômodo –, mas como me trouxe até aqui?

– Eu o carreguei – ela falou, como se respondesse à pergunta mais idiota de sua vida.

Lesya era uma garota franzina, com uns quinze quilos a menos que Jack – embora ele tivesse perdido peso no inverno e durante a marcha com os escravos –, mas ainda assim ela o carregara e não parecia achar isso estranho.

– Este lugar, esta cabana... Você sabia que estas árvores estão vivas?

– Claro – Lesya sorriu, virando os olhos ligeiramente. – Mas todas as árvores estão vivas, não é?

– Menos as que são usadas para construir casas.

Ela franziu a testa com certo desdém.

– O que é uma pena, não acha? É bem melhor assim.

Por mais que se esforçasse, Jack não conseguia pensar numa maneira de argumentar. Talvez Lesya não tivesse ideia de que sua casa era diferente, mas ela podia estar sendo modesta. Será que ela era menos inocente do que parecia?

Jack mais uma vez olhou para a porta. Cabisbaixa, ela deu um passo para o

lado e disse:

– Se quer mesmo ir embora... se minha gentileza e minha casa não agradam você... Sinto muito por tê-lo trazido aqui. Pode ir embora se quiser.

– É que...

– Você está com medo.

Ele começou a balançar a cabeça, discordando de Lesya, mas então parou e disse:

– Com medo não, estou apenas...

Mas Jack não conseguia pensar numa melhor definição.

Lesya se aproximou, chegando tão perto que Jack voltou a sentir seu perfume inebriante. O peito da garota arfava, e ela então segurou as mãos de Jack e olhou-o nos olhos.

– Fique aqui até se sentir melhor. Minha casa pode parecer estranha, mas garanto que não vai acontecer nada com você. Basta ficar ao meu lado.

Com os dedos tocando os de Lesya, Jack percebeu um calafrio percorrer seus braços, sentindo a mesma intimidade de quando estiveram sob as camadas de peles, assustados e quietos enquanto Wendigo passava por eles. Fazia muito tempo que não se aproximava tanto de uma mulher. E na verdade nunca estivera tão perto de alguém adorável, delicado e sincero como Lesya.

Se ela realmente era uma bruxa que o enfeitiçara, Jack pouco se importava. Uma garota daquelas não precisava de magia para atrair um homem. Quando Lesya disse que ele estaria a salvo ao seu lado, Jack acreditou. Ela era responsável por ele ter escapado com vida de Wendigo. Aquilo era prova suficiente.

– Acho que vou terminar de comer – ele falou.

Lesya concordou, esfregando as mãos de Jack e dizendo com um sorriso nos lábios:

– Isso mesmo. Se você quiser, eu tenho vinho.

Jack sorriu. Ainda que não fosse uísque, ele não recusaria uma dose de vinho.

Lesya era boa no que fazia. Nos dias seguintes, ela cuidou de Jack, que já estava melhorando. Ele dormia coberto de peles e de mantas e, durante o dia, enquanto Lesya andava pela floresta caçando animais selvagens ou colhendo frutas e vegetais de sua horta, Jack passava horas deitado na cama dela, sentindo seu perfume no lençol. Quando estavam juntos, Lesya cozinhava pratos maravilhosos, comidas temperadas com ervas e especiarias que ela guardava no

armário ou retirava da horta. Com o tempo, Jack não ligava mais se os alimentos que Lesya cultivava não podiam crescer naquela região.

Embora a garota reclamasse, pedindo que Jack descansasse até ficar bom, no terceiro dia ele se recusou a permanecer na cabana. Por causa das costelas quebradas, ele não podia cortar lenhas, limitando-se a carregar alguns pedaços de madeira, e Lesya não se opôs quando ele se ofereceu para ajudá-la a colher vegetais para o jantar. Jack se sentia melhor realizando aquelas pequenas tarefas. Ele queria ser útil, trabalhar, e logo começou a pensar na jornada que o levava até aquela cabana e na razão que o fizera sair de São Francisco.

Eles se divertiam com a presença do outro. Por causa da insistência dela, Jack lia para Lesya à luz de velas. Em sua estante havia um exemplar de *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens, e sempre que ele começava a ler a história de amor condenada ao fracasso de Sydney Carton e Lucie Manette, os dois fingiam não perceber que a voz de Jack falhava um pouco.

Porém, em momentos mais tranquilos, Jack pensava na sua casa, na sua mãe, em Shepard e na sua querida Eliza, que deviam estar esperando notícias de sua chegada a Dawson. O desejo de viajar e o gosto pela aventura o haviam levado até ali, sendo guiado pela vontade de conquistar o mundo selvagem, mas Jack carregava os desejos e as esperanças de sua família. Embora aquela primavera ao lado de Lesya se assemelhasse ao paraíso, após algumas semanas ele se sentia dividido entre desejos e obrigações.

Lesya provavelmente percebeu alguma coisa, pois certa manhã chamou Jack para acompanhá-la ao bosque. Os dois caminharam de mãos dadas entre as árvores, que eram banhadas pela luz do sol. O bosque era parecido com vários outros por onde Jack já passara e Lesya provavelmente seguia caminhos diferentes a cada dia, pois não havia trilhas no chão.

Na maior parte dos dias eles conversavam ao caminhar. Ela sabia como convencê-lo a contar histórias sobre sua vida, mas a verdade é que Jack não precisava de muito estímulo para falar sobre seus tempos de pescador de ostras e estivador. Ele também relatava sonhos e ambições como nunca fizera antes, além de contar detalhes sobre os trinta dias que passara na prisão, um drama que nem sua família conhecia.

Lesya ensinava palavras e expressões em várias línguas, e os dois conversavam sobre os livros que tinham lido. Mas ela não dizia nada sobre sua vida. Jack queria saber os detalhes, ainda que adorasse aquele mistério. De uma coisa ele não duvidava: o toque de Lesya era mágico. No entanto, sempre que a

pressionava para que contasse mais sobre sua casa e seu jardim, ela se fechava.

Mas naquele dia, porém, os dois caminhavam quietos e felizes como se fossem namorados passeando num parque no fim da tarde.

E...

Jack percebeu que não estavam sozinhos. Alguém os seguia desde o momento em que deixaram a clareira. Não era Wendigo, pois ele não escutava seu barulho nem sentia seu cheiro. Também não era o lobo, visto que desde que chegara à casa de Lesya não sentira sua presença.

Era outra coisa. Algo sinistro e talvez ameaçador. Mas Lesya parecia não perceber nada. E com exceção de algumas sombras estranhas entre as árvores, Jack não percebia qualquer sinal de perigo.

Quando chegaram a outra clareira, onde as árvores ao redor eram altas e curvadas, fazendo com que a luz do sol os atingissem com intensidade, Lesya tocou o rosto de Jack antes de beijá-lo, fazendo com que ele se esquecesse de todas as suas preocupações.

No final de uma manhã, quando Jack já tinha perdido a conta dos dias que havia passado na cabana de Lesya – eram mais de três semanas, porém ainda não chegava a um mês –, ele ficou em pé junto da porta aberta observando as árvores além da clareira com uma xícara de chá forte nas mãos. Na noite anterior, Lesya passara os dedos no braço de Jack, dizendo que ele precisaria comer mais carne se quisesse recuperar toda a sua força. Embora se sentisse restabelecido – e até mais saudável do que quando partira de São Francisco –, Jack não argumentou. Observar os olhos amendoados brilhantes e com leves traços verdes de Lesya, detalhe que Jack só percebia quando se beijavam, era o suficiente para calar qualquer palavra que pudesse usar para contradizê-la.

Se Lesya queria preparar um prato especial para ele, Jack comia e ficava agradecido. Os dias e noites ao lado dela pareciam um sonho, das caminhadas no bosque às horas passadas entre as paredes da cabana, aquecidos pela lareira ou pelo fogão, que lançava no ar os aromas incríveis da comida que ela cozinhava. Jack aprendeu coisas inimagináveis sobre ervas e especiarias. Ela havia prometido um prato de carne especial para aquela noite e saíra para caçar pela manhã.

Sem levar armas.

Como ela caçava os animais e os levava até a cabana? Onde guardava o que não comiam? Jack pensava em tudo isso, mas já havia aprendido que perguntar

era inútil. Lesya sempre sorria como se aquela pergunta fosse tola e ele devesse conhecer a resposta de antemão.

Sozinho, Jack preparou um chá e se sentou para tentar ler um livro de Alexandre Dumas no original, em francês, mas logo a brisa suave entrou pela janela aberta, trazendo os perfumes da primavera para dentro da cabana. Era por esse motivo que Jack agora estava à porta observando com curiosidade as árvores ao redor da clareira. Na verdade, *clareira* não era a palavra mais adequada para descrever aquele lugar. Não havia qualquer sinal de que as árvores tinham sido cortadas para dar espaço à cabana. Não havia cepos nem qualquer buraco na terra. As árvores em volta da casa estavam alinhadas como uma cerca, formando um círculo perfeito ao redor da cabana e dos jardins.

Jack deixou a xícara de chá sobre a estante, mas carregou o livro consigo. Talvez levasse Dumas para um passeio e encontrasse um tronco de árvore em que pudesse se sentar para ler à luz do sol. Os momentos com Lesya o deixavam sem fôlego a ponto de seu desejo de explorar o bosque ser saciado com as caminhadas ao lado dela. Mas eles pareciam percorrer caminhos diferentes todos os dias e Jack sentiu vontade de conhecer melhor a área em volta da cabana.

Não ficaria ali para sempre, embora algumas vezes – especialmente quando ela o olhava de uma maneira especial ou sorria, ou quando ele a abraçava sentindo o perfume de seus cabelos – Jack achasse que nunca mais conseguiria voltar à civilização. Caso o destino demonstrasse que aquele seria o único pedaço de terra do mundo selvagem que ele conquistaria, em parte ficaria contente.

Mas apenas em parte. No fundo de seu coração ele sabia que não podia ficar ali para sempre, ainda que se separar de Lesya fosse algo doloroso. Sempre que pensava em sua família, que aguardava notícias em Oakland, tentava se esquecer de sua vida ali na cabana. Porém, ao se lembrar do perfume de Lesya e da maciez de sua pele, Jack adiava a partida em mais alguns dias ou semanas. Talvez ficasse até o verão.

Com o livro na mão, Jack foi até o jardim diante da cabana. As flores pareciam mais vivas a cada dia, as cores mais fortes, mas as árvores do bosque não tinham o mesmo esplendor. Da bétula branca ao pinheiro escuro, todas lançavam sombras comuns. E, se ele ouvia mais cantos de pássaros vindos de seus galhos do que ouvira em passeios anteriores, provavelmente se devia à ausência de seres humanos por ali.

Jack parou no início da clareira, analisando a base de uma árvore. Observou várias delas, percebendo que a uniformidade do círculo que formavam não era

uma ilusão de ótica. Passando o livro para a mão esquerda, pressionou a palma direita contra o tronco de uma árvore. Notou suas reentrâncias, mas não era possível afirmar se havia algo de errado com a madeira.

“É apenas uma árvore”, ele pensou. Seja lá qual fosse a magia que envolvia a casa de Lesya – Jack estava seguro quanto a isso –, as árvores continuavam sendo árvores. Mas olhou para a base, seguindo as raízes que entravam na terra, e seu olhar percorreu um caminho imaginário em direção à cabana. As raízes podiam estar entrelaçadas. Então imaginou a cabana fazendo parte do bosque e logo pensou o oposto, o bosque – ou pelo menos aquele círculo de árvores – fazendo parte da cabana.

Escolheu o caminho mais iluminado pelo sol e continuou, deixando a cabana para trás. A sensação de segurar um livro e sentir a textura de sua capa era agradável, uma lembrança real e familiar de civilização. Jack sorriu ao pensar nisso. As poucas horas que ele tinha passado em Dawson não o fizeram se sentir em meio à civilização, mas, comparado àquele lugar – que parecia distante de qualquer vilarejo, uma ilha de tranquilidade em meio ao caos do mundo selvagem –, Dawson parecia uma verdadeira metrópole.

Jack tinha vencido a trilha de Yukon e sobrevivido à crueldade humana. Vencera as surpresas e os rigores do mundo selvagem. Porém, quando saiu para conquistá-lo, para provar que era capaz de vencer a natureza, deparou-se com obstáculos inimagináveis. A bordo do *Umatilla*, Wendigo não passava de uma lenda. No entanto, no silêncio branco do distante norte, as lendas se tornavam terrivelmente reais.

Mesmo ali, seguindo uma trilha que parecia desenhada especialmente para ele, com árvores enfileiradas em ambos os lados, como se marcassem a entrada de uma grande propriedade, Jack tremeu ao se lembrar do massacre no acampamento. Os gritos dos homens ainda ecoavam na sua cabeça e era impossível se esquecer da imagem de Wendigo, pouco nítida em meio às sombras e sob a luz da lua, rasgando os corpos dos escravos para devorar suas entranhas.

Jack não se surpreenderia se tamanha destruição tivesse sido causada por um animal, mas ele o vira de perto, avançando pelas sombras, e nenhuma criatura de carne e osso conseguiria fazer um estrago daqueles. Wendigo estava *além* disso, parecendo uma maldição, uma lenda, fruto de uma abominável magia.

Um calafrio atravessou o corpo de Jack, que imediatamente parou. A brisa ainda soprava suave, mas ele olhou ao redor e percebeu que a trilha o levava a

um lugar mais sombrio, onde as copas das árvores eram mais fechadas. Ao ver um ponto onde a luz do sol era mais brilhante, correu até lá, imaginando ser o caminho para a cabana.

Caminhando por quase dez minutos, Jack tentou afastar todos os pensamentos ruins da cabeça. Suas botas pisavam sobre galhos e em alguns trechos a terra parecia mais mole, embora não tivesse chovido desde sua chegada à cabana de Lesya. Bétulas brancas brilhavam ao sol e várias árvores continuavam sem folhas, ainda que fosse primavera. Não estavam mortas, porém não floresciam nem tinham a beleza das macieiras e pereiras do pomar de Lesya.

Ficou imaginando se ela conseguiria salvar aquelas árvores. Só um idiota não acreditaria no poder que Lesya tinha sobre as coisas ao seu redor. Árvores cresciam e floresciam. Até Jack havia recuperado suas forças, embora acreditasse que isso tinha a ver com as comidas preparadas por ela, e não com uma magia qualquer.

– Tire essa menina de sua cabeça – ele disse a si mesmo.

O vento que soprava as folhas das árvores parecia responder.

Aceitar a existência da magia não era algo simples para alguém que ainda carregava o fardo do espiritualismo imposto pela mãe. As coisas em que ela dizia acreditar tornavam a morte e os mortos mais próximos dele e de sua casa, o que o deixara confuso e amedrontado.

Jack se lembrou de um velho lampião e da voz suave de sua mãe invocando seu guia espiritual e outras entidades mais obscuras à mesa da cozinha.

Ele se recordou da tarde chuvosa em que o lampião lançava sombras no chão da cozinha, sombras cujas cores eram tão vívidas quanto as flores do jardim de Lesya. Jack não tocou no lampião, mas o objeto se moveu e a sua mãe o puniu.

Ela o *amaldiçoou*.

Jack desprezava aquelas demonstrações de espiritualidade. Odiava o comportamento teatral por trás delas e a arrogância de quem conduzia tais práticas. E a magia era parecida com as bobagens espirituais de sua mãe, que ganhava dinheiro de viúvas e filhas consternadas com a morte dos pais. E era exatamente por isso que Jack sempre desdenhara o espiritismo.

Até aquele momento...

Quando aprendeu as primeiras coisas sobre o mundo na infância, Jack logo teve vontade de explorar seus mistérios, visitar portos exóticos e câmaras secretas, cruzar oceanos e escalar montanhas. Agora ele era obrigado a aceitar a

existência de um mundo ainda maior. Havia forças atuando à sua volta que nada tinham a ver com a ciência, mas que talvez fizessem parte da natureza. Jack achava que a bruxaria de Lesya devia ser algo natural. E ela devia achar a mesma coisa. Aliás, Lesya não parecia saber o significado da palavra *magia*.

Com um sorriso nos lábios, ele se sentou entre algumas árvores mortas e recostou o corpo num tronco que parecia mais forte. Em seguida abriu o livro e mergulhou no *Conde de Monte Cristo*. Embora não gostasse muito daquele tipo de história, Jack lera o livro em inglês anos antes e achou que ia se lembrar da trama a ponto de decifrar o texto e vencer seu limitado conhecimento de francês.

Falhou miseravelmente. Ainda que estivesse concentrado, a busca por palavras conhecidas e a tentativa de traduzir frases ao redor delas usando o contexto e a memória deixaram claro que estava para chegar o dia em que ele aprenderia francês sozinho.

Após vinte minutos de trabalho infrutífero, Jack perdeu a paciência e se levantou. O sol já atingira o ápice e o calor era agradável. As noites ali continuavam frias e ele não queria passar mais um inverno no Yukon. Mas não via problemas quanto à primavera.

Com o livro na mão, olhou para o caminho de onde viera e decidiu seguir em frente. Se não estava achando graça no *Conde de Monte Cristo*, precisava se ocupar com outra coisa. Talvez descobrisse onde estava ao chegar ao outro lado do bosque. A cabana não devia ficar a mais de dez quilômetros do acampamento onde trabalhara como escravo.

Ele então se lembrou de Merritt e ficou mal-humorado.

Passando entre sombras, seguiu em direção ao que ele achava ser o leste. Percebeu movimento no chão e nos galhos das árvores, animais que fugiam ao perceber sua presença. Mas seu passeio estava cada vez mais complicado. Raízes expostas, pedras soltas e galhos de árvores dificultavam seu avanço, arranhando-o de vez em quando.

Jack conseguia manter o equilíbrio, mas o bosque se tornava cada vez mais fechado. Ao chegar à conclusão de que não era boa ideia seguir em frente, ele mudou de direção.

Uma onda de calafrio novamente varreu seu corpo, mas dessa vez Jack ficou desconfiado. Olhou ao redor, enxergando apenas as sombras projetadas pelos galhos e os raios de sol que atravessavam as copas das árvores.

Havia chegado até ali sozinho, mas agora alguém o acompanhava. Achou estranho não ter percebido nada até então. Talvez tivesse menosprezado o poder

do lobo, que desaparecera nos momentos de alegria ao lado de Lesya. Apesar disso, Jack imaginara o que teria acontecido ao seu guia espiritual, o animal que lhe salvara quando ele estava à beira da morte e dera a ele uma compreensão da natureza selvagem que ele não teria obtido de outro forma. Mas por que não o via? Quando fechava os olhos à noite podia jurar que às vezes ouvia um uivo distante. Mas acabava dormindo com o calor da lareira ou o beijo de Lesya fazia com que se esquecesse dele.

Porém, o que estava sentindo ali não era a presença do lobo, muito menos de Wendigo. Era a mesma sensação do dia em que Lesya o beijou pela primeira vez no bosque. Era uma atenção forte dirigida para ele – uma ameaça –, que fez arrepiar os cabelos na sua nuca. Sem dúvida aquilo não queria que Jack estivesse ali.

Observou entre as sombras e entre as árvores em busca de alguma ameaça, mas não viu nada. Chateado, virou para o norte e caminhou até as árvores ficarem menos densas, apertando o passo, batendo o livro contra a perna. Percebia que alguma coisa ainda o observava, o que lhe dava uma sensação desagradável, porém não iria se assustar com algo que não podia ver.

Mais uma vez tomou a direção leste, mas depois de alguns minutos um grupo de árvores bloqueou seu caminho. Balançando a cabeça e se sentindo ainda mais chateado, Jack deu alguns passos para trás, afastando-se dos galhos, e observou a confusão de raízes que se entrelaçavam umas às outras como parreiras ou como as mãos de um casal de namorados.

– Tudo bem. Se é assim que...

Ele se encostou numa árvore, sentindo um galho afiado nas costas. Girou o corpo e viu que o bosque estava ainda mais fechado. Era impossível! Aquelas árvores não estavam ali antes, e agora bloqueavam o caminho!

Horrorizado, Jack sentiu o coração congelar dentro do peito.

Girou o corpo várias vezes, protegendo o rosto, tentando achar uma brecha entre as árvores. Os galhos pareciam cada vez mais grossos, mas ele continuou em frente, movendo-se para a esquerda e para a direita, sendo atingido por galhos que cresciam na sua direção e batiam na sua testa, fazendo com que sangrasse. Outros atingiam suas pernas, mas Jack não parou. Em meio às árvores, avistou o lugar de onde tinha vindo, a trilha mais ampla e iluminada.

Porém, as árvores não paravam de crescer e os troncos eram cada vez mais grossos. Finalmente Jack foi obrigado a parar. Era impossível continuar sem um machado ou uma serra.

– Por que está fazendo isso? – ele gritou como se esperasse uma resposta do bosque, mas tudo o que ouviu foi o barulho das folhas e o canto dos pássaros.

Tentou girar o corpo novamente, mas sentiu a pressão de um galho nas suas costas. Com o coração a mil, ele olhou para trás e se arranhou num galho, percebendo que estava preso. As árvores haviam formado uma espécie de jaula ao seu redor, impedindo seus movimentos e pressionando seus braços, pernas e costas.

Virando levemente a cabeça, viu um brilho de sol atravessar as copas das árvores, percebendo que ali havia uma saída. Se quisesse voltar à cabana – ou enxergar o que as árvores impediam que ele visse –, seria obrigado a escalar.

Conseguiu mover a perna direita e apoiou um dos pés no galho mais baixo. Sem ver o sol, ele perdia totalmente o sentido de direção. Quando chegasse lá em cima, talvez conseguisse se localizar.

E se o espírito da floresta – Jack tinha certeza de que estava sob o controle de alguma divindade – não o permitisse explorar tudo o que queria, aproveitaria a experiência para aprender alguma coisa.

Agarrando-se num galho, ele ergueu o corpo. Os galhos balançavam, arqueavam, mas Jack não parava, forçando o corpo para cima, sentindo que os cortes em sua pele sangravam.

Estava morto de medo, mas ignorava esse sentimento. Também sentira medo nas corredeiras White Horse e na trilha de Chilkoot, mas nada foi capaz de paralisá-lo. A única coisa que o fez correr foi Wendigo.

– Faça o melhor possível – murmurou para si mesmo, escalando a árvore.

O galho sob seu pé direito quebrou e ele despencou, batendo com força no chão e ficando sem ar. Jack mal conseguia respirar, pois seu peito parecia em chamas e as raízes machucavam suas costas.

– Droga – ele gemeu, quando finalmente voltou a respirar.

Batendo as mãos nas calças e pressionando com a mão direita um corte no braço esquerdo, ele se levantou e viu que as árvores tinham se movido mais uma vez. Estavam ainda mais próximas uma das outras, mas ainda havia uma brecha entre elas, livre de raízes, pedras e árvores, como se esperasse por Jack.

Não sabia muita coisa sobre aquele bosque, mas nitidamente Lesya não era a única capaz de fazer magia por ali. A sensação de ameaça o rodeava como uma fumaça invisível e Jack começou a sentir certa claustrofobia. Ele perdera o senso de direção e não sabia para onde estava o leste, mas isso já não interessava. A floresta impedira que ele avançasse. Agora restava um único caminho.

E caso nutrisse uma mínima esperança de voltar à casa de Lesya ou de retornar à civilização, sua única alternativa era segui-lo.

CAPÍTULO ONZE

A LÍNGUA DA TERRA

Jack encontrou forças para correr, lembrando-se de sua fuga de Wendigo, mas aquela ameaça era mais sinistra e desconhecida. Ela se escondia entre as sombras das árvores, sob as folhas que cobriam o solo e atrás de cada um dos troncos. Mesmo quando percebeu que a ameaça estava distante, Jack continuou correndo, sem se virar. Tentou se convencer de que não olhava para trás porque podia tropeçar numa pedra ou cortar a perna num galho afiado. Porém, ele tinha medo de ver algo que não queria.

Seguia na direção da cabana? Ele esperava que sim, mas seu senso de direção estava prejudicado. As árvores o guiaram por algum tempo, mas Jack mudou de rota, atravessou um riacho praticamente sem água e virou novamente à esquerda, passando por cinco árvores caídas que se entrelaçavam como amantes mortos. Ele estava confuso e esperava confundir também aquilo que o seguia.

De repente Jack ouviu um canto vindo da direita. Era a voz mais estranha e mais doce que ouvira na vida, e, ao mesmo tempo, comovente. Imaginou se tratar do vento soprando entre as árvores. Ficou apavorado, mas a voz não parecia ameaçadora.

Jack começou a caminhar naquela direção, incapaz de resistir ao poder de seu encanto. “Para o outro lado!”, ele pensou. “Eu devia estar indo para o outro lado!” Mas a voz o atraía e as palavras pareciam confortá-lo. Ele não as entendia, mas era a mesma língua que Lesya falava quando estava dormindo.

Avistou Lesya ao chegar a uma clareira. Parou entre as sombras das árvores, tentando entender o que ela fazia, e uma palavra continuava em sua mente: “magia, magia, magia...”

Lesya era o centro de tudo. Ela estava no meio da clareira, mais linda do que nunca, os braços estendidos ao lado do corpo e a cabeça ligeiramente inclinada como se escutasse alguma coisa. Sua voz tomava conta do ar. Jack não via seu rosto – ela olhava para outra direção –, mas sabia que Lesya sorria enquanto

cantava.

Ele ouvira falar de encantadores de serpentes, embora nunca os tivesse visto em ação. Já vira um homem adestrar um touro e sabia como chamar a atenção de um cachorro, mas nem em seus sonhos mais extravagantes havia visto algo parecido com aquilo...

Lesya tinha domínio sobre tudo à sua volta. As flores desabrochavam diante dela, os galhos balançavam ao ritmo de suas palavras. A vegetação se agitava ao redor de seus pés, subindo pelas suas pernas, cintura, indo cada vez mais alto. A garota olhou para baixo e a vegetação recuou um pouco.

Ela alterou o tom de voz e sombras tomaram conta da clareira. Jack não entendeu a quem elas pertenciam. “Animais?”, ele pensou, embora as sombras se movessem rapidamente. Quando prestava atenção a uma delas, esta desaparecia e outra surgia nas extremidades de seu campo de visão. Piscou os olhos e voltou a olhar para as sombras, que continuavam iguais e indecifráveis.

Jack podia ouvi-las e sentir o cheiro que exalavam. Talvez estivessem tão intrigadas quanto ele ao ver o que Lesya fazia.

Franziu a testa, pensando em momentos antes, quando as árvores se fecharam ao seu redor e o levaram a um único caminho... Mas aquilo ali era muito diferente. Não havia maldade. Apenas reverência pelo que Lesya carregava dentro de si. “Nada mais do que isso”, pensou Jack, olhando para as árvores imóveis atrás dele.

Quando voltou a olhar para a clareira, viu algo cinzento entres as sombras das árvores atrás de Lesya.

– Meu Deus! – gritou Jack, achando que fosse um lobo.

Ela se virou, parando de cantar. O bosque voltou a ser aquilo que era: apenas um bosque. A movimentação cessou, as sombras desapareceram e tudo voltou ao normal. Mas a sombra cinzenta havia sumido.

Imediatamente o rosto de Lesya ficou pálido e sua expressão se fechou.

– Tem alguma coisa entre as árvores – disse Jack, sem saber como perguntar o que ela estava fazendo.

Lesya se aproximou, tocou seu rosto e olhou para o bosque antes de dizer num suspiro:

– Venha comigo. Acho que é hora de você saber algumas coisas.

– Sobre você ou sobre o bosque ter tentado me matar?

Jack não sabia se ela sorria, mas não gostou de sua expressão. Até ali, Lesya nunca dera qualquer demonstração de deboche.

– Se o bosque quisesse matar você, já teria feito isso há muito tempo – ela falou. – Preciso lhe contar sobre o meu pai.

Lesya atravessou a clareira sem olhar para trás, e a Jack só restava acompanhá-la.

Enquanto caminhavam, Lesya falava e Jack escutava com um misto de surpresa e alívio. Ela dizia uma coisa incrível que *em parte* explicava o que vinha acontecendo com ele nos dias anteriores. “Magia”, ele pensou novamente, mas a verdade é que se tratava de algo mais antigo.

– Meu pai se chama Leshii, um antigo Senhor da Floresta que está aqui há uns trezentos anos. Ele chegou nas mentes e nos corações de exploradores russos e vivia feliz até que a terra lentamente começou a matar todo mundo. A fome, o frio, a violência, as tribos locais... Após três anos os exploradores estavam mortos. Mas meu pai não foi embora, pois tinha encontrado o paraíso. Ele sempre se considerou o dono desses bosques. Aqui ele se sente protegido, desfrutando de lugares praticamente intocados pelo homem.

Lesya e Jack pararam ao lado de um riacho. Ela saltou para o outro lado. Ele estava a ponto de imitá-la, mas parou.

– É muito largo – Jack falou, imaginando como ela conseguira saltar à outra margem. Ele franziu a testa, sentindo-se um pouco confuso. Lesya sorriu para ele e apontou para baixo:

– Há três pedras aqui.

Jack começou a atravessar. Ela voltou a falar antes de ele chegar ao outro lado.

– Como estava longe de casa, meu pai se sentia fraco. As tribos não o conheciam pelo nome correto. Com o passar dos anos, a crença em outros espíritos e a negação de sua presença acabaram por enfraquecê-lo. Quando chega o verão, ele praticamente desaparece. Mas quando o inverno volta, e, com ele, a escuridão, meu pai volta a crescer, assombrando homens e mulheres. Ele não gosta de se aproveitar do medo alheio, mas é a única forma que conhece de crescer. No entanto, sempre agradece protegendo os rebanhos e avisando quando os invernos rigorosos se aproximam.

– Então foi seu pai quem tentou me matar? – Jack perguntou.

Ele já vira diversos tipos de magia e testemunhara coisas inacreditáveis, mas o que ouvia era bem diferente. Porém, sua pergunta não soou insensata e a resposta de Lesya foi direta.

– Depois de tanto tempo meu pai ficou louco – Lesya falou sem olhar para

Jack. – Percebo que ele sente ciúme do que existe entre nós dois. Por sorte está enfraquecido devido ao tempo e à descrença.

– Então, se eu acreditar nele, seu pai ganha forças?

Lesya olhou para Jack com uma expressão séria, mas seus olhos brilhavam. “Que garota adorável”, pensou Jack, sem respirar, imaginando que as árvores o cercariam e o afastariam de sua amada Lesya.

– Pode deixar, eu mesma cuidarei de meu pai – ela falou, aproximando-se e tocando o rosto de Jack, e observando que os próprios dedos estavam ensanguentados. – Vou proteger você.

– E você... – Jack perguntou. – Se ele é seu pai, então você...?

Jack franziu a testa, balançando a cabeça num gesto negativo. “O que você é?” Era isso o que ele queria perguntar, mas não teve coragem. Ela era bonita demais para ser questionada.

– Minha mãe era humana – Lesya respondeu. – Há muito tempo, quando meu pai ainda era forte e podia assumir a forma de um homem, ele conheceu uma índia que vivia perdida nas colinas. Ele sabia que um dia seria vencido pela descrença de todos e talvez tenha imaginado que se casando com uma humana evitaria... – Ela deu de ombros. – Minha mãe morreu durante meu parto.

– Sinto muito – Jack falou, e Lesya abriu um sorriso triste.

Ela se virou e voltou a caminhar. Em alguns minutos chegaram à clareira da cabana.

Jack estava tonto. Ele se recostou numa árvore e olhou para Lesya, que entrava na casa. “Isso é demais”, ele pensou. “Casas vivas, deuses da floresta, Lesya... Lesya, meu amor, por que você mora aqui nessa clareira?”

Ele a temeu, mas percebeu que grande parte de sua perplexidade era medo. Nunca a entenderia completamente, e a beleza daquela menina – e talvez a ideia de que podiam estar apaixonados – embaralhava sua mente.

– De *todos* os seres humanos, você talvez seja o único que possa entender – Lesya falou, como se pudesse ler os pensamentos de Jack. – São tantas as maravilhas!

Ela caiu de joelhos, inclinando-se para a frente, levando as mãos ao peito e sorrindo para Jack, que piscou os olhos. Lesya então se transformou numa raposa, dando voltas na clareira e desaparecendo atrás da cabana.

– Lesya? – ele chamou, sem acreditar no que vira. Sempre que aceitava uma nova magia, surgia algo novo e desafiador, tornando tudo ainda mais inacreditável.

Um alce apareceu atrás da casa, aproximando-se de Jack e desviando-se dos canteiros de flores no chão. O animal parou na sua frente. Parecia sentir o cheiro de canela e do mundo selvagem. Jack piscou os olhos...

...e Lesya surgiu novamente. Ela respirava fundo como se tivesse corrido. Havia pelos em vários pontos de seu vestido. Ela sorria, *sorria para ele*. Jack fechou os olhos, mas nem assim conseguiu apagar da mente as maravilhas que tinha acabado de ver.

– Jack, não precisa ter medo – ela falou.

Ele abriu os olhos e Lesya continuava à sua frente. Aquela mulher linda e incrível que ele podia amar facilmente.

– Sério? – ele perguntou ainda em dúvida.

– Sério – ela respondeu, aproximando-se com seu perfume exótico e misterioso e beijando-o suavemente nos lábios.

“Eu acredito em você”, ele quis dizer, mas as palavras não saíram de sua boca. Ela o deixara sem fôlego. Lesya o levou para dentro da cabana, fazendo com que se deitasse na cama e cuidando de seus ferimentos.

– Eu perdi seu livro – ele disse, percebendo que deixara *O conde de Monte Cristo* cair no chão ao sair correndo.

– Tudo bem. Eu já tinha lido aquela história várias vezes.

– Onde você...? – ele começou a perguntar, mas Lesya pousou os dedos nos seus lábios da mesma forma como fizera antes.

– Fique quieto, Jack. Deite-se, pois vou cuidar desses ferimentos. Meu pai é muito esperto. Ele não prendeu você dessa vez, mas seu espírito está por toda a parte, da maior árvore à menor criatura. Quero ter certeza de que não infectou você.

– Não me infectou?

– Esporos de fungos, larvas de moscas, seivas de plantas venenosas, fluidos de coisas mortas... o bosque está repleto de perigo.

Lesya abriu um breve sorriso, como se pensasse em outra coisa.

– Eu posso lavar... – Jack começou a dizer, mas parou.

Ela usava uma toalha macia e úmida que mergulhara num líquido morno e espesso, e, ao tocar na sua pele, Jack sentia um grande alívio. Era uma experiência agradável que o fazia se sentir limpo. Os arranhões já não doíam tanto quando Lesya encostava neles.

Fechou os olhos e deixou que ela fizesse o trabalho, aproveitando para pensar em tudo o que acontecera. As imagens tomavam conta de sua mente, e ele se

lembrava de tantos momentos maravilhosos que era impossível focar em apenas um. O desespero que sentira ao ser cercado pelas árvores, o pânico que o levava a escalar os galhos, o murmúrio que soava como uma conspiração do bosque para matá-lo... sem falar do que vira na clareira e das histórias de Lesya. Histórias inacreditáveis, mas que pareciam ser a única explicação possível para o que estava acontecendo.

– O que você estava fazendo na clareira? – ele perguntou.

– Me comunicando com as árvores. Herdei vários dons de meu pai, mas como também sou humana, tenho minhas necessidades.

– Necessidades?

– Esta cabana, o jardim. Meu pai não se alimenta, mas eu, sim.

– Eu vi você... a raposa, o alce...

– É outro dom que herdei de Leshii. A capacidade de assumir a forma de animais selvagens e plantas. Mas sou feita de carne e osso, assim como de espírito e vento. É por isso que consigo me transformar.

– Isso é incrível!

– Mas é muito solitário também – ela falou, olhando ao redor e suspirando, como se estivesse triste por ter revelado tantos detalhes.

“Estou aqui”, Jack quis dizer, mas não conseguiu. Era difícil consolar uma criatura como Lesya. Ela parecia humana, mas ao mesmo tempo era diferente. Embora fosse atraente e tivesse um sorriso lindo, Lesya não era uma mulher. “O que você é?”, Jack teve vontade de perguntar, mas novamente as palavras não saíram de sua boca. Não queria magoá-la.

“O lobo...”, ele pensou, sentindo o coração disparar. Era possível que aquela garota tivesse estado ao seu lado durante toda a viagem pelo mundo selvagem? Jack fechou os olhos. Não, isso não podia ser verdade. O lobo não era Lesya e vice-versa. Ele *teria* notado. Jack sentia o perfume de Lesya na cama, que era muito diferente de tudo o que sentira antes.

– Eu posso mostrar a você – ela falou num tom suave.

– Mostrar o quê? – Jack perguntou, abrindo os olhos e ficando feliz por vê-la novamente.

– Sim, eu posso mostrar! – Ela abriu um sorriso tímido e agarrou a mão de Jack, puxando-o da cama. – Vamos lá fora. Venha comigo!

Ela se virou e correu até a porta, deixando Jack ligeiramente tonto. Mas o entusiasmo repentino de Lesya era contagiante.

– O que você quer me mostrar?

Ela estava de pé junto à porta aberta, o sol projetando a sombra de seu corpo dentro da cabana. Jack imaginou aquela silhueta mudando de forma: um urso, uma raposa, uma cobra...

– Vou ensinar você a responder aos chamados do mundo selvagem – ela falou, afastando-se da casa.

Lesya fez com que Jack se sentasse ao lado de uma macieira, e ele sentiu o perfume de maçã, algo impossível de ser sentido em Yukon.

– Este é o chamado do coioite – Lesya disse, antes de emitir um som que jamais poderia ser emitido por um ser humano. Jack ficou impressionado, mas quando ela terminou e inclinou ligeiramente a cabeça esperando ouvir uma resposta distante, ele sorriu.

– Por que não tenta agora? – ela perguntou.

– Eu?

– Por que não? Vamos. Eu ajudo você! – Lesya falou, aproximando-se de Jack, tocando a garganta dele com a mão esquerda e o peito com a direita. – O chamado começa aqui, no peito. Deixe fluir pelo seu pescoço, incline a cabeça... assim... deixe que saía naturalmente, não grite. Tente!

Jack tentou, as mãos de Lesya pressionando seu peito, subindo até o pescoço e a garganta, inclinando sua cabeça e tocando seu pomo-de-adão. Ele sentiu alguma coisa dentro de si, como se uma porta se abrisse e algo se mexesse... algo que despertava. Seja lá qual fosse a magia de Lesya, Jack suspeitava que ela a inoculava no interior de seu corpo.

Ela continuava a acariciar sua garganta, como se conduzisse o chamado para fora do corpo de Jack, que abriu a boca para deixá-lo sair. O resultado foi uma infeliz imitação do som que ela produzira, fazendo com que ele arregalasse os olhos, surpreso.

– Tente se *imaginar* como um coioite – ela falou. – Deixe que o som nasça naturalmente no interior de seu corpo. Não o expulse. E não tenha vergonha.

– Vergonha? – Jack perguntou num tom de deboche. Ele nunca sentira vergonha. Mas Lesya ergueu uma das sobrancelhas e ele ficou corado.

– Pense em si mesmo – ela disse. – Sinta-se livre, como se não estivesse sendo observado. Lembre-se de que sou a única pessoa por aqui.

Ele sorriu e tentou novamente. As mãos e os dedos de Lesya fizeram seu trabalho, mas Jack sentia como se aqueles movimentos fossem de seu corpo, de sua pele, e não comandados por outra pessoa, e o chamado que lançou foi respondido por um coioite distante.

– Eu... eu falei na língua dos coiotes? – ele perguntou, assustado.
– Falou! – Lesya respondeu, sorrindo. – Quer agora aprender a língua dos pássaros?

Naquela tarde e nos dias seguintes, Lesya ensinou coisas incríveis a ele.

Jack sempre tivera facilidade para aprender. Começou a ler praticamente antes de saber falar. Na sua curta vida até então devorara vários livros, incluindo romances e ensaios. Era uma esponja em matéria de informação, correndo atrás delas onde quer que estivessem, mas sua verdadeira inteligência residia na forma como as utilizava. Sua mente não era um mero depósito de fatos, mas uma fábrica que combinava e selecionava o conhecimento. Ele tinha *fome* de aprendizado e nos meses passados no Yukon não aprendera nada comparado aos dias ao lado de Lesya.



Jack fechou os olhos, mas nem assim conseguiu apagar da mente as maravilhas que tinha acabado de ver.

Ela o ensinou a acompanhar o voo de vários pássaros, a antecipar seus percursos, hábitos e preferências. Alguns dos chamados foram fáceis de aprender, outros mais difíceis. Lesya trabalhava com ele, e Jack sentia a magia abrindo cada vez mais portas dentro de seu corpo. No entanto, algumas coisas que aprendia não tinham nada a ver com magia, e os conselhos mais esdrúxulos às vezes eram os que mais funcionavam. “Pense na manteiga derretendo na frigideira”, dizia ela, e rapidamente Jack começava a assobiar o chamado de um picanço. Aliás, ele podia ser facilmente confundido com o pássaro. “Sinta o cheiro de uma rosa desabrochando”, ela sugeria e, quando assobiava, Jack escutava a resposta de canários pousados nas árvores ao seu redor.

Caminharam bosque adentro e ela o ensinou novos chamados – de alce, urso, bisão e puma. Alguns eram mais fáceis de ser imitados, mas Lesya o ajudava a superar suas limitações físicas naturais, ensinando-o a estabelecer um contato espiritual profundo com os animais. Ele ficava atento, escutando a voz de Lesya, e algumas vezes o contato surgia rapidamente. Uma vez estabelecido, ele conseguia sentir o cheiro do animal em questão, conseguia ouvi-lo farejando o rastro de uma presa ou cortando grama com os dentes.

Jack formava uma imagem mental e, esperando seu chamado, a imagem da criatura deixava escapar seu som característico. Ele esticava as mãos e sentia o tato de sua pele ou de seu couro entre os dedos, ficando arrepiado. Sob os pés, notava o toque frio do desconhecido.

Às vezes imitar um animal era mais complicado, e Jack logo descobriu que isso se devia ao poder de dissimulação de alguns deles. Ele estava fazendo um bom tempo atrás de um puma e, quando o sol mergulhou no bosque e nas colinas a oeste, começou a entrar em desespero. Ouvira o som de um urso-pardo e o uivo triste de um lobo, mas nada parecia ter importância até que conseguisse finalmente tocar um puma. Ele se sentia um idiota ao pensar assim, e talvez um pouco arrogante, mas a sensação de fracasso no final do dia não era nada agradável.

– Talvez estejam longe demais – ele falou. – Talvez nenhum deles esteja perto de mim...

Jack não conseguia dizer o que estava fazendo, pois na verdade não sabia. Mas Lesya fazia que não e seus cabelos adoráveis balançavam no ar.

– Um puma está olhando para nós dois neste instante – ela falou.

– Onde? – Jack perguntou, encarando-a sem fôlego.

– Vamos encontrar juntos – Lesya murmurou, fechando os olhos.

Jack tentou, espreguiçando-se e apurando os sentidos. Ao não sentir nada, mergulhava ainda mais fundo. Lesya tomou suas mãos. Nesse momento ele sentiu as garras e tocou o puma, rosnando baixinho no fundo da garganta e olhando para o vale do alto da montanha, focado na pequena clareira.

Ele engoliu em seco, abriu os olhos e se recostou numa árvore.

– Você conseguiu – Lesya disse.

– Eu sei – Jack falou, fazendo que sim. – Mas ainda estou na dúvida se acredito.

– Espere aqui – ela disse. – Vou preparar o jantar. Quero algo especial para esta noite. Vamos comemorar nossas transformações com uma taça de vinho.

Ela se afastou e Jack ficou observando. “Vamos comemorar nossas transformações”, foi o que ela disse.

Jack franziu a testa, sentindo um calafrio.

“Nossas transformações.”

Jack esperou na clareira e observou o sol se pôr. Ficou pensando no que acontecera com ele, no que tinham feito. Jack se sentia renovado, como se estivesse maior, como se fosse uma versão mais elaborada de si mesmo, e as coisas que havia conseguido eram incríveis. “Ninguém vai acreditar”, ele pensou, porém não se preocupando com isso. Não comentaria aquilo com ninguém. Guardaria aquelas habilidades e se gabaria delas nas noites frias ao redor de fogueiras. Aquilo era muito pessoal e reforçava sua conexão com o mundo selvagem.

Enquanto o sol desaparecia nas colinas repletas de árvores, enquanto seus raios ainda conseguiam ultrapassar copas e galhos, Jack fez novamente o que Lesya lhe ensinara, tentando enxergar o que havia além daquele bosque. Sentiu medo, pois Lesya nunca ultrapassava certos limites. “É perigoso”, ela dizia, ou “Não funciona assim tão longe”. Mas Jack era um homem que gostava de explorar as coisas à sua maneira.

Nem mesmo a palavra de Lesya poderia substituir a experiência.

E ele se lançou, os olhos entreabertos, pois assim conseguia ver a cabana. Os lampiões estavam acesos lá dentro e Jack percebia os movimentos da sombra de Lesya, que preparava o jantar. “Ela talvez sinta o que estou fazendo”, ele pensou, assustado. Parte do que sentia por ela era medo, mas havia algo mais, algo que não entendia tão bem quanto gostaria... Mas Jack continuava sendo o mesmo

homem de sempre.

Continuou em frente, atravessado florestas familiares, chegando a terras menos conhecidas, até que finalmente sentiu a presença... do lobo! Ele estava longe, Jack mal podia ouvir seu uivo.

Ele sorriu de alegria e tentou se conectar com a mente do animal que se transformara em seu guia espiritual. Mas logo Jack franziu a testa. O contato tinha sido estabelecido, mas o lobo não parava quieto em sua mente, tentando sem sucesso entrar nos domínios de Lesya. Ele ficou preocupado e temeroso, sendo tomado por uma decepção potencialmente violenta.

– O que está acontecendo? – Jack murmurou, o lobo uivando em sua mente.

– Jack! – Lesya gritou.

Ele se levantou e arregalou os olhos na direção da cabana.

– Jack! – ela repetiu num tom grave.

– Oi – falou, fingindo estar cansado. – Estava cochilando em pé.

– Cochilando... – ela repetiu. – A comida está pronta. – E voltou para dentro da cabana.

Jack se levantou, alongou o corpo e tentou sentir a presença do lobo. Talvez por ter sido perturbado ou pelo medo da descoberta, ele se sentia bloqueado, sem conseguir projetar seus sentidos para além daquela pequena clareira. Era como se não pudesse controlar a magia que Lesya lhe ensinara.

“Por que você não se aproxima?”, ele pensou. Ao se lembrar dos uivos do lobo e de seus movimentos, Jack chegou à conclusão de que era *exatamente* isso o que ele tentava fazer.

Lesya havia preparado bife com legumes ensopados, e Jack achou que era carne de cordeiro, embora não tivesse visto nenhum animal daqueles por ali. A comida tinha uma aparência ótima e seu estômago roncou assim que ele se sentou à mesa. Lesya estava calada e contemplativa. Ficava linda daquele jeito. Aliás, era impossível imaginá-la feia.

– O que foi? – Jack perguntou finalmente.

Com os pratos vazios e os copos cheios de vinho, eles se sentaram nos tapetes macios ao lado da lareira, recostados um no corpo do outro, olhando para as chamas.

– Não quero que dê errado desta vez – ela murmurou.

Ele franziu a testa. “Ela está falando de mim?” O fogo crepitava.

– Jack – ela falou, encarando-o. – Eu te amo.

O coração de Jack saltou dentro do peito. Ele piscou várias vezes, querendo limpar a visão.

– Você precisa ficar comigo – ela pediu.

– O quê? Ficar?

“Eu não faço parte deste lugar”, ele pensou. “Esta casa não é minha. Preciso ir para a minha.” Os pensamentos se reviravam na cabeça de Jack. Era como se a confissão de Lesya tivesse aberto uma porta em sua mente, porta que escondia sua condição de prisioneiro.

Há quanto tempo estava ali? Certamente há várias semanas. E durante aquele tempo se esquecera de que precisava voltar para casa. Em certos momentos chegou a sentir vontade de ficar para sempre ao lado de Lesya. Mas algo havia mudado, algo que o deixava ligeiramente desconfortável.

– Sim, Jack – ela falou, inclinando-se até seu nariz quase tocar o dele. Seus olhos estavam arregalados e Jack notou que o lábio superior de Lesya tremia um pouco. Estava nervosa? – Eu te amo, você me ama e eu já te contei vários segredos.

– Amor – ele falou, saboreando aquela palavra como se tomasse mais um gole do delicioso vinho de seu copo. “Aliás, de onde vem esse vinho?”

– Esta casa é mágica e é minha, mas... eu me sinto tão sozinha – Lesya falou, desviando o olhar e franzindo a testa.

– Eu não sei se...

– Ele vai matar você – ela murmurou. – Caso saia sozinho pelos bosques, é isso o que ele vai fazer. A raiva e o ciúme que meu pai sente é cada vez maior. Ele pode estar fraco, mas a raiva o fortalece.

– Você disse que me protegeria de seu pai.

– E vou proteger... a menos que vá embora sozinho.

Aquilo era uma ameaça. Jack finalmente enxergava características de Lesya que não conhecia, que nunca pudera ver. Balançou a cabeça lentamente, olhando para as chamas da lareira a fim de que ela não pudesse ler a expressão em seus olhos.

Lesya se recostou novamente no corpo de Jack, pousando uma das mãos na sua perna, aninhando-se. Seu perfume o invadia, seus cabelos exalavam um aroma sensual e Jack podia ouvir o ritmo de sua respiração. “Amor”, ele pensou, tentando combinar aquela palavra com os sentimentos que nutria por Lesya.

A menos que vá embora sozinho...

– No que está pensando? – ela perguntou num tom que beirava o desespero.

– Em nada – Jack respondeu.
“Sou um prisioneiro”, ele pensou.

Após o café da manhã do dia seguinte, Jack caminhou até o final da clareira. Sentiu a desaprovação de Lesya e, durante todo o percurso, podia perceber os olhos dela às suas costas, observando-o, esperando-o. Embora os dias anteriores tivessem revelado várias coisas incríveis e ele se sentisse mais inteiro do que nunca, as ameaças de Lesya impuseram certa distância entre os dois.

Jack se sentou ao lado de uma pedra e olhou para a cabana. Acenou para Lesya, que retribuiu o gesto e seguiu até o jardim. Sem nunca dar as costas a ele.

“Estou sendo vigiado”, ele pensou. “Ela não tira os olhos de mim.”

Jack se recostou na pedra e olhou para o céu, fechando os olhos para relaxar. Pensou em sair correndo, mas algo chamou sua atenção.

Ele então abriu os olhos. Respirou profundamente, aguçando os sentidos, tentando sentir todos os cheiros e sons no ar, fazendo o que Lesya lhe ensinara. Finalmente percebeu que atrás da pedra havia uma espécie de urso.

Tentou respirar calmamente, mas seu coração pulava dentro do peito. “Chegou a hora!”, ele pensou, projetando a mente, querendo se transformar num ser igual àquela criatura que tinha parado de fazer barulho ao notar a presença de Jack, embora não o estivesse vendo nem sentindo seu cheiro. Jack ficou paralisado. Por fim o animal deu um grito, virando-se de costas e desaparecendo entre as árvores.

Jack estava desesperado. O suor escorria pelo seu rosto e corpo. Era como se tivesse corrido quilômetros. Ofegante, recostou o corpo na pedra e voltou a fechar os olhos.

Quando percebeu passos se aproximando, Jack teve certeza de que Lesya queria ser escutada.

– Isso leva tempo – ela se limitou a dizer.

– Depois do puma de ontem eu imaginei que... – Jack falou, abrindo os olhos.

– Mas eu ajudei você, lembra?

– Lembro. Claro que me lembro!

Isso leva tempo. Mas Jack talvez não tivesse tempo. Ao se lembrar disso, recordou-se também da situação em que estava envolvido.

E sorriu para Lesya, sabendo que a hora de fugir se aproximava.

Aquela noite, quando Jack se aventurou sozinho no bosque, Leshii surgiu para

matá-lo. O Senhor da Floresta plantou árvores ao seu redor e o prendeu na escuridão, lançando galhos em cima dele, que durante o tempo inteiro ouviu Lesya entoando seu canto a distância. Gritou por sua ajuda, mas ela não o escutava, e Leshii se manifestava como um vulto entre as sombras. Era tão velho quanto Lesya dissera e estava furioso. Era um deus ciumento.

Jack tentou escapar de sua jaula de madeira usando as técnicas que aprendera com ela, mas naquele momento ele não passava de um simples ser humano.

Leshii ordenou que os galhos se enrolassem entre os pés de Jack, que abriu a boca para gritar. Ele então abriu os olhos e viu o teto de madeira da cabana. “Estou preso numa gaiola de madeira!”, ele pensou, e Lesya se mexeu ao seu lado no colchão.

“Graças a Deus, foi apenas um pesadelo...”

Respirando com dificuldade e ainda sentindo uma dor no peito na região em que Leshii o atingira durante o sonho, Jack tentou se acalmar. “Foi apenas um pesadelo. Apenas um...”

Mas algo se mexeu.

Jack tentou se levantar, mas sentiu um peso sobre as pernas. Algo se movia sob os lençóis e ele sentiu um frio na barriga. Estava morrendo de medo. Engolindo em seco, usou uma das mãos trêmulas para afastar o lençol.

Aproveitando a luz da lua que entrava pela janela, viu o que o agarrava, deslizando pela parte inferior de seu corpo e ligado a raízes que se erguiam do chão. A figura levantou a cabeça, Jack viu seu rosto – feito de galhos, folhas, musgo e esterco – e imediatamente percebeu quem era.

“Leshii.”

Raízes se enrolavam em seus pés e joelhos. Jack abriu a boca para gritar, mas Leshii transformou um galho em mão e tapou seus lábios, murmurando que se calasse...

Jack se lembrou do momento em que Lesya o salvou de Wendigo, fazendo um grito se congelar em seu peito. Os olhos de Leshii, dois buracos escuros emoldurados por folhas, estavam arregalados... mas olhavam para outra direção.

Se o deus da floresta não tinha ido até ali para matar Jack, o que estava fazendo então?

Lesya acordou e começou a berrar com o pai. Finalmente Jack conseguiu libertar o grito da garganta, que saiu ainda mais agudo, não por causa do medo que sentira momentos antes, mas graças à fúria de Lesya e à forma como os olhos de Leshii ficaram ainda mais escuros, apavorados.

CAPÍTULO DOZE

O CEMITÉRIO VIVO

Ela tentou acalmá-lo. Após Leshii ter abandonado a cabana deixando um rastro de folhas e pedaços de madeira, Lesya foi até as portas e as janelas e murmurou uma espécie de feitiço. Em seguida voltou até Jack e o abraçou, sentando na beira da cama para que ele pudesse deitar a cabeça em seu colo.

O perfume de Lesya era forte, mas sem nenhum toque de sensualidade. Era um cheiro sombrio e perigoso. Jack ouviu suas palavras de consolo e aceitou seu carinho. Porém, quando a noite deu lugar ao dia e a luz tomou conta da cabana, ele não conseguiu mais dormir. Sentia o medo de Lesya transparecer em sua voz e em seu toque.

Percebeu que estava na hora de fugir.

Lesya preparou ovos e bacon naquela manhã e os dois se banquetearam.

“Não vi nenhum porco nessa região”, pensou Jack, embora certamente houvesse alguns porcos-do-mato. “Nem galinhas.” Mas os ovos podiam ser de um pássaro qualquer. Havia patos por todos os lados e Lesya só precisava saber onde ficavam os ninhos.

– Peço desculpas pelo meu pai – ela falou. – Há muito tempo ele não se manifestava assim. Imaginei que estivesse mais fraco e distante.

– É por isso que está com medo?

Lesya o encarou com um leve sorriso na sua linda boca e então respondeu:

– Não estou com medo, Jack.

Ele fez que sim e continuou a comer.

– Se ele voltar... – ela começou a dizer.

– Obrigado – Jack disse, sorrindo para ela. – Ele me assustou. Se você não tivesse acordado...

– Você poderia estar morto.

– Sim. Obrigado, Lesya. Aceito sua proteção e farei o que você achar melhor. Jack olhou pela janela, assustado. “Não tenho certeza de nada”, ele pensou. Lesya se curvou sobre a mesa e acariciou seu rosto, dizendo:

– Eu amo você, Jack.

Ele sorriu e tocou a mão dela, mas não disse nada. Lesya desviou o olhar e por um momento Jack sentiu pena. “Eu *poderia* amá-la”, ele pensou, “mesmo depois de tudo o que aconteceu”.

– Você é muito especial – ele afirmou. Lesya suspirou e começou a limpar a mesa. – Vou tomar um banho na fonte.

– Se preferir, posso aquecer um pouco de água.

– A água fria vai me fazer bem – ele retrucou, esfregando os olhos e balançando a cabeça. – Vai me ajudar a despertar e a afastar os pesadelos.

– Ótimo – Lesya falou, concordando com a cabeça. – Mais tarde vou ensinar você a rastrear cobras e outros animais perigosos.

Jack calçou as botas e seguiu em direção à porta, mas parou, pensando: “É agora. E se tudo der certo...”.

Ele se virou, olhando para Lesya pela última vez. Ela estava ao lado do fogão limpando um prato com restos de ovos e bacon. O vestido que usava era do tamanho certo e seus cabelos emolduravam o rosto da melhor maneira possível. Era a mulher mais linda que Jack conhecera na vida. Aliás, era exatamente assim que queria se lembrar dela.

“Ela parece tão normal”, ele pensou, embora soubesse que aquilo não era verdade.

– O que foi? – ela perguntou, percebendo que Jack a observava.

– Nada. Só estou pensando no quanto te amo.

Lesya abriu um sorriso maravilhoso. Mesmo com todos os planos que tinha na cabeça, Jack dizia a verdade.

Ele caminhou em direção à fonte que ficava um pouco além das árvores. Seu coração pulava dentro do peito e suas pernas tremiam por conta do que iria fazer.

Começou a desabotoar a camisa ao lado da fonte e se virou em direção à cabana. Viu Lesya além da janela, o rosto brilhando por causa do reflexo do sol no vidro. Ele acenou e ela retribuiu o gesto antes de desaparecer no interior da cabana.

Jack então correu até as árvores. De repente tudo havia mudado. O que era um plano se transformava em realidade, e o perigo estava vivo ao seu redor. A cada passo Jack esperava ouvir o aviso de Lesya: “Cuidado com meu pai”.

Resolveu ignorá-lo. Estava colocando sua vida e seu futuro em jogo, porém tudo havia ficado claro desde a aparição de Leshii na noite anterior. Jack tinha uma família na Califórnia. E tudo o que vira e fizera ali... não tinha passado de faz de conta.

Fazia silêncio ao redor de Jack e o único som que ouvia era o de sua respiração. Alguns pássaros levantaram voo à sua direita, mas ele resistiu à tentação de segui-los, já que precisava continuar seu caminho.

Ouviu a voz de Lesya ao atravessar a primeira linha de árvores. Ela gritou, o que fez Jack correr ainda mais. Os galhos das árvores batiam em seu rosto e ele passou por entre troncos com teias de aranhas grossas, sentindo o coração bater mais forte. Estava completamente suado.

Ouviu o grito novamente, dessa vez ainda mais alto:

– *Jack!*

Ele estava decidido. Corria por entre as árvores, atento a qualquer coisa estranha que surgisse à sua frente. “O que ela vai fazer? Será que vai me castigar?” Ao fugir, ele negava seu amor por Lesya e deixava claro que tudo o que lhe dissera naquela manhã era mentira. Num primeiro momento Lesya pareceu uma mulher amável, mas Jack agora tinha dúvidas disso. Alguém com tamanho poder...

Uma árvore começou a cair um pouco mais à frente. Jack ouviu o barulho do tronco rachando. Desviou para a esquerda, para a direita, e percebeu que não havia como escapar. Levou as mãos ao rosto...

... e a árvore parou de cair.

Uma nova árvore surgiu no lugar onde o tronco havia quebrado e os galhos seguraram a madeira que caía. A árvore tinha dois troncos, uma raiz grossa e os galhos superiores pareciam ondular sob a luz do sol que banhava o bosque.

Jack voltou a correr. Um vento forte começou a soprar, balançando as folhas, murmurando ao seu ouvido e aguçando os sentidos de Jack. “Lesya...”, ele pensou, mas uma pesada mão parecia envolver seu braço direito, e a pele dela era a de um homem velho, calejado.

Jack olhou para baixo. Não havia nada o segurando, mas ele não conseguia mais correr.

Ouviu outro grito vindo de trás, porém dessa vez mais próximo. Escutou também um barulho de perseguição. Passos pesados tomavam conta do bosque, árvores eram afastadas do caminho com força, sendo atacadas pelo que o perseguia. Jack chegou à beira de uma encosta, cambaleando e tentando manter

o equilíbrio... até despençar por causa de um forte vento.

“Você precisa ver”, uma voz parecia murmurar quando ele caiu. Jack tapou os ouvidos querendo ignorá-la, pois ela soava velha e cruel.

Ele caiu na beira da água, levantando-se lentamente quando o barulho da ventania cessou. Mas a voz ressurgiu: “Você precisa ver”.

Jack tentava ignorá-la, já que para todos os lados que olhava não via ninguém, apenas árvores.

Então ele viu e entendeu por que precisava ver.

Daquelas árvores brotavam frutos incomuns.

Parado ali, desesperado para ir embora e tentando *ignorar* o que via, Jack London percebeu que duas forças lutavam por ele. No bosque, árvores caíam, eram arrancadas e o chão tremia, sem falar dos terríveis gritos de Lesya ecoando no terreno de batalha. Leshii, o espírito do pai dela, a mantinha afastada para que Jack pudesse ver. Jack entendia melhor as coisas a cada segundo que passava.

Onde antes havia magia, agora existia horror.

Onde Jack sentira o estranho chamado do amor, havia agora indignação, medo... e piedade. Mesmo depois de tudo o que Lesya fizera, ele ainda sentia pena dela, pois Lesya era algo que não devia existir. Uma criatura de espírito e carne, ela era incomum, uma aberração da natureza daquelas terras selvagens. Assim como Jack, ela estava tentando sobreviver. E devia se sentir bastante solitária.

Jack então contou quinze árvores que não podiam ter nascido naturalmente. Elas pareciam ter corpos enrolados em seus troncos, como se já estivessem ali quando as sementes começaram a brotar. Algumas projetavam rostos em suas cascas, outras pernas e pés. Eram antigos companheiros de Lesya. Homens enfeitiçados por sua beleza e por sua cabana viva. Ao observar suas roupas, Jack notou que havia russos, franceses, índios e negros. Todos estavam mortos, mas de alguma maneira foram preservados pela magia de Lesya.

Porém, um deles piscou o olho.

Jack gritou. Já estava acostumado ao terror, mas aqueles olhos eram uma das coisas mais apavorantes que vira na vida. Ele se afastou do homem preso na árvore – tudo o que se via era seu braço esquerdo e seu rosto –, mas outra árvore entrou em seu caminho.

Ao se virar, Jack ficou cara a cara com os olhos verdes de um homem transformado, que abriu a boca lentamente, embora nenhum som saísse dela.

Larvas passeavam entre os poucos dentes que ainda lhe restavam. Havia feridas dentro de sua boca, que estava em carne viva, mas o sangue não era vermelho, e sim uma seiva viscosa e espessa.

Os olhos do homem pareciam não reconhecer nem entender nada.

“São iguais aos olhos de Wendigo quando me encararam... anormais e tristes!”

Apavorado, Jack começou a correr. Voltou a subir a parede da encosta, enfiando as mãos e os pés no solo fofo. Havia perdido o sentido de direção e podia estar se aproximando de Lesya.

“Há mais árvores no bosque”, ele ouviu um murmúrio, sem conseguir identificar de quem era a voz. Talvez fosse o medo ganhando vida. No entanto, seja lá a quem pertencesse aquela voz, uma coisa estava clara: caso Lesya o alcançasse, ele seria transformado em mais uma daquelas árvores.

Ela nunca mais confiaria nele. Embora Lesya guardasse um pequeno traço de civilização dentro de si, algo que Wendigo nunca teve, ao menos o monstro era honesto em sua fúria e em sua fome. Lesya mentira e, no íntimo, fora consumida por tal mentira.

Chegando ao topo da encosta, Jack olhou para baixo. As copas das monstruosas árvores pareciam naturais, verdejantes, e ali de cima ele não podia enxergar a realidade grotesca por trás daqueles troncos. Jack estava desesperado, mas olhou rapidamente ao redor, ofegante, ouvindo o barulho do caos. Imaginando ter tomado o caminho certo, voltou a correr.

O bosque ainda era denso, mas ele nunca havia estado ali com Lesya. Aliás, ela não lhe mostrara aquela linda encosta, portanto Jack não sabia para onde ir. Tudo à sua volta parecia ganhar vida. Animais grandes e pequenos passavam correndo por ele, e por um segundo Jack ficou confuso. “Será que os estou assustando e por isso eles estão fugindo?” Mas percebeu que a direção que os animais seguiam podia indicar o caminho por onde ele devia seguir.

O bosque inteiro parecia estar com medo.

Coelhos e raposas corriam, pássaros e insetos voavam, e Jack ouviu um barulho pesado a distância. Devia ser um urso correndo entre as árvores.

Outros sons mais assustadores surgiam logo atrás. Um deles parecia o de uma árvore sendo arrancada da terra com suas raízes; outro, o de um tronco muito largo sendo partido em dois; e finalmente um grito alto, terminando com um soluço que só podia ser de Lesya.

– Sinto muito por tudo isso – murmurou Jack, imaginando se ela o escutava. Lesya podia ser o pássaro, o inseto ou o lince que ele acabara de ver passar

correndo ao seu lado. Porém, se *realmente* fosse um lince, ela poderia tê-lo derrubado. Mesmo em pânico Jack percebia que não estava sozinho.

Pulando troncos caídos e surpreendendo-se com a quantidade de criaturas que passavam ao seu lado, Jack tentou se projetar ao que estaria à sua frente. Num primeiro momento não sentiu nada e ficou imaginando se ao fugir havia perdido as habilidades que aprendera com Lesya. Mas lentamente as coisas começaram a mudar. Prestando atenção às árvores ao seu redor, ele sentiu o vento, os odores e avistou uma grande clareira.

Jack escutou o uivo de um lobo e o respondeu projetando a própria voz.

Enquanto corria, parecia estar saindo de um transe. Era como se a floresta o arrancasse dele, junto com o desgaste e a distância crescente entre ele e a cabana. O lugar que havia sido um refúgio, acabou se tornando uma prisão. Em suas lembranças, Jack via sua irmã Eliza sorrindo. Shepard apertava a mão dele e pedia que promettesse coisas impossíveis. Até sua mãe estava lá e, embora não sorrisse, pelo menos não lhe rogava pragas. “Vou fazer isso por eles”, pensou Jack. “Por eles...”

Uma trepadeira se aproximou e Jack se atirou no chão, rolando até bater numa árvore. Apavorado, ele ergueu os olhos, achando que a planta fosse envolvê-lo, o que ela fez em seguida, quando alcançou a sua perna, apertando-a com força.

Jack gritou de dor. Ele então atacou a trepadeira, tentando quebrar seus galhos. Porém, quanto mais Jack resistia, mais forte ela ficava.

Naquele instante ele percebeu que os sons distantes haviam silenciado. Não ouvia mais gritos nem uivos, não escutava mais o eco de uma luta inimaginável. Todos os animais tinham fugido, deixando-o para trás, e o bosque estava mais quieto do que nunca.

“Está mais silencioso que uma sepultura”, ele pensou, imaginando como se sentiria fazendo parte de uma árvore, com o sangue substituído pela seiva, vendo o tempo passar de modo dolorosamente lento...

Viu ao longe entre as árvores uma forma azul-clara se movendo.

Novas trepadeiras se arrastavam pelo chão e começavam a envolvê-lo. Uma brisa levantou as folhas e lançou ao ar sementes que não deviam germinar antes do outono. Sentiu o cheiro de canela e de terra. Percebeu o hálito fresco de Lesya, o odor familiar de folhas secas. Tentou projetar seus sentidos mais uma vez, mas ele era um ser pequeno, um *nada*, não passava de um eco naquela paisagem repleta de coisas incríveis.

– Socorro! – ele gritou, mas o bosque abafou sua voz.

Lesya então surgiu à sua frente, saída de entre as árvores – como o espírito da floresta que um dia fora –, e ela estava transformada. Ainda era bonita, mas de uma forma assustadora. Sua pele continuava suave, porém exalava um brilho nada natural. Seus olhos estavam marcados de fúria e a sua boca se curvava para baixo, pouco lembrando o sorriso que costumava abrir para Jack. Sua beleza não parecia mais uma dádiva, e sim uma consequência de sua própria natureza. No entanto, a raiva lhe emprestava uma aura de feiura.

– Imaginei que você fosse o escolhido... – ela disse.

– Lesya...

– Imaginei que existisse *amor*!

– Não pertenço a este lugar. Posso viver no mundo selvagem, mas...

– Eu mostrei várias coisas a você – ela falou num tom de voz que voltava a ficar suave. Ela se aproximou, caminhando daquela maneira que prendia a atenção de Jack, os cabelos esvoaçantes, a cabeça ligeiramente inclinada. – Ofereci parte do que sou, um pouco de minha magia, algo que não poderei recuperar. Mostrei coisas que jamais tinha mostrado a ninguém...

– Eu sei de quem você está falando – Jack retrucou, embora preferisse não ter sabido.

– Leshii! – Lesya grunhiu, e as árvores se moveram, o chão tremeu e o ar pareceu ficar rarefeito, como se estivesse com medo.

Jack engoliu em seco, tentando respirar enquanto ela se aproximava. As mãos de Lesya pareciam garras e a pele rosa sob suas unhas agora estava verde.

Ele fechou os olhos, vendo Eliza e Shepard novamente, bem como sua mãe, e percebeu que caso morresse ela tentaria fazer contato através de suas terríveis sessões mediúnicas. Confuso por conta do pânico e do terror – emoções que atingiam níveis inéditos em Jack –, imaginou que sua mãe finalmente teria sucesso em seus contatos.

Em seguida ouviu um rugido e um som estranho, como se a terra estivesse se abrindo, mas só abriu os olhos quando percebeu que Lesya chorava.

Num primeiro momento ele não entendeu o que via. Era uma confusão de formas e movimentos passando diante dele, e logo procurou Lesya. Ela havia sumido. Jack então olhou para a direita e para a esquerda, prestando atenção às sombras.

Lesya estava sendo carregada de volta para o bosque. Árvores nasciam, cresciam e morriam em frações de segundos, como se Jack testemunhasse seus extensos ciclos de vida numa velocidade vertiginosa. E a cada segundo Lesya se

afastava ainda mais.

– Pai! – ela gritou, começando a berrar em seguida numa língua arcaica, esquecida, que Jack nunca escutara antes. Embora as palavras não fizessem sentido, a forma como Lesya as pronunciava eram familiares a ele. Ela implorava e depois ameaçava, seguindo esse padrão enquanto era arrastada por Leshii.

Um homem surgiu por trás de Jack e se agachou ao seu lado. Era muito alto e magro. A barba era de grama viva e seus cabelos de folha chegavam quase à terra, fartos. A pele das mãos era de casca de árvore. O sujeito era a floresta viva em pessoa.

– Você viu – disse ele, chegando perto das trepadeiras enroladas às pernas de Jack.

– Leshii – Jack murmurou quase sem fôlego.

– Vá embora – o homem ordenou, e as trepadeiras se desintegraram ao seu toque.

– E Lesya?

O Senhor da Floresta piscou os olhos, e a expressão em seu rosto deu a Jack a certeza de que ele odiava a própria aparência.

– Vá embora! – ele repetiu.

Jack concordou com a cabeça e partiu.

Começou a correr e percebeu que o caos tinha voltado. Jack mantinha os olhos no chão à sua frente, resistindo à tentação de divagar, já que precisava continuar atento. A briga continuava atrás dele, mas muito distante.

Ele estava correndo fazia alguns minutos, talvez uma hora, mas cada segundo era irreal e assustador. Os animais escaparam muito antes dele, e os únicos sons que ouvia eram de passos sobre a camada de lama e folhas depositadas no chão ao longo de anos dos baques que o perseguiam. Seus ouvidos estavam aguçados, pois ele queria estar preparado caso algo se aproximasse...

Porém, de repente, o bosque terminou e Jack chegou ao que parecia o sopé de uma montanha, uma parede coberta de grama.

Jack suspirou num tom de surpresa:

– Imaginei que não encontraria a saída.

Atrás dele os sons de perseguição cessaram e tudo ficou em silêncio. “Será que ela foi embora? Agora que encontrei a saída, será que ela aceitou que consegui escapar e voltou à sua cabana?”

Jack olhou para trás, em direção ao bosque escuro que terminava bruscamente.

Foi quando Lesya apareceu diante dele, surgindo por entre as árvores e tirando algumas folhas dos cabelos.

– Sinto muito mesmo – ele disse.

Ela riu, saiu do meio das árvores e se aproximou, exalando seu perfume e confundindo os sentidos de Jack. De repente, Lesya se transformou num puma e saltou sobre ele.

Imediatamente Jack sentiu algo voando ao seu lado e atacando o puma. Várias silhuetas surgiam à direita e à esquerda, e ele pensou: “Lobos”. Os animais uivavam e grunhiam, avançando e recuando, e Jack percebeu que eles afugentavam Lesya de volta ao bosque. Ela então avançou sobre um dos lobos, ferindo-o com suas garras e golpeando-o com a cabeça.

O *lobo de Jack* também estava ali, pressionando o focinho na mão dele, tentando afastá-lo da confusão.

– Não sei quanto tempo vou aguentar – Jack falou, e o animal o puxou até que ele virasse o corpo e começasse a andar.

Em seguida o lobo se juntou aos outros animais. Jack observou a cena por alguns segundos, vendo Lesya recuperar a forma humana com uma expressão de surpresa, encarando o lobo protetor de Jack. Antes de começar a correr ele deu uma última olhada para Lesya, que se transformava novamente em puma, abandonando seu sorriso e partindo para o ataque.

Jack corria sem parar. Ele não tinha ideia de onde tirava tanta força, mas não se preocupou com isso. Procura seguir para o sul e para o oeste. Embora não soubesse qual era a direção certa, a cada passo estava mais perto de casa. Quanto mais corria, mais importante aquela fuga era.

Era como se tivesse traído sua família ao passar aquelas semanas com Lesya. Todos aqueles dias começavam a parecer um sonho, mas os cortes e os arranhões que ele tinha na pele eram uma prova de que a experiência havia sido bem real.

A paisagem ao seu redor era familiar, embora parecesse livre do poder de Lesya. Finalmente algo lhe dizia que ele estava de volta ao verdadeiro mundo selvagem. E aquela natureza oferecia toda a magia de que Jack precisava.

Àquela altura ele já não conseguia mais correr. Sentou-se no meio de uma vasta planície e se deitou, longe de qualquer árvore. Olhando para o céu, tentou se projetar da maneira como Lesya lhe ensinara, lançando seus sentidos à frente, procurando seu lobo. Imaginou que isso não funcionaria – podia ter sido fruto da influência de Lesya –, mas Jack ouviu um uivo, sentiu o cheiro do pelo do

animal e o calor do sangue em seu estômago e pernas.

– Não – Jack murmurou, sentando-se e olhando para o norte, para o local de onde viera. *Não*.

Não imaginava que aquela criatura que o seguia e o protegia pudesse ser suscetível a qualquer ferimento. Mas, sim, ela tinha sido ferida e Jack sentia sua dor. Talvez fosse preciso algo fora do normal como Lesya para atingi-lo daquela forma.

Jack teve vontade de voltar, mas seria inútil. Embora estivesse muito ferido, o lobo lutara por ele. Mas Jack não podia retribuir abrindo mão de sua liberdade.

Exausto, morto de frio, faminto, dolorido por causa das feridas e sentindo-se pior do que quando Wendigo o atacou, Jack mais uma vez se embrenhou no mundo selvagem.



Socorro! ele gritou, mas o bosque abafou sua voz.

CAPÍTULO TREZE

DE VOLTA À CENA

Milhares de homens e mulheres foram atraídos para o norte graças à promessa de ouro farto, mas para Jack a possibilidade de riqueza repentina foi apenas um dos fatores na sua decisão de viajar ao Yukon. Ele estava em busca de aventura e o que realmente o motivou foi o *desafio*. Ele encarava aquela viagem como um grande teste e estava ansioso por se lançar àquela terra difícil e perdida. Chegara ao norte com a intenção de dominar o mundo selvagem.

Porém, uma pergunta não saía de sua cabeça: o simples fato de continuar vivo fazia dele um mestre do mundo selvagem? A viagem de Dyea a Dawson havia sido um triunfo da vontade, com a morte espreitando a cada curva do rio. Agora, ele se lembrava daqueles meses difíceis com certa saudade. Assim que chegou a Dawson, quando precisou lutar contra os homens que logo o fariam de escravo, Jack começou a entender o mundo selvagem, aprendendo coisas que o inverno no rio Yukon nunca seria capaz de ensiná-lo.

Dezenas de homens em busca de ouro morreram naquelas terras e ninguém jamais se lembraria deles. Wendigo havia comido todos os escravos que dormiam no acampamento de William à beira do rio. Pelas contas de Jack, mais de dez homens foram seduzidos para o bosque de Lesya, terminando suas vidas no inferno, com os corpos entrelaçados em troncos de árvores. Mas Jack London sobrevivera a tudo isso.

E agora ele se perguntava o motivo.

Jack vinha atravessando florestas e bosques, com pouquíssimos trechos em terrenos planos. Quando chegou ao vale cortado por um rio, começou a descer. O solo era irregular, traiçoeiro e repleto de plantas espinhentas e trepadeiras, mas Jack continuou, com uma confiança inédita. De repente um falcão alçou voo de um arbusto à sua esquerda, levantando poeira com as asas. Jack parou por um instante, pensando que a ave poderia facilmente tê-lo derrubado dentro da água.

Ao chegar à base do vale e seguindo o curso do caudaloso rio, Jack se sentiu observado. Era um olhar que não conhecia, portanto girou a cabeça lentamente para ver quem o seguia.

Era um urso preto, que estava a uns dez metros de distância, as patas mergulhadas no rio. O animal o encarava, parado e calmo. Os únicos movimentos eram os de suas narinas abrindo e fechando, e o urso parecia avaliar o tamanho de Jack.

“Lesya!”, ele pensou, mas logo viu que estava enganado. Jack escapara do alcance dela. Ele então se preparou para projetar a voz de um urso, entrar na mente de um urso, mas estremeceu ao pensar no trabalho que teria. De repente o urso se virou e começou a se afastar. Jack o observou até ele desaparecer na curva do vale.

Ao escalar a parede oposta do vale – firmando as mãos e os pés nas pedras –, Jack começou a se sentir solitário. Não queria a companhia de homens e, após a experiência com Lesya, muito menos a de mulheres, mas sim a de quem estivera ao seu lado em vários momentos naquela viagem... aquela sombra, aquela proteção... Jack London sentia falta do lobo.

Durante sua vida ele sempre rejeitou o espiritualismo da mãe. Acreditar, ainda que por um segundo, que ela fosse capaz de se comunicar com os mortos era algo impossível. Aquela história o assombrava desde pequeno e Jack sempre a considerou uma charlatã.

Porém, agora ele sabia que a magia podia ser algo real, pois testemunhara a existência dos espíritos e descobrira que nem todos eram humanos. Ele vira que uma maldição era capaz de criar um monstro e levar um homem ao sofrimento absoluto, pois esse tinha sido o destino de Wendigo. Por fim, passara a acreditar que sua mãe talvez fosse capaz de se comunicar com os mortos.

O guia espiritual de Jack tinha sido sua companhia e seu protetor desde o momento em que ele pôs os pés na trilha de Chilkoot. Mas Jack estava preocupado, pois o lobo havia sido ferido ao ajudá-lo a escapar de Lesya. Ele não sabia como isso era possível, mas *sentira* acontecendo e agora estava preocupado com as consequências. O lobo reapareceria algum dia?

Aliás, o que ele era realmente? Tinha nascido do interior de Jack ou era um ser independente? Talvez isso explicasse seu grande desejo de viajar. Talvez Jack passasse o resto da vida sendo atraído para lugares selvagens em todo o mundo.

Ele escapara de Wendigo e aprendera a imitar o som dos animais. Apaixonara-se por uma mulher louca, uma mulher que em parte era um mito, de quem

roubara um pouco de magia e passou a dominar algumas facetas da linguagem secreta do mundo selvagem. Suas viagens mudaram sua vida, portanto Jack seria para sempre *selvagem*. Porém, se ele de fato havia mudado, sua sobrevivência significava que se tornara um mestre do mundo selvagem ou havia sido adestrado por esse mesmo mundo?

Jack duvidava se essas coisas ainda importavam.

Ele sentia uma enorme culpa. Lesya o enfeitiçara e Jack tinha deixado que muitas semanas se passassem. Com o destino da casa de sua mãe em jogo, e com sua família imaginando o que devia ter acontecido com ele, Jack caminhara de mãos dadas pelo bosque e comera os frutos de um jardim secreto e enfeitiçado.

Agora caminhava em direção ao leste, guiado pelo sol, determinado a não permitir que nada bloqueasse seu caminho. Na noite do ataque de Wendigo, ele seguira para o oeste, fugindo do acampamento, mas caíra inconsciente, voltando a si horas depois, sem saber para onde Lesya o tinha levado.

“Não deve ter sido muito longe”, ele pensou, atravessando um terreno acidentado. “Wendigo seguiu meu rastro.”

Ele não tinha ideia do que Lesya ou Wendigo eram capazes. A bruxa do bosque podia tê-lo arrastado por quilômetros, e ainda assim o monstro podia ter ido atrás deles. Mas naquele momento Jack precisava confiar nos seus instintos, que diziam que o bosque de Lesya não devia ficar longe do local onde ele desmaiara. De outra maneira, ela não o teria encontrado.

Finalmente chegou a um lugar que imaginava reconhecer: sim, havia sido ali que ele caíra ao fugir de Wendigo. O bosque era mais denso e as colinas menos íngremes, porém mais difíceis de serem escaladas, e Jack precisava se concentrar para seguir em segurança e não perder o rumo. Viu vários animais e todos o observavam passar. Grande parte deles não devia estar à vista, pois mesmo no mundo selvagem a vida animal estava aprendendo a tomar cuidado com os humanos.

Após várias horas, ele calculava ter caminhado mais de dez quilômetros. Estava cansado, mas seu corpo consumia a reserva de energia que havia sido acumulada graças à boa alimentação que Lesya lhe proporcionara. Os sintomas de escorbuto e desnutrição tinham desaparecido, mas ainda assim ele sentia um vazio, sentia falta das coisas boas que tinha em casa.

No final da tarde, avistou ao longe entre as árvores as águas prateadas de um rio e apertou o passo. Quando chegou às suas margens, ajoelhou-se para matar a

sede. Jack jogou água no rosto, que com a barba grande parecia pertencer a outro homem.

Aquela era a primeira pausa desde que fugira de Lesya, e só então ele se deu conta de que não carregava nenhum suprimento. Não tinha comida, nenhuma arma com que pudesse caçar e nem mesmo uma pederneira para fazer fogo. Suas botas e roupas estavam penduradas nas costas, mas não tinha casaco para se proteger contra o frio da noite. Porém, caso precisasse caçar um coelho, ele sabia como fazê-lo. Se fechasse os olhos por alguns instantes, podia percebê-los por perto, assim como outros animais, portanto não ficaria sem jantar.

Mas a ideia de entrar no bosque mágico que Lesya lhe mostrara deixava Jack tenso. Ele queria não ter mais nenhuma ligação com ela, ficar livre de seu feitiço, não demonstrar um único sentimento de amor. Na verdade, gostaria de esquecer aqueles últimos dias e voltar aos tempos felizes anteriores à solidão de Lesya, que acabou lhe revelando sua faceta mais perigosa.

Por isso, em vez de parar e acampar, Jack seguiu o rio em direção ao sul. Embora continuasse achando que aquelas águas fossem o Klondike, ele não passava de um afluente. Em breve ele chegaria ao fundo e caudaloso rio, e uma caminhada às margens do Klondike o levaria de volta à cidade de Dawson, onde esperava encontrar seus suprimentos ainda guardados nos fundos do hotel em que ele, Merritt e Jim foram feitos escravos por aqueles homens perversos.

Pensar em tudo isso o deixou triste. Seus amigos e inimigos estavam mortos. Tinham passado para o outro lado com suas almas boas e ruins, mas haviam contribuído para fazer de Jack o homem em que ele se transformara.

Em pouco menos de uma hora Jack chegou às ruínas do acampamento dos escravos. Uma águia gritou sobrevoando sua cabeça, como se reconhecesse a dor que Jack sentia ao revisitar o cenário do massacre. Talvez sem se dar conta, Jack tenha se projetado no pássaro, que agora compartilhava seu sentimento. Mas a águia seguiu seu caminho voando em direção ao pinheiro mais alto do outro lado do rio, e Jack permaneceu onde estava.

O rio seguia seu curso, as águas murmurando algo num tom triste ou talvez de deboche, era impossível identificar, e Jack examinou o acampamento. Tendas e lonas estavam jogadas por todos os lados, junto a pás e peneiras que eles usavam para catar o ouro no fundo do rio. Havia botas e casacos rasgados sujos de sangue. Manchas de um vermelho-escuro tingiam as pedras ao redor do acampamento. Era possível notar evidências de duas fogueiras apagadas e

destruídas. Selas e bolsas tinham sido deixadas nos lugares onde caíram, mas não havia qualquer rastro de cavalos ou mulas.

Na verdade, não havia qualquer corpo por ali, e isso era o pior de tudo.

Jack pegou uma pá e a arrastou pelo chão, olhando em baixo de mantas e roupas rasgadas. Não encontrou nada que pudesse enterrar. Quando Jim morreu, os escravos o deixaram para que fosse comido pelos animais, mas nenhum bicho podia ter desaparecido com todos aqueles corpos. Wendigo matara todo o acampamento, mas não havia sinal dos corpos de escravos ou capatazes. Aquela criatura maldita devia ter comido tudo, carne e ossos, ou levava seus corpos para se alimentar mais tarde. Provavelmente as vísceras que ficaram para trás foram comidas por pássaros ou animais que rondavam por ali.

Só havia sangue... e talvez os fantasmas dos homens que morreram, embora nada marcasse sua passagem para o outro mundo.

“Eu devia ter ficado aqui”, pensou Jack. Mas aquela ideia era tola. No acampamento ainda ecoavam os gritos dos mortos. Wendigo teria acabado com ele, assim como fizera com os outros. O monstro chegara pela escuridão e agira rapidamente, dando a impressão de que a própria noite tinha garras e presas. Jack havia caído no chão. Se o lobo não tivesse chegado e o ajudado a escapar, ele ainda estaria ali quando o monstro chegou.

Assim que as sombras se acentuaram e a luz começou a cair, Jack deu início a busca metódica pelo acampamento. A temperatura despencara durante o dia, mas ele encontrara um segundo suéter e um casaco pesado, além de mais um par de luvas.

Grande parte dos suprimentos havia sido consumida, mas Jack achou carne-seca, latas de feijão e outras coisas que não tinha visto antes. O que mais o interessou foi a lata de café que encontrou numa bolsa de lona, junto a um pote de metal. Havia ainda potes, caixas de fósforos, tabaco e várias outras coisas, mas examinaria tudo aquilo na manhã seguinte, quando decidiria o que levar em sua viagem.

As armas dos capatazes não tiveram utilidade contra Wendigo, e a terrível criatura nem se interessara por elas. Estavam todas espalhadas pelo acampamento, misturadas a outras coisas. Jack escolheu o melhor rifle, duas pistolas e um revólver, bem como duas facas afiadas e um machadinho. Ele guardou tudo num saco antes que a noite lhe roubasse a habilidade de descobrir que balas serviam para cada uma das armas.

Quando começou a arrastar alguns sacos de couro, percebeu que alguns deles

estavam pesados. Descobriu a razão ao olhar em seu interior: havia duas pequenas bolsas de ouro em cada, num total de quatro. Ao encontrar as duas primeiras, ele sorriu e ficou com os olhos cheios de água. Prometera à sua mãe e a Eliza ouro do Klondike, além de ter jurado a Shepard que não voltaria com as mãos abanando. Porém, homens perversos tinham matado por aquilo e inocentes agora estavam mortos. Com tanto sangue derramado, Jack deveria ter deixado o ouro onde o encontrara, mas ele também sofrera e não abandonaria nada.

A noite caiu e então Jack acendeu uma fogueira, aquecendo uma lata de feijão e comendo com um pouco de carne-seca. Em comparação aos alimentos na cabana de Lesya, estava horrível, mas não encontraria nada melhor até voltar para casa. Em seguida preparou café – o verdadeiro motivo para ter acendido o fogo, já que comera feijão frio várias vezes antes – e se recostou numa sela que deixara ao lado da fogueira. Havia preparado uma cama, porém ainda não estava com sono para se deitar.

Numa segunda sela, resolveu escrever um epitáfio para os homens que tinham morrido naquele acampamento. O vento estava mais forte e o frio começava a cortar suas mãos, mas Jack não parou até terminar a mensagem gravada no couro:

VINTE OU MAIS HOMENS MORRERAM NESTE LOCAL.
ALGUNS BONS, OUTROS MALDITOS,
E UM DELES ERA MEU AMIGO MERRITT SLOPER.
QUE ELE DESCANSE EM PAZ
E QUE OS MALDITOS ARDAM NO INFERNO.

Jack acordou antes de o sol nascer, percebendo um pouco de neve em seu rosto. Limpou-se, sentindo a pele rachar por conta do frio, e piscou para tirar uns flocos dos olhos. Antes de dormir, alimentara o fogo para que ficasse o mais forte possível, mas a temperatura despencara durante a madrugada.

Em seguida se sentou, tirou o chapéu da cabeça e retirou a neve sobre ele antes de observar o tapete branco que tomara conta da paisagem. “Quanto tempo tinha passado com Lesya naquele bosque?”

Os dias e as noites ao seu lado transcorreram num ritmo estranho. Jack sabia que haviam sido apenas alguns meses, mas os dias pareciam infinitos, como se durassem uma eternidade. Ele conhecia histórias de pessoas perdidas em bosques que depois descobriam ter ficado desaparecidas por anos. No entanto, o

mundo não parecia tão diferente para Jack, mas a neve provava que o tempo passava muito mais lento ao lado de Lesya do que longe dela.

Ainda assim, Jack não acreditava que o inverno tivesse chegado. No dia anterior, o vento era calmo e a temperatura, agradável, embora à tarde tivesse caído abruptamente. No inverno do último ano, perdido em paisagens brancas, ele se acostumara a temperaturas que nenhum homem deveria enfrentar, e a neve daquela manhã era tranquila em comparação ao que ele já vira.

Não, o inverno não chegara e Jack se recusava a acreditar que era outubro. Devia ser final de setembro, um dia atipicamente frio, o que não era estranho naquelas terras ao norte. Os flocos de neve eram grossos, mas a temperatura não devia estar abaixo de zero.

“É lindo”, pensou Jack. Ver aquele leve manto de neve descer o rio de manhã deixou mais tranquila sua mente inquieta.

A neve caíria anunciando o inverno, mas as chuvas da primavera limpariam o sangue daquelas pedras, apagando o horror daquele lugar. Jack sentiu alívio ao pensar nisso.

Sem vontade de acender uma fogueira na neve, ele comeu dois pedaços de carne e tomou um copo de água do rio. Depois vestiu um par de meias secas e limpas que encontrara no dia anterior e suas botas.

Antes de dormir, ele tinha guardado as comidas e os suprimentos que levaria consigo. Ao despertar, espanou a neve caída sobre a manta, que enrolou e guardou no mesmo saco. Enfiou as duas pistolas na cintura, uma de cada lado, acondicionou as facas nas bainhas, guardou o revólver no bolso, jogou o machadinho no saco dos suprimentos e pousou o rifle num dos ombros. No outro carregou as sacolas com o ouro encontrado pelos escravos.

Com todo esse peso, Jack ficou cansado após poucos metros de caminhada, mas não queria deixar nada para trás. Não sabia a que distância estava de Dawson nem o que encontraria pelo caminho.

Andou com dificuldade pela neve, seguindo a margem do rio, exatamente como planejava, imaginando que a manhã aqueceria o ar e transformaria a neve em chuva ou que a interromperia completamente. Porém, o dia estava cada vez mais frio, o vento se tornava mais forte e a neve caía com maior intensidade.

Jack começou a nutrir uma terrível suspeita: aquela tempestade talvez não fosse normal. Ele viajara durante toda a manhã atento a qualquer ameaça. Apesar do frio, seu esforço e o casaco pesado deixaram suas costas suadas, tornando mais complicado respirar. Jack mal percebia esses detalhes e mesmo o rugido de

fome de seu estômago não era capaz de distraí-lo de sua vigilância. As árvores ao seu redor pareciam ter ganhado um aspecto sinistro e, quando o curso do rio se aproximava das árvores, ele as observava com cuidado à procura de sinais estranhos.

Será que Lesya tinha a capacidade de se afastar de seu bosque mágico? Provavelmente. Mas ela era capaz de exercer sua magia longe da influência do pai? Jack não sabia nem queria descobrir a resposta. Sentiu um nó na garganta ao pensar que podia estar sendo levado de volta à cabana. Não gostaria de reviver os horrores sofridos pelos antigos amantes de Lesya. Ele lutara para apagar aquela imagem de sua mente, mas sabia que ela sempre rondaria seus sonhos.

Durante horas Jack prestou atenção em cada sombra, chegando a ter certeza de que algo o observava de trás das árvores, escondido entre a neve que caía ou mergulhado nas águas geladas do rio. Ele não sabia dizer onde, mas *sentia* que estava por perto.

Seria Lesya? Mas uma chama de esperança se acendeu em seu coração... Seria o lobo? Jack pensou em outras possibilidades. Wendigo fora derrotado antes, mas ainda vagava pelo mundo selvagem; e que outros espíritos rondavam aquelas terras?

Embora estivesse cansado, Jack seguiu em frente, pois a dúvida continuava viva dentro dele. Aguçara seus sentidos ao longo do ano – primeiro em função da presença do lobo e depois por causa de Leshii, cujo espírito habitava aqueles bosques –, mas será que devia confiar neles? Será que percebia o perigo simplesmente porque ele estava condicionado a isso?

Ficou intrigado, mas nada parecia capaz de aliviar sua tensão. Ao tropeçar, olhou rapidamente as árvores ao redor, vendo uma figura sombria se mover, desaparecendo entre os galhos.

Seguia caminhando contra o vento, olhando para as árvores, porém nada se movia. Em pouco tempo o bosque ficou para trás. Uma subida rochosa o levava para longe do rio, e as únicas silhuetas eram pequenos arbustos e pedras que se erguiam do chão. Os arbustos estavam cobertos de neve, enquanto as pedras se encontravam nuas por causa do vento.

Sentindo um olhar sobre ele, Jack se virou, mas não viu nada além da neve que caía. Carregava muito peso, portanto mudou o saco de um ombro para o outro, empunhando o rifle. Seus dedos estavam congelados dentro das luvas, mas ainda assim conseguiu puxar o gatilho, mesmo que não soubesse para quê. Sobrevivera a várias coisas e sentia a obrigação de voltar para casa, já que havia gente

esperando por ele. Devia a viagem a Shepard, sem mencionar que Eliza ficaria muito triste caso nunca mais o visse.

– Quem está aí? – perguntou Jack, mas o vento levou suas palavras para longe.

Girou o corpo e percebeu algo se movendo com o canto do olho, desaparecendo sob a tempestade de neve. Jack prendeu a respiração, aguçou o ouvido, mas ouviu apenas o vento e a correnteza do rio.

Não estava sozinho ali. Algo acompanhava seus passos.

Aproximou-se da margem do rio, deu uma olhada em volta e parou. Ainda de pé, fechou os olhos e expirou, deixando que seu espírito se expandisse, exatamente como lhe ensinara Lesya. Num primeiro momento sentiu a presença de animais. Corujas que dormiam, lebres ágeis, doninhas inquietas, um urso preto e um pequeno rebanho de veados mais a distância.

Mas aquela *coisa* estava presente. Embora não a alcançasse em espírito, da forma como fazia com os animais, podia senti-la e sabia que podia ser perigosa. Lesya talvez fosse louca e agora quisesse puni-lo pela fuga, mas ela não passava de uma bruxa dos bosques, uma alma perdida, amaldiçoada pela solidão. A coisa que o perseguia era mais sinistra e selvagem do que Lesya.

Jack ouvia a neve sendo esmagada sob seus pés. Abrindo os olhos, apontou a arma para um lado, dando as costas ao rio. Imaginou mais uma vez ter visto uma silhueta com o canto do olho, agora mais próximo, porém ela desapareceu assim que ele tentou encará-la.

Apontou o rifle e disparou contra a neve, ouvindo o tiro ecoar em meio à tempestade. Não ouviu nenhum som, nenhum grito de dor ou espanto, mas a verdade é que não esperava atingir a coisa que o seguia. Jack só queria assustá-la e talvez afastá-la um pouco. Com sorte encontraria uma tenda montada por algum caçador de ouro ou um assentamento indígena às margens do rio.

Resolveu pegar mais uma bala. Confiar na sorte parecia exagerado, portanto achou melhor manter o rifle carregado. Ainda podia realizar mais sete disparos e Jack tinha outras armas. Lutaria até a morte caso fosse necessário, mas nada o tiraria do caminho de casa após aquela aventura inesquecível.

Atravessando a tempestade, Jack mantinha o ritmo, atento à paisagem ao redor. Procurava novos sinais de seu perseguidor, mas não via nada. Talvez o tiro o tivesse assustado.

Mais à frente, Jack viu silhuetas de mais árvores. O bosque chegava à margem do rio, obrigando-o a embrenhar-se entre as árvores para seguir adiante. Não havia escolha. Se esperasse o fim da tempestade, ele seria alcançado pelo que o

perseguiu. Portanto, continuou, observando as árvores ao se aproximar delas, atento aos galhos e aos espaços abertos entre os troncos.

O vento soprava em suas costas, jogando-o para a frente. Jack sentiu um alívio ao perceber que a tempestade soprava a seu favor.

E então notou um cheiro trazido pelo vento, um cheiro familiar que o fez gelar de terror: o fedor de carne podre.

Wendigo o encontrara.

CAPÍTULO QUATORZE

O ESPÍRITO DA BRUTALIDADE

Jack London correu para não ser morto, mas Wendigo seguia em seu encalço. Ele não olhava para trás, pois já vira a criatura antes, à noite, e, embora a neve embaçasse sua visão, Jack não queria encará-la à luz do dia. No entanto, seus outros sentidos estavam em alerta e ele sabia que Wendigo o observava. O vento mudara de direção, fazendo com que o monstro sentisse o cheiro de Jack, que também ouvia suas fortes passadas na neve, quebrando os gravetos no chão. O próprio ar parecia ter um cheiro diferente. Se antes a atmosfera era limpa graças à tempestade, agora recendia a morte.

Jack podia se virar e atirar, mas não era uma boa ideia. Ainda assim continuou com o rifle engatilhado, pois não queria que Wendigo imaginasse que ele havia desistido. Quantos viajantes e exploradores teriam visto a criatura e entrado em pânico, correndo em seguida em direção à morte?

Jack não sabia a resposta nem queria saber. Caso o dia de sua morte tivesse chegado, ao menos queria morrer dignamente.

“Preciso alcançar as árvores”, ele pensou, já com um plano na cabeça.

Seja lá qual fosse o destino desenhado por Lesya, Jack estava grato pela alimentação recebida. Se não fosse por isso, teria desmaiado ou estaria morto. Ele estava desesperado, mas ainda lhe restava força o suficiente para continuar correndo. Ficou imaginando se todas as vítimas perseguidas por predadores se sentiam da mesma maneira.

Jack mudou de direção ao se aproximar das árvores. Ao apurar os sentidos, notou uma raposa assustada a alguns metros de distância e viu o rastro de pegadas deixadas por ela e sua família ao lado do rio. Ele seguiu a trilha que desembocava numa colina e o ritmo de seus passos diminuiu. Ouvia logo atrás galhos e árvores balançando com a passagem do Wendigo.

“Ele já podia ter me alcançado”, pensou Jack, mudando rapidamente de direção. “Se esse monstro quisesse, ele podia ter acabado comigo debaixo dessa

tempestade.”

Jack pulou uma vala e virou à esquerda, afastando-se da trilha da raposa, mas mantendo-se focado no animal. Os uivos que saíam de sua garganta não eram seus. Na loucura da fuga, seu plano não era nada concreto: ele só queria confundir Wendigo. Caso conseguisse fazer isso, a chance de escapar seria grande.

Virou à esquerda e à direita, tentando não fazer muito barulho. Desviou-se de um enorme tronco caído no chão, afastando a vontade de se esconder atrás dele, pois Wendigo acabaria o encontrando. Ele precisaria se esconder entre folhas e usar o que imaginava serem atributos de uma raposa, mas suas habilidades eram recentes e ele nunca conseguiria disfarçar o cheiro de seu sangue nem o ruído de seus batimentos cardíacos.

Jack parou, concentrando-se para mudar a projeção de sua mente de uma raposa para um coelho antes de voltar a correr. “Será que Wendigo consegue sentir o cheiro ou conhece esses bichos?” Pelo que ele sabia, aquela criatura gostava apenas de carne humana. Os animais podiam ser uma simples distração.

Aproximando-se de mais uma árvore caída, Jack parou e olhou para trás pela primeira vez.

Wendigo subia a colina. Ele corria entre as árvores, destruindo seus galhos mais frondosos. Em alguns momentos a criatura parecia uma árvore viva. O tamanho era o mesmo, mas a cada passo fazia um barulho ensurdecedor que reverberava pelo bosque, como se raízes estivessem sendo arrancadas com força. O ar ao redor do monstro parecia banhado de sangue e Jack percebeu que os barulhos vinham das feridas abertas no peito de Wendigo.

Jack tentou ver seu rosto, assustado com a dor que o monstro sentia, mas era impossível enxergá-lo entre as sombras.

A criatura rugia. Talvez tivesse visto ou sentido a presença de Jack, mas parou, respirando profundamente. Quebrava os galhos das árvores ao virar a cabeça de um lado para o outro, e Jack notou que Wendigo estava focado nele.

Jack tentou respirar e não conseguiu. E ao voltar a correr percebeu que havia cometido um erro terrível: “Jamais conseguirei escapar dessa criatura!”

Em pouco tempo seria obrigado a parar e lutar.

Mas antes precisava organizar os pensamentos. Era hora de encontrar um lugar onde se esconder.

Examinou ao redor enquanto corria, tentando lançar mão dos ensinamentos de Lesya e da magia que ela lhe ensinara. Mas Jack se deu conta de que sabia pouca

coisa sobre as habilidades que ela plantara em seu corpo. O desespero o impedia de se concentrar. Só que dessa vez Jack não teria uma segunda chance.

Agarrando o rifle e sentindo o peso do ouro nas costas, ele continuou em frente. Não demorou a perceber uma gruta num ponto adiante. Sentiu o cheiro de quem vivera ali antes. Correu naquela direção, olhando rapidamente à sua volta para o caso do antigo morador estar por perto. Percebeu que era bobagem temer uma coisa dessas, o que quase o fez rir. Olhou novamente em direção a Wendigo, mas viu apenas árvores balançando na colina. Por fim entrou na gruta.

O urso que tinha morado ali deixara vestígios, e Jack tropeçou e caiu entre os detritos. Ele imaginou a si mesmo na pele daquele animal, uivando e resmungando baixinho, as mãos arranhando no chão, o pelo eriçado por conta do perigo que se aproximava. Ao ouvir que Wendigo estava cada vez mais próximo, Jack ficou paralisado.

O monstro tinha parado perto da gruta.

A respiração de Jack era pesada como a de um urso, e ele tentava não transparecer o medo que sentia. “Wendigo não vai achar que esse barulho é do meu coração”, pensou Jack, mas sua confiança diminuía à medida que as pernas do monstro se tornavam cada vez mais visíveis.

A entrada da gruta era baixa e estava em parte coberta por trepadeiras. Mesmo que não houvesse vegetação alguma, Jack não conseguiria ver o corpo e a cabeça do monstro. Wendigo era alto e suas pernas pareciam finos troncos de árvore, ensanguentados e marcados por feridas profundas. Seus pés eram pedaços de carne disformes, com ossos protuberantes onde deviam estar os dedos. Sangue e outros fluidos escorriam de seus ferimentos, e havia pontos espinhentos em suas pernas. Deviam ser pelos, mas eram tão grossos quanto os dedos de Jack.

Ficou desesperado ao perceber que o monstro havia prendido a respiração. Mas Wendigo deixou escapar um ruído da garganta, moveu as pernas e virou o corpo para algum ponto acima do campo de visão de Jack.

“Ele me ouviu”, pensou Jack, percebendo que a entrada da gruta parecia estar mais distante. Aquela era a única fonte de luz naquele lugar escuro, mas também poderia ser o lugar de onde viria sua morte. Jack fechou os olhos novamente, pensando na clareira de Lesya, e, ao se concentrar nos cheiros e sons do urso que vivera na gruta, viu o lindo rosto da filha de Leshii à sua frente. Ela sorriu para ele, balançando a cabeça num gesto positivo. Quando Jack tentou dizer alguma coisa, tudo o que saiu de sua garganta foi um uivo.

Ele então abriu os olhos. Wendigo parecia paralisado diante da gruta, e Jack

imaginou que a criatura prestava atenção em algum ruído.

Jack uivou novamente, emitindo um som gutural que também tinha um traço de medo. Ele imaginou que qualquer urso se assustaria diante de Wendigo.

O monstro uivou num som de dor e tristeza e depois se afastou.

Jack respirou aliviado e engatinhou até a entrada da gruta. “Ele logo vai perceber que foi enganado. Vai perceber pelo faro e não será nenhuma surpresa quando ele me alcançar.”

Ele estava a ponto de fazer uma bobagem, mas ao mesmo tempo estava cansado de fugir. Em algum momento Wendigo o encontraria e Jack morreria tendo conhecido o cansaço e o medo. Talvez fosse mais sensato ir até a criatura e começar a briga.

Jack saiu da gruta e se levantou devagar, deixando suas coisas no chão. Wendigo estava um pouco adiante, tentando subir numa árvore para enxergar mais adiante. Sua cabeça lembrava a de um ser humano, porém com traços de vários rostos diferentes. Jack piscou os olhos rapidamente, tentando em vão afastar aquela ideia.

Acalmando a respiração, ele se abaixou e apontou o rifle para frente, mirando na parte traseira daquela cabeça gigante.

Quando Wendigo procurou outra árvore onde se debruçar, Jack puxou o gatilho.

O barulho foi ensurdecador, fazendo com que Jack percebesse o quanto aquele bosque era silencioso. Ele e Wendigo deviam estar sendo observados pelas criaturas da floresta, que talvez já estivessem acostumadas à presença daquele monstro. Portanto, elas provavelmente sabiam como aquela luta terminaria. Porém, para que as histórias de Wendigo se tornassem conhecidas, *algumas* das vítimas devem ter conseguido escapar. Ainda assim ele era considerado um mito, uma lenda... então o número de sobreviventes devia ser baixo.

Jack sabia que a bala havia atingido o alvo, mas agora Wendigo vinha em sua direção. A criatura gigantesca se virou e começou a caminhar até Jack, descendo a colina como uma avalanche feita de carne e ossos. Estava começando a maior luta da vida de Jack.

“Como imaginei que podia vencer esta coisa?”, ele pensou, deixando o rifle no chão e se levantando. Ele sabia a resposta, que não tinha nada a ver com os ensinamentos de Lesya, e sim com a sensação de proximidade com o mundo selvagem, que era mais forte desde seu desembarque em Dyea. Havia um senso de justiça naquela situação, e Jack estava cansado das negativas que recebera até

ali. Ele não conquistara o mundo selvagem, muito menos o domesticara. Jack se tornara parte desse mundo, assim como o mundo selvagem se tornara um pouco dele.

Ele rugiu, num som sem o traço de nenhum animal em particular, mas que tampouco era humano. Era um grito do mundo selvagem e Jack colocou toda a sua energia naquele gesto, alimentando sua raiva e fúria. Seu corpo tremia ao lançar aquele grito aos céus, os pelos de seu corpo estavam arrepiados e seus ossos vibravam.

Wendigo diminuiu o passo, mas se encontrava cada vez mais perto. Com a cabeça deformada pendendo para o lado, os olhos insanos da criatura olhavam para Jack como se ele também fosse louco. E quem era ele para discordar? Jack gritou novamente, dessa vez em direção ao monstro. Quando Wendigo parou de caminhar, Jack soltou mais um grito e deu um passo à frente.

O monstro então recuou, dando um passo atrás com uma expressão de surpresa. Em seguida se agachou e levantou o queixo, fungando, deixando suas enormes narinas à mostra. As mãos de Jack estavam fechadas em punhos e seu coração bombeava sangue numa velocidade vertiginosa.

Os olhos de Wendigo revelavam sua loucura. Sentiu o cheiro de Jack, o cheiro de carne e ossos, e jogou as mãos para a frente, batendo em vários galhos de árvores ao fazer o movimento. Os braços e os dedos do monstro eram mais longos do que Jack imaginava. Ainda que tivesse recuado, ele sentia o frio toque dos dedos da criatura em seu rosto. Um fio de sangue descia por seus lábios.

Jack lambeu o sangue e, ao sentir o gosto, pensou: “É isso o que ele quer”.

Wendigo se aproximou e Jack puxou a faca da cintura. Ele desviava os braços da criatura, saltava, golpeava-a nos pés e recuava quando ela levantava ou abaixava uma das pernas com força. Ela facilmente o esmagaria antes de devorá-lo; o sangue dele estaria quente do mesmo jeito.

Jack conseguiu se posicionar atrás da criatura, desviando algo que podia ser um galho ou um rabo. Ele então passou a lâmina da faca ali, percebendo sangue brotar do ferimento. Mas Wendigo parecia não sentir nada, pois seu corpo era coberto de cortes e feridas, e avançou contra Jack.

Jack correu entre as pernas do monstro e virou rapidamente para a direita, mas acabou tropeçando numa raiz. Era questão de segundos até Wendigo o cortar em dois e comer suas entranhas. Jack imaginou que esse seria seu fim ao se arrastar para trás de uma árvore.

O cheiro do monstro era insuportável, um misto de carne podre, morte,

destruição, sujeira e fluídos rançosos que saíam de seu corpo. E o som que ele fazia também era repulsivo. Além dos grunhidos que lhe eram característicos, podia-se ouvir o ronco de seu estômago, uma fome que jamais seria saciada. Em algum ponto dentro de seu corpo, os ossos dos amigos e dos inimigos de Jack se reviravam.

Quando a criatura se aproximou, contornando uma árvore, Jack brandiu novamente a faca e o atingiu, e dessa vez foi possível ouvir o grito de Wendigo.

Jack deixou o instinto falar mais alto, afastando os pensamentos mais racionais e permitindo que sua natureza viesse à tona. A maioria dos homens despreza seu passado animal por imaginar ser algo menor. Jack, porém, conhecia a importância de seus ancestrais, valorizava a maneira como pensavam, suas intuições e sua vontade de sobreviver. Milhares de anos antes, homens e mulheres desafiaram e domesticaram a natureza, e Jack agora fazia a mesma coisa.

A faca eram seus dentes e suas garras, a velocidade, sua aliada e a falta de medo, seu combustível. A ameaça de morte era real e não havia garantia de que estaria vivo dali a um segundo. Mas o perigo dava poder a Jack, pois o motor da natureza é a vida e a morte.

A luta ficou confusa. Wendigo e Jack gritavam. O céu e a terra mudavam de posições, galhos de árvore batiam em seu rosto e o hálito terrível do monstro secava seus olhos, invadindo sua garganta. Porém, ele brandia sua faca como se seus dedos e a lâmina fossem uma única coisa.

Jack se adiantou e apunhalou Wendigo, rolando em seguida na neve suja de sangue, sentindo a terra o envolver enquanto se movia para a esquerda e para a direita, curvando o corpo, esquivando-se. Usava a solidez do mundo selvagem como aliado em seus ataques e finalmente – minutos ou talvez horas depois, era difícil precisar – Wendigo gritou novamente, mas dessa vez o som foi diferente.

Jack percebeu que o monstro estava com medo.

Ele então aumentou o ritmo das investidas, movido pela fúria, demonstrando uma brutalidade que não imaginava existir dentro de si. Por alguns segundos Jack se sentiu um homem selvagem, agindo apenas pelo presente e desprezando passado e futuro: ele não era Jack London, não tinha família e o dia seguinte era algo desconhecido.

Jack então percebeu que a criatura tinha parado de gritar, mas ele não parou de se movimentar sobre o chão úmido e quente, brandindo sua faca sem parar. Ele demorou para notar que a terra estava coberta de suor e sangue. Jack sentia o

cheiro de morte recente. O cadáver de Wendigo jazia ali aos seus pés.

Engoliu em seco e ficou parado, olhando à sua volta. Pisava no peito do monstro e seu pé esquerdo estava sobre uma poça de sangue escuro, viscoso. Os membros de Wendigo estavam caídos em volta do corpo e a sua pele se encontrava muito ferida. Uma das mãos da criatura ainda agarrava um tronco de árvore. À sua esquerda estava a cabeça do monstro, a boca aberta.

Jack ouviu um barulho, como se algo borbulhasse. Acabara de ouvir o último suspiro de Wendigo.

“Agora posso voltar a ser eu mesmo”, ele pensou, mas não estava seguro, pois as coisas não pareciam bem. Seu coração batia forte no peito e suas mãos se recusavam a soltar a faca. E aquele cheiro...

O fedor de carne podre tinha sumido, substituído pelo cheiro de comida fresca. Algo estava sendo cozinhado – ele sentia um aroma doce misturado ao de carne temperada, além do cheiro de legumes assados. Jack suspirou e fechou os olhos, sendo transportado à clareira de Lesya, onde a viu preparar a caça do dia. O cheiro era cada vez mais forte e a sua boca estava mais cheia de água.

– Achei que minha fome tinha passado – murmurou Jack, mas o cheiro de comida denunciava sua mentira. Estava mais faminto do que nunca. Era possível que Lesya o tivesse deixando com fome durante os ensinamentos. Talvez ela tivesse simplesmente plantado na sua mente a ideia de que estava comendo, enquanto na verdade o deixava passar fome, criando um vazio em seu estômago...

Escutou os sons do bosque. Os pássaros piavam e os animais emitiam sons encantadores atrás dos arbustos. Os insetos voavam, as moscas zumbiam e Jack começou a achar que era o centro de tudo aquilo. Viu pássaros pousados nos galhos quebrados durante sua briga contra Wendigo e tentou ouvir o que cantavam. Projetou a mente querendo se unir àquela harmonia, mas algo sinistro o envolvia, bloqueando seus sentidos e impedindo qualquer contato.

– Eu sou Jack London – ele disse, mas as suas palavras pareciam não significar nada. Seu estômago roncou como se estivesse em sintonia com a fome de Wendigo e sua garganta estava seca. “A carne irá aplacar minha fome e o sangue matará minha sede.”

A terra se movia aos seus pés e as árvores cresciam por todos os lados. Ele ficou confuso e então reparou que o corpo de Wendigo diminuía de tamanho. A carne e a pele se enrugavam. O sangue borbulhava na carne putrefata e seus membros se contraíam. Peito e estômago ficavam côncavos. A cabeça tombava

para um lado.

Em pouco tempo os restos mortais de Wendigo desapareceriam. Jack seria obrigado a montar uma armadilha para caçar coelho. Porém, antes que fizesse isso, morreria de fome sob aquele céu inclemente.

Mas isso não aconteceria se...

Ele se ajoelhou ao lado do corpo e com a mão direita cortou um pedaço de carne do peito, examinando-o contra a luz. Era escuro e pesado, com o sangue ainda pingando. Aproximou-o do nariz e sentiu seu cheiro. Tinha um odor adocicado de carne crua, mas não parecia representar qualquer perigo.

Jack suspirou, abriu a boca e fechou os olhos, passando a língua pelos lábios.

Seu estômago se revirava, causando dor em Jack, que grunhiu e inalou mais uma vez o fedor de carne podre que chegou à sua garganta. Ele então vomitou, caindo no chão e atirando a carne para longe. Voltou a vomitar e finalmente abriu a mão, soltando a faca. Recostou-se numa árvore para descansar e ficou encarando o céu, piscando os olhos, e depois se sentou para observar a clareira banhada em sangue à sua volta.

Wendigo estava caído bem no centro e a decomposição de seu corpo era acelerada. Centenas de moscas voavam ao redor de seu cadáver, cuja pele estava ficando escura e seca, e a criatura voltava a ganhar forma humana.

Jack não queria ver suas feições, portanto voltou a entrar na gruta. Só de pensar que quase se transformara naquela mesma coisa...

Pegou o rifle e os sacos de ouro, sentindo uma dor nos músculos por conta da briga. A arma se tornaria útil a partir daquele momento, pois com o Wendigo morto os perigos que enfrentaria seriam mais comuns. Precisava beber alguma coisa. Havia um pouco de água no cantil, que ele enchera no rio antes de subir a colina. Com sorte, conseguiria matar um coelho e saciar a fome naquela mesma tarde...

Ele caiu de joelhos. “Eu quase comi...” Se tivesse comido a carne de Wendigo, Jack poderia ter se transformado no novo monstro, num espírito amaldiçoado, destinado a correr atrás da carne humana dos futuros viajantes. Sua fome e seu sofrimento durariam até encontrar alguém corajoso e forte. Alguém com uma faca.



Wendigo se aproximou e Jack puxou a faca da cintura.

Jack não sabia que podia ser tão cruel e violento. Achava que tinha feito a coisa certa, mas por pouco não comeu a carne do rival derrotado. Felizmente alguma força o deteve, algum vestígio de humanidade, e Jack seria sempre grato a isso.

– Eu sou Jack London – ele disse em voz alta. – Sou um ser humano.

O bosque respondeu com um breve silêncio, mas quando ele voltou a descer a colina sentiu que estava de volta à vida. A vida normal e livre.

A tempestade diminuiu quando Jack chegou perto do rio, e ele ainda podia ver suas pegadas na neve no ponto onde começara a correr de Wendigo. Aquilo parecia ter acontecido fazia semanas, mas tinham se passado pouquíssimas horas. Avistou também as pegadas da criatura, parando para observá-las. A fuga do monstro parecia um pesadelo e aquela marca no chão o deixava ainda mais chocado. Olhou para o sangue nas mãos e nos dedos, pensando no que aconteceria caso o lambesse. A simples ideia foi o bastante para Jack entrar em pânico. Sentia o sangue de Wendigo ressecado em seu rosto e em seu pescoço, e ficou na dúvida se não o havia ingerido durante a briga.

Jack se ajoelhou na margem do rio e começou a lavar o rosto e a cabeça, tremendo de frio, mas adorando a sensação de limpeza. Gotas vermelhas caíam na neve enquanto Jack esfregava as mãos, limpando as unhas com a faca, usando tanta força que chegou a ferir a pele. Continuou se lavando até arrancar sangue. Depois seguiu caminhando na beira do rio, carregando seus pertences, desesperado por um lugar para acampar durante a noite, um local confortável e quente. Precisava descansar e secar as roupas. O inverno ainda não havia chegado, mas se quisesse sair antes do Yukon ele tinha que se apressar.

Adorou a sensação de se afastar dos bosques. Lá trás, Lesya continuava assombrando boa parte daquelas terras, e o cadáver de Wendigo jazia em algum ponto. Talvez estivesse reduzido a nada, mas ainda havia os ossos, e o fantasma de sua fome assombraria para sempre os espaços entre as árvores.

Sentindo que sua aventura ali chegava ao fim, Jack voltou às ruínas do acampamento onde vira Wendigo matar tanta gente. Antes que a escuridão caísse, começou a acender a fogueira.

CAPÍTULO QUINZE

LONGE DO MUNDO SELVAGEM

Jack aqueceu as mãos nas chamas. Ao seu redor, tudo era escuridão. O fogo parecia limpo e fresco, e aquela escuridão, embora repleta dos conhecidos sons do mundo selvagem, não parecia ameaçadora. Jack enfrentara e sobrevivera às piores facetas daquela terra.

Porém, ele não tinha qualquer sensação de vitória. Na verdade Jack não sentia nada. Era um animal machucado que lambia suas feridas, ainda assustado. E havia muitas feridas.

Assim que acendeu a fogueira, Jack aproveitou para examinar seu corpo em detalhes pela primeira vez, ficando assustado com o que viu. Suas mãos estavam laceradas e cheias de cortes, alguns provocados pela sua própria faca, outros por galhos de árvores e espinhos. Sob a luz trêmula da fogueira, passou um tempo arrancando farpas de madeira da pele e algumas delas tinham a metade do tamanho de seus dedos. A dor era intensa, fazendo com que ele gemesse.

Um lado de seu rosto estava repleto de arranhões. Ele nunca sentira tanta falta de um espelho. Conseguia localizar as lesões com os dedos, mas era impossível saber exatamente onde estavam naquele rosto que ele conhecia tão bem: jovem, impetuoso e confiante. Sua pele parecia de alguém mais velho e Jack percebeu que sua expressão devia ter o mesmo aspecto.

Seus braços e suas pernas também estavam cheios de cortes. Três dedos de seu pé esquerdo se encontravam mais escuros e a maioria das unhas tinha caído. Suas costelas doíam, levando Jack a imaginar se havia quebrado alguma. Tossiu na palma da mão e examinou o cuspe à luz da fogueira, demorando até se convencer de que não havia sangue.

Quando a lua e as estrelas apareceram, Jack finalmente começou a se livrar da sensação de pânico. Enrolou-se em mantas que encontrara espalhadas pelo acampamento – antes precisou secá-las junto ao fogo –, embora soubesse que não conseguiria dormir.

Mas em poucos minutos Jack caiu no sono, a cabeça apoiada nos sacos de ouro. Como se aquele metal dourado e precioso comandasse seus sonhos, ele se viu de volta a tempos melhores.

Ele sabia que estava sonhando, mas não tinha controle sobre as imagens que povoavam seu sono. Eram recordações de seu passado, que voltavam à sua mente no momento em que estava ferido naquelas terras selvagens do norte, com o inverno se aproximando. Jack tinha consciência de que aquelas lembranças eram alguns dos momentos mais importantes de sua vida, quando andava pelas estradas, seguia pelos trilhos de trem e cruzava a América de norte a sul. Era pobre, porém era feliz. Não tinha muita coisa, mas também não perdia quase nada. Reencontrou muita gente durona em seus sonhos, algumas realmente cruéis, mas sempre se saía bem, tornando-se mais experiente e conhecendo melhor a natureza humana. Conhecendo melhor a *si mesmo*. Ele amadurecia.

O mar passava por baixo de seus pés enquanto ele deixava a América para trás pela primeira vez, aventurando-se no Pacífico, assustado, tendo o céu como testemunha, vendo os jovens e os adultos à sua volta em silêncio, ansiosos. Jack observava todos e no seu sonho conseguia identificar cada um deles: Jeff, o homem calado que o surpreenderia mais tarde com seu conhecimento de livros; Peters, o europeu que só falava inglês quando lhe convinha; e um homem que dizia se chamar Barba Cinzenta.

Aquela gente gritava enquanto o perseguia. Jack estava carregado de ostras e sabia que, quando o alcançassem, passaria para o lado deles e começaria a caçar pescadores de ostras com eles.

Talvez essa fosse uma passagem obscura de sua história, e aquelas lembranças – navegando as ondas enquanto tentava escapar das autoridades de pesca para exercer seus crimes em névoas marítimas e em canais conhecidos somente por ele – eram seu lado mais honesto.



Eu sou Jack London – ele disse em voz alta.

Jack também sonhou com outras coisas, outros lugares, e cada uma das lembranças fazia com que se sentisse melhor. Revivia uma vida difícil, porém bem aproveitada, nutrindo-se mais uma vez do que aprendera antes de chegar ao mundo selvagem do Yukon. De certa forma, era como se sua mente se preparasse para o retorno.

Mas os sonhos continuavam e Jack viu mais coisas. Lembrou-se de quando defendeu o garoto Hal em Dawson e também do momento em que testemunhou Wendigo matando seus amigos e inimigos naquele mesmo acampamento onde agora dormia e sonhava.

Lesya.

Jack abriu os olhos antes de o último sonho começar. Não queria ver mais nada. Sua vida até então tinha sido incrível, mas havia novas coisas para viver, lugares novos para visitar. Não ficaria ali deitado pensando na vida, analisando os momentos relevantes e esperando seu fim. *Não* havia fim, pelo menos naquele momento, e ele lutaria contra a escuridão da melhor forma possível.

Sentou-se e ficou observando a paisagem banhada pela lua, temendo a aproximação da morte, porém se sentindo mais vivo do que nunca. A última vez que se sentira tão bem tinha sido no passo de Chilkoot, quando conhecera Merritt e Jim, e os três tomaram café juntos, com um futuro dourado à espera deles.

Jack colocou mais lenha na fogueira, ficou de pé e uivou para a lua. Não usou os ensinamentos de Lesya para imitar a voz de um lobo. Simplesmente fez de sua maneira. Era um momento de alegria e liberdade. Ao ouvir uma resposta distante, parou e dobrou os joelhos. “Olha você aí!”, ele pensou, reconhecendo a voz do lobo. Seu guia espiritual podia estar ferido, mas, enquanto Jack respirasse, poderia contar com ele naquela terra selvagem. E não era preciso magia para encontrá-lo, bastava apenas usar seu coração.

Pois foi no mundo selvagem onde ele realmente encontrou seu espírito.

Na manhã seguinte, Jack saiu para caçar e voltou com um pequeno coelho. Não usou arma nem armadilha, simplesmente ficou sentado ao lado de uma árvore caída, fazendo o ruído típico dos coelhos e imaginando-se entre aquelas criaturas. Uma delas saltou no tronco da árvore, olhando para Jack e mexendo o focinho como se tentasse sentir seu cheiro. Sem pensar duas vezes, ele agarrou o animal e torceu seu pescoço. Ficou um pouco chateado ao pensar no que fizera –

sentiu uma pontada de tristeza ao ver o animal morto em suas mãos –, mas logo voltou ao acampamento e limpou o coelho com habilidade antes de colocá-lo no fogo.

Enquanto o animal estava no fogo, resolveu limpar o acampamento. Havia pertences dos homens mortos espalhados pelo chão, e resquícios do massacre ainda eram visíveis. Jack queria que aquele lugar voltasse a ter sua antiga aparência o mais rápido possível em homenagem aos homens que perderam a vida ali e à morte do Wendigo. Tudo isso fazia parte da história do acampamento.

Jack reuniu tudo numa pilha e no topo colocou a sela onde escrevera o epitáfio. Embora aquilo talvez durasse menos de um ou dois anos devido ao clima, Jack tinha certeza de que aquelas palavras ficariam nítidas para sempre em sua mente.

Ao comer o coelho Jack expulsou de sua memória o sabor da carne de Wendigo. Suas mãos ficaram cheias de gordura e o seu estômago logo se saciou. Ele então reuniu suas coisas e partiu para Dawson. Seguiu para o leste e para o sul, certo de que os vestígios de civilização estavam naquela direção. Carregava nos ombros as bolsas repletas de ouro.

A tempestade de neve dos dias anteriores tinha chegado ao fim. Embora em alguns pontos a terra ainda estivesse coberta por um manto branco, o sol logo o derreteu. O outono tinha chegado, mas o frio ainda demoraria para começar. Pela primeira vez em muito tempo Jack se sentiu seguro, com um futuro pela frente. Voltaria a Dawson e depois a São Francisco. Quando estivesse em casa, tentaria contatar as famílias de Merritt e Jim. O ouro que carregava no ombro esquerdo seria delas; o do ombro direito seu e de sua família. Havia metal o suficiente para cobrir os gastos de Shepard naquela viagem. Quanto às dívidas de sua mãe, caso não conseguisse salvar sua casa, ao menos a quantia bastaria para manter os cobradores distantes por um tempo. Era o bastante. Jack tinha algumas ideias de como tirar proveito de suas aventuras.

Suas histórias terríveis no norte jamais seriam contadas a alguém, mas ele poderia contar várias outras. Histórias que ele ouvira, lições que aprendera. Relatos do coração do mundo selvagem, mas sem suas partes mais sombrias.

Por volta do meio-dia Jack percebeu um pequeno grupo de homens e mulheres se aproximando. Ao avistá-los, ele imediatamente começou a preparar uma fogueira na esperança de que aquelas pessoas tivessem alguma comida. Por precaução deixou a arma ao seu lado. Mas quando o grupo de aproximou as preocupações de Jack desapareceram. Eram caçadores de ouro – ele viu as pás

nos sacos que carregavam – e os sorrisos nos seus rostos deixaram Jack mais tranquilo.

– Boa tarde, amigo – disse um dos homens, e Jack logo sentiu um nó na garganta. Eram as primeiras pessoas comuns com quem falava desde o ataque de Wendigo ao acampamento, que acontecera havia... quanto tempo? Não fazia ideia, sabia apenas que tinham se passado alguns meses.

– Boa tarde – Jack retrucou. – Aliás, é uma época estranha para sair de Dawson...

– A gente sabe o que está fazendo – uma das mulheres falou, largando seu saco ao lado de Jack, que viu as armas na sua cintura: facas e duas pistolas.

– O inverno não liga se vocês sabem ou não o que estão fazendo – ele disse.

A mulher o encarou, mas logo desviou o olhar.

“O que ela viu?”, pensou Jack. “Como será que está meu rosto?”

– A viagem será curta – outro homem falou. – Já saímos de Dawson quatro vezes e não encontramos nada. É a última tentativa antes de voltarmos para casa.

– Boa sorte para vocês – Jack disse.

– Você teve sorte? – a mulher perguntou, olhando para os sacos de Jack e depois para seu rosto. Ele sorriu e ela olhou para outro lado. Jack sabia que não devia se sentir tão bem, mas era impossível evitar aquela sensação.

– Um pouco – ele respondeu, olhando para a trilha de onde viera e pensando no significado da palavra sorte.

– E poderia nos indicar o caminho? – o primeiro homem perguntou.

– Não – respondeu Jack. – Com um pouco de sorte, vocês conseguirão vencer o mal se seguirem nessa direção.

Os seis homens e mulheres ficaram calados por alguns instantes, antes de tirarem os sacos dos ombros e se sentar. Dois deles alimentaram a fogueira e resolveram preparar café. Jack estendeu sua caneca de metal, que um dos homens pegou e colocou ao lado da deles. Jack balançou a cabeça em agradecimento.

– Parece que você está aqui há algum tempo – uma das mulheres falou. – Já vi homens iguais a você. Eles tinham um brilho nos olhos de quem viu coisas que ninguém acreditaria.

Jack deu de ombros e olhou para a fogueira.

– E alguns desses homens estavam loucos – ela continuou.

Ele deu de ombros mais uma vez, mas agora tinha um sorriso nos lábios. “E daí?”, Jack quase perguntou, mas não queria assustar aquelas pessoas. Elas

pareciam bem-intencionadas, iriam dividir seu café, mas carregavam armas. Jack percebeu que nenhuma delas conhecia a verdadeira natureza do mundo selvagem.

Ficaram ali por algumas horas, tomando café e conversando sobre ouro, sobre o mundo selvagem e sobre Dawson, que era igualmente selvagem. Um dos homens chamou a atenção de Jack ao falar sobre os loucos de Dawson, que passavam o dia em tabernas falando de “histórias idiotas sobre monstros que comem gente”. Quando Jack perguntou se o sujeito conhecia ou sabia seus nomes, uma mulher perguntou:

– Eles são seus amigos?

A pergunta ficou pairando ao redor da fogueira, e a partir daí a atmosfera daquele lugar mudou.

Jack foi o primeiro a se levantar e se despedir, desejando boa sorte a todos. Ao colocar as sacolas nos ombros, sentiu os olhares do grupo em cima dele, mas não se sentiu ameaçado. Eram como se crianças observassem um adulto se preparar para a caça – o que era irônico, considerando sua idade –, e ele percebeu que o melhor que podia fazer era lhes dar um conselho:

– Sigam para o oeste. Caminhem em direção às colinas mais baixas.

– Mas nos disseram que seguíssemos para o noroeste – a mulher comentou. – Que entrássemos nos bosques e vales entre as montanhas.

– Não – Jack respondeu, olhando para cada um deles, querendo ser direto em sua mensagem. – Esse lugares são amaldiçoados.

Em seguida deu de ombros às poucas perguntas murmuradas pelos homens, virou as costas àqueles exploradores inocentes e seguiu seu caminho.

Passou o resto do dia caminhando e no final da tarde armou acampamento próximo a um riacho, onde encontrou vestígios de fogueiras. Atirou e comeu um pato, e depois se deitou sob as estrelas, ouvindo os sons da noite que já não o assustavam. Jack ficou prestando atenção ao uivo de um lobo até cair no sono, e em sua mente ele uivava de volta, unindo sua voz à natureza do mundo selvagem.

No dia seguinte, Jack caminhou do nascer ao pôr do sol, atravessando vários acampamentos abandonados. Quanto mais andava em direção ao sudoeste, mais parecia perceber a influência de Dawson. Aquelas terras já não eram tão selvagens – havia marcas do homem no chão em que pisava –, e por mais que pensasse na viagem de volta e no reencontro com sua família, Jack se lamentava

de aquela fase de sua vida estar chegando ao fim. Era como se deixasse para trás um pedaço de si, e naquela noite se sentou ao lado de uma fogueira e mais uma vez uivou como um lobo. A resposta não veio – os lobos estavam ao norte e ao oeste, longe dos vestígios de civilização. Jack fechou os olhos e também não ouviu uivo algum em sua mente. Foi dormir triste, sentimento que carregava na manhã seguinte, quando finalmente se aproximou de Dawson.

A última lembrança que tinha daquela cidade era o quarto de hotel onde Archie e William os encontraram, armados até os dentes. A sensação era de que tudo acontecera fazia anos, mas ao ver Dawson a distância, localizada às margens do rio e no sopé de um vale, Jack percebeu que lugares como aquele não mudavam. Construída graças à ambição e ao desejo de aventura, a cidade seria sempre corrupta por conta da voracidade e do cinismo. Ele entraria em Dawson com os olhos bem abertos, mas manteria a chama da esperança acesa no coração. Nem todos os homens eram maus. Merritt e Jim haviam lhe ensinado isso.

Ao entrar em Dawson, Jack percebeu que o lugar estava muito agitado. Ele era apenas um dos muitos homens e mulheres que voltavam das terras selvagens, mas todos tinham uma aparência pior do que a sua. No tempo em que passara com Lesya – quando fez a barba, lavou as roupas e comeu o suficiente para saciar a fome e a fraqueza – Jack conseguiu vencer alguns dos piores efeitos da jornada. Mas algumas daquelas pessoas ali pareciam esqueletos vivos.

Viu um homem sem dentes na boca, os lábios carcomidos pelas feridas e um dos olhos esbranquiçado, cego. Em seguida avistou outro que tinha perdido as duas mãos por causa do frio e que vagava pelas ruas murmurando palavras desconexas. Jack passou diante deles e se aproximou do Hotel Yukon, vendo naquela familiaridade algo deprimente e reconfortante ao mesmo tempo. Reconfortante, pois naquele lugar tinha sido feliz com seus amigos, ainda que por pouco tempo, e deprimente porque entrar ali era como dar às costas às suas aventuras.

– Jack London – ele falou ao homem atrás do balcão.

– London. É um nome difícil de esquecer. Sinto muito, mas o rapaz que você procura está morto.

Jack piscou os olhos várias vezes, tentando manter o rosto ereto. Percebeu que lágrimas brotavam em seus olhos, mas abriu um sorriso. O homem então fez uma careta, espantado, percebendo com quem estava falando.

Ele foi acomodado num dos últimos quartos disponíveis, um aposento pequeno, com uma cama e uma pia. O homem trouxe comida e conseguiu uma

linha de crédito para sua estada.

– Ficarei só alguns dias – Jack falou. – Estou voltando para casa.

– Desejo boa sorte a você – o homem disse, soando sincero. – Muita gente fica por aqui mesmo.

– E quantos voltaram?

– Alguns.

– Com ouro?

– Um pouco – respondeu o homem, dando de ombros.

– Isso é uma ilusão – Jack falou quando o homem se virava para ir embora, que concordou com ele. – Vocês guardaram meus pertences?

– Eu...

O homem ficou parado na porta, os olhos arregalados e a boca aberta, e não disse nada.

– Entendi – Jack disse. – Vocês venderam tudo.

– Achamos que estivesse morto.

– E por quê? – ele perguntou num tom mais duro. – Quando um homem sai em busca de ouro, vocês roubam as coisas dele?

– Eu soube que você e seus amigos foram sequestrados por aqueles homens... E passou tanto tempo. Eu imaginei...

Jack estava nervoso, mas também cansado. Acenou para o homem, fechou os olhos e disse:

– Você então me devolve o dinheiro amanhã.

– Vou pagar o que puder. Aliás, fico feliz que esteja de volta. Acho que você gostaria de saber que você não foi o único que conseguiu escapar daqueles malditos assassinos.

– Tem mais alguém? – perguntou Jack, arregalando os olhos.

– Seu amigo grandalhão, Sloper. Ele passa os dias bebendo na Taberna Dawson.

– Merritt! – Jack falou, sem notar que o homem fechara a porta e agora descia as escadas. “Merritt está vivo!” Ele ficou paralisado por alguns segundos, antes de se levantar da cama e começar a andar pelo quarto. Lembrou-se do ataque de Wendigo ao acampamento, dos gritos, do sangue, do lobo o arrastando quanto ele tentava salvar Merritt... Jack tinha visto o amigo sendo morto. Não se recordava direito daquele momento, mas a mente humana costuma apagar episódios traumáticos.

– Merritt Sloper – ele falou, e o nome soava bem em voz alta. Jack sorriu, foi

até a pia e jogou um pouco de água no rosto. Havia um espelho na parede e, sem pensar duas vezes, Jack olhou para seu reflexo.

Viu que um estranho o encarava. E o estranho tinha o mesmo cabelo, os mesmos olhos e o mesmo sorriso que ele... sorriso que surgira ao saber que Merritt estava vivo. Mas o reflexo no espelho era de um homem que Jack não conhecia. Um homem mais velho, mais do que na última vez que vira seu reflexo. Sua pele estava ressecada e esfolada num dos lados do rosto. Seus olhos, sempre brilhantes, pareciam temerosos, como se esperassem constantemente um acontecimento ruim.

– Eu sou Jack London – ele falou, e o reflexo no espelho disse a mesma coisa.

Virando de costas, deu de ombros e desceu as escadas.

Atravessou a rua e parou na porta da Taberna Dawson. A última vez que estivera ali tinha sido com Merritt, na mesma noite em que Archie e William entraram no quarto do hotel e os espancaram. Naquele dia o bar cheirava a desespero, um lugar onde as pessoas viviam num estado de eterna alienação. Jack jurou para Merritt que nunca se comportaria daquela maneira. Por isso, ao retornar, sentia-se satisfeito com as aventuras que vivera, embora tivessem acontecido por acaso, não por escolha.

Pensou no que o homem do hotel disse: “Ele passa os dias bebendo na Taberna Dawson”. Merritt era um homem grande e com um coração enorme, e Jack não gostaria de vê-lo reduzido àquela condição.

Se ele tinha chegado ao fundo do poço, cabia a Jack resgatá-lo.

Ele entrou no bar e viu Merritt caído sobre a mesma mesa que ocuparam juntos, meses antes. Havia uma garrafa de uísque pela metade e o rosto de Merritt estava alterado por causa da bebedeira. Jack sabia reconhecer um bêbado, mas seu amigo parecia algo pior, um homem que não bebia por prazer.

Diante de Merritt estava Hal, o garoto que Jack salvara das garras de Archie e William. Ele arregalou os olhos ao ver Jack parado na porta e murmurou para Merritt:

– Jack London.

– Está morto! – o homem grandalhão retrucou. – Foi levado pelo monstro. – Várias pessoas que estavam perto resmungaram, dizendo que parasse de falar besteira. – Estão rindo? – Merritt falou, erguendo a voz. – Quando aquela criatura pegar vocês!...

E bateu na mesa, murmurando algo em meio à grande quantidade de saliva que escorria de sua boca.

– Não, Merritt! – Hal disse, levantando-se da mesa e sorrindo. – Ele está aqui! Merritt olhou para Jack. Pouca gente parecia interessada, mas Jack só tinha olhos para Merritt, que pouco lembrava seu velho amigo.

– Jack London está morto – Merritt repetiu.

– Estou aqui, Merritt. E acho que você não está muito bem.

Jack se sentou à mesa e aceitou o drinque que Hal lhe ofereceu. O menino o observava com os olhos arregalados, fascinado, sem falar nada. Quando abriu a boca, falou num tom de reverência. Jack ficou em silêncio, deixando que Merritt o examinasse como os bêbados costumam fazer. Aquele homem estava bem diferente, mas Jack também havia mudado. Ele se lembrou do estranho no espelho.

Merritt acabou caindo no sono e o burburinho no bar voltou ao normal. Hal piscou o olho para Jack.

Jack se lembrou de que Hal era apenas alguns anos mais jovem que ele, ainda que parecesse um garoto – e ele *era* um garoto. Jack então ficou feliz de ver um rosto amigo.

– O que está acontecendo? – Jack perguntou finalmente. Embora falasse com Hal, ele olhava para Merritt, na esperança de que o amigo acordasse e o reconhecesse. Mas isso seria difícil. Quem sabe no dia seguinte?...

– Bem... Merritt tem muitas histórias – Hal disse. – Ele fala sobre...

– Monstros? – Jack perguntou.

Hal fez que sim.

– Ele vai encontrar muita coisa feia no fundo desses copos.

– Mas ele começou a falar sobre monstros assim que voltou, antes de se entregar à bebida.

– Talvez esteja louco – Jack falou, tomando um gole da bebida, fechando os olhos e saboreando o gosto amargo.

– Mas ele não é o único louco que voltou de lá.

Jack olhou para o menino. Segurando o copo no ar, respirou fundo e pensou: “Eu vi todos eles morrendo!”.

– O idiota do Archie voltou para Dawson – Hal falou em voz baixa. – Ele não tem mais tanto poder... mas se uniu a alguns homens que estão querendo voltar à ativa.

– Archie? – Jack perguntou. – Tem certeza?

“William atirou nele e o deixou à beira da morte... Wendigo matou William e depois...” As lembranças de Jack terminavam nesse ponto.

– Tenho – Hal respondeu, atraindo a atenção de Jack por apenas alguns segundos.

Jack se recostou na cadeira, deu uma olhada nas pessoas ao seu redor e tomou mais um gole. Parecia que suas aventuras não tinham chegado ao fim. Hal lhe serviu mais uma dose, enquanto a música tocava e homens e mulheres bebiam e fumavam. Embora fosse deprimente, aquele cenário familiar conseguia deixar Jack relaxado. Merritt fez um barulho ao seu lado, e aquilo poderia ser um bar em qualquer lugar.

Depois de os dois terminarem a garrafa de uísque, Hal inclinou-se em direção a Jack.

“Estava demorando”, Jack pensou. “Ele passou a noite inteira querendo me dizer alguma coisa”.

– Quero que me conte o que aconteceu – Hal pediu.

Jack franziu a testa e olhou para um ponto imaginário, escutando o uivo distante de um lobo. Talvez fosse o efeito do uísque, mas ele sorriu.

– Tudo bem, Hal. Mas saiba que estou voltando para casa. E quando eu for embora daqui, nunca mais repetirei essa história – Jack falou. – Você será o único a escutá-la. E cabe a você acreditar ou não em cada um dos detalhes.

E então, madrugada adentro, Jack London contou sua história.

CAPÍTULO DEZESSEIS

LAÇOS DESFEITOS

A manhã chegou sem epifanias. Quando soube que Merritt estava vivo, Jack se perguntou se o grandalhão ainda o considerava o responsável pela morte de Jim Goodman e se a tensão que surgira entre eles antes do ataque de Wendigo ainda existia. Mas Jack não esperava que a reação do amigo fosse além de um simples ressentimento ou raiva.

Quando se encontraram no café da manhã do hotel, Merritt não o reconheceu. Continuava dizendo que Jack London tinha morrido no ataque ao acampamento. Mas Jack insistiu e o homem parecia confuso, triste e furioso. De repente seu olhar ficou distante, de um modo que não tinha nada a ver com o álcool em que ele cozinhava o cérebro há semanas. Também não era loucura, uma vez que Jack conhecera muitos homens loucos. Parecia que uma parte de Merritt estava aprisionada no acampamento em ruínas no norte, de onde ele talvez nunca tivesse voltado completamente.

Jack tinha medo de que ele jamais retornasse, por isso resolveu tratá-lo com cuidado. Um novo susto podia ser fatal. Servindo-se de biscoitos, Merritt acariciava sua barba ruiva e parecia ouvir sons que ninguém mais ouvia. Seus ombros ainda eram largos e imponentes, mas ele havia emagrecido bastante. Embora tivesse poucos anos a mais que Jack, parecia muito mais velho.

Tomando um gole de café, Jack observou o amigo com calma. Merritt precisava voltar a ser quem ele era, o que devia ser feito com cautela.

“Se é que isso é possível”, pensou Jack.

Após o café, Jack foi conversar com o dono do hotel, cujo estranho nome era Mortimer Dowd. Ele ergueu os olhos da correspondência do dia – que separava em pilhas para os hóspedes – e fez uma cara de bonzinho ao perguntar:

– Seria pedir muito imaginar que o senhor se esqueceria de tudo com uma boa noite de sono, certo? – perguntou o homem, ajeitando a gravata que usava na tentativa de dar um aspecto sofisticado, ou pelo menos de civilidade, ao Hotel

Yukon, algo que o estabelecimento jamais conseguiria por mérito próprio.

– Bom dia para o senhor – Jack falou.

O homem olhou para os dois coldres de Jack. Aliás, ele ficara em dúvida se devia ou não usá-los naquela manhã, mas logo decidiu que, se o usara durante toda a viagem, o usaria até sua volta para casa, assim como as outras armas que pegara no acampamento dos escravos. Jack não gostava da ideia de deixar suas coisas no quarto do hotel. Não tinha dito nada sobre o ouro a ninguém, nem mesmo a Hal, mas havia homens em Dawson loucos por aquilo.

– Sinto muito, de verdade – Dowd falou, olhando novamente para as duas armas. – Mas após o que seu amigo Sloper nos contou, depois dos boatos que ouvimos por aí... E já passou tanto tempo...

– Quero deixar tudo bem claro – Jack interrompeu. – Não sou um novato nesse tipo de coisa. Conheço várias maneiras de ferir ou matar o senhor com as armas que tenho no meu quarto e com as que estou carregando agora.

Dowd engoliu em seco, umedeceu os lábios e balançou a cabeça. Se aquela cena estivesse acontecendo na primavera anterior, quando viu Jack pela primeira vez, o homem teria rido dele e o jogado na rua, mas não faria a mesma coisa agora.

– Por favor, senhor London...

Jack começou a rir. *Senhor* London... Ele nem sequer tinha feito vinte anos! E o riso devia ter se tornado histérico, pois Dowd deixou as cartas que separava sobre o balcão e deu um passo atrás.

– Sabe, Dowd, eu me cansei de sangue e brigas... Então você pode ficar sossegado. – O homem piscava os olhos, assustado. – Honestamente, não tenho tempo nem vontade de responder da forma como você merece, nem de discutir sobre quanto tempo você foi obrigado a esperar. Meus amigos e eu pagamos para que o hotel guardasse nossas coisas, mas você as vendeu. Entendo que tenha pensado o que pensou, não posso culpá-lo por isso. Mas isso também não pode ser usado como desculpa.

Ao perceber que Jack não partiria para a violência, Dowd fez que sim, dizendo:

– Concordo com você. E mais uma vez peço desculpas. Se eu ainda tivesse o dinheiro, devolveria cada centavo, mas aproveitei para fazer algumas reformas no hotel.

Jack ergueu uma das sobrancelhas e deu uma olhada à sua volta. Se alguma reforma tinha sido feita, ele não as percebeu. Mas tudo bem...

– Vou para casa – Jack falou, e a palavra *casa* soava estranha e ao mesmo

tempo maravilhosa nos seus lábios. – Sei que vai ficar feliz de me ver longe daqui. Por isso quero que me ajude a dar o fora o mais rápido possível. Nos próximos dias, vou comprar os suprimentos necessários para minha viagem a Dyea.

– Entendo – Dowd falou.

– E você pagará tudo – Jack disse, sorrindo.

O dono do hotel franziu a testa. Parecia ter reunido coragem para argumentar.

– Vai custar menos do que o dinheiro que você ganhou com minhas coisas – Jack continuou. – E quanto mais longe eu estiver de Dawson, mais sossegado você poderá ficar.

– É isso então? – Dowd perguntou, sorrindo.

– Negócio fechado? – Jack falou.

O homem esticou uma das mãos, mas Jack se limitou a olhá-la.

– Calma. Também precisamos conversar sobre minha conta.

Sabendo que iria se livrar logo de Jack, sem a necessidade de tiros ou brigas – e com um pequeno lucro, verdade seja dita –, o homem adotou uma postura firme, quase magnânima.

– Não se preocupe, Jack. Sua estada será de apenas alguns dias. Não vou cobrar as diárias nem a alimentação. É o mínimo que posso fazer.

– Também acho – Jack concordou. – E espero que também desapareça com a conta do Merritt.

– Até quando ele fica? – Dowd perguntou, pálido.

– Ele pagou até hoje?

– Até anteontem.

Jack respirou fundo. Era domingo... talvez o amigo ficasse até quinta-feira... não sabia ao certo.

– Ele não vai pagar mais nada até que eu vá embora. Nada! Bebida, comida nem hospedagem. Nem mesmo se pedir para engraxar os sapatos.

Relutante, fechando a boca que ficara aberta, Dowd balançou a cabeça e aceitou a proposta de Jack, perguntando:

– Sloper irá embora com o senhor?

– É o que eu espero.

Em seguida o homem esticou novamente uma das mãos. E dessa vez Jack o cumprimentou.

– Não vim aqui para fazer inimigos, senhor Dowd – Jack falou, suavizando o tom de voz. – Vim em busca de aventuras e consegui mais do que eu esperava.

– O senhor pode se considerar um homem de sorte. A maioria das pessoas não consegue nada.

Jack gargalhou, quebrando a tensão que pairava no ar.

– Nunca imaginei que o senhor fosse voltar – Dowd falou.

– Eu sei. Por um tempo eu achei a mesma coisa.

Nos dias seguintes, enquanto preparava sua partida, Jack viu Merritt algumas vezes na rua, nas escadarias do hotel e na Taberna Dawson, mas seu amigo parecia não enxergá-lo. Jack tentou falar com ele duas vezes, porém suas palavras ficaram sem resposta. Merritt não o reconhecia nem olhava para ele, e Jack passou a se sentir como um fantasma que assombra um homem perturbado, por isso resolveu deixá-lo em paz.

Com tudo pronto e a partida marcada para a manhã seguinte, Jack percebeu que não conseguiria ir embora de Dawson sem falar com o amigo. Mas Merritt parecia estar sempre distante, o olhar perdido. Jack tinha certeza de que, se não o ajudasse a voltar à realidade, seu amigo se tornaria um eterno refém da própria mente, como se tivesse morrido nas garras de Wendigo.

Embora as tentativas de se aproximar de Merritt tivessem falhado algumas vezes, Jack achou que teria mais sucesso se abordasse o amigo na companhia de um conhecido.

Portanto, naquela tarde de segunda-feira ele se dirigiu à redação do jornal local. Hal estava sentado a uma das mesas escrevendo, os dedos sujos com a tinta da rotativa que ficava nos fundos do prédio e que agora estava desligada. Dutch, seu cachorro, se encontrava deitado ao lado da mesa e levantou as orelhas ao perceber a chegada de Jack.

– Que garota linda!... – Jack falou.

– Jack! – Os olhos de Hal brilharam ao ver o amigo ali.

O garoto – que, aliás, não era tão garoto, se é que algum dia tinha sido – pulou da cadeira e se aproximou dele. Dutch ergueu a cabeça, observou por alguns instantes e depois voltou a acomodá-la entre as patas, demonstrando o desinteresse típico dos cachorros. Mas Hal estava entusiasmado o suficiente, esticando a mão com tanta vontade que Jack foi obrigado a cumprimentá-lo, ainda que os dedos do rapaz estivessem sujos de tinta. Em seguida Hal franziu a testa e perguntou:

– Que história é essa de garota linda?

– A menina que trabalha na loja de selas! De cabelos loiros e pálida como o

inverno...

– Deve estar se referindo a Sally Corrigan.

Jack fez que sim, notando que Hal tinha ficado vermelho ao dizer o nome da garota.

– Ela me disse que você estaria aqui... Mas por que não me contou nada sobre o jornal?

– Comecei a trabalhar há pouco tempo... – Hal respondeu.

Jack respirou fundo e, com um sorriso hesitante, perguntou:

– Você teria alguns minutos?

– Claro. O que foi?

– Vou embora amanhã, mas antes quero conversar com Merritt. Acho que ajudaria se você estivesse presente. Ele reconhece você.

Hal concordou, olhou para sua mesa e então pegou uma chave no bolso.

– Fique aqui, Dutch – falou para o cachorro antes de se dirigir a Jack. – Ele deve estar na taberna. Se formos depressa, chegaremos antes de ele ficar bêbado a ponto de não enxergar *qualquer um* de nós.

Jack não achava que Merritt fosse o único cliente na taberna, não num lugar com tão pouca esperança quanto Dawson, mas levou um susto ao ver o estabelecimento cheio de vida, com gente bebendo cerveja e uísque por todos os lados.

E ficaria ainda mais movimentado e barulhento à noite, pois na escuridão mesmo as almas mais esperançosas sentem falta de suas casas. Havia entre vinte e cinco e trinta pessoas na taberna e algumas delas comiam a gororoba servida pela casa, já que não tinham ânimo de procurar algo melhor em outro lugar. Elas haviam criado raízes ali.

Raízes. A palavra fez com que Jack se lembrasse de Leshii e sua linda filha, obrigando-o a balançar a cabeça para se esquecer daquilo. Quanto antes se afastasse da vastidão vazia do norte, melhor.

– Lá nos fundos – Hal falou, fazendo um sinal com a cabeça em direção ao canto mais escondido da taberna.

Era estranho que Merritt estivesse sentado naquele lugar, ocupando uma mesa redonda no extremo do salão, oposto ao bar. Ele precisaria se levantar e caminhar até o balcão para pedir mais um drinque; e havia muitas banquetas disponíveis ao alcance do *bartender*. Era como se estivesse se escondendo atrás do copo naquele canto.

Hal seguiu na frente, passando ao lado de várias mesas com homens mal-humorados e mulheres falsamente tagarelas, todos esperando que algo acontecesse e os arrancasse de seu estupor, tentando não pensar no que seria de suas vidas se nada acontecesse.

Jack queria ouvir risadas verdadeiras, naturais, espontâneas, e sabia que isso seria possível apenas quando voltasse para casa. Mas antes precisaria tirar o peso daquele lugar de suas costas. Queria encontrar uma garota normal, com olhos brilhantes e inteligentes, e um sorriso tímido e cheio de promessas. O Yukon tinha algumas das belezas mais impressionantes que Jack tinha visto em toda a sua vida, mas era um lugar inóspito e ele ansiava pelo calor do pôr do sol do Pacífico.

Mas isso podia esperar um pouco.

– Merritt – ele falou ao se aproximar da mesa.

Hal levantou uma das mãos, sugerindo que Jack não dissesse mais nada. O garoto pareceu mais velho ao sentar-se à frente do gordo de barba vermelha que um dia tinha sido amigo de Jack.

Ele ficou observando enquanto Merritt olhava para Hal.

– Parece que conseguiu um trabalho – Merritt falou, levantando a cabeça como se não tivesse certeza de que falava com Hal.

– Saí mais cedo hoje. Vim aqui perguntar se você aceita jantar comigo.

– É um pouco cedo para jantar – Merritt respondeu, correndo os dedos pela barba comprida.

– Mas não para tomar uísque, não é?

– Nunca é cedo para tomar uísque – o homem grandalhão respondeu, após abrir um rápido sorriso. – Não aqui, tão longe do mundo.

– Aqui é o mundo, Merritt! – Jack interveio.

Hal o encarou, pedindo que ficasse calado, mas Jack não podia perder mais tempo esperando que Merritt se recuperasse de seu trauma. Pegou uma cadeira de outra mesa e a arrastou até ali. Os três agora estavam sentados juntos. Mas Merritt continuava a ignorá-lo.

– Você continua agindo da mesma maneira! Será que preciso repetir que não sou um fantasma?

– Não sei quem você é – Merritt rebateu. – Mas aconselho você a ficar de olho aberto. Homens que bebem costumam andar armados com facas.

Jack sorriu. Aquilo era um avanço. Merritt não o olhava nos olhos e agia como se não houvesse ninguém sentado na cadeira ao seu lado, mas pelo menos já

dirigia a palavra a Jack.

– Merritt, você precisa parar com isso – Hal disse. – Veja. Ele é...

– Espere – Jack falou.

Hal fez um sinal para que Jack continuasse.

Ele então chegou perto e agarrou o braço de Merritt. O homem enorme recuou, arrastando a cadeira para trás, e sua respiração ficou mais pesada. Mas Merritt não pegou nenhuma arma.

– Aqui *é* o mundo – Jack repetiu. – Talvez não seja um lugar agradável. Coisas ruins e inacreditáveis acontecem, mas *este* é o nosso mundo. Você pode voltar a qualquer hora para seus amigos e sua família. Eu posso levar você de volta, Merritt.

O grandalhão abriu um sorriso de desespero para Hal e perguntou:

– Vou pegar mais um drinque. Você quer também?

– Olhe para ele, Merritt! – Hal implorou. – Apenas *olhe* para ele. É ele, é Jack!

Merritt grunhiu, levantando-se da cadeira com tanta força que a derrubou no chão. O copo de uísque sobre a mesa virou, desperdiçando o precioso líquido.

– Pare com isso, garoto! Jack está morto! Será que não me escuta? Será que ninguém me escuta? Aquela coisa o pegou, assim como pegou todos os outros!

Os clientes do bar deram uma olhada rápida e curiosa para eles. De fato, desde que não estivessem envolvidos, não se importavam que uma cena de violência acontecesse ali.

Jack começou a se levantar, aproximando-se, mas Merritt ergueu uma das mãos, trêmula, à altura de seu rosto. Jack deu um sorriso nervoso, pensando que podia estar enganado. Merritt talvez não estivesse simplesmente assustado, mas com sérios problemas mentais. Logo o grandalhão voltou a se sentar, com uma tristeza terrível no rosto.

– Sinto muito, Hal – ele falou. – Sei que você odeia ser chamado de garoto.

– Tudo bem – Hal disse.

– Não, não está tudo bem – Merritt retrucou, coçando a testa. – Minha cabeça não está boa. Não gosto de falar sobre... sobre ele. Eu o decepcionei, Hal. Aqueles idiotas, William e Archie, eles mataram Jim, e eu culpei Jack pelo que aconteceu. Ele tentou ser meu amigo, tentou me ajudar quando estávamos presos, mas eu dei as costas para ele.

Merritt ficou mudo, os lábios trincados. Uma única lágrima descia pelo seu rosto enquanto ele pegava o copo de uísque. Acariciou o copo com um polegar, mas não o ergueu. Ficou olhando para o nada, talvez para um passado no qual

culpava a si mesmo pelo horror que se abatera sobre ele.

Hal suspirou e começou a se levantar.

– Não – Jack disse.

– Jack...

– Vou embora amanhã de manhã – ele falou, encarando o homem enorme. – Está me ouvindo, Merritt? Vou para casa. E você poderia vir comigo. Olhe para mim, droga! Eu não estou morto! Você não me matou. E tem razão de estar com raiva. Desde o primeiro momento eu soube que aqueles homens eram perigosos. Eu deveria ter sido mais cuidadoso. Mas estou de volta. Nós dois estamos vivos.

Merritt nem sequer piscou. Era como se sua alma tivesse saído para a noite escura.

Jack ficou emocionado. Estava exausto e machucado, mas tinha conseguido sair ileso daquela noite no acampamento e não deixaria Merritt daquela maneira. Levantou-se e ficou na frente do amigo. Em seguida se curvou, tentando encará-lo, mas Merritt não prestava atenção.

Jack então ficou com raiva, agarrando o amigo, forçando-o a encará-lo. Merritt tentou se afastar, mas as costas da cadeira bateram na parede e Jack conseguiu mantê-lo preso.

– Solte...

– Olhe para mim, droga! – Jack falou. – Sou seu amigo, Merritt. Sou Jack London e não estou morto! Wendigo não conseguiu me pegar. Estou aqui com você!

Merritt tentou virar a cabeça, mas Jack o segurou, batendo na mesa e espirrando uísque para todos os lados. Ele se inclinou mais, ficando a centímetros do rosto de Merritt.

– Olhe para mim!

Finalmente Merritt obedeceu, estreitando os olhos e respirando fundo.

– É verdade, você se parece com ele. Mas, se aprendi alguma coisa, foi que nem tudo é o que parece.

Jack o soltou, quase desistindo, achando que o problema de Merritt não tinha solução.

O homem enorme esticou a mão para pegar o copo, mas Jack o afastou, deixando a bebida fora de seu alcance.

– Você me disse que o café era seu único prazer. Mas vejo que encontrou outro. Pense no cheiro do café fresco, não nessa porcaria que servem aqui. Pense nos cafés da América do Sul, escuros, fortes e servidos com creme e biscoito de

chocolate.

Merritt balançou a cabeça devagar, sem olhar para Jack, mas logo sua expressão distante se desfez e os ombros passaram a tremer enquanto respirava com dificuldade – então começou a chorar.

CAPÍTULO DEZESSETE

O CHAMADO SELVAGEM

Elas acabaram tomando um café horrível antes de fazer um brinde a Jim Goodman com uma dose de licor. Hal não chegara a conhecê-lo, mas ainda assim ergueu o copo. Merritt não ia falar nada sobre a noite em que Wendigo atacou o acampamento, mas quando Jack explicou que escapara correndo pelo bosque, o grandalhão balançou a cabeça, concordando.

– Então foi você quem me salvou?

– Como assim? – Jack perguntou.

Merritt sorriu antes de começar a falar:

– A criatura foi de homem em homem, matando os que ainda estavam vivos. Aliás, não faço ideia do tamanho do estômago daquele monstro! Mas continuei deitado, esperando que ele ficasse satisfeito antes de vir para cima de mim. Tom Kelso e Geoff Arsenault também estavam vivos. Ouvi Geoff gritando e achei que era o fim. Vi os olhos de Kelso. Ele fingia estar morto, assim como eu, mas quando Geoff começou a gritar, Kelso arregalou os olhos, como um cervo que fica paralisado quando o flagramos em uma clareira. Eu sabia que ele seria devorado. Que Deus me perdoe, mas rezei para que fosse e o monstro se esquecesse de mim. Mas Wendigo sentiu outro cheiro e se desviou. Acho que começou a correr atrás de você. Então Kelso e eu nos levantamos e fomos tropeçando até o rio, deixando que a correnteza nos carregasse. Só começamos a nadar quando estávamos quase nos afogando.

Ao ver a expressão de terror no rosto de Merritt ao contar a história, Jack se deu conta de que o fantasma de Wendigo continuava dentro do amigo. Olhou em volta para ver se alguém os escutava, mas aquele homem enorme falava sobre monstros fazia tanto tempo que ninguém mais prestava atenção.

– Kelso foi embora no mesmo dia em que voltamos a Dawson – Merritt falou, hesitante. – Mas eu...

– Ele está morto! – Jack disse.

Hal, que já conhecia a história, fez que sim.

– O quê? – Merritt perguntou.

– Eu o matei! Aquele monstro não existe mais, meu amigo!

Merritt olhou Jack no fundo dos olhos. Quando percebeu que ele falava a verdade, suspirou, abriu um sorriso e disse:

– Você deve ter uma história incrível para contar!

– Prefiro não falar disso – Jack disse, balançando a cabeça.

– Sei como é. Aliás, seria ótimo nunca mais falar sobre isso.

– Concordo com você!

Eles não tiveram de apertar as mãos. Um olhar e um aceno com a cabeça foram suficientes para selar o acordo. Precisavam terminar aquele capítulo da vida deles. Wendigo agora era parte do passado.

Jack percebeu que a taberna começava a encher e o barulho os obrigava a conversar aos berros. A fumaça tomava conta do salão e duas mulheres começavam a brigar por um homem imundo que provavelmente não sentia o próprio cheiro de tão sujo que estava.

– Marquei o jantar no hotel – Jack falou aos amigos. – O dono adorou a ideia. Acho que lá está mais silencioso que aqui. A comida não é muito melhor, mas, caso ele tente nos empurrar um rato em vez de coelho, pelo menos não estará escondido num ensopado.

– Seu argumento é persuasivo – Merritt falou, afastando a cadeira e se levantando. Depois fungou o nariz e olhou para um ponto daquele salão esfumaçado. Jack se virou para ver o que despertara a atenção de Merritt e sentiu o coração disparar.

Três mesas à frente, o homem que eles conheciam como Archie tomava um último gole de uísque antes de bater com o copo na mesa. Um dos sujeitos que estava com ele disse algo e Archie riu. Seja lá o que ele tenha achado engraçado, só pode ter sido algo cruel, isso ficou evidente no brilho de seus olhos. Graças à fumaça e à pouca luz no salão, Archie não conseguia vê-los. Toda a atenção dele parecia focada nos dois jovens sentados à mesa.

“São jovens, caramba”, pensou Jack. “Garotos. Pouco mais que crianças.”

Eles haviam acabado de chegar a Dawson e tinham o brilho do ouro nos olhos, sem falar do orgulho que sentiam ao serem tratados como iguais por um homem tão durão. Jack ficou observando seus rostos. Não os conhecia, mas sabia que eram predadores, assim como Archie e William. Uma bala no peito não tinha matado Archie. A visão de Wendigo também não o aterrorizara a ponto de ele

abandonar a cobiça.

Quando Jack percebeu quais eram os planos de Archie para aqueles garotos – quando notou que ele continuava a escravizar pessoas para caçar ouro –, o canalha se levantou, dando tapinhas nas costas dos dois rapazes e os persuadiu a acompanhá-lo.

Jack não sabia que técnica Archie havia usado para atraí-los, e o barulho no salão o impedia de escutar a conversa. Os garotos se levantaram, bem como o outro homem sentado à mesa. Sem olhar para trás, os quatro caminharam para fora da Taberna Dawson, onde a noite escura e um futuro difícil os esperava.

Jack resolveu ir atrás deles, mas Merritt tentou impedi-lo.

– Não me peça para ficar olhando – Jack falou.

– Claro que não – a raiva deixou o rosto de Merritt vermelho – *Só não quero que você vá na minha frente.*

– Nem eu – Hal disse.

– Não. Você fica – Jack falou, encarando o mais novo entre eles. – Fique aqui.

– De jeito nenhum – Hal rebateu.

– Não seja bobo – Jack disse. – Merritt e eu vamos embora amanhã... ou pelo menos eu acho que ele vai.

Merritt fez que sim e se dirigiu a Hal:

– Sinto muito, amigo, mas Jack está certo. Você mora aqui, tem um emprego e uma garota por quem está apaixonado. Se você vier, também será obrigado a ir embora amanhã... ou será morto por eles.

– Vou tomar um drinque – Hal falou, desistindo de argumentar. – Voltem quando tudo terminar. Quero jantar com vocês.

– Pode deixar – Jack disse, saindo com Merritt.

Quando deixaram o bar, caminharam em direção aos homens de Archie, que olharam rapidamente para a dupla. A rua estava escura e a lua parecia uma cimaterra de luz, lançando um brilho fantasmagórico. Archie e seu colega levavam os dois garotos em direção ao rio, afastando-se da cidade. Jack se perguntou novamente o que ele usava como isca para atrair aqueles dois. Mulheres? Ouro? Hospedagem gratuita num hotel? Não importava. Aqueles meninos receberiam apenas uma paulada na cabeça e uma vida curta, com direito a muito trabalho e bastante violência.

– Vamos – Jack falou baixinho.

Ele começou a correr com os revólveres batendo nos quadris e o casaco pesado limitando os movimentos. Sacou uma das armas e a entregou para Merritt, que

vinha atrás dele.

– Não quero – Merrit bufou, acostumado a lidar com os problemas com as próprias mãos.

– É para manter o outro homem longe da briga – Jack explicou.

Não tinham tempo para discutir. Archie e seus colegas ouviram a aproximação da dupla. Sob a luz fraca da lua, todos eles tinham um aspecto fantasmagórico, os dois homens e suas jovens presas olharam para trás, querendo ver quem os perseguia.

Archie, que não passava de uma sombra na escuridão, levou a mão à cintura, procurando a arma, assim que viu Jack e Merritt.

Jack imediatamente sacou seu revólver, deixando Archie sem reação.

– Não temos nada de valor! – um dos garotos disse, erguendo as mãos como se estivesse sendo assaltado.

– Cale a boca, idiota! – Archie sibilou.

Merritt deu alguns passos para a esquerda, afastando-se de Jack, e apontou a arma para o homem mais magro, que tinha um queixo longo e bochechas pronunciadas que lhe conferiam uma estranha aparência de cavalo, além de um brilho soturno nos olhos.

Archie continuava com a mão na cintura, encostada à sua arma.

– Quero ver uma coisa – Jack falou. – Abra seu casaco bem devagar.

Archie obedeceu, abrindo o casaco e revelando uma lâmina comprida guardada numa bainha presa à cintura. Quando viu a faca, Jack não conseguiu conter o riso. Era um riso selvagem que deve ter deixado seus inimigos ainda mais furiosos, pois Archie murmurou algo para os garotos, que por sua vez começaram a murmurar entre eles.

– Tire o casaco! – Jack ordenou.

– Quem são vocês? – Archie perguntou.

Jack ficou surpreso com a pergunta. Então se aproximou um pouco e deixou a luz da lua iluminar seu rosto. Archie arregalou os olhos, assustado.

– Imaginei que você estivesse morto – ele falou.

– Estou bem vivo – Jack retrucou, sendo bastante sincero.

– Ótimo! – Archie disse, balançando a cabeça lentamente para cima e para baixo. – Sempre lamentei não ter tido a chance de matá-lo eu mesmo.

Archie se livrou completamente do casaco, como um homem preparado para um trabalho que não podia ser adiado. Jack percebeu como ele se sentia.

– O que eles querem? – o sujeito com cara de cavalo perguntou.

Merritt sacudiu a arma e disse:

– Esses garotos... Deixem que sigam seu caminho e iremos embora.

– Mas nós... – um dos rapazes argumentou.

– Cale a boca – Archie rosnou.

Jack olhou para os garotos. Naqueles olhos assustados, ele viu Hall, embora meses antes o jovem jornalista tenha se mostrado muito mais desafiador. Hal jamais sentiu tanto medo quanto aqueles dois cordeiros. Jack havia visto garotos assim muitas vezes antes e os defendeu com frequência, mas eles quase sempre acabaram em dificuldades.

– Vocês nunca deviam ter vindo aqui – ele falou. – No fim das contas vocês vão encontrar sangue, e não ouro. Melhor voltarem para casa.

– E você pode ir para o inferno! – disse um deles, trincando os dentes como se fosse um cachorrinho protegendo seu jantar.

“Talvez tudo termine bem”, pensou Jack. “Caso o mundo selvagem penetre em suas almas, eles terão uma chance de sobreviver.”

– Vocês seriam escravizados por esses homens – Merritt disse. – Eles vão bater em vocês, obrigá-los a trabalhar, e todo o ouro que encontrarem será deles! Foi o que fizeram com a gente. E a maioria dos homens que estavam na mesma situação morreu!

Jack ficou feliz ao ouvir Merritt dizer essas palavras. Os garotos pareciam já não sentir tanto medo e, a cada passo que davam se afastando de Archie e do homem com cara de cavalo, ficava mais claro que acreditavam no que Merritt dizia. Ele sempre teve essa virtude da honestidade.

– Saiam daqui – Jack falou, fazendo um gesto com o cano da arma.

Archie ficou furioso, mas não fez nada para detê-los. Os garotos correram pela rua, indo em direção ao bar.

– Acha que eles estarão a salvo fugindo? – Archie perguntou.

– Isso é uma questão para o futuro – Jack respondeu, percebendo um uivo familiar entremeado à sua voz. Seu coração batia forte. Mesmo sabendo que não o veria caso olhasse ao redor, sentia a presença do lobo.

O lobo *sempre* estaria por perto, pois Jack o levava dentro de si.

Jack guardou o revólver e se livrou do pesado casaco, deixando-o cair no chão. Archie deu um passo adiante, mas Merritt apontou sua Colt na direção dele, que pensou duas vezes. Com os dois escravizadores observando-o, Jack desafiou os cintos das armas, levou-os para perto de Merritt e os colocou no chão.

Depois se aproximou de Archie, ficando a pouco mais de um metro de

distância. Deixou o homem com cara de cavalo sob os cuidados de Merritt. Encarou Archie, sentindo o lobo surgir. Com uma das mãos, apalpou a faca em sua cintura.

– Agora estamos iguais – Jack falou. – Você tem uma faca, eu tenho outra.

– Você podia ter me obrigado a largar a faca – Archie disse.

– Não é o que quero – Jack falou, sorrindo novamente.

E deu mais um passo em direção a Archie, que recuou com um olhar preocupado, como se sentisse em Jack algo que não entendia, que o assustava e que não tinha nada a ver com armas ou facas.

Jack parou. Sentia o lobo dentro de si, o mundo selvagem, e sabia que era dono de uma tranquilidade mortal, além de uma agilidade e ferocidade. E Archie sentia a mesma coisa.

Mas Jack não queria nada daquilo. O lobo mataria aquele homem e Jack seria um assassino. Embora tivessem as mesmas armas, ainda seria um assassino. Ele deixara o mundo selvagem para trás e, se quisesse voltar à civilização, teria de abandoná-lo por completo. Durante muito tempo se perguntou: “Quem é Jack London?” Agora, encarando o olhar retraído de Archie, ele descobriu.

Respirou fundo e depois expirou, querendo se afastar do lobo. Aquele animal podia ser seu guia espiritual e parte integrante da sua alma, porém não era ele. Respirou fundo mais uma vez e o sorriso desapareceu de seu rosto.

Jack endireitou o corpo. Não precisava do lobo para vencer Archie. Precisava ser o jovem que um dia ele tinha sido, o menino que brigava em bares e becos.

– Se você terminar a vida com minha faca cravada no pescoço, com moscas rondando seu cadáver, quem irá lamentar quando o sol aparecer? – Jack perguntou.

O homem com cara de cavalo parecia confuso, mas Archie recuou.

– Eu pensei bem – Jack continuou – e vou te dar uma escolha. Você poderá lutar ou então se esquecer desses garotos. Caso procure ouro com as próprias mãos talvez tenha sorte e fique rico.

– Archie... – o homem com cara de cavalo falou.

Jack balançou a cabeça sem tirar os olhos de Archie.

– Não dê ouvidos a ele. Assim como você, esse sujeito não vale nada. Aliás, seu último parceiro te deu um tiro, lembra? Achei que não fosse necessário repetir essa história, mas acho que você se esqueceu dela. De qualquer maneira, você pode escolher. Vá embora ou lute. Mas, caso resolva lutar, saiba que vou ganhar. E, embora não queira te matar, nós dois temos facas, e alguém sempre

morre em brigas como essa. É assim que as coisas funcionam.



Se aprendi alguma coisa, foi que nem tudo é o que parece.

Durante vários e longos segundos, foi impossível saber qual seria a escolha de Archie. Mas o homem parecia murchar. Sorriu rapidamente, quase com admiração, e pegou seu casaco no chão.

– Você só pode estar brincando – o homem com cara de cavalo falou, aproximando-se de Archie. – Não vai permitir que esse...

Archie deu um soco tão forte nele, que fez um de seus dentes voar da boca ensanguentada e aterrissar no chão sujo. O sujeito também caiu e tentou se levantar, mas estava atordoado.

Agarrando seu casaco, Archie foi embora sem olhar para trás.

– Você me deixou assustado por alguns segundos – Merritt falou.

Jack pegou seus cintos e os afivelou na cintura.

Ao vestir o casaco, abriu um sorriso cúmplice para Merritt, mas não disse nada. Ele tinha ido ao Yukon para conquistar o mundo selvagem, e finalmente o fizera, embora não da forma como havia sonhado. O mundo selvagem agora fazia parte de sua alma e, não importava para onde fosse, sempre o carregaria dentro de si, sempre escutaria seu chamado.

Em parte, ele sempre seria o lobo. Mas, acima de tudo, Jack London era um homem. Um filho, um irmão, um amigo. Ele tinha responsabilidades, uma verdade que havia se perdido na natureza selvagem.

Era hora de voltar para casa.

NOTA DOS AUTORES

As aventuras secretas de Jack London é uma obra de ficção. Como tal, foram tomadas algumas liberdades. A maioria dos acontecimentos sobrenaturais é inteiramente inventada, mas os leitores talvez fiquem surpresos ao saber que a mãe de Jack era realmente uma médium que realizava sessões espíritas em casa, e que é verdadeira a história de ela ter oferecido o filho aos espíritos, pelo menos de acordo com o biógrafo Alex Kershaw em seu *Jack London: uma vida*, uma de nossas principais fontes de pesquisa. Neste primeiro volume combinamos vários elementos, incluindo detalhes e personagens da primeira viagem que London fez a Yukon, casos fictícios relatados em *O chamado selvagem* e lendas sobrenaturais das terras inóspitas do Alasca e do Canadá. Aliás, Wendigo é uma lenda tradicional americana, um espírito canibal capaz de possuir humanos, especialmente os que cedem ao canibalismo. E quem pode dizer que as feridas trazidas por Jack do Yukon não foram causadas por um encontro com Wendigo? Da mesma forma, o assustador e misterioso Leshii existe no folclore russo: é um espírito da floresta que engana as pessoas, fazendo com que se percam em seu território. À medida do possível, pesquisamos e tentamos ser fiéis às lendas. Elas são fascinantes o suficiente sem que precisemos alterá-las.

Também tentamos deixar os cenários e as dificuldades encontradas por Jack e seus amigos os mais genuínos e realistas possíveis. Dyea e Dawson realmente existiram e eram cidades de fronteira tão selvagens e tão fora da lei quanto retratamos aqui, e povoadas por habitantes melancólicos. E a trilha Chilkoot era exatamente como demonstramos – íngreme, mortal e traiçoeira, repleta de equipamentos abandonados e corpos de cavalos mortos. Homens e mulheres que iam atrás de ouro eram pessoas esforçadas que enfrentavam condições difíceis, tudo em nome de uma vaga ideia de riqueza, e foram poucos os que conseguiram encontrá-la.

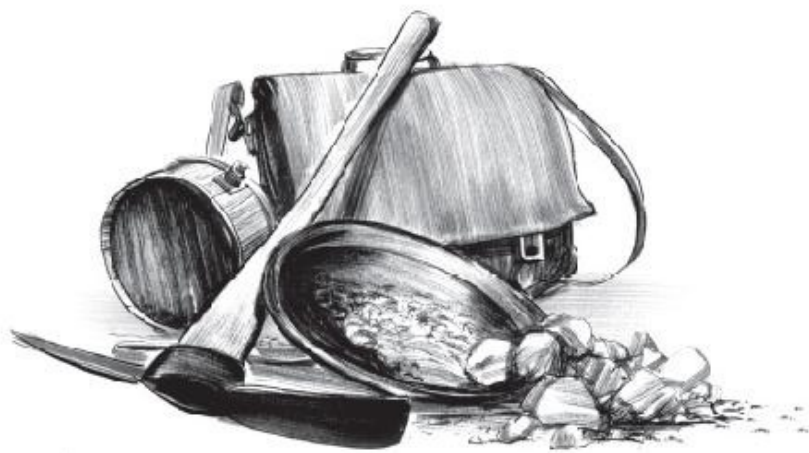
Queremos deixar claro que alteramos a cronologia da história num aspecto fundamental. A maioria das aventuras de Jack no norte e no mar aconteceu quando o escritor tinha vinte e poucos anos. Tomamos a liberdade de apresentá-lo com dezessete e dezoito (e às vezes mais, já que a corrida do ouro começou

vários anos antes, em nosso livro). Alterar a idade de Jack não é um exagero de liberdade artística, sobretudo se considerarmos que aos treze anos ele comprou uma pequena embarcação de um pescador ilegal de ostras e também passou a agir como tal, e que aos dezessete foi contratado como marinheiro e viajou de escuna até o Japão. Naquela época, Jack London começava a embarcar em suas aventuras transformadoras, perigosas e repletas de emoção.

Christopher Golden & Tim Lebbon

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, antes de mais nada, ao nosso agente literário Howard Morhaim, sempre atento aos contextos, e ao excelente Jordan Brown e a todos da HarperCollins. Muito obrigado a Greg Ruth pelas ilustrações que combinam perfeitamente com a alma do livro. Agradecemos a Fox2000 e a todos que contribuíram com a realização desta obra: Peter Donaldson, Adam Rosen, Michael Prevett e Riley Ellis. A Jeremy Lassen por querer comprar o livro e a Jason Williams por dizer não. (Risos.) E, finalmente, um abraço ao pessoal do “selvagem” restaurante tailandês de Toronto, em cuja mesa a semente desta história foi plantada em 2007.



Copyright © 2011 by Christopher Golden & Tim Lebbon

Copyright ilustração © 2011 by Greg Ruth

Publicado mediante acordo com os autores, representados por Baror International, INC., Armonk, Nova York, EUA.

Título original: *The Secret Journeys of Jack London: Book I: The Wild*

Todos os direitos reservados.

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves

Editora: Débora Guterman

Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann e Paula Carvalho

Assistente editorial: Luiza Del Monaco

Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius

Edição de arte: Carlos Renato

Serviços editoriais: Luciana Oliveira

Preparação: Felipe Harrison

Revisão: Irineo Baptista Netto e Erika Alonso

Conversão para o arquivo ePub: Eduardo Amaral

Capa adaptada do projeto original de Sarah Hoy

Imagem de capa: Greg Ruth

Produção gráfica: Liliane Cristina Gomes

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Benvirá, um selo da Editora Saraiva.

Rua Henrique Schaumann, 270 | 8o andar

05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP

www.benvira.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G566m

Golden, Christopher

O mundo selvagem [recurso eletrônico] / Christopher Golden, Tim Lebbon ; tradução Rodrigo Peixoto ; ilustrações Greg Ruth. - São Paulo : Benvirá, 2013.

256 p., recurso digital (As aventuras secretas de Jack London ; 1)

Tradução de: *The secret journeys of Jack London: book I: the wild*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Continua com: Lobos do mar

ISBN 978-85-8240-042-5 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lebbon, Tim. II. Peixoto, Rodrigo. III. Ruth, Greg. IV. Título. V. Série.

13-1424. CDD: 028.5 CDU: 087.5 05.03.13 08.03.13 043270

1a edição, 2013